

Cláudio Márcio do Carmo

**Relações lexicais, interdiscursividade e representação: o
sincretismo e a questão racial em corpus de jornais e
revistas brasileiras**

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

2005

Cláudio Márcio do Carmo

**Relações lexicais, interdiscursividade e representação: o
sincretismo e a questão racial em corpus de jornais e
revistas brasileiras**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras
da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lingüística Aplicada
Linha de pesquisa: Estudos da Linguagem
Identidade e Representação
Orientadora: Prof. Dra. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2005

Tese defendida e aprovada em 09/09/2005 pela Banca Examinadora constituída
pelos professores Doutores:

Célia Maria Magalhães – UFMG
Orientadora

Luiz Paulo da Moita Lopes – UFRJ

Orlando Vian Júnior – PUC-SP

Nilma Lino Gomes – UFMG

Adriana Silvina Pagano – UFMG

Ao meu porto seguro nesta vida:
meus pais e meus irmãos.

A minha avó Laura: um grande
exemplo de vida.

Agradecimentos

Ninguém melhor do que Deus, nossa fonte de força e luz, para conhecer, em nosso íntimo, o quanto somos gratos a Ele, em primeiro lugar, e a tantos outros amigos e familiares que, de uma forma ou de outra, nos ajudam durante nossa jornada de vida e de pesquisa. Talvez nem aqueles com os quais mais lidamos saibam desse sentimento que vem à tona mais forte ainda no momento em que damos por terminada mais uma etapa em nossa vida. Por isso, acredito que esta é uma das partes mais importantes do trabalho: o agradecimento. Como são muitos, penso que certamente cometerei alguma injustiça e peço de antemão desculpas àqueles que não estiverem aqui elencados. Todavia, quero que todos saibam, acima de tudo, que em meu coração sempre estará um profundo sentimento de gratidão, pelo apoio, pela compreensão, pelos momentos de partilha, pelo ombro amigo, pelo incentivo, pela força e pelas orações.

À professora Célia Magalhães, orientadora de olhar criterioso, amiga e sempre disponível a acolher minhas dúvidas e anseios, bem como a partilhar seu conhecimento.

Aos professores do Poslin, uma fonte de inspiração a quem almeja trilhar um caminho seguro profissionalmente, por mostrarem que o sentimento investigativo, a competência, a persistência e a dedicação são as principais virtudes de um pesquisador.

À professora Adriana Silvina Pagano, por introduzir-me num universo novo chamado Lingüística Sistêmica e pelo constante incentivo.

Ao professor Carlos Gouveia, da Universidade de Lisboa, o qual, juntamente com a professora Adriana Pagano, constituiu a banca de qualificação e apontou criteriosamente os pontos a serem mudados ou repensados, apresentando possibilidades de análise e caminhos que me levaram ao término deste trabalho.

A todos os componentes do projeto CORDIALL, pela assistência, pela presteza de ajuda e pelas discussões teóricas.

Aos professores da UFSJ, meus primeiros exemplos de vida acadêmica, dedicação ao ensino e competência.

Aos amigos Antônio Luiz Assunção, Eliana da Conceição Tolentino e Liliane Assis Sade, pelo carinho, incentivo e ajuda incondicionais. A Liliane, meu agradecimento especial pelo *Abstract*.

Aos meus pais, irmãos, demais familiares e amigos, pelo apoio, torcida e orações.

Aos amigos e irmãos do Centro Espírita Pai Guiné de Aruaná, pelo convívio enriquecedor.

Aos componentes do Centro Espírita Pai Joaquim de Angola e do Centro Espírita Senhor do Bonfim, pela oportunidade de contrastar opiniões e dados.

A minha avó Laura, um exemplo de vida e de que nem todo conhecimento profundo reside na academia.

À UFMG, por mais esta acolhida.

“Quem entende o sentido da língua
a ele o mundo revela-se
em imagens.

Quem ouve a alma da língua
a ele o mundo se abre
em sua essência.

Quem vivencia o espírito da língua
a ele o mundo presenteia
com a força da sabedoria.

Quem consegue amar a língua
A ele, ela mesma confere
o próprio poder.

Assim, eu quero transformar coração e
sentimento
em espírito e alma
da palavra

E só então, no amor a ela,
Sentir completo
a mim próprio”

(R. Stener, traduzido por Nívea F. Amaral)

Resumo

Partindo de questionamentos acerca da existência ou não de um padrão de ocorrência para a palavra-chave *sincretismo*, de suas associações a outras palavras e da indagação de sua prosódia semântica, procurou-se, nesta pesquisa, ligar suas associações lexicais e prosódias semânticas ao contexto de situação e também ao contexto de cultura. Os objetivos foram trabalhar a idéia de sincretismo, a partir da padronização desta palavra num corpus monolíngue da mídia de dois jornais (*O Globo* e *Folha de São Paulo*) e duas revistas de informação geral (*Veja* e *Época*), coletado via Internet no período 1998-2003, verificar sua possível relação com a questão racial brasileira e contribuir tanto com as pesquisas da linha de pesquisa *Estudos da linguagem, identidade e representação*, mais especificamente aquelas vinculadas ao projeto CORDIALL, quanto para o campo de estudos da Análise Crítica do Discurso, em sua interface com estudos de corpus de pequena dimensão. A base teórico-metodológica foi a Análise Crítica do Discurso, a Lingüística Sistêmico-Funcional e a Lingüística de Corpus. Apoiado nos dados levantados, procurou-se explicitar as relações lexicais construídas com a palavra-chave *sincretismo* numa interface da função experiencial com a função textual. A partir disso, foi possível afirmar que o perfil semântico da palavra *sincretismo* não decorre apenas de sua padronização, mas das relações lexicais que sinalizam para o campo – ligado ao significado experiencial do texto – e imprimem valorações oriundas de diferentes pontos de vista acerca do fenômeno e de suas possíveis relações com a questão racial brasileira. A metodologia de análise crítica do discurso da mídia proposta pelo lingüista inglês Norman Fairclough tornou possível focalizar como as mudanças na sociedade e na cultura se manifestaram nas práticas discursivas da mídia quando o assunto é *sincretismo*. Para viabilizar essa análise, procurou-se incluir uma atenção na linguagem e na textura, partindo-se da padronização do nóculo e posteriormente relacionando-se seu uso à coesão textual. Foi possível também analisar os textos em termos de sua produção, distribuição e consumo, a partir do mapeamento das características dos veículos estudados, atentando para o contexto institucional, social e cultural da mídia, incluindo relações de poder e ideologia presentes nos discursos evocados sobre o assunto tratado. A análise lingüística e interdiscursiva foi feita em termos de gêneros discursivos e discursos, dentro de uma visão multifuncional da linguagem, envolvendo tanto o nível léxico-gramatical quanto a instância dos gêneros discursivos como formas de ação e representação, vendo dialeticamente as relações entre texto, sociedade e cultura. De forma específica, a análise da padronização da palavra *sincretismo* no corpus mostrou a existência de uma forma bastante prototípica de ocorrência para ela e uma prosódia semântica preponderantemente positiva, que pode ser interpretada como ideológica, por ser associada às ideologias do branqueamento e da democracia racial. Os campos evocados pela palavra *sincretismo* são

muito variados, devido a seu significado ser predominantemente associado ao da palavra *mistura*. O fenômeno colocacional em si não ajuda a construir um perfil semântico para o nódulo da pesquisa e seu valor pode ser percebido na tessitura dos textos, uma vez que gera coesão e confluência dos campos, redirecionando-os em torno do significado de sincretismo como mistura de culturas e religiões diferentes. Os gêneros discursivos mais utilizados na veiculação de idéias acerca do sincretismo – a reportagem e a propaganda – predominantemente constroem e reproduzem discursos informativos e promocionais. O único gênero que apresenta essa questão com a profundidade e a discussão exigidas pelas inúmeras variáveis a ele relacionadas é o gênero artigo, numericamente menor em quase todos os veículos. As tensões discursivas mostram que há um mascaramento de um problema grave ligado ao desrespeito às diferenças e à intolerância. Ele também poder ser interpretado como uma tentativa de apaziguar conflitos, reprimindo o contexto de hibridismo étnico e cultural do Brasil, mantendo o país como uma construção monocultural da democracia racial e indicando que ainda existe racismo subjacente, que tenta impor a necessidade de clarear a qual impele os grupos de descendentes de africanos a uma situação de marginalidade.

Abstract

Based on questionings about the existence or not of an occurrence pattern to the keyword *syncretism*, on its associations to other words and on the questioning of its own semantic, it was searched, in this work, to connect its lexical associations and semantic prosodies to the context of situation and also to the context of culture. The objectives were to work with the idea of syncretism through the patterning of this word in a monolingual corpus constituted by the media of two newspapers (*O Globo* and *Folha de São Paulo*) and two general information magazines (*Veja* and *Época*), collected on the Internet in the period 1998-2003; check its possible relation to Brazilian racial matter; and contribute both to the researches developed by the research line named *Studies about language, identity and representation*, particularly those ones linked to the project CORDIALL; and to the field of Critical Discourse Analysis with its interface with small corpora studies for early human intervention. The theoretical and methodological base was the Critical Discourse Analysis, the Systemic Functional Linguistics and Corpus Linguistics. Based on the data collected, it was tried to explain the lexical relations constructed with the keyword *syncretism* within an interface between the experiential and textual function. Through this, it was possible to state that the semantic profile from the word *syncretism* is not constructed only through its patterning, but through its lexical relations that sign to the field – linked to the experiential meaning of the text – and inscribe values originated from different view points about the phenomenon and its possible relations to the Brazilian racial subject. The methodology of Critical Discourse Analysis proposed by the English linguist Norman Fairclough made it possible to focus on how society and cultural changes manifest themselves in the discursive practices of the media when the subject comes to be *syncretism*. To be able to develop this analysis, the language and the texture were focused, starting at the patterning of the node and then, relating it to its usage to the textual cohesion. It was also possible to analyze the texts in terms of their production, distribution and consumption using the mapping of the features of the studied vehicles, devoting attention to the institutional, social and cultural context of the media, including power relations and ideology present within the evoked discourses about the subject. The linguistic and interdiscursive analysis was made in terms of discursive genres and discourses, within a multifunctional view of language, involving both the grammatical-lexical level as well as the discursive genres instances as ways of action and representation which made it possible to view dialectically the relations among the text, society and culture. Specifically, the patterning analysis of the word *syncretism* in the corpus showed the existence of a very prototypical way of occurrence and a semantic prosody predominantly positive, which can be interpreted as ideological once it is associated to

ideologies of whitening and racial democracy. The evoked fields from the word syncretism are very varied due to its meaning be predominantly associated to the word *mixture*. The phenomenon of collocation in its own doesn't help in the construction of a semantic profile to the node of the research and its value can be noticed in the texture of the texts once it generates cohesion and confluence of the fields, redirecting them around the meaning of syncretism as a mixture of different cultures and religions. The most used discursive genres in the vehicle of ideas about syncretism – the report and the advertisement – construct and reproduce informative and promotional discourses. The only genre that presents this matter with the necessary deep and demanded discussions is the genre article, smaller in number in almost all vehicles. The discursive tensions show there is a masking of a serious problem related to the disrespect to the differences and intolerance. It can also be interpreted as an attempt at appeasing conflicts, repressing the ethnical and cultural hybridism context in Brazil, keeping the country as a monocultural construction of the racial democracy and indicating there is still subjacent racism that tries to impose the need to whiten which in turn compel the groups of African descendents to a situation of marginality.

Lista de abreviações

ACD = Análise Crítica do Discurso

Gráf. = gráfico

LC = Lingüística de Corpus

LSF = Lingüística Sistemico-Funcional

PS = Prosódia Semântica

Tab. = tabela

Lista de símbolos

+ = prosódia semântica positiva

- = prosódia semântica negativa

N = prosódia semântica neutra

Lista de gráficos

Gráf. 1 – Gráfico de prosódias semânticas	157
Gráf. 2 – Número de linhas de concordância cujo campo ligado ao sincretismo é a religião, num total de 161 linhas	162

Figura

Fig. 1: Léxico-gramática, semântica discursiva e contexto, segundo Eggins (1994, p. 113)

..... 84

Lista de tabelas

Tab. 1 – Dados gerais sobre o corpus e os respectivos subcorpora	138
Tab. 2a – Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no corpus	139
Tab. 2b – Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no corpus, com lematização	139
Tab. 2c – Dados sobre os agrupamentos lexicais da palavra-chave sincretismo no corpus	226
Tab. 2d – Dados sobre os colocados da palavra-chave sincretismo no corpus	226
Tab. 2e – Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no corpus	227
Tab. 3a – Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>O Globo</i>	141
Tab. 3b – Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>O Globo</i> , com lematização	141
Tab. 3c – Concordâncias da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>O Globo</i> com as prosódias semânticas	228

Tab. 3d – Dados sobre os agrupamentos lexicais da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>O Globo</i>	230
Tab. 3e – Dados sobre os colocados com a palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>O Globo</i>	231
Tab. 3f – Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>O Globo</i>	231
Tab. 4a - Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>Folha de São Paulo</i>	143
Tab. 4b - Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>Folha de São Paulo</i> , com lematização	143
Tab. 4c - Concordâncias da palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>Folha de São Paulo</i> com as prosódias semânticas	231
Tab. 4d - Dados sobre os agrupamentos lexicais com a palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>Folha de São Paulo</i>	232
Tab. 4e – Dados sobre Colocados com a palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>Folha de São Paulo</i>	232
Tab. 4f – Dados sobre os padrões de colocados palavra-chave sincretismo no subcorpus <i>Folha de São Paulo</i>	232
Tab. 5a - Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista Veja</i>	146
Tab. 5b - Concordâncias da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista Veja</i> com as prosódias semânticas	233

Tab. 5c - Dados sobre os colocados com a palavra-chave sincretismo na <i>Revista Veja</i>	233
Tab. 5d - Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista Veja</i>	233
Tab. 6a – Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista</i> <i>Época</i>	147
Tab. 6b - Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista</i> <i>Época</i> , com lematização	147
Tab. 6c - Concordâncias da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista Época</i> com as prosódias semânticas	233
Tab. 6d - Dados sobre os colocados da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista</i> <i>Época</i>	234
Tab. 6e - Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no subcorpus da <i>Revista Época</i>	234
Tab. 7 - Palavras mais frequentes no corpus	234
Tab. 8 – Distribuição dos textos em gêneros discursivos	180

Sumário

INTRODUÇÃO: um novo olhar sobre o sincretismo	20
PARTE I – DOMÍNIOS TEÓRICOS.....	29
CAPÍTULO I: Construções discursivas do sincretismo no Brasil	30
1.1. Definindo sincretismo	30
1.2. Do léxico ao discurso: lingüística aplicada e pesquisa social engajada	49
CAPÍTULO II: Estudos da mídia e Análise Crítica do Discurso: uma síntese teórico- metodológica	54
2.1 Princípios gerais da comunicação de massa	54
2.2 A mídia sob a perspectiva discursiva	59
2.3 Estudos sobre mídia e racismo	67
CAPÍTULO III: Traçando um percurso: Análise Crítica do Discurso, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus	78
3.1 A coesão na perspectiva sistêmico-funcional	78
3.2 A coesão na perspectiva da Lingüística de Corpus	90
3.3 Macronível de análise: gêneros discursivos como espaços de tensão discursiva	104

PARTE II – DOMÍNIOS METODOLÓGICOS E DE ANÁLISE	111
4. METODOLOGIA DO TRABALHO	112
4.1 O corpus	112
4.2 Em busca de um método	115
4.3 A Linguística de Corpus e a pesquisa discursiva textualmente orientada: um espaço de interface com a Análise Crítica do Discurso	117
4.4 Procedimentos	127
4.4.1 Análise crítica dos contextos de produção e consumo do corpus	127
4.4.2 Análise (con)textual baseada em corpus	128
CAPÍTULO V: Análise crítica das construções de sincretismo	132
5.1 Análise crítica do contexto de produção e consumo do corpus	132
5.1.1 Os jornais e revistas de informação geral por eles mesmos e por outros: contextualização sociocultural	132
5.2 Análise (con)textual baseada em corpus	138
5.2.1 Considerações gerais sobre a padronização da palavra-chave sincretismo no corpus	139
5.2.2 Padrões da palavra sincretismo nos jornais	141
5.2.2.1 Frequência e padronização da palavra-chave sincretismo	141
5.2.2.2 Relações lexicais, colocações com a palavra-chave sincretismo e sua prosódia semântica	143
5.2.3 Padrões da palavra sincretismo nas revistas	146
5.2.3.1 Frequência e padronização da palavra-chave sincretismo	146

5.2.3.2	Relações lexicais, colocações com a palavra-chave sincretismo e sua prosódia semântica	148
5.2.4	Similaridades e diferenças da padronização e da prosódia semântica da palavra-chave sincretismo em jornais e revistas de informação geral: em busca de um perfil	150
5.2.4.1	Similaridades e diferenças da padronização da palavra sincretismo em jornais e revistas de informação geral	151
5.2.4.2	Perfil semântico da palavra sincretismo em jornais e revistas de informação geral	151
5.3	Representação discursiva do sincretismo na mídia: interdiscursividade apontada nas relações lexicais	164
5.4	A linguagem como ação: os gêneros discursivos e o sincretismo em sua conexão com o contexto de situação e com o contexto de cultura	179
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	188
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199
	ANEXOS	216
	ANEXO 1 – Textos utilizados na análise da força coesiva da palavra sincretismo	217
	ANEXO 2 – Tabelas das seções do capítulo V	226

Introdução: um novo olhar sobre o sincretismo

Um novo trabalho é, ao mesmo tempo, o início de uma nova etapa na vida e uma forma de lutar pela imortalidade do pensamento, dos ideais e de tudo aquilo em que se acredita, mesmo que se venha a mudá-los após o resultado final de uma pesquisa.

Além dos cuidados metodológicos e de análise dos dados – o que garante cientificidade aos trabalhos – é também inquestionável que grande parte das pesquisas (se não todas) ancoram-se em e provém de um profundo sentimento de indivíduo participativo da constituição do meio em que se vive e que agora foi expandido para uma escala muito superior ao próprio *locus* de origem. Nesses momentos, advoga-se um espaço dialógico sobre a própria constituição como sujeito social, numa busca que possibilite a intervenção não apenas nessa constituição, mas também na construção da sociedade de maneira que a própria existência não seja tida como vã.

Esse pensamento advém, por sua vez, do sentido que se busca no íntimo sobre o que, quando e por que pesquisar. É necessário um mínimo de identificação com os trabalhos que são desenvolvidos. É devido a isso que posso afirmar que há razões tanto pessoais quanto teóricas para proposição deste trabalho.

Terceiro filho de uma família de baixa renda, constituída de seis pessoas, nasci e me criei na cidade histórica de São João del-Rei onde resido até hoje. Não diferentemente

da maioria da população brasileira, conheci muito cedo a força da diferença racial e socioeconômica. Ser pobre e descendente de africano parecia, ao olhar de grande parte da sociedade, defeitos insanáveis, exteriorizados na forma do racismo e dos processos de exclusão social.

Se, num primeiro momento, durante o mestrado, procurei analisar o discurso religioso evangélico (cf. CARMO, 2001), hoje, novo ânimo de pesquisa me arrebatou e me faz retornar a um passado muito anterior àquele que fez com que me sentisse fascinado pelo campo religioso. Esse passado tem a ver com minha identidade como descendente de africanos que aprendeu a se orgulhar de sua herança africana e com tudo que vivenciei na forma do racismo (tido por muitos como inexistente), da recusa por tudo que tinha a ver com a herança cultural africana em geral e com o rico universo re-apresentado no Brasil de maneira sincrética.

Com relação ao aspecto teórico, a principal razão é, com certeza, tentar contribuir com os estudos da linguagem, procurando expandir as possibilidades de análise do léxico, entendendo-o como uma ponte para a análise do discurso a qual pode trazer um novo olhar acerca de diversos assuntos e campos de pesquisa, em especial acerca do sincretismo, conforme trabalhado na Antropologia, o que retomarei no primeiro capítulo.

Segundo Biderman (2001, p. 13), o léxico constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo, porque ocorre um processo de nomeação da realidade a partir do qual o homem rotula as entidades, apropriando-se do real. Nas palavras da autora (*ibidem*), “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras”.

Nesse sentido, pode-se perceber que o léxico carrega em sua significação aspectos importantes da visão de mundo que os indivíduos possuem. Biderman (2001, p. 14) afirma

que “a conceptualização da realidade configura-se lingüisticamente em modelos categoriais arbitrários”, uma afirmação que pode ser considerada um retorno à idéia de arbitrariedade do signo encontrada em Saussure (1969). Segundo a autora, as palavras que são geradas pelo sistema de categorias léxico-gramaticais de uma língua são rótulos através dos quais o ser humano interage cognitivamente com o seu meio.

Não obstante a relevância desses estudos, pretendo, neste trabalho, procurar mostrar o léxico não apenas como um elemento de registro do conhecimento, rótulo de entidades ou elemento que carrega uma significação em si mesmo, mas também como um elemento que ajuda na construção e representação de uma “realidade” específica, fruto do dialogismo existente entre o ser humano e o meio, entre o ser humano e a sociedade.

Para tanto, advogo a possibilidade de trabalhar os discursos sobre o sincretismo como um aspecto ligado à questão racial brasileira. Este trabalho, ao mesmo tempo em que se ancora na proposta da linha de pesquisa em que se insere – Linha I: *Estudos sobre linguagem, identidade e representação* – é parte integrante do projeto CORDIAL (Corpus discursivo para análises lingüísticas e literárias) do Núcleo de Estudos da Tradução da Faculdade de Letras (NET-UFMG) e, de forma bastante específica, de um subprojeto deste intitulado *Coesão lexical em Tradução e Análise Crítica do Discurso* – coordenado pela professora Dra. Célia Maria Magalhães (FALE/UFMG) – com o qual compartilha não apenas a filosofia de trabalho como também as afiliações teóricas.

Partindo das escolhas lexicais e, mais especificamente, da palavra *sincretismo* como *palavra-chave*¹ (cf. WILLIAMS, 1976) e *nóculo* da pesquisa (cf. STUBBS, 1996, 1997), este trabalho consiste numa pesquisa das ocorrências da palavra *sincretismo* em um corpus computadorizado de textos da mídia de jornais e revistas de informação geral, das relações lexicais e colocações formadas com e a partir dela, de modo a obter subsídios para uma

¹ O conceito de palavra-chave será explicado posteriormente.

análise dos discursos sobre um dos aspectos das diferentes questões do universo cultural brasileiro, tendo como ponto fulcral as construções discursivas do sincretismo e sua relação com a questão racial no Brasil.

Cabe esclarecer que os objetivos deste trabalho originam-se em algumas perguntas de pesquisa, quais sejam: (1) existe um padrão de ocorrência para a palavra-chave *sincretismo*? (2) Com quais palavras ela se associa? (3) Qual a prosódia semântica dessa palavra? (4) Como ligar essas associações lexicais e suas prosódias semânticas ao contexto de situação? (5) Como ligá-las ao contexto de cultura e, portanto, associá-las à questão racial brasileira conforme representada na mídia?

Partindo-se dessas perguntas, definiram-se os objetivos desta pesquisa como:

(a) objetivos gerais:

- 1) trabalhar a idéia de sincretismo, a partir da padronização desta palavra na mídia de jornais e revistas de informação geral, e verificar sua possível relação com a questão racial brasileira;
- 2) contribuir, com esta abordagem, para as pesquisas da linha de pesquisa *Estudos sobre linguagem, identidade e representação*, mais especificamente aquelas vinculadas ao projeto CORDIALL;
- 3) contribuir para o campo de estudos da Análise Crítica do Discurso, em sua interface com estudos de corpus de pequena dimensão.

(b) objetivos específicos:

- 1) analisar as colocações da palavra *sincretismo* em um corpus computadorizado de pequena dimensão de textos da mídia (jornais e revistas de informação geral);

- 2) analisar a(s) prosódia(s) semântica(s) dessas colocações de forma a verificar quais conotações possuem e quais conceitos norteiam seu uso efetivo;
- 3) analisar as relações lexicais construídas com a palavra-chave *sincretismo* numa interface da função experiencial com a função textual, segundo concepção de Eggins (1994);
- 4) fazer as associações entre estas relações, o contexto de situação e o contexto de cultura, a partir dos gêneros discursivos como formas de ação e representação no domínio das práticas sociais.

Dessa maneira, para consecução deste trabalho, foram produzidas duas partes, uma contendo o arcabouço teórico e outra contendo os métodos e a análise. A primeira é composta de três capítulos teóricos. O primeiro capítulo teórico traz uma discussão acerca do problema social focalizado, ou seja, o conceito de sincretismo e os pontos de vista sobre ele no âmbito das Ciências Humanas, especialmente a Antropologia, área de estudos que tradicionalmente se ocupa da questão. Esse capítulo também traz a forma por meio da qual pretendo abordá-lo neste trabalho. O segundo capítulo visa a produzir uma revisão dos estudos produzidos sobre mídia e discurso, focalizando a análise do discurso midiático, com uma revisão de estudos sobre jornais e revistas. Traz também uma revisão dos estudos sobre mídia e racismo no Brasil. O terceiro capítulo versa sobre a interface entre Análise Crítica do Discurso, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus, trazendo suas bases e suas perspectivas acerca do fenômeno coesão, procurando relacionar colocação, coesão e prosódia semântica. Esse capítulo é de extrema importância devido à afiliação teórica deste trabalho à Análise Crítica do Discurso que se baseia na Lingüística Sistêmica hallidayana e também devido à necessidade de construir um conjunto de ferramentas que ajudem na análise dos dados. Essa interface busca definir, esclarecer e

explicitar os principais conceitos e categorias provindos de cada área disciplinar, reafirmando essa perspectiva interdisciplinar adotada e já consolidada pela linha de pesquisa e pelos projetos já citados aos quais minha pesquisa está afiliada.

Na segunda parte, encontra-se o capítulo intitulado *Metodologia do trabalho*, onde é feita uma caracterização do corpus como um todo e dos subcorpora. Também há a explicitação do método utilizado e dos procedimentos adotados.

Dela, também consta o último capítulo onde é produzida a análise do sincretismo como um aspecto discursivo da questão racial à luz da lingüística aplicada. Optei por produzir um único capítulo de análise subdividido em grandes subpartes porque, didática e metodologicamente, a análise crítica de um evento discursivo deve ser tridimensional (análise da prática social, análise da prática discursiva e análise da prática textual), contudo, percebe-se que suas partes estão imbricadas, sempre apontando umas para as outras. Dessa forma, tentou-se mostrar essa inter-relação constituindo esse capítulo único de análise, em quatro subpartes: (1) a análise crítica do contexto de produção e consumo do corpus, (2) a análise (con)textual baseada em corpus, (3) a análise da representação discursiva do sincretismo na mídia, com base na interdiscursividade apontada pelas relações lexicais, e (4) a análise dos gêneros discursivos e do sincretismo em sua conexão com o contexto de situação e com o contexto de cultura.

Esse percurso apontou importantes questões relacionadas à questão racial no Brasil, principalmente que determinadas ideologias e preconceitos com relação aos descendentes de africanos tidos por muitos como superados ainda permanecem como pano de fundo e sustentáculo de problemas graves, especialmente a exclusão social e a falta de respeito pela diferença.

Seguem-se a conclusão, as referências bibliográficas e os anexos. Dos anexos, constam os textos utilizados na análise da força coesiva da palavra sincretismo e as tabelas utilizadas na análise dos dados.

PARTE I:

DOMÍNIOS TEÓRICOS

Capítulo 1 – Construções discursivas do sincretismo no Brasil

1.1 Definindo sincretismo

Conforme já indicado em inúmeros trabalhos sobre História do Brasil (ver, por exemplo, SILVA, 1994), o contexto de íntimo contato entre portugueses e africanos, com suas respectivas religiões, culturas e línguas propiciou o surgimento de um processo inter-religioso, intercultural e inter-lingüístico denominado sincretismo.

Pierson² – citado por Valente (1976, p. 10) – afirma que sincretismo é um processo que se propõe a resolver uma situação de conflito cultural e se caracteriza pela luta por *status*. Valente (1976, p. 11-12) acrescenta que o sincretismo também se caracteriza por uma intermistura de elementos culturais, uma íntima inter fusão, uma verdadeira simbiose, em alguns casos, entre os componentes das culturas que se põem em contato. Dessa maneira, para esse autor, o sincretismo abrange, no seu desenvolvimento como processo de interação cultural e na sua função de prevenir, reduzir ou anular conflitos, duas fases comparáveis aos processos de *acomodação* e *assimilação*.

² PIERSON, D. *Teoria e pesquisa em sociologia*. São Paulo: 1945.

No primeiro caso, estabelece-se um trabalho de ajustamento de ordem exterior e que se processa, na maioria das vezes, rapidamente, sendo uma experiência consciente que faz com que permaneça a ligação com os valores da cultura de que o indivíduo se origina.

No caso da assimilação, a modificação ocorre na experiência interior do indivíduo, uma vez que ocorre uma interpenetração e uma fusão de tradições, sentimentos e atitudes de indivíduos e grupos diferentes, que passam a partilhar de sua experiência e de sua história e a constituir uma “mesma” vida cultural. Nesse caso, o processo é gradual e inconsciente.

Como ressalta Valente (1976, p. 13), “o fenômeno de sincretismo mostra-se bem nítido com a situação de conflito religioso imposta pelo choque de conglomerado fetichista negro-africano com o catolicismo luso-brasileiro”. Calcado em Gonçalves Fernandes, um estudioso pernambucano, Valente esclarece que o fenômeno do sincretismo depende de suas condições, quais seriam o ajustamento exterior, de efeito superficial, e a modificação da experiência interior, de reflexo mais íntimo e profundo.

Dessa maneira, em primeira instância, pode-se afirmar que houve uma aparente correspondência estabelecida conscientemente entre os santos cristãos e as divindades do panteão africano. E os efeitos dessa reflexão consciente, aos poucos, foram se automatizando, tornando-se irrefletidos, inconscientes, uma vez que o campo da religiosidade dos próprios africanos e de seus descendentes brasileiros foi-se desenvolvendo em contato estreito com aquele dos portugueses. Para Valente (1976, p. 15), “embora o fetichismo africano tenha no Brasil sofrido a influência do espiritismo e das religiões ameríndias, o que é incontestável é a ação dominante que sobre ele exerceu o Catolicismo”. O que foi extremamente discutido pelos teóricos africanologistas é se existiu verdadeiramente uma catequese dos africanos, ou se tudo não passou de um disfarce, de

uma catolização aparente. Entretanto, apesar das discussões, não há uma resposta a essa pergunta, pelo menos que seja consensual.

Do ponto de vista etimológico, conforme Cunha (1982, p. 725) esclarece, *sincretismo* é uma palavra derivada do francês *syncrétisme*, por sua vez, derivado do latim científico *syncretismus* que já era derivado do grego *sygkretismós*. Segundo o autor, essa palavra designava o amálgama de doutrinas ou concepções diferentes e, na Filosofia, designava uma reunião artificial de idéias ou de teses de origens disparatadas.

Esse “disparate”, em termos brasileiros, pode ser interpretado em relação aos métodos utilizados para análise dos contatos entre as culturas africanas e européias: o método comparativista que veio substituir o método histórico.

Com a limitação dos estudos históricos sobre os africanos, a pesquisa etnológica baseada em métodos comparativistas ganha força a partir dos trabalhos do professor Raimundo Nina Rodrigues, estudioso baiano considerado um marco dos estudos sobre os africanos e seus descendentes no Brasil. Após sua morte em 1906, houve uma estagnação na área que durou até 1926 quando o antropólogo Arthur Ramos e, posteriormente, seus discípulos retomam seus escritos e continuam as pesquisas na área. A partir de então, essa retomada ganhou novos rumos, sendo feita também por sociólogos, como Gilberto Freyre, sobretudo, em sua obra *Casa grande e senzala*.

Dessa maneira, os estudos sobre os contatos culturais que dariam mais tarde origem ao que se intitularia *estudos afro-brasileiros* nas Ciências Humanas de modo geral se intensificam e muitas das lacunas encontradas nas obras de Nina Rodrigues são preenchidas.

Deve-se ressaltar que os estudos de Nina Rodrigues, não obstante o valor de toda pesquisa sobre a cultura africana e de herança africana, estavam impregnados por uma

visão extremamente preconceituosa sobre os africanos e seus descendentes, também presente em muitos outros autores. Segundo Birman (1985, p. 17), Nina Rodrigues ficou célebre por tentar provar que aquilo que a autora denomina possessão, que caracterizava os cultos africanos, resultava de um desarranjo psíquico que, por coincidência, afetava particularmente os africanos e seus descendentes, em desajuste com a cultura ocidental.

Da mesma forma que Nina Rodrigues, muitos intelectuais e muitas instituições da época estavam sendo influenciados pelas idéias do evolucionismo e do darwinismo, que traziam uma noção de evolução que partia de um ideal europeu e ocidental e serviram de base para a construção do conceito de raça (cf. SCHWARCZ, 2001).

Nesse sentido, buscando a origem desse termo quando associado à questão racial brasileira, Ferretti (1995, p. 41; 2001, p. 15) principia sua análise frisando que o fundador do chamado *campo de estudos afro-brasileiros* foi o médico Nina Rodrigues, o qual discorre sobre o sincretismo sem utilizar o termo, mesmo este já sendo conhecido em sua época. Segundo o autor (2001, p. 15), Nina Rodrigues usa “expressões/termos como: fusão de crenças, justaposição de exterioridades e idéias, associação, adaptação, equivalência de divindades e, principal e significativamente, ilusão da catequese”.

Segundo Ferretti (2001, p. 14-15), o termo sincretismo foi rejeitado por muitos pesquisadores, por possuir conotações negativas, pois é considerado impreciso e ambíguo. Diferentemente de Nina Rodrigues, que não o usa, seu discípulo Arthur Ramos – substituindo a perspectiva evolucionista e racista de seu mestre por outra culturalista – retoma o termo sincretismo. No início, Arthur Ramos via o sincretismo como um resultado harmonioso dos contatos culturais, mas posteriormente constata que nem sempre o contato ocorre de maneira harmoniosa, principalmente quando está associado à colonização e à escravidão.

Sem tratar especificamente do problema do sincretismo, para Moura (1988, p. 18), a partir de Nina Rodrigues, os estudos africanistas desenvolvem-se subordinados a métodos que não conseguem nem pretendem penetrar na essência dos problemas que resultam do embate entre as culturas européias e africanas para tentar resolvê-los. Talvez, isso decorra do ponto de vista racista apontado por Ferretti. Já Arthur Ramos, esclarece Moura, recorre tanto à psicanálise quanto ao método histórico-cultural americano, para entrar no que ele chama de *mundo do negro brasileiro*, o que justifica sua postura culturalista.

O depoimento dos autores sugere que Nina Rodrigues não acreditava no próprio conceito de sincretismo como um elemento apaziguador, o que justificaria a diferença com relação à posição inicial de Arthur Ramos. Esse, primeiramente, tinha uma visão do sincretismo como um contato harmonioso de culturas, enquanto Nina Rodrigues empregava termos que indicavam justamente o contrário, como foi o caso do termo mais utilizado por ele: ilusão de catequese, que denota também a supremacia européia em seu discurso. Ou seja, Nina Rodrigues via a relação entre as culturas e a suposta “harmonia” como uma ilusão. A justaposição de exterioridades também aponta para esse pensamento, uma vez que indica uma polarização entre exterior e interior e, portanto, a impossibilidade de uma real fusão. Apenas posteriormente Arthur Ramos, ao ligar o fenômeno ao colonialismo e à escravidão, parece convergir para o pensamento de Nina Rodrigues, corroborando de certa forma sua posição, inclusive como fundador dos estudos que ele denominou de afro-brasileiros.

No percurso de estudos sobre o sincretismo, Ferretti (1995; 2001) também destaca os trabalhos dos médicos Ulisses Pernambucano de Mello, Gonçalves Fernandes e

Valdemar Valente, e do sociólogo humanista Gilberto Freyre, como sendo pioneiros na publicação de livros acerca do assunto.

Outro nome destacado por Ferretti (1995, p. 53-58; 2001, p. 18-19), como sendo o mais importante autor no campo de estudos intitulado nas Ciências Humanas como afro-brasileiros foi Roger Bastide, o qual deu pouco destaque ao conceito de sincretismo. De acordo com Bastide (1971a), a idéia de sincretismo lembrava fusão, mistura ou identificação, mas não implicava misturas ou identificações e, sim, semelhanças e equivalências.

Ainda segundo Ferretti, Marco Aurélio Luz trabalhou com a idéia de que o sincretismo ligava-se à política de branqueamento e Pierre Verger com a idéia de que o sincretismo não existia de fato, pois a mistura de que se falava não acontecia, uma vez que, segundo ele, a *sinceridade cultural e religiosa* mantinha cultura e religiosidades diferentes (como catolicismo e candomblé) separadas.

Para Pierre Sanchis, o sincretismo ocorre numa relação de desigualdade e de dominação política, cultural ou religiosa e, para Josildete Consorte, ele se liga ao processo de inserção do africano e de seus descendentes na sociedade brasileira e à construção ou reconstrução de sua identidade. Para Ferretti (2001, p. 24), o sincretismo possivelmente se relacionaria a questões de resistência.

Como sintetiza Ferretti (1999: 113), “sincretismo é uma palavra considerada maldita”, pois muitos pesquisadores evitam mencioná-la, por considerarem seu sentido negativo, ou seja, como sinônimo de mistura confusa de elementos diversos, ou como uma imposição do evolucionismo e do colonialismo. O antropólogo holandês André Droogers³

³ DROOGERS, A. Syncretism: the problem of definition, the definition of the problem. In: GORT, J.; VROOM, H; FERNHOUT, R.; WESSELS, A. (Ed.) *Dialogal and syncretism: an interdisciplinary approach*. Amsterdam: William B. Eerdmans Publishing Co. and Editions Rodopi; Grand Rapids, MI: William B. Eedmans, 1989. p. 07-25.

– citado em Ferretti (1999, p. 113) – esclarece que o termo possui duplo sentido: um significado objetivo, neutro e descritivo de mistura de religiões e outro subjetivo por incluir a avaliação dessa mistura.

De todos esses nomes e da essência de seus trabalhos apresentados sinteticamente por Ferretti (2001), é de interesse da presente pesquisa mostrar as divergências e as inúmeras percepções que se teve do termo no início do século XX e nos dias atuais.

Moura (1988), em *Sociologia do negro brasileiro*, mostra que os diversos trabalhos produzidos sobre os africanos e seus descendentes procuravam ver, estudar e interpretar os africanos e seus descendentes como um simples componente de uma cultura diferente do *ethos* nacional, o que ajudou na disseminação do racismo e na produção de inúmeras pesquisas sobre o mundo religioso africano em nível etnográfico e sobre tudo que implica diferença do padrão ocidental, tido como normativo. Conforme o autor frisa, os estudos sobre os africanos e seus descendentes são um reflexo da própria estrutura da sociedade brasileira, o que implica dizer que a sociedade brasileira é racista e perpetuadora da diferença.

Discorrendo especificamente sobre o sincretismo, Moura (1988, p. 34) critica o fato de que o antropólogo e o sociólogo não tenham discutido suficientemente determinados conceitos que dizem respeito às relações entre quem possui herança africana e quem possui herança européia no Brasil, como por exemplo, os conceitos de sincretismo, assimilação, acomodação e aculturação. Para o autor, ao se esquecer da posição e estrutura de etnias que possuem padrões de cultura diversos, a visão que se tem é de uma compreensão acadêmica do problema e não do processo da dinâmica social. Nas palavras do autor: “antes de examinarmos esses contatos culturais, temos de situar o modo de produção no qual eles se realizam, sem o que ficaremos sem possibilidade de analisar o conteúdo social desse processo” (MOURA, 1988, p. 34).

Para Moura, é importante rever esses conceitos por se ligarem a uma ciência social colonizadora, sendo usada pelo colonizado. Para ele, a origem da Antropologia leva a perceber sua função inicial de “muniadora do sistema colonial”, pois sua atividade prática buscou racionalizar o colonialismo, devido à sua posição eurocêntrica. É importante destacar a necessidade de reavaliar criticamente essa situação e “a herança ideológica que permeia e se manifesta em uma série de conceitos básicos, até hoje usados pelos antropólogos em nível significativo” (MOURA, 1988, p. 35).

Para Moura (1988, p. 38), o conceito de sincretismo usado pelos antropólogos brasileiros é o de “um contato religioso prolongado e permanente entre membros de culturas superiores e inferiores”. A crítica do autor, iniciada com essa definição, aos estudos de antropólogos e principalmente ao ponto de vista de Valente (1976), já citado anteriormente, continua ao destacar que a cultura dita superior também pode ser influenciada por uma dita inferior.

O sincretismo religioso é forte porque o cristianismo entrou como uma parte importante do que o autor chama de “aparelho ideológico de dominação”, mas as religiões africanas tornaram-se importantes elementos de resistência ideológica e social dos dominados. Por isso Moura destaca o fato de Waldemar Valente não ter visto a possibilidade inversa, isto é, “a influência cada vez maior daquelas religiões chamadas fetichistas no âmago das ‘delicadezas’ do cristianismo” (p. 35).

O sincrético é, para muitos estudiosos, analisado apenas a partir da inferioridade das religiões dos dominados, justificando falar-se no processo de assimilação. No entanto, até chegar ao final desse processo, há ainda um período de acomodação que pressupõe resistência e consciência parcial do conflito, para depois desembocar na assimilação (p. 40-41).

A assimilação surgiu então como a solução perfeita para a neutralização da resistência cultural, social, política e religiosa das colônias, possuindo um poder de escamotear a realidade com valores neocolonialistas, o que leva à folclorização dos grupos representativos das religiões de herança cultural africana que deixam de ter uma funcionalidade enquanto religião e passam a ser vistas como espetáculos (cf. MOURA, 1988, p. 42-43).

Outro conceito analisado por Moura é o de acomodação, empregado para explicar e definir as formas de contato permanente e as transformações de comportamento entre as populações de origem africana e os grupos que representam a cultura dominante do ponto de vista econômico social e cultural (p. 45). Após o processo de aculturação, tudo ocorreria como se não houvesse mais contradições sociais estruturais capazes de dificultar ou impedir que os padrões do povo dominado fossem institucionalizados pela sociedade dominadora.

Nas palavras do autor:

no processo de aculturação os mecanismos de dominação econômica, social, política e cultural persistem determinando quem é superior ou inferior. (...) [Por isso,] absolutizando-se o processo aculturativo iremos desembocar diretamente no conceito de democracia racial, tão caro a inúmeros sociólogos e políticos brasileiros (MOURA, 1988, p. 45 e 48).

Por isso, o autor frisa que a realidade demonstra o contrário dessa democracia, por possuir um modo de produção capitalista dependente. Dessa forma, ao fracionar a sociedade em classes, geram-se embates devido a desigualdades oriundas nas lutas de classes, cujos principais desfavorecidos foram os descendentes de africanos que passaram a ocupar as últimas camadas da sociedade.

O que se pode depreender disso é que, permeando os discursos sobre o sincretismo, parece existir um discurso racista que permanece como um resquício da escravidão. Ou

seja, escravidão e racismo se inter-relacionam a partir das ideologias raciais (cf. IANNI, 1988) juntamente com questões referentes ao preconceito que essa inter-relação pode gerar.

Francisco (1992) analisa duas questões, quais sejam, o branqueamento e a democracia racial, e afirma que o racismo como doutrina gera uma política racial e racista na forma de discriminação e/ou segregação racial, implicando o engendramento e a difusão de uma ideologia coerente tanto com a política quanto com a doutrina racial e racista que a orienta. Dessa forma, desemboca-se no preconceito, ou seja, num julgamento pré-concebido que é então difundido.

Peter Fry⁴ – citado em Ferretti (2001, p. 22) – afirma que os conceitos de pureza, mistura e sincretismo são construções essencialmente sociais e tendem a aparecer em ocasião de disputa de poder e hegemonia. E, procurando interfaces produtivas ao estudo da linguagem em relação à sociedade, Fairclough (2001) afirma que o foco dos estudos atuais deve estar na mudança social e nas práticas discursivas que lutam por hegemonia, pois é dentro das práticas discursivas que os conceitos são construídos, mas é também dentro delas que ele pode ser desafiado, podendo, em alguns casos, levar a mudanças.

Esse resumo que mostra algumas construções da noção de sincretismo justifica a necessidade de se estudar esse fenômeno social, cultural e religioso como um aspecto discursivo do hibridismo cultural brasileiro a partir da palavra-chave *sincretismo*, associando-a à questão racial através de uma abordagem lingüístico-discursiva, levando em conta o viés do racismo como sustentáculo dos processos de exclusão e diferenciação.

Os estudos relacionados à cultura e/ou à religiosidade considerada afro-brasileira são feitos, em sua maioria, dentro da Sociologia, Antropologia, História ou Psicologia (cf. CUPERTINO, 1976; BIRMAN, 1985; SILVA, 1994; PRANDI, 2000a, b), sem uma

⁴ FRY, P. De um observador não participante... *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, 8 (3), 0. 37-45. 1984.

interação com os estudos lingüísticos, uma vez que tradicionalmente é comum às áreas, especialmente à Lingüística, a produção de trabalhos de forma mais isolada. E, conforme observa Ferretti (2001, p. 26), “sincretismo, cultura, identidade, etnicidade e outras categorias sociais complexas necessitam continuar a ser pensados e repensados, com a colaboração de diferentes ciências e correntes de pensamento”.

O ponto de vista oriundo do evolucionismo e dos métodos comparativistas utilizados nos estudos a respeito dos africanos e seus descendentes e de suas culturas e religiosidade, conforme apontado, ajudou a perpetuar um discurso racista que, mesmo posteriormente sendo combatido, permaneceu. Hoje, esse discurso parece estar sendo desafiado, uma vez que parece estar havendo uma tensão representada na mídia e que pode apontar para uma valorização do descendente de africano.

Analisando as religiões afro-brasileiras, Prandi (1999, p. 93) esclarece que sua história pode ser dividida em três momentos, quais sejam, (1) o da sincretização com o catolicismo, verificada nas modalidades religiosas tradicionais como o candomblé, o xangô, o tambor de mina e o batuque; (2) o do branqueamento, que originou a umbanda nos anos entre 1920 e 1930; e (3) o da africanização que visou à transformação do candomblé em religião universal, negando o sincretismo (a partir dos anos 1960).

Consorte (1999) faz uma análise desse contexto indicador de mudança, colocando como marco resultados advindos da *II Conferência Mundial da Tradição Orixá e Cultura*, realizada em Salvador, de 17 a 23 de julho de 1983. Nessa conferência, comunidades diferentes (científica, religiosa, grupos de consciência negra, dentre outros), analisaram a situação dos descendentes de africanos, principalmente religiosa, e alguns dos expoentes do candomblé baiano resolveram romper com o sincretismo. Essa discussão ganhou espaço na mídia e logo ganhou grande dimensão.

Ferretti (1999, p. 115) corrobora esse marco, pois, de acordo com ele, no campo das religiões afro-brasileiras, vários dirigentes e militantes, em especial os mais intelectualizados, tendem hoje a seguir a estratégia de condenação do sincretismo. Para ele, a realização em 1983 da *II Conferência Mundial da Tradição dos Orixás e Cultura* foi a difusora dessa nova perspectiva.

Analisando as reportagens dos jornais locais (*Jornal da Bahia, A Tarde e Tribuna da Bahia*), Consorte (1999) percebe que o ponto central das discussões era a afirmação do candomblé como uma religião independente da católica e não uma seita, um animismo primitivo, conforme as bibliografias antropológicas sobre o assunto o colocavam. Aqui se percebe um embate entre o discurso de auto-valorização religiosa e o discurso científico das décadas anteriores, ao mesmo tempo em que se percebe também a mudança de patamar do candomblé que se buscava em relação às outras religiões já tradicionalmente reconhecidas, especialmente o catolicismo, com o qual foi sincretizado.

Para Prandi (1999, p. 108), a negação do sincretismo, deixando a religião da igreja, ritos e santos, põe o candomblé em igualdade com o catolicismo. Isso faz com que ele deixe de ser uma religião subalterna.

Ferretti (1999, p. 116) esclarece que existe um movimento de reafricanização difundido no sul do país e em expansão por todo o Brasil. Esse movimento não apenas critica mas também combate o sincretismo, procurando uma pureza africana, na forma de retorno a um africanismo primitivo. Nesse sentido, Prandi (1999, p. 106) adverte que africanizar não significa ser africano, desejar ser africano ou mesmo viver como os africanos, uma vez que grande parte dos seguidores do candomblé é constituída de adeptos de outras origens. Para o autor, africanizar significa intelectualização, acesso a uma literatura sagrada contendo a reorganização do culto conforme modelos trazidos da África,

implicando o aparecimento de um sacerdote capaz de superar uma identidade como baiano pobre, ignorante e preconceituosamente discriminado.

Silva (1999) atribui os processos de dessincretização e reafricanização ao diálogo com interpretações produzidas pela academia, pois, para ele, certas práticas e conceitos verificados hoje no candomblé parecem ter sido formados devido ao maior acesso e interesse dos religiosos pela literatura científica. A leitura de literaturas acadêmicas estariam, nesse sentido, consolidando e transformando pensamentos, porque levariam os praticantes a refletirem sobre suas práticas, a partir do ponto de vista proposto pelo texto. Como é comum a produção de descrições sobre os cultos, determinados grupos poderiam estar fazendo uso dessa bibliografia como formas de valorização e legitimação. As culturas africanas de um modo geral, em especial as religiosas, possuem, como forma de veiculação, uma tradição oral, mas a tradição de escrita da academia tem levado a possíveis modificações nessa maneira de veicular idéias e tradições.

Consorte (1999, p. 80) ainda aponta uma outra questão: a afirmação do candomblé e o processo de dessincretização acontecem num momento de expansão do culto dos orixás e ingresso nas suas fileiras de uma população “cada vez mais branca”. Ou seja, retorna-se ao embate racial em termos de branco *versus* negro.

Segundo Consorte (1999, p. 73), o culto aos orixás aparece como uma religião de origem africana, preexistente à própria escravidão, uma vez que se constituiu na África e foi trazido de sua terra natal pelos próprios africanos.

Para a autora, a recusa do sincretismo parecia fácil, pois sugeria, sobretudo, uma questão de tomada de consciência do processo de imposição oriundo da escravidão. Em adição, essa negação ligava-se também ao processo de inserção do descendente de africano na sociedade brasileira e ao de (re)construção da sua identidade, o que lhe revestia de uma complexidade muito maior (p. 79).

Nas palavras de Silva (1999, p. 154):

se em períodos anteriores a reafrikanização conviveu ao lado do sincretismo, o mesmo não ocorre em épocas mais recentes, quando algumas das principais lideranças do candomblé se engajam num movimento concentrado para afastar as influências católicas e ameríndias do culto aos orixás entendendo que a tradição africana é a tradição africana *no Brasil*, como se, apagando no presente as marcas da dominação católica e de outras *misturas* no candomblé, surgisse a África aqui em seu estado *puro*, tal qual teria sido trazida pelos escravos no passado.

A mídia, por sua vez, também teve papel importante nesse processo de transformação indicativo de uma provável mudança na ordem social e religiosa, pois foi censurada, com acusações de ter dado destaque maior à ruptura com o sincretismo para fazer notícia, minimizando outros aspectos a ele ligados, numa posição sensacionalista (ver, por exemplo, observações feitas por CONSORTE, 1999).

Um exemplo que pode ser usado para ilustrar essa crítica encontra-se em Tacca (2002). O autor analisa os processos de transferência de uma notícia dada em 1951 pelo fotógrafo José Medeiros da revista *O Cruzeiro* acerca do Candomblé, até o momento de ser transformada em formato livro. Segundo o autor, o fotojornalismo da primeira publicação era extremamente sensacionalista, mas, após acalorados debates devidos à repercussão da notícia e da foto, tornou-se um importante documento etnográfico na apresentação gráfica e nas marcações das legendas no formato livro. De acordo com Tacca, a foto teve maior repercussão, pois foi a primeira que trouxe um iniciado do candomblé no recolhimento do barracão, todo banhado em sangue e envolto na atmosfera mítica da religião. Deve-se destacar que a descontextualização, ou seja, a maneira descontextualizada como foi apresentado o evento, construiu uma imagem negativa do candomblé, o que só foi corrigido posteriormente quando reapresentado no livro dentro de todo um rigor que lhe garantiu um valor etnográfico que, por sua vez, superou o sensacionalismo da apresentação anterior. Em outras palavras, esse problema originou-se na tentativa de publicar uma foto

sem a devida explicitação dos porquês culturais e religiosos dos materiais utilizados numa iniciação na religião. O que para uma cultura pode parecer negativo ou errado pode ser positivo ou correto em outra, não podendo ser julgado sem prévias considerações.

Entretanto, percebe-se que as ideologias que sustentam o sincretismo – a do branqueamento, da mistura perfeita de culturas e religiões no Brasil e a da democracia racial – parecem ainda permanecer na mídia.

Segundo Silva (1999, p. 155), o discurso da dessincretização propõe a mudança de uma tradição apoiado na leitura seletiva de determinadas explicações científicas desta mesma tradição. Isso significa que está havendo a incorporação de explicações do sincretismo como dominação e também que é possível revogá-lo.

Por isso, apesar de toda discussão, Consorte (1999) ainda constata que pouco tem mudado devido à tradição arraigada que o sincretismo possui. Do ponto de vista discursivo, acredito que isso mostre que os diferentes códigos engendrados no processo de sincretização não podem ser simplesmente apagados, mas que o discurso é mais um espaço para provocar mudanças.

Os embates apenas iniciaram as transformações e diferentes discursos estão lutando por legitimidade e hegemonia. Por isso é importante abrir espaço para o estudo desses embates discursivos que procuram modificar um *estado de coisas* já estabelecido, desafiando o discurso hegemônico e dominante, na tentativa de mudar a ordem social, re(a)presentando algumas questões ligadas à questão racial brasileira de uma nova maneira.

Nesses termos, é lícito afirmar que existe um diálogo inegável entre texto, sociedade e cultura, pois os textos – como locais de materialização do discurso – são produtos sociais e culturais, histórica e culturalmente situados, utilizados para veiculação do pensamento. Num momento de possível transformação, os textos configuram-se, portanto, como mais um veículo para materialização dos vários discursos engendrados no

interior das instituições de que derivam, em estado de tensão e luta para legitimação e hegemonia de suas vozes, mas sempre de forma instável.

No caso do sincretismo, parece que a instituição midiática e a instituição científica constituem as arenas que portam a voz das instituições sociais e religiosas que estão no centro da discussão. Do engendramento das primeiras no processo de veiculação às suas comunidades e do embate das segundas, criaram-se o espaço e o momento ideais para um processo de transformação que talvez possibilite uma mudança na ordem social vigente, a partir do questionamento do sincretismo que levou, conseqüentemente, ao questionamento da desigualdade racial e social.

Silva (2000), analisando a origem das desigualdades raciais no Brasil, afirma que ela nasce na própria origem social, na realização educacional e ocupacional, e, sobretudo, na renda dos indivíduos. Para ele, os grupos de pessoas que se identificam como pardas ou negras já estariam sujeitos a um processo de sujeição e subalternidade. Isso traz à tona os processos de exclusão social que valorizam o branco e sua cultura em detrimento do negro⁵ e de sua respectiva cultura.

Segundo o autor, o ciclo de vida socioeconômico dos indivíduos seria dividido em mobilidade social e aquisição de renda, refletindo um perfil de realização ocupacional mais modesto para esses grupos. Dessa forma, reforça-se a sujeição de negros e pardos a condições de vida marcadamente inferiores às dos brancos na sociedade brasileira.

A desigualdade social é, portanto, fruto do processo de dominação de brancos sobre negros, conectando-se às formas de diferenciação e exclusão das quais o racismo faz parte.

Francisco (1992) mostra que o racismo é integrante do processo de dominação de classe,

⁵ Os termos branco(s), negro(s) e pardo(s) serão mantidos quando constituírem categorias originárias de censos e trabalhos que as elejam. Minha opção será substituí-los, para me referir a duas opções de descendência da época da colonização, pelos termos descendentes de europeus e de africanos, uma vez que o critério cor é problemático, tanto no caso específico do Brasil, quanto de outros países cuja constituição étnica é híbrida. Também cumpre esclarecer que a descendência indígena não foi mencionada por não constituir o foco de análise desse trabalho.

tanto em nível coercitivo como intelectual e moral da sociedade. Por isso, de acordo com o autor, ele é percebido tanto pelo negro, como pelo mestiço e pelo branco em nível econômico e social, fazendo a ressalva de que essa percepção não é clara em termos políticos e ideológicos. É relevante destacar que, conforme esclarece Francisco, não há elementos para afirmar que a discriminação do negro seja praticada conscientemente por qualquer segmento; entretanto, ela é efetivamente expressão da consciência política e ideológica da classe dominante e hegemônica.

Ou seja, é possível perceber que existe uma estreita relação entre sincretismo, desigualdade racial e social, e dominação. Deve-se ressaltar também que, embora Silva (2000) e Francisco (1992) tenham adotado um viés econômico, é inegável que a exclusão também se projeta nas questões culturais e religiosas, e, portanto, é mais abrangente conforme esta pesquisa pretende demonstrar.

O sincretismo como uma noção ligada à ideologia do branqueamento, mostra-se também como uma extensão das formas de diferenciação, uma vez que mascara a cultura africana. O sincretismo pode ser visto então como resultado do pensamento racista, pois nasce na subalternização do descendente de africano que precisa se branquear para ser aceito.

Quando o descendente de africano toma consciência de seu valor, começa a perceber a si mesmo, sua religião e sua cultura como tão importantes quanto quaisquer outras, desafia tudo aquilo que o mantém em posição subalterna, tanto as ideologias quanto outras formas de assimetria social, que gerem exclusão e desigualdade.

O que se verifica, portanto, é uma tentativa de desafiar o que já está pronto na sociedade, transformá-lo, romper padrões e, quiçá, provocar mudanças. E isso tende a acontecer quando as formas de ver o outro tornam-se mais igualitárias. Nas palavras de Tavares (1993, p. 53):

Romper com os padrões de alteridade assentados nos agenciamentos capitalísticos é, sobretudo, subverter o processo maquínico produtor de linguagens, de classificações e de semiotizações. Este panorama significa, sobretudo, instituir novos cenários irradiadores destas semiotizações, agenciar novas linguagens e enunciar novos lugares, nos quais as falas étnicas e de gênero, se singularizem mediante novos devires, tornando substantivas a territorialidade dos referentes e das significações constituídas.

Para Tavares⁶ (1993, p. 43), o outro se fundaria na fala do mesmo diante de si. Entretanto, segundo o autor, o efeito comunicativo e interacional que é produzido só tem gerado o racismo cultural – etnocentrismo – o qual, através de recalque, opressão e castração, tem marcado o campo da alteridade ocidental. É relevante ressaltar que, para ele, o “estado de luta das classificações” é ocultado, em sistemas de signos e em novas representações imagéticas.

Moura (1988) possui uma orientação a partir da qual os descendentes de africanos seriam um reflexo da própria estrutura social que os coloca em posição desprivilegiada, o que é refletido na dificuldade com que ascendem socialmente. Como esclarece Figueiredo (2002, p. 99), “a integração do negro na sociedade brasileira se faz à custa de sua assimilação aos códigos e valores da cultura dominante”. O real problema, conforme já apontava Bastide (1971b, p. 525), é que “elas não caminham forçosamente juntas, nem se desenrolam sempre na mesma temporalidade, mas permanecem sempre mais ou menos unidas uma à outra”.

Fazendo uma análise das relações entre descendentes de africanos e descendentes de europeus, Fernandes (1972, p. 16) mostra que, para se entrar no que ele chama de “mundo dos brancos”, é necessário um “processo de abrasileiramento que é, inapelavelmente, um processo sistemático de embranquecimento”. Ou seja, para o autor,

⁶ O autor possui orientação de teorias psicanalíticas, entretanto, apesar de não ser essa a orientação deste trabalho, percebe-se que o que é dito corrobora o ponto de vista aqui explicitado.

para que os africanos e seus descendentes ascendam socialmente, eles devem se autoafirmar negando a si mesmos. Nesse ponto, justifica-se a tensão entre os discursos sobre o sincretismo, pois ele tem sido justamente a noção que ajuda no processo de embranquecimento ou branqueamento e que, com os movimentos de revalorização dos descendentes de africanos, foi desafiado pelo anti-sincretismo, perdendo espaço.

O branqueamento social corresponde à noção popular de que ‘o dinheiro branqueia’. Essencialmente, ele ativa o mecanismo de compensação parcial de status através do qual as pessoas de cor bem sucedidas em termos educacionais e econômicos são percebidas e tratadas como mais claras do que pessoas de aparência semelhante mas de status inferior (HASENBALG, 1979, p. 240).

Dessa forma, os embates discursivos se acirram, pois dentre os próprios descendentes de africanos, haveria a possibilidade de se criarem mais diferenças e formas de cisão, que, certamente, enfraquecem o grupo que passa a ter a voz dividida. Para Figueiredo (2002, p. 104):

a cultura negra é quase sempre identificada pela religião, pela culinária, pela música e pela dança, enquanto a cultura branca é associada aos aspectos mais gerais, como a educação formal, a informação, a política, a tecnologia, enfim, a quase todos os aspectos da vida social. Nesse sentido, parece impossível não vivenciar cotidianamente os aspectos da “cultura branca”; ou melhor, embranquecer é, aparentemente, inevitável.

No caso desta pesquisa, procurar-se-á explicitar de que maneira a mídia de jornais e revistas de informação geral tem representado esse imbricado processo de transformação, segundo, principalmente, o conceito de interdiscursividade, de acordo com a concepção da Análise Crítica do Discurso.

Esse é o espaço em que a lingüística aplicada pode contribuir, mostrando como se realiza a tensão entre os discursos que formam o sincretismo brasileiro e sua possível associação com a questão racial.

Portanto, advogo um espaço à pesquisa que apresento, pois, como um novo espaço interdisciplinar, a Lingüística Aplicada pode trazer uma contribuição aos estudos a respeito de aspectos discursivos do hibridismo cultural brasileiro. Com um novo olhar, ela poderá ajudar a problematizar e procurar evidências lingüísticas, textuais e discursivas, que possam trazer à tona alguns aspectos da construção de novos posicionamentos sobre as muitas variáveis envolvidas com a noção de sincretismo, através da análise de suas co-ocorrências lexicais e suas correlações intratextuais e discursivas em textos da mídia, já que o discurso midiático tem um papel relevante na reprodução e construção de pensamentos na sociedade.

1.2 Do léxico ao discurso: lingüística aplicada e pesquisa social engajada

Os estudos de base lexical têm sido feitos dentro de três grandes áreas, quais sejam (1) a Lexicologia – ciência que objetiva basicamente estudar e analisar as palavras, fazer a categorização lexical delas e estruturar o léxico –, (2) a Lexicografia – ciência dos dicionários preocupada com a significação, ordenação e registro das palavras – e (3) a Terminologia – preocupada com os subconjuntos lexicais do vocabulário técnico das diversas áreas (cf. BIDERMAN, 2001).

Ao argumentar sobre a competência e perspectiva dos estudos de base lexical, Silva (2001, p. 117) afirma que a língua se vale de recursos de natureza léxica para cumprir propósitos comunicativos dos grupos humanos. Esses grupos, por sua vez, atendem a

exigências de transformações de ordem social *lato sensu* e lançam mão dos processos de ampliação vocabular para dar conta da aquisição e da alteração a que o signo se submete devido a pressões fônicas e semânticas de uso provenientes da interação de sociedades postas frente a frente.

Se antes um dos principais objetivos do estudo do léxico era servir a propósitos ordenatórios e de categorização léxico-gramatical – como nos estudos morfológicos, de criação lexical, de estatística léxica ou de glotocronologia (ver BIDERMAN, 2001; BASÍLIO, 2002) – hoje, pode-se, diferentemente, pensá-lo também como estrato que pode fornecer subsídios para uma análise discursiva, proposta da gramática sistêmico-funcional, com desdobramentos na Análise Crítica do Discurso. Conforme Barros (2002, p. 16) resume, “para os estudiosos do discurso, o conhecimento das organizações do léxico é de enorme importância. É sem dúvida na escolha lexical que os textos mostram, mais claramente, as formações ideológicas que os sustentam (...)”.

A partir dessas formações ideológicas, instanciadas nos textos, pretende-se, da mesma maneira como foi retomado o questionamento da homogeneidade lingüística brasileira (cf. LEITE & CALLOU, 2002), ou monolingüismo, repensar determinados mitos como os do monoculturalismo e da democracia racial, pois estas representações do Brasil se reproduzem na linguagem, especialmente a linguagem mediada de jornais e revistas, através das construções de um hibridismo sincrético as quais podem reduzir a diversidade cultural e “apagar” a discriminação racial.

No momento de constituição da sociedade brasileira, houve os primeiros embates na forma de conflito sociocultural e religioso. Concomitantemente, o sincretismo tornou-se um grande mecanismo de resistência – mas fruto de um processo complexo ligado a naturalizações de uma visão monolítica caracterizada pelo eurocentrismo – que tomou forma na história brasileira como o discurso que, talvez, pudesse explicar ou, pelo menos,

“apaziguar” os inúmeros problemas sociais, culturais, econômicos e identitários dessa sociedade.

Nesses termos, este trabalho pretende trazer uma análise da noção de sincretismo em dois jornais e duas revistas de informação geral, a partir da lingüística aplicada, como um dos aspectos discursivos da questão racial brasileira e da tensão discursiva que a constitui.

Como mostra Tavares (1993, p. 41), o desafio social nasce na questão multicultural, uma vez que trata do convívio entre diferentes olhares. Para ele, “as formulações que procuram dar conta das expressões de diferenças e singularidades, de alteridade e identidade apontam para um novo contrato de ordenação social”. Por isso, o autor faz uma ressalva para que não haja etnocentrismo, pois este é um obstáculo à comunicação. É particularmente interessante analisar as diferentes posições acerca do fenômeno, porque discursivamente pode-se depreender alguns discursos em embate, por exemplo um discurso representando o sincretismo como fusão religiosa e cultural perfeita e outro contrário a este, ambos permeados pela questão racial, um dos pontos de sustentação das diferenças e do preconceito.

Esse desafio e essa nova perspectiva que se abre sobre o sincretismo mostram, conforme esclarece Figueiredo (2002, p. 105-106), que pode estar acontecendo um processo de escolarização e conhecimento a respeito da história da escravidão no Brasil e de sua situação socioeconômica atual que possibilita uma reflexão maior e, por consequência, uma valorização étnica dos descendentes de africanos. Dessa forma, a identidade dos descendentes de africanos revalorizada assume um papel de contestação e constitui uma forma crítica de ver o mundo que lhes permite melhor se situarem dentro dele. Ou seja, a compreensão do sentido ideológico e perverso do branqueamento está

ocorrendo. E, com isso, esse processo iniciado no passado está ganhando uma nova roupagem, deslocando-se de sua posição inicial.

Para Figueiredo (2002, p. 106), “[o embranquecimento] já não se configura como um mecanismo através do qual os negros buscam legitimar-se, mas passa a ser um instrumento manejado pelo Outro na tentativa de obscurecer o negro, ‘colocá-lo no seu lugar’, de tentar negar a sua capacidade intelectual, diante, é claro, da dificuldade de reconhecê-lo como par”.

Segundo Oliveira (2002, p 41), é possível perceber que hoje temos condição de, pelo menos, discutir que Brasil queremos construir, o que significa que estamos amadurecendo e conseguindo falar sobre racismo, contrariando a ideologia do branqueamento.

Do ponto de vista filosófico, de acordo com Drogue (2002, p 23), isso pode ser explicado da seguinte maneira: “as filosofias surgidas entre o século XIX e XX criticam a idéia de uma história unitária que explicaria a existência, a partir de um centro, em torno do qual se ordenam os acontecimentos e manifesta-se o caráter ideológico de tais representações”, pois quando se concebe a história dessa forma, ocorre uma representação do passado, construída pelas classes sociais dominantes. Embora esse já seja um ponto de vista conhecido, vários trabalhos têm demonstrado o contrário no que diz respeito a representações raciais no Brasil. De acordo com Magalhães (no prelo):

de uma perspectiva de analista crítica do discurso, entende-se que o primeiro passo para se reconstruírem identidades positivas para os grupos de descendentes de africanos no Brasil é a recusa à classificação esteticizada desses grupos pela cor da pele ou por características físicas e, conseqüentemente, a recusa ao conceito de raça, o qual ecoa a concepção ideológica da biologia. O segundo passo é reconstruir sua herança cultural de modo a se pensar uma classificação desses grupos pelas etnias, respeitando-se suas diferenças.

Para Drogue, não há uma história única, mas histórias, imagens e propostas provindas de diferentes pontos de vista, pois a sociedade civil possui como característica a diversidade cultural que configura uma esfera de formas simbólicas (linguagens) cada vez mais relacionadas aos processos e tecnologias da informação e da comunicação. E há razões para que o autor afirme que essa questão tenha se originado na crise do colonialismo e do imperialismo. Segundo o autor, o rádio, a TV e a imprensa, dentre outros meios, têm gerado uma grande explosão e a multiplicação das concepções do mundo. No entanto, embora minorias de todas as classes sociais tenham ganhado espaço, não houve uma verdadeira emancipação, uma vez que a tomada da palavra não corresponde à emancipação política, como no caso dos descendentes de africanos, que são considerados “minorias” do ponto de vista do poder, mas não em número de pessoas na sociedade.

Capítulo 2 – Estudos da Mídia e Análise Crítica do Discurso: uma síntese teórico-metodológica

2.1 Princípios gerais da comunicação de massa

A comunicação de massa, conforme Wolf (2003), pode ser considerada um campo de articulação de linguagem e a massificação é que a relaciona com o campo da mídia. Para Rodrigues (s/d), o campo da mídia é um campo de articulação da sociedade que é autônomo em termos das práticas sociais, sendo construtor de um discurso fechado sobre si, capaz de produzir modelos imaginários, que lhe trazem legitimidade. Por isso, Rodrigues (1988, p. 143) define os *campos sociais*⁷ como *esferas de legitimidade*.

Para Rodrigues (1988), os campos sociais são capazes de ditar regras discursivas e as maneiras de dizer algo, numa tentativa de impor uma ordem axiológica, projetando-a na maior quantidade de campos possível. Por isso, os processos de comunicação se relacionam de forma estreita à esfera pública, onde tudo o que for proclamado ganhará notoriedade, isto é, visibilidade social. Esse pensamento mostra a comunicação tanto como instrumento para os indivíduos obterem conhecimento como um processo que institui um

⁷ A idéia de campo remete aos trabalhos do sociólogo Pierre Bourdieu, entretanto, o autor não o menciona claramente.

espaço público. Deve-se ressaltar que, como todos os campos possuem, via de regra, um espaço, a composição do campo midiático não está isenta de conflitos, ou seja, sempre haverá formas de desafiar uma ordem axiológica.

Segundo o autor, são as diferentes esferas que legitimam a autonomia do campo da mídia, da comunicação de massa, mas ele não fica livre de pressões advindas de interesses tanto do público quanto mercadológicos dos donos dos jornais e anunciantes que vêem o jornal como um produto comercial. Nesses termos, a legitimidade do campo midiático se apoiaria “na elaboração, na gestão, na inculcação e na sanção dos valores de transparência, de representação e de legibilidade da experiência fragmentada da sociedade atual” (RODRIGUES, 1988, p. 155), razão pela qual as instituições necessitariam criar estratégias e normas que possibilitem o apagamento das marcas de subjetivação, para que a objetividade se faça notória, imprimindo a impressão de imparcialidade e neutralidade, que, na verdade, não existe.

É isso que Fairclough (1995) procura explicar quando afirma que, na ordem do discurso midiático, existe sempre uma tensão entre os discursos públicos e privados que a delineiam, devido ao papel que precisa cumprir de mediadora nessa arena. Entretanto, há sempre uma relação dialógica, nunca unilateral, pois ao sofrer pressões advindas dessa tensão, ela também as influencia. Essa posição é oriunda dos trabalhos do filósofo alemão Jürgen Habermas que retornou aos conceitos de público e privado para pensá-los de forma diferente daquela que via esses espaços como antagônicos e antitéticos.

Para Habermas (1984, p. 14), públicos são os eventos acessíveis a qualquer um e, nessa linha de raciocínio, o privado diz respeito ao que se limitaria à esfera de algum indivíduo ou grupo específico. Nesses termos, privado pode ser pensado como uma palavra similar a exclusão, pois, apoiando-se na etimologia latina da palavra – *privatus* – o autor

mostra que essa palavra traz semanticamente o sentido de “estar excluído”, “privado dos aparelhos do Estado” (*op. cit.*: p. 30-31).

Conforme Habermas discute, num primeiro momento em que os conceitos de público e privado estavam em voga, havia a sanção por parte do Estado e a estrutura estatal estava a serviço de uma nova elite que se formava. Dessa maneira, o privado significava tanto liberdade de ação como exclusão de participação política e de benefícios públicos.

A posteriori, reformularam-se tais conceitos, uma vez que a esfera pública é ampliada, juntamente com a ampliação das funções do Estado e redução da esfera privada que, na sociedade de massas, tem-se singularizado cada vez mais. Ou seja, mais e mais pessoas têm se conscientizado de seus direitos e vários grupos têm se informado disso. Nas palavras de Habermas (1984, p. 58):

os conflitos, até então contidos na esfera privada, estouram agora na esfera pública; necessidades grupais, que não podem esperar serem satisfeitas por um mercado auto-regulativo, tendem a ser reguladas pelo Estado; a esfera pública que, agora, precisa mediatizar essas exigências, torna-se campo de concorrência de interesses nas formas mais brutalizadas da discussão violenta.

Essa idéia de violência, por sua vez, ocorre na forma de busca do direito a ter direito, do direito a ter voz, trazendo à tona toda a discussão sobre o exercício da cidadania tanto falado na atualidade, gerando uma participação política mais ativa que leva muitos à militância e, quiçá, ao aprendizado da democracia. Deve-se, novamente, ressaltar que essa discussão não ocorre pura e simplesmente na forma de exclusão e contraposição entre público e privado. Ela ocorre na forma de tensão entre a autonomia dessas duas esferas, entre Estado e Sociedade, entre Estado e “indivíduo”.

De acordo com a perspectiva da teoria do discurso tal qual concebida por Habermas (1995), há uma estrutura das ações comunicativas que valoriza o processo de

institucionalização tanto dos procedimentos quanto das condições comunicativas que possibilitaria uma “soberania popular” e um sistema político ligado às redes periféricas da esfera pública política, os quais estariam unidos a uma imagem de uma sociedade descentrada. Por isso, observa-se uma crescente busca pelo consenso nas sociedades hodiernas, pois seus membros participantes não podem, de forma isolada, solucionar seus problemas. Nunca se viu, em nenhum momento, uma primazia tão grande do outro. A autonomia pública reside hoje na liberdade comunicativa dos cidadãos.

Jovchelovitch (2003), calcada em Habermas, argumenta que a esfera pública é o lugar da alteridade que fornece às representações sociais o local onde podem ser cultivadas e estabelecidas, uma vez que, segundo ela, há uma ligação entre alteridade, construção simbólica, espaço público e as representações sociais.

Em resumo, a teoria discursiva de Habermas mostra que o público e o privado não se opõem como esferas puramente antitéticas, revelando, sobretudo, reciprocidade e uma tensão permanente que garante espaços de atuação às pessoas e possibilidades de rearticulação dos discursos no seio da sociedade, uma vez que o “ideal” do discurso público supõe indivíduos livres e diferentes, buscando o respeito pelas suas diferenças, razão pela qual os grupos considerados excluídos socialmente devido a gênero social, etnicidade, classe, cultura etc., procuram obter notoriedade na esfera pública. Ou seja, é sempre possível criar novos espaços de alteridade, produzir novas construções simbólicas e novas representações sociais.

Thompson (1995), por seu turno, organiza seu trabalho baseando-se no papel da ideologia em relação com a linguagem, com o poder e com o contexto social, bem como na necessidade de se criarem métodos específicos para sua análise e interpretação. Com um conceito de ideologia como “maneiras como o sentido mobilizado pelas formas simbólicas

serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 1995, p. 79), o autor enfatiza a constituição da cultura e o contexto social em que as formas simbólicas se engendram.

Como observa Thompson (1995, p. 341), a análise da ideologia nas sociedades modernas deve incidir sobre a natureza e sobre o impacto da comunicação de massa, uma vez que, embora não seja o único local da ideologia, ela possui a capacidade de aumentar “o raio de operação da ideologia” nas sociedades. Segundo o autor, os meios de comunicação de massa e sua própria natureza definem parâmetros dentro dos quais as mensagens adquirem um caráter ideológico, mas esses meios não constituem essas mensagens como ideológicas previamente (p. 347). Esse esclarecimento mostra-se relevante na medida em que vai apontar tendências que, como vários trabalhos têm demonstrado, contrariam a primazia da neutralidade da notícia e isenção/imparcialidade do veículo, ao mesmo tempo em que aponta para a arena discursiva que é criada na sociedade e materializada nos textos da mídia. Como afirma o autor:

a análise da produção e transmissão é essencial à interpretação do caráter ideológico das mensagens, pois ela lança uma luz sobre as instituições e as relações sociais dentro das quais essas mensagens são produzidas e difundidas, bem como sobre as afirmações e pressupostos dos produtores (THOMPSON, 1995, p. 395).

Na visão de Rodrigues (s/d.), o processo de comunicação se sustenta em três pontos, quais sejam, a discursividade, por ter sido o discurso o sustentáculo de sua legitimidade como instituição; a narratividade, por integrar uma narrativa maior que articula vários discursos e os desejos sociais, tanto desta quanto de outras instituições; e a tecnologia que é a produtora de otimização e novas formas de seduzir e desejar. Nesse sentido, pode-se observar a íntima relação entre mídia, teorias de comunicação e de

discurso, razão pela qual teóricos de ambas as áreas têm desenvolvido pesquisas a esse respeito. Alguns desses trabalhos de interface entre essas áreas serão explicitados na próxima seção, com o objetivo de criar o corpo teórico constituinte da filiação teórica desta pesquisa.

2.2. A mídia sob a perspectiva discursiva

Estudos em comunicação possuem e requerem para si um espaço teórico metodológico próprio (cf. WOLF, 2003). Entretanto, a utilização de teorias discursivas têm orientado trabalhos produzidos na área (cf. PINTO, 1999; FAUSTO NETO, 1999) e vários linguistas têm se interessado pelo estudo discursivo de diferentes modalidades midiáticas (cf. GARRET & BELL, 1998; FAIRCLOUGH, 1995; FOWLER, 1991; SCOLLON, 1998).

Aqui, pretende-se elencar alguns teóricos que notadamente utilizam ACD na análise midiática ou que possam dialogar com a ACD, de forma a fornecer elementos que, por sua vez, possam corroborar as análises a serem produzidas neste trabalho⁸.

A abordagem de ACD de van Dijk (1998), por exemplo, apóia-se na idéia de que as estruturas sociais só podem ser relacionadas às estruturas discursivas através dos atores sociais e de suas mentes, razão da construção de um modelo mental que medeia ideologia e discurso, baseando-se em três componentes: funções sociais, estruturas cognitivas e expressão/reprodução discursiva.

⁸ Garret & Bell (1998), por exemplo, organizam uma obra – *Approaches to media discourse* – trazendo os mais relevantes trabalhos produzidos na interface discurso e comunicação, tentando contribuir com pesquisadores na área, disponibilizando diferentes abordagens para pesquisa, trazendo o “estado da arte” dos estudos do discurso midiático. Dessa forma, é uma obra importante e de referência sobre diferentes abordagens sobre os estudos discursivos da mídia.

Numa outra vertente da ACD, Fairclough (1995; 1998) trabalha três dimensões para análise do discurso midiático, quais sejam, a textual, que inclui micro e macroníveis da estrutura textual e os elementos interpessoais presentes no texto; a análise da prática discursiva, verificando como o texto é produzido, interpretado e consumido; e a terceira, a prática social, focalizando, principalmente, as relações entre discurso, poder e ideologia⁹.

A perspectiva da ACD é extremamente relevante para esta pesquisa, porque tem-se mostrado capaz de contribuir com pesquisas sociais e engajadas sobre diferentes tipos de discurso e sobre o discurso midiático (ver, por exemplo, FAIRCLOUGH, 1995; ROJO, 2004).

Nesse sentido, expandindo sua reflexão de 2004, Magalhães (no prelo) explicita que:

a abordagem de ACD de Norman Fairclough se revela pertinente para a análise da questão racial brasileira por constituir-se proposta de análise textual baseada na LSF cuja base é sócio-antropológica. Também por internalizar tal proposta um aparato conceitual sócio-filosófico adequado para se refletir sobre a questão de classe social que está intimamente imbricada com a racial no Brasil.

Segundo Rojo (2004, p. 206-208), em ACD, os discursos e a tarefa do analista estão situados socialmente e a eles são atribuídos um papel na (re)construção e reprodução das estruturas e da organização social. Essa é a razão de os discursos considerados socialmente relevantes, relacionados a conflitos sociais, serem os principais escolhidos para análise. Procura-se, portanto, mostrar como as representações dos acontecimentos, das relações sociais e do próprio indivíduo são construídas, de forma a gerar reflexão e criar obstáculos para interiorização de discursos dominantes e incrementar “a consciência crítica do uso lingüístico”.

⁹ Como essa é a perspectiva da ACD a ser adotada nesta pesquisa, será retomada e explicitada mais adiante.

Nesses termos, Scollon (1998)¹⁰ não se intitula como um teórico da ACD, mas seu trabalho encontra inúmeros pontos de convergência com a mesma. Com uma posição crítica dos trabalhos em linguagem e discurso midiático, Scollon (1998) provê uma análise que pretende preencher uma lacuna entre os estudos midiáticos e as pesquisas discursivas sócio-interacionistas, uma vez que o autor procura aliar análise do texto e de sua produção, e estudos sobre a audiência (recepção) e seu comportamento. Segundo Scollon, seu livro procura aliar as disciplinas discursivas e midiáticas, para produzir uma abordagem analítico-metodológica que não apenas preencha a lacuna por ele apontada, mas também enfoque, novamente, com uma atenção diferenciada, as práticas sociais que medeiam formas discursivas engendradas na produção contemporânea das identidades sociais na mídia, razão pela qual utiliza como objeto de pesquisa jornais televisivos e impressos, enfocando as diferenças entre ambos. Esse é o principal motivo para seu trabalho ser norteado por uma idéia de discurso mediado compreendido como um tipo de interação social entre diferentes comunidades de prática: uma comunidade de prática produtora e uma comunidade de prática receptora. Dessa forma, torna-se possível uma análise que supere os campos disciplinares e abranja tanto aspectos midiáticos, quanto lingüístico-discursivos.

Outro estudo abrangente e que interessa de perto à perspectiva a ser adotada neste trabalho sobre a linguagem das notícias é o de Fowler (1991), pois a ACD emerge da lingüística crítica da qual Fowler, lingüista crítico exponencial, pode ser considerado um precursor (ver, por exemplo, FOWLER et al., 1979). Fowler (1991) analisa como a linguagem é usada nos jornais para formar idéias e crenças, focalizando como as regras estruturais da língua as constrói. Segundo o autor, enquanto os jornalistas acreditam coletar

¹⁰ Conforme esclarece Wodak (2004), Ron Scollon é hoje um teórico que faz parte dos pesquisadores em ACD, mas sua adesão ao grupo, quando da publicação desta obra, ainda não havia acontecido.

fatos e reportagens de forma objetiva, e o jornal apresentá-los de forma neutra, sem tendências, fazendo uso de uma linguagem sem ambigüidades ou distorções, o que faz parte da ética profissional, a notícia é socialmente construída. Isso implica afirmar que existe uma operação complexa de artifícios e critérios de seleção, que configura a notícia como uma prática sócio-interativa. Para ele, a notícia constrói discursos que, longe de reproduzirem a realidade social e os fatos de forma neutra, intervêm na própria construção social da realidade, por um engendramento de signos semióticos dentre os quais se destaca a linguagem. Nesses termos, pode-se afirmar que, entre o ser humano e aquilo que ele experiencia e experimenta, há sistemas de signos que são produtos da sociedade, mas que também ajudam a construí-la (FAIRCLOUGH, 1995).

De acordo com Fowler, existe, então, uma necessidade premente de se relacionar a estrutura semântica do código lingüístico e a própria organização mental da experiência, o que o faz adotar a perspectiva lingüístico-antropológica americana, notadamente de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, e a perspectiva sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday.

A abordagem de lingüística crítica é constituída por um grupo de lingüistas cujas análises calcam-se, predominantemente, no referencial da Lingüística Sistêmica, para a compreensão conjunta da relação entre linguagem, sociedade e ideologia. A lingüística crítica pressupõe, sobretudo, uma análise das relações entre os signos, os significados sociais e as condições sócio-históricas que governam a estrutura semiótica de um discurso, usando um tipo particular de modelo lingüístico (cf. FOWLER et al. 1979; FOWLER, 1991).

Nas palavras de Fowler (1991, p. 04):

notícia é uma representação do mundo na linguagem, porque a linguagem é um código semiótico, ela impõe uma estrutura de valores, de origem social e econômica, sobre tudo que é representado; e, portanto, a notícia, como todos os discursos, construtivamente padroniza aquilo de que fala. Notícia é uma representação nesse sentido de construção. Não é uma reflexão valorativamente livre sobre os fatos¹¹.

Para Fowler (1991, p. 13), “as origens dos valores da notícia [jornalística] são complexas e diversas: elas incluem valores gerais sobre a sociedade como ‘consenso’ e ‘hierarquia’; convenções jornalísticas; natureza das fontes; frequência de publicação e planejamento; dentre outros¹²”.

Haverá, nesse sentido, no universo da notícia, sempre um paradoxo ideológico entre o conflito e o consenso, que se relaciona a questões de autoridade e poder, que são construídas discursivamente e representadas na linguagem. Para suprir a necessidade de uma leitura mais crítica da mídia é que o autor produz a abordagem apresentada no livro.

Fowler (1991, p. 08-09) faz uma ressalva, com uma metáfora, que não está “atirando” na imprensa escrita, mas apenas olhando os aspectos lingüísticos de representação no discurso dos jornais, que, para ele, constituem o maior elemento experienciador em nossa vida diária em termos lingüísticos.

Para o autor, o mundo da imprensa é, nesses termos, um mundo irreal, por ser fruto de inclinações e julgamentos e, conforme ele esclarece, as pessoas em geral não estão treinadas para ver através dos veículos de representação da mídia, pois os avanços na área de educação deveriam necessariamente produzir um número mais significativo de leitores críticos capazes de “des-cobrir” inclinações e tendências, embora não seja essa a realidade.

¹¹ Minha tradução de: “News is a representation of the world in language; because language is a semiotic code, it imposes a structure of values, social and economic in origin, on whatever is represented. And so inevitable news, like every discourse, constructively patterns that of which it speaks. News is a representation in this sense of construction; it is not a value-free reflection of ‘facts’” (FOWLER, 1991, p. 04).

¹² Minha tradução de: “The origins of news values are complex and diverse: they include general values about society such as ‘consensus’ and ‘hierarchy’; journalistic conventions; natures of sources; publication frequency and schedule; and so on” (FOWLER, 1991, p. 13).

Para a análise crítica do discurso midiático, Fairclough (1995) apresenta um quadro teórico-metodológico que procura explicitar a relação dialética entre o discurso e a estrutura social, produzindo um quadro tridimensional em que cada evento discursivo deverá ser analisado como texto, prática discursiva e prática social, de forma que seja possível refletir a respeito da produção, da distribuição e do consumo dos textos (ver GOUVEIA, 2002, para uma explicitação do surgimento e contextualização da ACD de forma geral; e PEDRO, 1997 e MAGALHÃES, 2001, para um resumo didático dos conceitos e da teoria social do discurso de Norman Fairclough, com uma interpretação do seu quadro teórico-metodológico). Para o autor, o discurso se materializa nos textos que são, ao mesmo tempo, exemplos de prática discursiva, por ser um local em que diferentes discursos estão em constante conflito, produzindo embates e estabilidades, e prática social, pois fazem parte de um momento específico de uma cultura se significando e re-significando na sociedade da qual fazem parte.

A análise da prática discursiva estaria também ligada a três tendências de mudança discursiva a que o autor chama de democratização, comodificação e tecnologização. Para Fairclough, as mudanças socioculturais se projetam no discurso sob a forma de tensão, conflito, estabilidade e rearticulação. Trabalhando-se essas tendências, a análise da primeira forneceria as bases para a problematização das desigualdades sociais, sejam elas ligadas à classe, gênero social, etnia etc.; a segunda se ligaria a uma crescente visão das relações sociais baseadas na produção e consumo de bens; e a última, ao entendimento das tecnologias discursivas como técnicas de transferência contextuais e estratégias discursivas, como o uso de entrevistas, aconselhamento e propagandas para concepção de um determinado evento discursivo.

É por isso que, segundo o autor, há um processo de hibridização¹³ – mistura de textos, gêneros discursivos e discursos – na produção dos eventos midiáticos. Desse processo, levantam-se dois conceitos importantes na abordagem do autor: intertextualidade e interdiscursividade. Enquanto a intertextualidade mostra a presença de outros textos numa articulação local no texto, a interdiscursividade, de forma mais complexa, estaria presente na imbricação global de gêneros discursivos e discursos, gerando uma rearticulação que pode incidir sobre o discurso em si e sobre o próprio gênero, transformando-o. Nas palavras de Fairclough (2001, p. 152): “a intertextualidade manifesta é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto, enquanto a interdiscursividade é uma questão de como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens do discurso”.

Fairclough (1995) vê a mídia como representação; por isso ele chama a atenção para o fato de que em qualquer representação se tenha que decidir sobre o que incluir ou excluir e sobre o que estará em primeiro ou segundo plano, pois nesse momento representações, identidades e relações estão sendo construídas e engendradas discursiva e ideologicamente nas proposições do texto. O autor nos esclarece esse pensamento da seguinte maneira:

Explorar se uma proposição específica implícita ou um conjunto de proposições estão atuando ideologicamente é uma questão dentro de um conjunto geral de questões que podem ser levantadas todas as vezes que uma representação é selecionada em detrimento de outras, ou todas as vezes que identidades ou relações são construídas de uma determinada forma e não de outra. As questões são: (a) quais são as origens sociais dessa opção? De onde e de quem ela vem? (a qual representação ela pertence?) (b) quais motivações há para se fazer essa escolha? (c) qual é o efeito dessa escolha, incluindo seus efeitos (positivos ou

¹³ Uma revisão do conceito e uma aplicação do mesmo encontram-se em: PAGANO, A. S. Gêneros híbridos. In: MAGALHÃES. C.M. (Org.) *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 83-120.

negativos) sobre os vários interesses que estão envolvidos?¹⁴ (FAIRCLOUGH, 1995, p. 14-15).

Por isso, para o autor (p. 16-17), “a análise do discurso pode ser entendida como uma tentativa de mostrar as ligações sistemáticas entre textos, práticas discursivas e práticas socioculturais¹⁵”. Essa proposta calca-se na teoria sistêmica da linguagem para ver o texto sob uma perspectiva multifuncional, isto é, de acordo com as três metafunções de Halliday (1985): ideacional, ligada ao universo de idéias e conceitos veiculados; interpessoal, ligada ao aspecto interativo da linguagem e a relações sociais e de poder manifestas nos textos; e textual, ligada ao próprio sistema lingüístico.

Para o autor, ver os textos dessa maneira facilita a ligação entre análise da linguagem e análise social, pois questões de conhecimentos, crenças e ideologia estariam dentro do processo de representação, ligando-se à função ideacional; questões de relações e identidades sociais, bem como poder estariam ligadas à função interpessoal, e as questões internas ao sistema lingüístico estariam ligadas à função textual.

Em resumo, para Fairclough (1995, p. 32-33), a Análise Crítica do Discurso midiático deveria seguir os seguintes passos: (1) focalizar como as mudanças na sociedade e na cultura são manifestas nas práticas discursivas da mídia; (2) incluir uma detalhada atenção na linguagem e na textura (inclusive imagens e efeitos sonoros); (3) incluir na análise do texto a análise de sua produção, distribuição e consumo; (4) mapear o contexto institucional, social e cultural da mídia, incluindo relações de poder e ideologia; (5) incluir

¹⁴ Minha tradução de: “Exploring whether a particular implicit proposition or a set of propositions are working ideologically is one issue within a general set of questions that can be asked whenever one representation is selected over other available ones, or whenever identities or relations are constructed in one way rather than another. The questions are (a) what are the social origins of this option? where and who does it come from? whose representation is it, for instance? (b) what motivations are there for making this choice? (c) what is the effect of this choice, including its effects (positive or negative) upon the various interests of those involved?” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 14-15).

¹⁵ Minha tradução de: “Discourse analysis can be understood as an attempt to show systematic links between texts, discourse practices, and sociocultural practices” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 16-17).

análise lingüística e intertextual em termos de gêneros discursivos e discursos; (6) conceber-se dentro de uma análise multifuncional da linguagem; (7) envolver diferentes níveis como o fônico, o lexical, o gramatical e o macro-estrutural/esquemático; e (8) ver dialeticamente as relações entre texto, sociedade e cultura.

Dentro da perspectiva aqui exposta é que se pretende fazer um recorte que represente a afiliação teórica deste trabalho, explicitando um ponto de interface entre discurso e comunicação social.

Ao mesmo tempo em que essa agenda constitui a afiliação teórica, ela também direciona as pretensões de prover uma análise do corpus, pertencente à mídia de jornais e revistas de informação geral, comprometida com uma visão de linguagem como produtora e reprodutora de assimetrias, a partir de estratégias discursivas que obscurecem relações ideológicas, identitárias e hierárquicas, colocando em pauta tensões sociais apontadas por embates discursivos ainda carentes de análise e atenção de pesquisadores de diversas áreas.

2.3. Estudos sobre mídia e racismo

O ponto fundamental sobre as propriedades da comunicação de massa é que o tempo e o lugar de produção de seus textos são diferentes de seu tempo e de seu lugar de consumo (ver, por exemplo, PEIXOTO, 1991; FAIRCLOUGH, 1995; THOMPSON, 1998). Esses textos, para Fairclough (1995, p. 37), possuem uma peculiaridade importante, uma vez que constituem um conjunto de eventos comunicativos capazes de ligar o domínio público ao domínio privado (a mediação), pois o produto final, elaborado no domínio público, é consumido no domínio privado, como a casa das pessoas, por exemplo. Essa

peculiaridade, por sua vez, é responsável por um processo importante na produção midiática: o de simplificação da forma de falar/escrever com o intuito de atingir determinado público, aproximando-se da fala. A esse processo, o autor chama conversacionalização (para mais detalhamento, ver FAIRCLOUGH, 1995, p. 10-11; MAGALHÃES, 2001). Por isso, os textos de comunicação de massa desenvolvem uma linguagem própria, pública e coloquial para que se facilite sua produção, distribuição e consumo enquanto um bem de consumo cultural (*idem*: 37).

Essa é a principal razão para que Scollon (1998) utilize o conceito de comunidades de prática em seu estudo de jornais impressos e televisivos, pois uma comunidade produtora sempre idealiza uma comunidade receptora, mas não é fácil conhecer ou conceber essa comunidade receptora como realidade. Para o autor, a virtualidade inerente aos meios de comunicação cria esses dois tipos de comunidades de prática, a produtora, constituída pelo(s) responsável(eis) pela produção de um evento, e a receptora, constituída pelas pessoas que têm acesso ao produto final. No caso, como o autor analisa também jornais televisivos, ele coloca como comunidade receptora do jornal – produto – o conjunto de todas as pessoas efetivamente sentadas ao redor da TV.

Segundo Fairclough (1995, p. 39-40), o tamanho da audiência será sempre proporcional ao potencial de influência e poder da mídia e ao interesse que o estado pode ter em tentar controlá-la. Isso levanta a necessidade de perceber as situações e relações de poder engendradas na produção midiática suscitada pela possibilidade de haver um certo controle da produção dos textos no caso dos jornais, ou da programação, no caso da TV.

Os textos midiáticos são, dentro de uma perspectiva simbólica, bens de consumo, produzidos por uma indústria cultural para circulação num mercado aberto a pressões comerciais (FAIRCLOUGH, 1995, p. 42). É dessa maneira que se abre a possibilidade de

organizações se estruturarem para assegurar que suas vozes dominantes se estabeleçam – ou continuem estabelecidas – política e socialmente, revelando uma faceta capitalista/econômica da produção midiática.

O autor também apresenta o ponto de vista político da produção midiática, pois ela deve prover a comunidade receptora de informações e notícias de forma balanceada e imparcial, e serviço educacional. Dessa maneira, os textos também agem sobre a formação política ao auxiliar na reprodução das relações sociais de dominação e exploração (cf. FERREIRA, 1991, p. 159; FAIRCLOUGH, 1995, p. 44-45).

Do ponto de vista lingüístico, essas relações e as representações ideológicas acabam ficando implícitas, subentendidas nos textos, embutidas na linguagem muitas vezes sendo tomadas como naturais. Para Preti (1991, p. 239), a linguagem na mídia mostra as transformações lingüísticas que não podem ser consideradas como fenômenos isolados na sociedade, mas, sobretudo, como produtos de uma situação social.

Embora possuam muitas características em comum, conforme se tem apresentado, de maneira mais específica, é possível afirmar que os diferentes veículos midiáticos possuem diferenças que os distinguem, principalmente do ponto de vista lingüístico. Por isso, há pesquisadores que se dedicam a veículos midiáticos específicos (cf. seção anterior). Nesse sentido, como esta pesquisa tratará de mídia – jornais e revistas de informação geral – é importante dar uma atenção às linguagens jornalística e de revista, bem como aos trabalhos que foram produzidos a seu respeito.

Matos (1991, p. 61) ressalta que “uma das características básicas do Estado moderno é a mediação das relações entre os pólos do poder e a sociedade civil pelos veículos de comunicação de massa”. Essa observação aponta a necessidade de se continuar estudando os veículos midiáticos dentro de uma dimensão crítica de sua própria

constituição e posição frente aos acontecimentos e aos fenômenos sociais que noticia. Diferentemente da suposta neutralidade, imparcialidade e isenção dos veículos de comunicação, os vários trabalhos aqui elencados mostram processos avaliativos e de construção do texto da notícia que contrariam essa posição. Nesse sentido, dos vários aspectos que poderiam ser abordados aqui, um em específico se faz mais relevante pelo teor da presente pesquisa: o das relações raciais na mídia.

Dentro dessa perspectiva, preocupado com as relações raciais apresentadas na mídia inglesa, partindo do pressuposto que a própria língua inglesa seria racista devido aos processos de dominação e imposição lingüística, Husband (1977) examina a mídia inglesa a partir do estilo dos jornalistas. Segundo o autor, o estilo dos jornalistas pode modificar e moldar a linguagem de forma a enfatizar as conotações a respeito da raça. O autor conclui que as notícias dadas na mídia procuram manipular o que é dito sobre imigrantes, contribuindo significativamente para a manutenção do *status quo* dos conflitos de valores. A tolerância inglesa no que se refere aos imigrantes retém a visibilidade dos valores positivos dominantes, o que causa prejuízo aos imigrantes. Para Husband, por essa razão, o poder de palavras culturalmente intensas é conhecido por poetas e políticos de todas as culturas, e o poder da mídia ao dar notícias tem demonstrado transcender os aspectos geográficos e ideológicos. Nas palavras do autor (p. 234-235), “nós devemos antecipar que onde a identidade social está em perigo, o poder das palavras e o poder da mídia de notícias são armas poderosas. Aqueles que são capazes de controlar o poder combinado de ambas possuem uma considerável, e possivelmente crítica, vantagem¹⁶”.

Também analisando questões sobre racismo ligado a imigrantes nos meios de comunicação e em debates parlamentares no contexto espanhol, Rojo (2004) demonstra o

¹⁶ Minha tradução de: “We may anticipate that where social identity is in jeopardy the power of words and the power of the news media are attractive weapons. Those who are able to control the combined power of both possess a considerable, and possibly critical, advantage” (HUSBAND, 1977, p. 234-235)

quanto o contraste entre o uso de “eles” ou “nós”, nos textos, indica mais que apenas a criação de imagens distintas, pois projetam uma imagem de uma sociedade conflituosa, portadora de uma visão negativa da diversidade. Dessa maneira, o “eles/elas” aparece com frequência como um coletivo ligado aos imigrantes de forma geral, associado à delinquência, à violência, à irracionalidade e à constituição de uma classe aproveitadora.

No caso brasileiro, o trabalho de Magalhães, C. M. (2004) explica que existe uma imagem do Brasil construída como um paraíso racial, isto é, em que não há preconceito nem discriminação, mas que diversas pesquisas e ações políticas do Movimento Negro contestam essa ideologia. Para a autora, os diferentes discursos a respeito da raça representados nos jornais, devido à natureza de linguagem mediada, constituem-se em arenas de conflitos discursivos. Calcada em diversos autores e afiliada à perspectiva de Williams (1976) e Fairclough (1995, 2001), Magalhães focaliza as palavras *negra(s)*, *negro(s)*, *pretos e pardos*, em reportagens da Folha de São Paulo, para tentar responder quais relações semânticas são criadas em torno desses termos; se essas relações podem ser associadas à intertextualidade; e até que ponto a associação das relações lexicais com a intertextualidade sinalizam para a interdiscursividade e para orientações do veículo midiático em relação à questão racial.

Magalhães parte, então, de debates sobre a questão racial nas teorias sociais brasileiras e analisa um corpus contemporâneo de reportagens da Folha de São Paulo, focalizando palavras-chave que se referem à cor da pele. O objetivo da autora foi investigar possíveis mudanças nos discursos mediados sobre raça. A análise permitiu entrever uma tensão entre termos que se relacionam à cor da pele e à origem e um conflito originado nas próprias distinções classificatórias das raças. No jornal, a noção de democracia racial ainda mostrou-se um discurso muito presente e textualizado através de

itens lexicais do campo semântico cor da pele, mas deixando de ser hegemônico devido a outros discursos que entraram na luta pelo poder.

Trabalhando formas de representação dos descendentes de africanos na mídia, Menezes (1998) analisa as metáforas que veiculam o racismo, a discriminação racial e o preconceito contra eles em textos jornalísticos. A autora conclui que o sistema conceitual do ser humano é um lugar de ideologias e que os conceitos metafóricos negativos para o descendente de africanos indicam que a sociedade brasileira ainda pensa e age dentro de concepções culturais que representam o descendente de africano como socialmente inferior.

Santos (2000, p. 60) afirma que “os meios de comunicação (rádio, revistas, jornais, literatura e, sobretudo, TV) têm a visão da sociedade dominante e existem para esta”. (...) [E] “A invisibilidade continua a ser a marca do negro nos meios de comunicação, sobretudo na TV”. Isso significa que, como aponta Araújo (1996, p. 244), “a ideologia do branqueamento no Brasil é o maior elemento diferenciador de nossa experiência”, ou seja, o descendente de africanos ainda não se emancipou e a ideologia do branqueamento ainda ecoa em nosso cotidiano de forma a se fortalecer. Daí a existência de vários trabalhos sobre mídia e racismo.

Para Araújo, o mito da democracia racial e a política de branqueamento desarticularam a consciência das dores, rejeições e perdas sofridas antes e depois do período escravocrata pela maioria dos descendentes de africanos. Segundo o autor, quando nós, descendentes de africanos, falamos de desigualdades raciais ou da cultura negra como importante mecanismo na construção da “brasilidade”, causamos um afrontamento de um código coletivo proibitivo do que não pode ser lembrado ou dito; uma vez que se opõe aos

modelos, valores e estéticas eurocêntricas vigentes. Ou seja, procura-se apagar a “mancha” da escravidão (cf. ARAÚJO, 1996, p. 246).

Para Ajzenberg (2002, p. 30):

Do ponto de vista da relação entre racismo e mídia, penso que o importante, antes de mais nada, é constatar que o racismo não está presente apenas em manifestações muito evidentes de intolerância, mas ocorre também de maneira subliminar e muitas vezes difícil de se captar, pelo menos por pessoas que não estão atentas a todo momento para esse assunto.

Nesse sentido, é importante não generalizar, afirmando, a todo momento, que alguém está sendo racista por qualquer motivo. Entretanto, o aspecto subliminar é que interessa de perto, pois transmite informações que inculcam, produzem e reproduzem idéias, sejam elas de quaisquer natureza.

Para Ajzenberg (2000), a mídia reflete aquilo que a sociedade brasileira é. Ou seja, a sociedade brasileira é racista e, por isso, a mídia também é racista. Jornais, televisões e a mídia em geral necessitam, segundo o autor, ser transparentes com relação aos seus erros, admitindo-os, expondo-os ao máximo e discutindo-os publicamente, pois uma sociedade que possui a discriminação é uma sociedade doente.

Oliveira (2002, p. 36) afirma que “a imprensa no Brasil está longe de ser neutra e de olhar com imparcialidade a sociedade brasileira”. Segundo o autor, “o problema é como se quer passar a notícia, o que se quer dizer com ela”. Com relação ao racismo de modo geral, o autor esclarece que grande parte dele calca-se no que as pessoas acreditam que são os papéis naturais a serem desempenhados na sociedade por indivíduos e grupos, o que muitas vezes é fortalecido na mídia.

Para Leitão (2002), a discussão sobre o racismo está atrasada no Brasil pelo menos 113 anos. De acordo com a autora, a mídia reflete o país e a forma de difusão do racismo pela qual optamos: a da invisibilidade. Para ela, na imprensa, não é possível afirmar que

haja uma forma deliberada e consciente em fingir que não se vê o racismo, mas, se algo importante deixa de ser discutido dentro dessa instituição, a imprensa está errando (p. 42-43).

Segundo Leitão (2002, p. 44), “não existe uma cobertura diária sobre o fato de que 84 milhões de brasileiros são tratados de forma inferior, têm os piores empregos e os piores salários, são barrados ao longo da vida inteira por barreiras fortes, poderosas e invisíveis a olho nu”. Para ela, estamos fingindo que esse país é branco, conforme Piza (2000) também questiona. Nesse sentido, Leitão frisa que o Brasil é um país de negros, índios e brancos, não sendo, portanto, um país de brancos. E isso deve permear toda a comunicação, passando obrigatoriamente pelo viés da discussão étnica.

Como afirma Sodré (2000, p. 244), a mídia é o intelectual coletivo do poderio que visa a consolidar o velho entendimento de povo como “público”, mas não se compromete com causas públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. Principalmente com relação à causa do descendente de africanos, muitas vezes estereotipado como um tipo marginal, ou, conforme Pereira & Gomes (2001), “coisa ruim”, “cidadão suspeito”.

Os problemas levantados por esses autores convergem para o processo de representação dos eventos nos veículos midiáticos. Como esclarece Fowler (1991, p. 25), a representação na imprensa e em todos os tipos de mídia e discurso é uma prática construtiva. E, segundo o autor, os eventos e as idéias não são comunicados de forma neutra, nem poderiam ser, porque são transmitidos através de algum veículo mediador que já possui suas próprias características estruturais impregnadas de valores sociais, perspectivando potencialmente os eventos que transmite.

Conforme mostram Rodrigues (s/d.) e Tavares (1993), a produção de discursos no campo da mídia a legitima como uma espécie de máquina produtora de modelos

discursivos que estrategicamente tornam-se capazes de neutralizar diferenças nascidas na segmentação e que, muitas vezes, são reproduzidas na própria mídia.

Esse ponto de vista pode ser corroborado pelas formas de representação dos descendentes de africanos. Conforme aponta Araújo (1996, p. 248-249; 2000), os meios de comunicação de massa, principalmente em relação à televisão, representam os descendentes de africanos através de estereótipos negativos que reafirmam o imaginário construído no período da escravidão. Há, por sua vez, uma invisibilidade de ações positivas deste segmento sendo divulgadas, ao passo que muitas negativas o são. A folclorização da cultura de herança africana também se configura como um importante elemento que gera seu enfraquecimento como parte integrante da cultura brasileira. Dentro dela, abre-se espaço apenas para o carnaval na figura de sambistas e carnavalescos ou para o pai-de-santo apenas em cerimônias já aceitas. E, por fim, o autor ainda chama atenção para o fato de o descendente de africanos ser apresentado como favelado e pobre na rotina dos noticiários.

Por isso, o autor formula algumas estratégias e políticas de combate à discriminação racial nos meios de comunicação, a qual decorre dos trezentos anos de escravidão e incide até hoje sobre os descendentes de africanos, sendo reforçada a todo momento pela ideologia do branqueamento. Para Araújo (1996, p. 249-250), seria importante repensar os impactos provocados pela ideologia do branqueamento contra os descendentes de africanos; contemplar os miscigenados na construção simbólica e no discurso político; exercer pressão contínua e ações jurídicas contra o racismo da programação televisiva; questionar a invisibilidade dos descendentes de africanos na TV e atentar para a correspondência da ordem simbólica dos textos e das imagens caracterizadas como eurocêtricas; criar programas realizados por descendentes de africanos; desenvolver *lobby* junto aos autores de telenovelas; exigir cotas democráticas de participação de

descendentes de africanos na programação de TV; exigir recursos públicos para criação de programas de valorização de sua experiência e para formação de descendentes de africanos. No caso das universidades, o autor sugere que se viabilize a atualização e aperfeiçoamento de profissionais descendentes de africanos e a existência de intercâmbio internacional que dê visibilidade a sua experiência. Por fim, o autor afirma ser fundamental e urgente que se estabeleçam redes internacionais de intercâmbio que valorizem a identidade étnica no mundo globalizado e que se construa uma “TV afro-brasileira”.

Para Ajzenberg (2002), é importante que as entidades que lutam pela causa dos descendentes de africanos exerçam pressão permanente sobre os meios de comunicação, uma vez que não adianta aguardar que a mudança simplesmente aconteça por si só. Nas palavras de Ajzenberg (2002, p. 33), “a mudança não é uma simples questão de vontades individuais, mas de organização e pressão organizada.”

Nesse sentido, conforme mostra Leitão (2002, p 46), a discussão em torno do racismo vai crescer muito e será dolorosa para a sociedade de maneira geral, porque todos teremos que parar de fingir que somos bonzinhos e democráticos, isto é, que constituímos uma democracia racial. Por isso, ao questionar se a imprensa estaria reproduzindo opiniões da sociedade ou ajudando a reforçar o racismo, a autora destaca a importância dos acadêmicos descendentes de africanos ao produzirem trabalhos sobre a questão, porque eles dão elementos para o jornalista divulgar. Com uma visão próxima da de Fairclough (1995, 2000 a, b, 2001), a respeito da dialética do discurso, a autora destaca que o jornalista não tem o poder que pensa de formar opiniões, mas ao informar, somos informados, formamos e “refletimos” o processo de formação do pensamento da sociedade (LEITÃO, 2002, p 49).

Da essência de todos os trabalhos apresentados sucintamente neste capítulo, especialmente os que inter-relacionam comunicação e discurso dentro da perspectiva da

Análise Crítica do Discurso (MENDES, 2003, MAGALHÃES, 2004, no prelo; ROJO, 2004), pode-se depreender que a mídia moderna exerce um papel importante como (re)produtora e formadora de pensamento e que há uma carência de estudos na área a partir dessa perspectiva.

Embora, conforme adverte Fairclough (2001, p. 120), não se deva pressupor que as pessoas tenham consciência das dimensões ideológicas de sua prática, as ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, o que dificulta a compreensão de suas práticas cotidianas como investidas de ideologia. Nesse sentido, pode-se pensar a dimensão ideológica que pode estar sendo reproduzida pela mídia e, ao mesmo tempo, sendo construída por ela, acerca do sincretismo.

A contribuição da presente pesquisa decorre, pois, em primeiro lugar, da focalização do sincretismo no discurso mediado de jornais e revistas de informação geral e, em segundo lugar, da possibilidade de relacioná-lo com a questão racial, conforme representada em dois veículos distintos.

Dessa maneira, sem embargo da relevância desses trabalhos supracitados, essa revisão mostra também que existe um espaço emergente de estudos a serem feitos a partir da ACD a respeito da mídia no Brasil e uma lacuna a ser preenchida no que se refere principalmente às revistas de informação geral, pois os estudos sobre os jornais existem em maior quantidade enquanto poucos têm sido feitos sobre as revistas ou mesmo comparando os dois tipos de veículo midiático. Sem a pretensão de preencher essa lacuna, já que não é essa a principal proposta aqui, esta pesquisa também pretende constituir um esforço a mais para o esclarecimento e conhecimento das formas de veiculação da informação numa dimensão comparativa de jornais e revistas de informação geral.

Capítulo 3 – Traçando um percurso: a interface Análise Crítica do Discurso, Lingüística Sistêmico-Funcional e Lingüística de Corpus

3.1. A coesão na perspectiva sistêmico-funcional

A chamada Lingüística Sistêmico-funcional¹⁷ (doravante LSF), desenvolvida pelo lingüista Michael Alexander Kirkwood Halliday (cf. HALLIDAY, 1985a, b) e apresentada didaticamente em vasta literatura internacional (cf. EGGINS, 1994; THOMPSON, 1996; MATTHIESSEN & HALLIDAY, 1997) e nacional (cf. NEVES, 1997; VIAN JR. 2001, dentre outros), é uma das teorias calcada na tradição lingüística europeia que teve como ponto inicial o trabalho de Ferdinand Saussure, *Curso de lingüística geral* (1969). Halliday (1985b, p. 30) a define da seguinte maneira:

A gramática sistêmica é uma análise-síntese da gramática baseada na noção paradigmática de escolha. Ela é construída a partir do trabalho de Saussure, Malinowski e Firth, Hjelmslev, a escola de Praga e os lingüistas antropólogos americanos Boas, Sapir, Whorf; sendo a principal inspiração J. R. Firth¹⁸.

¹⁷ Os termos da Lingüística Sistêmico-funcional aqui utilizados estão de acordo com a tradução produzida por um grupo de pesquisadores de diversas universidades do Brasil e do exterior cuja base para análise é a gramática sistêmico-funcional hallidayana, disponível em <http://www.lael.pucsp.br/sistemica/>.

¹⁸ Minha tradução de: “Systemic grammar is an analysis-synthesis grammar based on the paradigmatic notion of choice. It is built on the work of Saussure, Malinowski and Firth, Hjelmslev, the Prague School, and the

Seu início poderia ser demarcado nos anos sessenta, quando Halliday começa a mudar sua orientação de um ponto de vista sintagmático para um paradigmático, pois percebe que as representações tanto gramaticais quanto fonológicas não possuíam de antemão restrições estruturais, quando se elegia o uso e a comunicação como pontos de partida na análise. Havia, portanto, um construto tri-estratal (*tristratal construct*) de semântica, lexicogramática e fonologia que se organizava ao redor da noção de sistema paradigmático.

Essa abordagem elege o texto como ponto de partida e a frase como unidade de análise, definindo o uso da linguagem como referência em detrimento da própria noção de gramaticalidade, conforme perspectiva tradicional e/ou chomskiana.

A linguagem, conforme explanam Matthiessen & Halliday (1997), pode ser investigada (1) acusticamente, (2) neuro-fisiologicamente, (3) culturalmente e (4) lexicogramaticalmente – em termos de estratos semânticos. E conceber a linguagem dessa forma requer, sobretudo, pensá-la como um recurso construtor da realidade.

Conforme observa Eggins (1994, p. 01-02), a abordagem sistêmica está sendo reconhecida como uma teoria que provê uma estrutura teórica para interpretação e descrição muito útil ao ver a linguagem como um recurso estratégico de produção de sentido. Essa é a razão da preocupação com o como as pessoas usam a linguagem e com o como ela é estruturada para o uso.

Uma análise funcionalista levaria a entender como a linguagem é usada, pois “ela não é arbitrária”, ela deriva da necessidade de satisfazer as próprias necessidades humanas, tendo funções específicas em cada contexto (cf. HALLIDAY, 1985a). Nesse sentido, a

American anthropological linguists Boas, Sapir, and Whorf; the main inspiration being J. R. Firth” (HALLIDAY, 1985b, p. 30).

língua não pode ser vista como um sistema autônomo. Toda linguagem poderia ser explicada com base no que Halliday chama de *tipos de significado*: o *ideacional*, referente a idéias, conceitos e representações de mundo presentes no texto; o *interpessoal*, referente às relações entre os participantes no discurso e o *textual*, referente às relações presentes nos próprios componentes textuais.

A análise de uma oração seria feita com base nesses três significados ou metafunções, uma vez que a gramática contida nela indicaria: (a) como o falante concebe a realidade à sua volta e como a gramática pode ser usada para passar suas experiências, percebendo o significado como construtor da realidade e como configurações do mundo – pessoas, qualidades, circunstâncias, dentre outras; (b) como o falante interage com outras pessoas, revelando a natureza das relações sociais interpessoais entre aqueles que estão fazendo uso da linguagem; e (c) como o falante organiza a comunicação e as estruturas que geram essa comunicação.

Como se pode ver, a gramática funcional de Halliday é essencialmente uma gramática da comunicação humana. E, nesse sentido, uma de suas principais preocupações é criar mecanismos de análise das relações estabelecidas entre os textos e a prática social em que se inserem. É nesse ínterim que se pode perceber por que a gramática de Halliday é sócio-semiótica, ou seja, porque trata a linguagem e o contexto social como sendo níveis interligados na produção do sentido na comunicação de significados.

Para Halliday, a interpretação do contexto social inclui a análise de dois contextos: um contexto de situação (imediato) e um contexto de cultura (concebido pelo grupo). O contexto da cultura é um termo advindo do trabalho do antropólogo Malinowski (cf. MALINOWSKI, 1999) e percebido como derivado de uma rede ampla e complexa dos gêneros dos discursos usados por uma determinada cultura. Partindo-se do gênero do

discurso seria, então, possível adentrar no universo do que Halliday chama de contexto de situação, associado por ele ao conceito de registro.

Halliday trabalha o contexto de situação, utilizando-se de três variáveis: campo (*field*), relações (*tenor*) e modo (*mode*): o primeiro, preocupado com a natureza da ação social, permite que o pesquisador busque os participantes engajados na situação comunicativa e analise como eles representam suas experiências; o segundo permite a análise de quem participa da conversa em termos de marcação de *status* e relações sociais interpessoais; e o último ajuda na investigação do que os participantes esperam da linguagem e de que forma eles organizam seu texto.

Em outras palavras, o contexto situacional, segundo o autor, sinteticamente compõe-se de três categorias, que seriam o *campo*, o tópico da situação, as *relações*, os papéis sociais desempenhados na interação, e o *modo*, o papel da linguagem dentro da interação. Estas categorias, por sua vez, correspondem aos componentes (ou metafunções) ideacional, interpessoal e textual.

Conforme explica Thompson (1996, p. 36), o registro – conceito vinculado ao contexto de situação – é definido como “variação de acordo com o uso” e isso significa que nós usamos configurações de recursos lingüísticos reconhecíveis em determinados contextos. Para o autor, gênero do discurso, então, pode ser visto como uma somatória do registro mais uma proposição de forma que possibilite reconhecer o que os interlocutores estão fazendo através da linguagem e como eles organizam o evento lingüístico para completar com êxito a proposição.

Para Eggins (1994, p. 9-10), a teoria de registro descreve o impacto das dimensões do contexto imediato de situação de um evento de linguagem sobre a maneira como a linguagem é usada. O conceito de gênero do discurso, por sua vez, é usado para descrever o impacto do contexto da cultura sobre a linguagem. Isso porque o mais alto nível do

contexto para o qual a atenção de muitos lingüistas tem se voltado dentro da Lingüística Sistêmica é o da ideologia. Como explica a autora, consciente ou inconscientemente, o uso da linguagem é influenciado por nossas posições ideológicas, por nossos valores e pelas perspectivas que adotamos.

Todas as metafunções estariam operando sempre conjuntamente para a construção da visão de mundo de quem faz uso do sistema lingüístico. E dentro desse sistema haveria sempre inter-relação. A metafunção ideacional estaria associada ao campo, realizando-se através da transitividade; a metafunção interpessoal estaria associada às relações, realizando-se através da modalidade e, por fim, a metafunção textual estaria associada ao modo, realizando-se através de estruturas temáticas (tema/rema), de informação e dos mecanismos de coesão.

Por essa razão, conforme especifica Martin (2001), a oração, unidade mínima de análise na LSF, em cada metafunção é vista de uma maneira diferente: (a) na metafunção ideacional, a oração é vista como representação; (b) na metafunção interpessoal, como interação; e (c) na metafunção textual, como mensagem.

Segundo Mathiessen & Halliday (1997), as metafunções caminham para dois fenômenos “extralingüísticos” que seriam o mundo social e o mundo natural. De acordo com os autores, construiríamos o mundo no modo ideacional e representaríamos o mundo social no modo interpessoal. E para que isso fosse possível haveria a terceira metafunção – a textual – intrínseca à linguagem de forma que pudéssemos construir a mensagem. Dessa maneira, cada metafunção teria determinadas categorias que a ela daria acesso, conforme será explicitado, respectivamente, nos próximos parágrafos.

Na análise da metafunção ideacional, na abordagem da transitividade, a principal categoria são os processos¹⁹, dos quais Halliday (1985a, p. 102-137) reconhece três tipos principais: (1) material, (2) mental e (3) relacional. E três subtipos: (a) comportamental, (b) verbal e (c) existencial. Cada processo, por sua vez, evocaria diferentes tipos de participantes, ou seja, o processo material evocaria como participante um ator ou uma meta; o mental, um experienciador ou um fenômeno; o relacional, uma característica/atributo, um valor, um portador, um identificado ou um identificador; o comportamental, um comportante; o verbal, um dizente ou um alvo; e o existencial evocaria um existente (cf. HALLIDAY, 1985a).

Conforme é encontrado em Halliday (1985b), dentro da metafunção interpessoal, durante a análise do modo, o pesquisador deve se ater a duas categorias principais: o sujeito, quem o falante quer tornar responsável pelo valor da proposição, e o finito que expressa a deiticidade do processo em relação ao falante e o agora (passado, presente e futuro), e ao julgamento do falante. O que resta na frase após análise do sujeito e do finito é chamado resíduo.

Quando da análise da metafunção textual, uma das principais categorias de análise é a seqüência tema/remã. O tema é o ponto de partida da oração e se estende até o primeiro elemento que tem função na transitividade e o remã é, grosso modo, a informação que permanece após retirada do tema. A idéia de um sistema de informação, também analisado dentro da função textual, pode trabalhar na direção de dois outros conceitos: dado e novo²⁰, analisados a partir do grupo tonal emitido pelo falante. O componente novo vem no final e pode ou não vir junto a algum componente dado.

¹⁹ *Processo* é uma categoria de análise na LSF referente ao estudo das palavras denominadas verbos na Gramática Tradicional.

²⁰ Esses conceitos são remanescentes da Escola de Praga, uma das grandes influências na teoria sistêmica de M.A.K. Halliday.

Essas categorias foram colocadas sucintamente porque não constituem o foco desta pesquisa; dessa forma, para mais considerações, sugiro a leitura das referências dadas no início da seção, no contexto nacional, especialmente Neves (1997).

A partir de agora, pretende-se dar uma atenção especial a uma outra categoria analisada na função textual e que constitui um dos focos deste trabalho: a coesão.

O estudo da coesão pode ser definido como o estudo dos mecanismos utilizados para criação da textura em um texto falado ou escrito. Meu ponto de partida é o trabalho seminal na área desenvolvido por Halliday & Hasan (1976) – *Cohesion in English* – juntamente com outros desenvolvidos por Halliday (1985a, b) e seus sucessores como Eggins (1994), Thompson (1996) e Martin (2001) e também os teóricos que trabalham a coesão, utilizando-se da Lingüística de Corpus, como Stubbs (1996, 1997, 2001, 2002), Sinclair (1991) e Magalhães, C. M. (2004).

Nesse sentido, o quadro abaixo, traduzido de Eggins (1994), é esclarecedor:

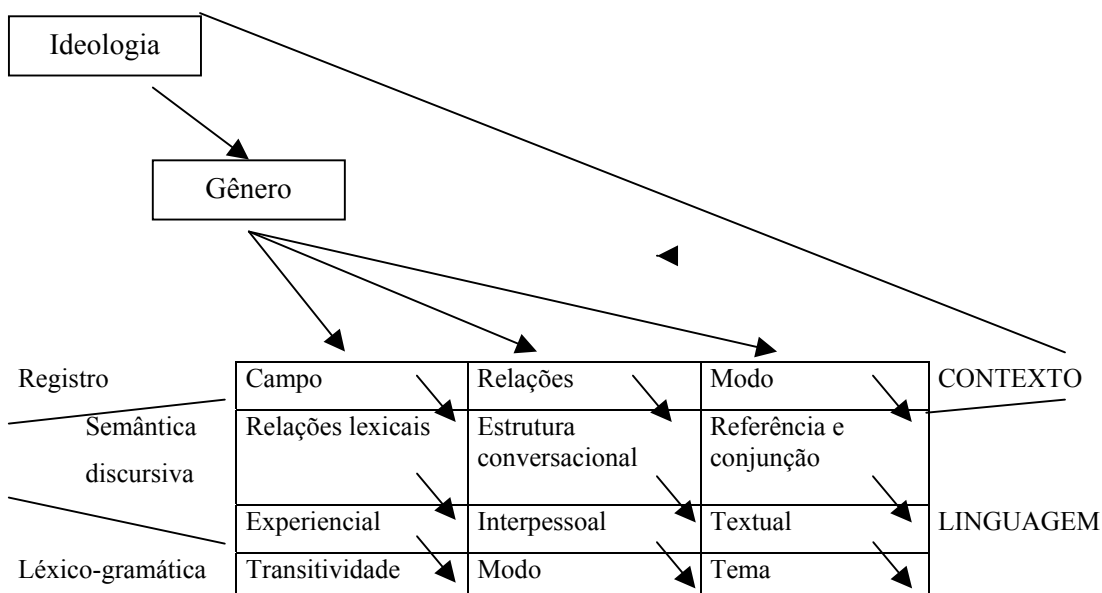


Fig. 1: Léxico-gramática, semântica discursiva e contexto, segundo Eggins (1994²¹, p. 113)²².

²¹ Esse quadro de Eggins (1994) é baseado na proposta de semântica discursiva de Martin (1992).

Esse quadro procura demonstrar a integração dos diversos níveis/estratos de produção de um texto, com base na descrição dos tipos de significado hallidayanos (experencial, interpessoal e textual) como forma de análise da organização léxico-gramatical das frases que produzem um texto, em conexão tanto com o gênero discursivo e com as ideologias (ligadas ao contexto de cultura), quanto com o registro (ligado ao contexto de situação). Em outras palavras, a autora procura demonstrar os padrões de coesão, isto é, as fontes formadoras da textura da linguagem capazes de tornar frases uma unidade semântica em relação ao contexto de situação, por sua vez, inserido no contexto de cultura.

Nesses termos, é importante lembrar que o conceito de *texto* em Halliday & Hasan (1976) está intimamente relacionado ao de *textura*. Para os autores (p. 02), “um texto possui textura, e isso é o que o distingue de algo que não é um texto. Ele deriva sua textura do fato de que ele funciona como uma unidade em relação ao seu ambiente²³”. A relevância do conceito de textura decorre, portanto, de ele ser crucial na análise do texto, razão pela qual todo o livro procura expor os mecanismos de que a língua dispõe para criá-la. Dessa forma, “se uma passagem do inglês²⁴ contendo mais de uma frase é percebida como um texto, nela haverá certos traços lingüísticos que podem ser identificados como contribuintes para sua unidade total e dando a ela textura²⁵” (*idem, ibidem*).

²² Minha tradução.

²³ Minha tradução de: “A text has a texture, and this is what distinguishes it from something that is not a text. It derives this texture from the fact that it functions as a unity with respect to its environment” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 02).

²⁴ Embora os autores tenham aplicado sua teoria sistêmica ao inglês, no CORDIAL, nos propomos a aplicá-la ao português, entendendo que esta é uma teoria da linguagem passível de aplicação a qualquer língua, com as devidas adaptações para os diferentes sistemas.

²⁵ Minha tradução de: “If a passage of English containing more than one sentence is perceived as a text, there will be certain linguistic features present in that passage, which can be identified as contributing to its total unity and giving it texture” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 02)

Nessa perspectiva, como afirmam Halliday & Hasan (1976, p. 06-07), um texto não é uma unidade estrutural e sim uma unidade semântica, pois o fenômeno da coesão compõe-se de relações não-estruturais que criam a textura. O elemento que ocorre em relação semântica com outro num texto, para ser compreendido, necessariamente dependeria de e remeteria a outro, em outra parte do texto. É essa relação que cria os chamados elos coesivos que vão possibilitar a classificação e a análise dos diferentes padrões de textura apresentados no texto.

Todo esse referencial induz a compreender a razão que leva os autores a adotarem uma perspectiva sócio-semiótica de texto. Halliday & Hasan (1993, p. 10-11) consideram o texto como significado, como unidade semântica, como produto e processo, e como uma troca social de significados, pois todos esses pontos estão intimamente relacionados tanto ao desenvolvimento das relações sociais, quanto à organização funcional da linguagem e, ao mesmo tempo, não se limitam apenas ao significado verbal, produzido pela linguagem verbal (aspecto sócio-semiótico).

Esse pensamento se explica pela própria noção de sistema defendida pelos autores. De acordo com Halliday & Hasan (1976, p. 05), a linguagem seria um sistema composto por três níveis, quais sejam: (a) o semântico, referente à produção do significado; (b) o lexicogramatical, referente à forma; e (c) o fonológico e ortográfico. Essa é a razão pela qual se pode falar em coesão expressa por mecanismos gramaticais – a coesão gramatical – e em coesão expressa pelo léxico – a coesão lexical. Esses estratos, por sua vez, conforme visto anteriormente na figura 1, extraída de Eggins (1994), ainda estariam conectados tanto ao contexto de situação, por sua ligação ao registro e suas variáveis, quanto ao de cultura pela estrutura genérica (do gênero discursivo) e ideologias subjacentes, razão pela qual se pode afirmar que um texto não é um amontoado de frases ou uma coleção delas e, sim, uma unidade semântica.

Partindo desse pressuposto, os autores fazem uma análise bastante detida de vários dos mecanismos lingüísticos de que o falante/produtor dispõe para criar textura e, com isso, produzir um texto. Esses mecanismos estariam nestes dois grandes grupos: (1) gramatical – onde se encontra a coesão referencial (pronominal – anáfora e catáfora –, artigo definido, demonstrativa e comparativa), a substituição, a elipse e as conjunções; e (2) lexical – onde estariam a reiteração (por repetição, sinônimo, hiperônimo/hipônimo e palavras de sentido geral) e a colocação.

Em termos de vocabulário, à relação existente entre dois elementos num texto que ocorre pela utilização do mesmo lexema ou item lexical (repetição) ou pelo uso de outros lexemas dá-se o nome de coesão lexical.

Além da reiteração, conforme explicam Halliday & Hasan (1976, p. 287), existe a coesão por *colocação*, considerada a parte mais complexa da coesão lexical. Nela, duas palavras serão coesivas a partir do momento em que, não tendo um referente comum ou não tendo sido empregadas com o propósito de serem coesivas, tenderiam a co-ocorrer nos mesmos ambientes.

O trabalho considerado seminal a respeito da colocação é o de Firth (1957) de onde Halliday & Hasan (1976) tomaram emprestado o termo. Halliday & Hasan não fazem muitas considerações a seu respeito e limitam-se à sua conceituação em termos de co-ocorrência de itens lexicais no mesmo ambiente e à exposição das dificuldades apresentadas em um estudo dessa categoria:

A análise e interpretação de um padrão lexical desse tipo é a maior tarefa dos futuros estudos sobre coesão textual. Aqui, apenas agruparemos todas as várias relações lexicais que NÃO dependem de identidade de referente e NÃO são, como a reiteração, acompanhadas pelo artigo definido ou por um demonstrativo – em outras palavras, toda coesão lexical que não está coberta pelo que temos chamado de ‘reiteração’ e as trataremos genericamente como COLOCAÇÃO ou

coesão colocacional sem tentar classificar as várias relações de significados com as quais está envolvida²⁶ (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 287).

Segundo Halliday & Hasan (1976, p. 288), o efeito da coesão lexical por colocação é sutil e difícil de estimar, pois todos os itens lexicais podem entrar em relação coesiva, mas não carregam em si nenhuma indicação se estão funcionando coesivamente ou não.

Nesse sentido, se, por um lado, esse fenômeno é um fato, por outro, os autores procuram explicar que ele sugere que a coesão lexical não carrega significado. Para eles, ela seria “uma consequência inevitável do fato de que o discurso não se desvia aleatoriamente de um tópico para outro, mas prossegue em linhas razoavelmente sistemáticas com certa consistência de tópicos e previsibilidade de desenvolvimento²⁷” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 288).

Para os autores, a força relativa da tensão colocacional residiria, de acordo com três fatores, em dois tipos de função, ou seja, um tipo que estaria no sistema lingüístico e outro que estaria no texto. Esses três fatores que poderiam agir sobre o poder coesivo dos itens lexicais são: (1) a proximidade no sistema lexical, (2) a proximidade no texto e (3) a raridade de emprego (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 290). A partir desse pensamento é que muitos autores estendem as pesquisas sobre léxico e sobre coesão lexical.

Hoey (1983, 1991) esclarece que a colocação é um tipo de relação semântica que pode existir entre itens lexicais. Hoey (1991, p. 07) afirma que a colocação tem sido um nome dado à relação que um item lexical tem com outros que aparecem com probabilidade aleatória maior num texto/contexto. Por isso, o autor observa que esse fenômeno é fruto de

²⁶ Minha tradução de: “The analysis and interpretation of lexical patterning of this kind is a major task in the further study of textual cohesion. Here we shall simply group together all the various lexical relations that do NOT depend on referential identity and are NOT of the form of reiteration accompanied by *the* or a demonstrative – in other words, all lexical cohesion that is not covered by what we have called “reiteration” – and treat it under the general heading of COLLOCATIONS, or collocational cohesion, without attempting to classify the various meaning relations that are involved” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 287).

²⁷ Minha tradução de: “it is simply an incidental consequence of the fact that discourse does not wander at a random from one topic to another but runs on reasonably systematic lines with a certain consistency of topic and predictability of development” (HALLIDAY & HASAN, 1976, p. 288).

uma relação lexical e não, numa primeira instância, textual. Essa relação lexical contribui para a criação e organização do texto, em termos lexicais.

Para Hoey (1991, p. 08), o texto provê o contexto para a criação e interpretação das relações lexicais, que ajudam a criar sua textura. No sentido dado por Halliday & Hasan (1976), a colocação é uma propriedade estatisticamente identificável do léxico e seria por meio dessa propriedade que um item lexical poderia mostrar-se com a possibilidade de co-ocorrer mais provavelmente com certos itens que com outros. Analisando essa perspectiva, Hoey (1991, p. 154) acrescenta, então, que “a colocação não é apenas um fato estatístico, é também um fato psicolinguisticamente real²⁸”.

Em Halliday & Hasan (1976), os fatores que incidem sobre o fenômeno colocacional estão muito imbricados, mas, diferentemente, em Sinclair (1991), o fator proximidade no texto é preponderante e, em estudos como o de Stubbs (1996), principalmente no que tange à idéia de palavra-chave, o fator frequência de emprego se acentua. A semelhança dessas perspectivas pode ser atribuída à fonte onde os autores buscam fundamentação: os trabalhos de Firth. E as diferenças, é claro, decorrem da contribuição que cada um deles dá aos estudos sobre coesão, principalmente a partir de pontos de vista diferenciados como fruto de suas perspectivas.

As diferentes posições apontam também para uma diferença sobre a percepção do fenômeno colocacional na perspectiva da LSF e da LC. Para a primeira, o fenômeno depende de fatores nem sempre contidos no próprio léxico, uma vez que parte do princípio de que a colocação é uma propriedade textual ligada à proximidade no sistema lexical, à proximidade no texto e também à raridade de emprego. Isso significa que não há em si uma prioridade do léxico por si só na análise do fenômeno, ou seja, é preciso uma expansão ao texto para a investigação da colocação. Para a segunda, como se verá

²⁸ Minha tradução de: “collocation is not only a statistical fact, it is psycholinguistically real as well” (HOEY, 1991, p. 154).

posteriormente, ela é um fenômeno lexical e estatístico, razão pela qual é computável. Na análise do fenômeno, dentro da LC, a base é lexical e, em primeira instância, não necessita da expansão para a categoria textual, nos moldes da LSF, embora admita certa expansão como no caso da prosódia semântica ou associação entre itens lexicais e a conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos a qual pode ser analisada com base nas relações entre os itens e nas valorações nelas impressa.

Entretanto, embora apontando para fenômenos um pouco distintos em sua natureza analítica (textual e lexical), são perspectivas convergentes que podem trazer importantes contribuições para a análise dos textos. Nesses termos, será feita, na próxima seção, a revisão da coesão dentro da perspectiva da Lingüística de Corpus, trazendo sua concepção do fenômeno colocação.

3.2. A coesão na perspectiva da Lingüística de Corpus

Conforme define Berber-Sardinha (2000a, p. 325; 2004, p. 03), “a Lingüística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados lingüísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade lingüística”.

Já se podia falar em *corpus* compilado desde a antiguidade – quando se produziam *corpora* de citações bíblicas e os trabalhos dos chamados monges copistas, por exemplo. Mas, com o advento do computador, o conceito se transforma. Se antes a compilação e a análise eram manuais, atualmente a produção de corpora eletrônicos veio facilitar não apenas a seleção e compilação dos textos, mas também otimizar as análises. Em termos de objetivos, há também uma diferenciação importante: se num primeiro momento o elemento principal era pedagógico, posteriormente, a descrição lingüística passou a ser o cerne das

investigações baseadas em corpora (cf. BERBER-SARDINHA, 2000a, 2004). A importância dessa diferenciação de momentos advém do aspecto pedagógico que gerou diversas compilações de material bíblico devido à necessidade de se manterem “intactos” os materiais que seriam utilizados na divulgação e catequese. Sem embargo desse fato histórico da disciplina, hoje, por exemplo, pode-se perceber um retorno ao uso de *corpora* com fins pedagógicos tanto com relacionamento direto com o ensino (ver, por exemplo, ROCHA, 2001; HUMBLÉ, 2001), quanto com a produção de materiais didáticos, como é o caso dos diversos materiais (livros, dicionários e enciclopédias) produzidos pela COBUILD.

Como se pode notar, a Lingüística de Corpus sempre esteve ligada aos corpora eletrônicos que eram e continuam a ser compilados ou acrescidos de forma a expandir sua extensão. Dentre vários corpora eletrônicos, Berber-Sardinha (2000a, p. 331; 2004, p. 08) destaca três que podem ser colocados como marcos históricos: (1) o *Brown*, por ser o pioneiro; (2) o *Birmingham*, por ter sido o primeiro a ultrapassar a marca de 1 milhão de palavras, iniciada pelo *Brown Corpus*; e (3) o BNC, por ter sido o primeiro a conter 100 milhões de palavras e ser o único disponível para compra dentro da comunidade européia.

Em língua portuguesa, Berber-Sardinha (2000a, p. 2004) menciona, por exemplo, o Corpus de Araraquara, o de São Carlos (NILC), o CRPC (Corpus de referência do português contemporâneo), o Banco de Português, o PORTEXT, o Tycho-Brahe (português histórico) e o Corpus Natura. Berber-Sardinha (2004) também se refere ao CORDIALL (Corpus discursivo para análises literárias e lingüísticas), desenvolvido por pesquisadores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG)²⁹, ao qual meu projeto se afilia.

²⁹ Como meu corpus é parte integrante do CORDIALL, será feita uma descrição mais detida de suas características na metodologia.

Berber-Sardinha (2000a, p. 2004), após exame de várias definições de *corpus*, esclarece que uma definição mais completa do termo incorporaria vários pontos quais sejam: a origem dos dados, o propósito do corpus, sua composição, sua formatação, sua representatividade e, por último, sua extensão. Nesses termos, para o autor, a definição que incorpora essas características seria a de Sanchez (1995):

[Corpus é] um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ, 1995³⁰, citado em BERBER-SARDINHA, 2000a, p. 338; 2004, p. 18).

Em termos de propósito e conteúdo dos corpora, os tipos principais poderiam ser agrupados mediante sete critérios determinados, quais sejam: (1) modo: falado ou escrito; (2) tempo: sincrônico, diacrônico, contemporâneo ou histórico; (3) seleção: de amostragem, monitor, dinâmico/orgânico, estático ou equilibrado; (4) conteúdo: especializado, regional/dialetal; multilíngue; (5) autoria: de aprendiz ou de língua nativa; (6) disposição interna: alinhado ou paralelo; e (7) finalidade: de estudo, de referência ou de treinamento/teste.

Dos pontos analisados por Berber-Sardinha (2000a), o considerado mais problemático foi a representatividade do *corpus*. Segundo o autor (p. 342), a característica que mais se tem associado ao ponto representatividade tem sido extensão, uma vez que, como afirma Sinclair (1991), o *corpus* deve ser o maior possível. Esse pensamento advém, por um lado, da percepção do lingüista M. A. K. Halliday da linguagem como um sistema probabilístico e, por outro, da idéia a partir da qual o corpus deveria ser uma amostra de

³⁰ SANCHEZ, A. Definição e historia de los corpus. In: SANCHEZ, A. et al. (Org.) *CUMBRE: corpus linguistico de Español contemporaneo*. Madri: SGEL, 1995. p. 07-24.

uma população cuja dimensão não se conhece, mas se deveria, pela extensão, buscar o máximo de representação possível da mesma.

Para Berber-Sardinha (2000a, p. 343; 2004, p. 22-25), essa questão seria mais complexa porque levaria a uma pergunta como “representativo do que e para quem?”, momento em que se deveria atentar para a questão amostragem. Se, para que seja representativo, um corpus deva conter o maior número possível de palavras, essas palavras, por sua vez, trariam sentidos diferentes, o que levaria à necessidade de conter, também, o maior número possível de sentidos de cada forma de sua ocorrência. A extensão do corpus comportaria, então, três dimensões: a primeira referente ao número de palavras, a segunda referindo-se ao número de textos e a terceira ao número de gêneros, registros ou tipos textuais. Essas dimensões começam a mostrar, por exemplo, o valor do co-texto e do contexto de uso, como relevantes para a pesquisa baseada em corpus.

Conforme explicita Humblé (2001, p. 162), “em geral, aceita-se que um número de 10 milhões de palavras seja suficiente para trabalhar de maneira confiável com um *corpus*, mas (...) quanto mais palavras o *corpus* tiver, melhor”. Não obstante essa primazia do elemento quantitativo como critério para classificação dos corpora em representativos e não representativos, essa questão permanece em discussão, uma vez que, como Sinclair (2001), revendo inclusive sua posição em seu trabalho de 1991, expõe, não é a quantidade de dados que torna um corpus representativo, mas a metodologia e o tipo de intervenção humana utilizados na pesquisa³¹.

Conforme explicita Berber-Sardinha (2000a, p. 349; 2004, p. 30), “a Lingüística de Corpus trabalha dentro de um quadro conceitual formado por uma abordagem empirista e uma visão da linguagem enquanto sistema probabilístico”.

³¹ A problemática da representatividade do corpus será retomada na metodologia.

Grosso modo, o empirismo é uma doutrina filosófica de acordo com a qual o conhecimento se origina na experiência, o que foi utilizado na Lingüística no momento em que se priorizavam e enfatizavam os dados provenientes da observação da linguagem reunidos sob a forma de corpus, conforme proposta da LC. Em termos de probabilidade, parte-se da idéia de que, embora vários traços lingüísticos sejam possíveis na teoria, eles não ocorrem com a mesma freqüência (cf. BERBER-SARDINHA, 2000a; 2004) ou proporção (cf. KRISHNAMURTHY, 1998) nos corpora.

Esse pensamento, por sua vez, vai ao encontro do pressuposto de que a variação não é aleatória e sim padronizada, verificável na recorrência desses padrões, como por exemplo a *colocação*, *coligação*³² ou alguma estrutura que se repita de maneira significativa, gerando um padrão léxico-gramatical. Isso significa que conforme não apenas Berber-Sardinha (2000a; 2004) explica, como também Sinclair (1991), haveria um espaço comum formado pelo léxico e pela sintaxe, em que seletivamente a escolha de um item lexical em específico implicaria na redução das escolhas de outros itens e das categorias gramaticais que poderiam associar-se a ele.

Todas as categorias apresentadas e reflexões feitas mostram a LC não apenas como teoria, mas também como um método. Embora, conforme expõe Berber-Sardinha (2000a; 2004), tenhamos razões para percebê-la nas duas concepções, não estamos livres de ressalvas, razão pela qual alguns teóricos – dentre eles, Douglas Biber – preferiam concebê-la como uma abordagem.

Não obstante esse problema, bem como a diversidade de trabalhos em LC, há determinadas características comuns que mantêm os estudos em conjunto: (1) são empíricos e analisam os padrões reais de uso em textos naturais; (2) utilizam corpus como

³² Os fenômenos colocação e coligação serão definidos posteriormente.

base de análise; (3) fazem uso extensivo de computadores na análise; e (4) dependem de técnicas quantitativas e qualitativas (BIBER, CONRAD & REPPEN, 1998, p. 04).

Os paradigmas de pesquisa em LC seriam: (a) paradigma informal, baseado em concordâncias; (b) paradigma estatístico, baseado em modelos *log-linear*; e (c) paradigma estatístico fundamentado em Modelos Ocultos de Markov (LEECH, 1992³³, citado em BERBER-SARDINHA, 2000a, p. 358; 2004, p. 38).

A ecologia lingüística, ou área de descrição, uma das quatro áreas de trabalho em LC (cf. KENNEDY, 1998), ocupa-se da análise de padrões lexicais de que um determinado item faz parte e procura descrever sentidos a que um item se associa, em quais estruturas ele aparece, qual correlação existe entre o uso que se faz dele e o sentido a ele atribuído. Também seria papel desse campo de estudos descrever as estruturas de que faz parte, bem como seu valor na organização do texto.

Para Berber-Sardinha (2000a, p. 359; 2004, p. 40-41), grande parte desse trabalho de descrição centraliza-se em três fenômenos, quais sejam: (1) a *colocação* ou associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos; (2) a *coligação* ou associação entre itens lexicais e gramaticais; e (3) a *prosódia semântica* ou associação entre itens lexicais e a conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos.

Como a categoria de análise da presente pesquisa é, principalmente, a colocação em relação à prosódia semântica, passo a fazer uma análise mais detida do conceito de prosódia semântica e, posteriormente, a revisão de alguns trabalhos de teóricos da LC a seu respeito.

Conforme Berber-Sardinha (1999b, 2000c, 2004), a associação entre itens lexicais e a conotação (negativa, positiva ou neutra) de campos semânticos recebe o nome de

³³ LEECH, G. Corpora and theories of linguistic performance. In: SVARTVIK, J. (Org.) *Directions in corpus linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82, Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin/New York, De Gruyter, 1992. p. 105-127.

prosódia semântica. Segundo o autor, esse nome se deve ao fato de determinadas palavras prepararem o ouvinte ou o leitor para o conteúdo semântico que está por vir (cf. BEBER-SARDINHA, 1999b) e a criação do termo é atribuída aos linguistas J. Sinclair e S. Partington (cf. BERBER-SARDINHA, 2000c).

Nesses termos, a prosódia semântica negativa se associaria a palavras desfavoráveis, a positiva, a palavras favoráveis e as neutras não indicariam valorações, ligando-se a palavras com conteúdo semântico que evocaria um campo semântico “imparcial”. Por isso, Hunston & Francis (2000, p.137) explicam que uma palavra pode ter uma prosódia semântica em particular se ela puder co-ocorrer com outras pertencentes a um determinado campo semântico, momento em que se pode relacionar prosódia semântica e formas padronizadas como a colocação.

Além de possibilitar o estudo das conotações e associações de campo de um item lexical ou colocação, a prosódia semântica também pode fornecer dados para que seja possível traçar o perfil semântico de uma determinada palavra ou expressão padronizada. Um perfil semântico seria “o teor da colocação, coligação ou prosódia semântica, definido a partir de generalizações a respeito do conteúdo semântico dos itens envolvidos no padrão” (BERBER-SARDINHA, 1999b).

Conforme salienta Sardinha (2000c), “a prosódia semântica, assim como a colocação, cria uma relação de expectativa para com o ouvinte ou leitor” e essa afirmação corrobora as pretensões da presente pesquisa em analisar a palavra-chave sincretismo e seus colocados de forma a levantar dados sobre sua prosódia semântica e associações de campo, para o estudo dos discursos a respeito do sincretismo como relacionado a questões raciais. Dessa forma, é importante, após a explanação do conceito de prosódia semântica, relacioná-la à noção de colocação dentro dos estudos de corpora.

Sinclair (1991, p. 36) afirma que a noção de colocação se soma a problemas na identificação de classes de palavras e não é uma noção tão clara quanto parece. Para ele, o progresso na área será feito ao se tentar compreender posições conflituosas a esse respeito.

Para Sinclair (*op. cit.*: 109-110), há dois modelos de interpretação do significado que emanam do texto, calcados em dois princípios: o princípio de escolha (*open-choice principle*) e (2) o princípio do idioma (*idiom principle*). O primeiro vê o texto como resultado de um grande número de complexas escolhas e o segundo, afirmando que não produziríamos um texto “normal” operando apenas com o princípio de escolhas, procura mostrar que a natureza do mundo a nosso redor é refletida na organização da linguagem e contribui para sua não aleatoriedade. O princípio do idioma refere-se ao fato de que um usuário da língua tem disponível um grande número de sintagmas semi-pré-construídos que constituiriam escolhas singulares, mas poderiam ser analisados dentro de segmentos.

O autor aloca a colocação dentre do princípio do idioma, pois muitos usos das palavras e dos sintagmas atraem outras palavras e mostram uma tendência de co-ocorrerem com certas escolhas lexicais ou em certos ambientes semânticos. Nas palavras de Sinclair (1991, p. 115), “colocação ilustra o princípio do idioma. [E] Em algumas ocasiões, as palavras aparecem para serem escolhidas em pares ou grupos e esses não são necessariamente adjacentes³⁴.” Para Hunston & Francis (2000, p. 231), “uma das importantes conseqüências do princípio do idioma, e dos estudos colocacionais em geral, é que ele rompe as barreiras artificiais entre o sintagma e o não-sintagma³⁵”.

Sinclair considera separadamente dois tipos de colocação, usando o termo nódulo (*node*) para uma palavra que está sendo estudada e o termo colocado para qualquer palavra

³⁴ Minha tradução de: “Collocation, as has been mentioned, illustrates the idiom principle. On some occasions, words appear to be chosen in pairs or groups and these are not necessarily adjacent” (SINCLAIR, 1991, p. 115).

³⁵ Minha tradução de: “One of the important consequences of the idiom principle, and of collocational studies in general, is that it breaks down the artificial barrier between the phrase and the non-phrase” (HUNSTON & FRANCIS, 2000, p. 231).

que ocorra no ambiente específico desse nóculo. Isso significa que o autor chama de colocação não apenas o nóculo, mas as palavras associadas a ele que tenham representatividade na análise. O autor apenas faz uma advertência para que as previsões de uma estrutura lexical sejam feitas de maneira apropriada e cuidadosa, pois não há uma razão para acreditar que os padrões de léxico sejam capazes de ajudar no mapeamento de uma estrutura semântica.

Uma das grandes contribuições dadas pela LC aos estudos da colocação originou-se nos trabalhos que inter-relacionam colocação, coesão e prosódia semântica. Isso equivale a afirmar que, além do exposto anteriormente, a colocação tem sido estudada por meio da Lingüística de Corpus por vários autores, alguns voltados para o estudo da coesão textual (cf. STUBBS, 2001; KAUFMANN, 2003, dentre outros); outros para o estudo da retórica e dos gêneros textuais³⁶ (cf. GLEDHILL, 2004); e ainda outros para o estudo da prosódia semântica (cf. SINCLAIR, 1991; STUBBS, 1995, 2001, 2002; PARTINGTON, 1998; BERBER-SARDINHA, 1999a, b, 2000c, 2004; MENDES, 2003; MAGALHÃES, C. M., 2004).

Para Stubbs (2001), nós só podemos entender as conexões textuais se formos capazes de prever, mesmo que parcialmente, o que será dito. Nesse sentido, para o autor, a colocação se mostraria como um mecanismo coesivo e também como um mecanismo capaz de levar à compreensão e à previsão do que seria dito nos textos, ligando-se, portanto: (a) a princípios de coesão textual, (b) às relações intertextuais e (c) à competência lingüística que incluiria o conhecimento das normas de uso da linguagem por parte do falante/escritor.

³⁶ Embora a opção neste trabalho tenha sido feita pelo termo “gênero(s) discursivo(s)” ou “gênero(s) do discurso”, foi utilizado “gêneros textuais” em respeito à terminologia utilizada por Gledhill.

Kauffmann (2003) salienta a própria noção de coesão textual implicando uma variedade de forças internas ao texto, dentre as quais está a colocação. Para o autor, embora ela seja uma fonte de coesão textual, é difícil de ser medida ou quantificada, por ser definida semanticamente e por sua medição envolver também similaridades de palavras. Por isso, ele utiliza vetores e calcula o fenômeno pelo número de vezes que determinadas palavras co-ocorrem no corpus.

Gledhill (2004), em seu estudo, descreve como a linguagem é usada na ciência e como os cientistas criam uma “ciência nova” em seus artigos, enfatizando como a linguagem funciona em circunstâncias específicas e especializadas (artigos sobre pesquisa em câncer). Para a autora, há propriedades discursivas e colocacionais que ajudam: (1) a construir o gênero textual, (2) a gerar a retórica necessária à produção das idéias científicas, (3) a reformular conceitos dentro do texto e (4) a produzir um sistema de expressões preferenciais. Para tanto, a colocação é posta como um mecanismo fundamental para gerar as reformulações propostas nos textos, numa área em que a mudança em si seria difícil.

Essas perspectivas de trabalho, por sua vez, apontam para um aspecto importante do fenômeno colocacional: o semântico. A colocação tem sido o ponto de partida para vários trabalhos sobre a prosódia semântica, a qual, conforme já afirmado antes, é o estudo das conotações de uma palavra-chave ou nóculo, uma vez que essas conotações podem ser positivas, neutras ou negativas.

O estudo de Sinclair (1991), por exemplo, aborda as prosódias do verbo *set in*; o de Partington (1998) aborda a prosódia semântica sob uma perspectiva contrastiva de inglês e italiano, partindo da análise de itens da língua italiana; os de Berber-Sardinha (2000b, 2004), Mendes (2003), Magalhães, C. M. (2004) e Silva (2004) foram feitos a respeito de

itens lexicais da língua portuguesa, resguardando-se as especificidades de interesse de pesquisa de cada um.

Segundo Stubbs (1995), as palavras possuem prosódias distintas e a força associativa que elas possuem podem ser medidas em termos quantitativos, uma vez que algumas delas habitualmente ocorrem juntas. A análise das colocações de determinadas palavras poderia, então, ajudar também no estudo de esquemas semânticos tanto de textos particulares (gênero do discurso) quanto de uma determinada língua (cf. STUBBS, 2000).

De acordo com Berber-Sardinha (2004, p. 238), “a prosódia semântica, assim como a colocação, cria uma relação de expectativa para com o ouvinte ou leitor”. E, conforme salienta Stubbs (2002, p. 19), o significado das palavras depende da combinação delas nos sintagmas e da maneira como são utilizadas nas diversas situações sociais. Para o autor, embora haja uma aparente liberdade de uso, um estudo mais detido vai mostrar que existem restrições tanto de ordem lingüística quanto social. Nas palavras de Stubbs (2002: 20), “o significado das palavras e sintagmas difere de acordo com seu uso em diferentes contextos lingüísticos e sociais”, pois “nossa interpretação do que outras pessoas dizem ou escrevem depende em parte de nossas expectativas do que pode ocorrer³⁷”. Essas expectativas nascem nas convenções do próprio sistema lingüístico e no conhecimento de mundo que trazem consigo padrões que vão preenchê-las ou não.

Nesse sentido, levanta-se como referência obrigatória para o entendimento do potencial de corpora e dos estudos dos padrões nos estudos da linguagem o trabalho de Hunston & Francis (2000) – *Pattern Grammar: a corpus-driven approach to the lexical grammar of English*. Nele, encontra-se uma coletânea dos mais significativos trabalhos da

³⁷ Minha tradução de: “The meaning of words and phrases differs according to their use in different linguistic and social contexts. (...) Our interpretation of what other people say or write depends partly on our expectations of what is likely to occur” (STUBBS, 2002, p. 20).

área com comentários críticos e a descrição dos diversos tipos de padrões lingüísticos da língua inglesa.

De acordo com Hunston & Francis (2000, p. 37), “os padrões de uma palavra podem ser definidos como todas as palavras e estruturas que são regularmente associadas a ela e que contribuem para seu significado³⁸”. Esse padrão, por sua vez, será identificado se uma combinação de palavras ocorrer com relativa freqüência. Em termos procedimentais, para investigação desses padrões, as autoras explicam que é necessária a seleção de um número aleatório de linhas de concordâncias e a ordenação delas em ordem alfabética, para que seja possível a análise tanto de palavras que estejam à direita quanto à esquerda do item em foco. Essa extensão é chamada por Sinclair (1991) e Stubbs (2002) de horizonte (*span*), isto é, o número de palavras antes e/ou depois do nóculo (palavra que está sendo estudada).

Dessa forma, torna-se possível a análise de forma e significado, a partir de padrões de ocorrência de palavras e de sintagmas. É nesse ponto que, conforme apontam Sinclair (1991), Hunston (2002), Hunston & Francis (2000), Stubbs (2002), Berber-Sardinha (2004), dentre outros autores, a concordância – listagem das co-ocorrências de um item lexical específico – se mostra como a maior das ferramentas para o estudo dos padrões lingüísticos.

Conforme expõe Hunston (2002), a concordância pode ser usada para dar idéias gerais acerca das várias formas como uma palavra se comporta e os significados a ela associados devido aos padrões de sua ocorrência. Por isso a colocação – co-ocorrência de dois ou mais itens lexicais – e a prosódia semântica – conotações (neutra, positiva ou negativa) associadas ao uso de determinado item – se relacionam.

³⁸ Minha tradução de: “The patterns of a word can be defined as all the words and structures which are regularly associated with the word and which contribute to its meaning” (HUNSTON & FRANCIS, 2000, p. 137).

Utilizando os conceitos de centralidade e tipicidade (cf. SINCLAIR, 1991), Hunston (2002) afirma que, a partir da concordância, é possível se observar o que é central e o que é típico em uma determinada língua, uma vez que se torna possível descrever seus padrões, distinguindo o que pode e o que não pode ser dito em uma língua particular. Segundo a autora (p. 42-43), aquilo que é típico pode ser usado na descrição dos mais freqüentes significados, dos colocados ou ainda da fraseologia³⁹ de uma palavra ou de um sintagma individual; e o conceito de centralidade, por sua vez, pode ser aplicado a categorias específicas e não exatamente a palavras individuais. A relevância de um estudo calcado nesses conceitos decorre, sobretudo, do fato de muitas palavras possuírem significados similares e outras sequer serem capazes de substituir uma outra, o que, de certa maneira, traz à tona uma temática importante: o fato de o significado de uma palavra estar intimamente relacionado a seu contexto. Essa é a principal razão para que a prosódia semântica seja um elemento essencial e um dos focos dos estudos da padronização em uma língua.

Conforme Sinclair (1991, p. 103) frisa, essa nova opção aberta pelo computador serve para avaliar as instâncias lingüísticas vigentes e selecionar as mais típicas. Para o autor, um conjunto típico de instâncias exemplificaria os padrões estruturais dominantes de uma língua sem se recorrer a abstrações ou a generalizações.

Segundo Hunston (2002, p. 68), é mais confiável que as colocações sejam medidas estatisticamente, razão pela qual o computador torna-se uma importante ferramenta nesse estudo. As informações depreendidas a partir das colocações de um item serão então utilizadas para esclarecer os diferentes significados e também as diferentes conotações ou prosódias semânticas que ele tem.

³⁹ Termo que “designa o conjunto das expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso” (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004, p. 245).

Para Stubbs (2002, p. 19), os significados das palavras dependem de como elas estão combinadas dentro do sintagma e de como elas são usadas em situações sociais, pois são dependentes tanto das convenções lingüísticas quanto das inferências que partem do conhecimento real do mundo. Nessa perspectiva, há tanto expectativas lingüísticas que nascem nas convenções do sistema, quanto expectativas sociais que seriam preenchidas ou não. Nas palavras do autor: “essas expectativas lingüísticas e sociais significam que, embora nós estejamos a princípio livres para dizermos o que quisermos, na prática o que nós dizemos é restringido de muitas formas⁴⁰” (*ibidem*).

Isso significa que palavras isoladas freqüentemente não correspondem a unidades de significado, as quais normalmente são sintagmas ou colocações, ou seja, a partir da pesquisa baseada em corpus, pode-se constatar que as palavras são tipicamente usadas em sintagmas e que as palavras mais freqüentes possuem colocados e usos típicos. Essas unidades seriam acessíveis por meio da concordância extraída dos textos que são objetos observáveis (STUBBS, 2002, p. 49-50).

Para Stubbs (2002, p. 96), os padrões são “esquemas semânticos” e “esses esquemas semânticos podem ser modelados como agrupamentos lexicais (nódulos e colocados), gramaticais (coligação), semânticos (preferências por palavras de um campo lexical particular) e pragmáticos (conotações ou prosódias discursivas)⁴¹”.

Nesses termos, a colocação e os estudos da prosódia serão sempre focalizados de forma imbricada e a partir de uma perspectiva dos estudos da coesão, por ajudar na tessitura do texto e produção/configuração de um gênero do discurso, bem como à semântica devido às conotações ligadas à co-ocorrência dos itens. É por isso que postulo a

⁴⁰ Minha tradução de: “These linguistic and social expectations mean that, although we in principle free to say whatever we want, in practice what we say is constrained in many ways” (STUBBS, 2002, p. 19)

⁴¹ Minha tradução de: “These semantic schemas can be modelled as clusters of lexis (node and collocates), grammar (colligation), semantics (preferences for words from particular lexical fields) and pragmatics (connotations or discourse prosodies) (STUBBS, 2002, p. 96).

possibilidade de estudar, a partir das colocações com a palavra *sincretismo* e das prosódias semânticas associadas a ela, os diferentes valores culturais que subjazem a essa padronização e os discursos evocados por eles, que trazem inúmeros vieses ligados a como a questão racial têm sido tratada na mídia brasileira.

3.3 Macronível de análise: gêneros discursivos como espaços de tensão discursiva

Fairclough (2001) concebe a “linguagem como prática social”, razão pela qual a relação entre linguagem e poder constitui o foco de interesse dos pesquisadores em ACD. Segundo Wodak (2004), esse campo disciplinar tem sido utilizado por pesquisadores interessados no estudo dos discursos institucional, político, de gênero social e da mídia por materializarem relações mais ou menos explícitas de luta e conflito. Ou seja, o espaço ideal para o uso de uma abordagem lingüística crítica são os discursos que envolvem questões de desigualdade que servem de âncora e sustentáculo aos conflitos advindos de relações sociais conflituosas.

Nas palavras de Wodak (2004), “a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou discurso)”. E ainda de acordo com a autora, essa é a principal razão para que a maior parte dos analistas críticos do discurso se apóie na visão de Habermas⁴² – citado por Wodak (2004) – de que “a linguagem é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado. Na medida em que as legitimações das relações de poder, [...] não são articuladas, [...] a linguagem é também ideológica”.

⁴² HABERMAS, J. *Erkenntnis und interesse*. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.

Dessa maneira, torna-se necessária não só a teorização e a descrição dos processos e estruturas sociais que levam à produção de um texto, como também das estruturas e processos sociais dentro dos quais são criados os significados que garantem a interação entre indivíduos e grupos sociais (cf. WODAK, 2004). Isso significa que todo discurso está situado no tempo e no espaço, tendo sido produzido em determinadas circunstâncias, cujas estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos detentores do poder. É por essa razão que a autora afirma que é necessária uma abordagem crítica e complexa como a ACD para possibilitar a análise das pressões discursivas e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder, presentes na forma de convenções ou, conforme Fairclough (1995; 2001), naturalizadas.

Para Wodak (2004), “‘crítica’ significa distanciar-se dos dados, situar os dados no social, adotar uma posição política de forma explícita, e focalizar a auto-reflexão (...)”. As ideologias constituem um aspecto importante da criação e manutenção de relações desiguais de poder. Seria justamente no momento em que as ideologias fossem decifradas que um dos principais objetivos da ACD seria alcançado: a “desmistificação” dos discursos, que são, segundo Fairclough (2001, p. 164), modos particulares de construir um assunto. Entretanto, a autora esclarece que a linguagem adquire poder pelo uso que os agentes que detêm o poder fazem dela.

Nessa perspectiva, um texto não é resultado do trabalho de uma pessoa apenas, pois as diferenças discursivas ocorrem na forma de negociação dentro dos textos, as quais estão relacionadas ao discurso e ao gênero discursivo. Ou seja, os textos são espaços de luta que guardam elementos de diferentes discursos e ideologias que disputam o controle que garanta sua hegemonia.

O poder passa então a ser central na vida em sociedade. Mas conforme adverte Wodak (2004), “o poder não surge da linguagem, mas a linguagem pode ser usada para desafiar o poder, subvertê-lo, e alterar sua distribuição a curto e longo prazo”.

Para Fairclough (2001), os textos produzem determinados efeitos sobre as pessoas, oriundos da e determinados pela relação dialética entre o próprio texto e o contexto social em que está inserido. As práticas sociais, enquanto formas mais ou menos estáveis de atividades sociais, são formadas por diversos elementos, dentre os quais figura o discurso como um elemento que ajuda na estruturação social e se materializa nos textos que, em ACD, constituem a principal categoria de análise.

Calcada em vasta literatura da área, Magalhães, I. (2004) esclarece que nas práticas sociais, o discurso se apresenta como ação, representação e identificação que são os tipos de sentidos dos textos. Esses tipos de sentido correspondem a gêneros discursivos, discursos e estilos.

Dessa forma, percebe-se o gênero discursivo como uma ponte entre o discurso e a sociedade. Partindo do pressuposto de que os gêneros discursivos utilizados nos jornais e nas revistas de informação geral ajudam na veiculação de formas diferentes de ver a questão racial brasileira, é importante discutir algumas questões teóricas no que tange a seu conceito em lingüística e em comunicação social.

Para Fairclough (2001, p. 161), gênero discursivo seria “um conjunto relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, comprar produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico.” Esse seria o principal caminho a ser percorrido para se chegar à prática social, pois as práticas sociais são articulações de elementos de ação e interação, de relações sociais, pessoas com suas crenças, atitudes e histórias, de material de mundo e, por último, de semiose. A semiose,

por sua vez, figura de três principais maneiras, quais sejam, gêneros discursivos, como maneiras de agir, os discursos como maneiras de representar e os estilos como maneiras de ser, ou seja, identidades (cf. FAIRCLOUGH, 2003).

Dessa forma, torna-se possível partir da categoria de gênero discursivo, como uma forma não apenas de ação e representação, mas também de reação.

Pinheiro (2002) esclarece que as convenções do gênero discursivo constituem-se dos significados que os indivíduos utilizam e recriam durante a leitura do texto a partir de papéis determinados historicamente. Nesse sentido, pode-se afirmar que a repetição e a reprodução das regras ultrapassam limites espaço-temporais, sinalizando a existência de acordos tácitos entre produtores e receptores, participantes de práticas sociais comuns aos grupos sociais.

Para a autora, “a identificação de uma variedade de gêneros que operam dentro de diferentes contextos possibilita destacar a complexa e dinâmica natureza da linguagem, enquanto texto, na sociedade contemporânea” (p. 261). Ao mesmo tempo, ela também ajuda a justificar o interesse nos gêneros discursivos no caso da presente pesquisa e a relevância desse estudo em ACD.

Outra questão importante apontada por diversos autores, inclusive de perspectivas diferentes, como, por exemplo, FAIRCLOUGH (1995), PAGANO (2001) e BONINI (2001, 2003), por um lado, e PINHEIRO (2002) e MARCUSCHI (2002), por outro, é o caso do hibridismo nos gêneros do jornal. Esse fenômeno é denominado por Pagano (2001) como intergenericidade e por Marcuschi (2002) como intertextualidade inter-gêneros.

Pinheiro (2002, p. 267-268) esclarece que existe uma proliferação de textos que incessantemente mesclam uma variedade de gêneros discursivos que gera uma diversidade de gêneros aparentemente estáveis, como a carta ou a receita, e outros considerados fugazes ou mais voláteis como o telejornal ou reportagens de beleza e moda. Segundo a

autora, é justamente essa fugacidade que imprime um caráter volúvel aos gêneros discursivos, permitindo que haja variabilidade, troca, mudança, mixagem, hibridação.

Para Marcuschi (2002, p. 21), existem gêneros que emergiram no último século no contexto midiático, criando formas comunicativas próprias e híbridas desafiando as relações entre oralidade e escrita. Esse desafio pode ser visto como o processo de conversacionalização, conforme proposto por Fairclough (1995, 2001) em que produtores de textos procuram diminuir assimetrias, aproximando nos textos a linguagem escrita da linguagem falada.

O que se pretende destacar é o caráter dialógico dos gêneros discursivos em seu uso na vida social. É importante reconhecer regularidades no texto que ajudam na inter-relação produtor-receptor, enquanto forma mínima de orientação para ambos, mas ao mesmo tempo reconhecer também a instabilidade transformadora inerente a ele. Ou seja, o gênero, ao dialogar com outro, pode transformar-se em um outro que posteriormente pode chegar a constituir um gênero diferente daqueles que o originaram, dependendo das necessidades e pressões que o configuraram, pensamento que parece remontar a discussões feitas por Todorov (1980).

No caso específico da mídia, Pinheiro (2002, p. 278) afirma que as mudanças têm acontecido pelo objetivo de atrair e/ou atender exigências de audiências seletivas que, por não suportarem o 'novo' nem o 'velho', maqueiam ou dão nova roupagem a gêneros já existentes.

Nesse sentido, ciente da complexidade e dificuldade de classificação dos gêneros constitutivos do corpus dessa pesquisa que são de dois hipergêneros (jornais e revistas de informação geral) e, por isso, híbridos por natureza, utilizaremos algumas definições que nortearão a classificação final dos textos, sem, contudo, dar a questão como encerrada:

- (1) **reportagem**: gênero discursivo que se caracteriza pela prioridade informativa em sua constituição, cujo propósito básico é prover o leitor de uma descrição objetiva e, às vezes, de uma interpretação dos fatos. O texto possui também extensão variável, veicula o contraditório em matérias críticas, de denúncia ou acusação (cf. MARTINS, 2004);
- (2) **artigo**: gênero discursivo em que o autor – jornalista ou colaborador⁴³ do jornal – assina o texto de caráter argumentativo e expõe seu ponto de vista, fazendo uso de dêiticos e do presente do indicativo como tempo de base (cf. CUNHA, 2002);
- (3) **propaganda**: gênero discursivo em que o objetivo é a propagação de algo (eventos e acontecimentos importantes, publicação de livros, lançamentos de CDs, etc). Possui caráter publicitário, conativo e persuasivo;
- (4) **chamada**: gênero discursivo com fins publicitários, constituído de um texto promocional pequeno e simples em termos conteudísticos, com o objetivo normalmente de apontar para um outro texto de maior dimensão dentro do hipergênero;
- (5) **crônica**: gênero discursivo, consagrado a assuntos especiais, relacionados a polêmicas ocorridas no dia (ou próximo) de sua publicação;
- (6) **entrevista**: gênero discursivo que se configura, em geral, como uma situação ritualizada em que aparecem duas figuras, quais sejam, o entrevistador que deve provocar a fala do convidado e o entrevistado, que deverá responder as questões (cf. JUBRAN 2000), podendo, às vezes, romper o rito por questões contextuais (cf. CARMO, 2004);

⁴³ No caso da presente pesquisa, os colabores, na maioria das vezes, constituíram autoridades nas áreas envolvidas com o sincretismo, tais como as Ciências Sociais, notadamente a Antropologia, e as Ciências da Religião.

(7) **carta**: gênero discursivo de extensão variável onde há espaço para a subjetividade do produtor se fortalecer ao expor suas opiniões acerca de um acontecimento de forma aparentemente mais livre, inclusive reclamações. As ressalvas nessa definição originam-se na percepção da ACD de que as identidades sociais são (re)produtoras e construtoras de discursos institucionais, o que mostraria que apenas em tese existiria essa “subjetividade” e “liberdade” por parte dos produtores das cartas. Esse gênero difere-se do artigo por este ter uma formalidade maior, exigência de especialidade no assunto sobre o qual escreve e, por isso, ter uma complexidade maior.

Apesar dessa breve alusão a algumas características dos gêneros discursivos classificados neste trabalho, é importante ressaltar que ainda existe uma carência de pesquisa sobre eles, principalmente sobre o gênero discursivo intitulado pelo jornal *O Globo*⁴⁴ de *chamada*. Ainda é necessária a descrição de suas macro e micro-características e de seu funcionamento no jornal, de forma a defini-lo realmente como gênero ou descartar essa possibilidade. Aqui, como esse não constitui um dos objetivos, a lacuna foi apontada e optou-se por colocá-lo como um gênero discursivo com fins publicitários, conforme acima exposto. Vale lembrar que os gêneros mais representativos já possuem mais estudos e caracterização um pouco mais definida de forma que, apoiados nesses referenciais já consolidados, é que a análise crítica dos textos será feita no último capítulo deste trabalho.

⁴⁴ Embora por uma questão de coerência terminológica esteja sendo usado o termo gênero discursivo, o termo utilizado na pesquisa realizada nos arquivos digitais de *O Globo* é *Tipo-matéria*.

PARTE II:

DOMÍNIOS METODOLÓGICOS

E DE ANÁLISE

4. Metodologia do trabalho

Uma das tarefas mais difíceis na confecção de um trabalho é a escolha da metodologia a ser aplicada. Entretanto, conforme explicitado anteriormente, a adoção da perspectiva teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso, num diálogo interdisciplinar com a Linguística Sistêmica e com a Linguística de Corpus, traz inúmeras possibilidades para a criação de etapas e para o estudo e análise dos dados. Antes, porém, é necessário explicitar qual será o corpus, quais foram os critérios para sua compilação e quais são suas características gerais; logo em seguida, procurar-se-á esclarecer qual será o método de pesquisa, a perspectiva do trabalho e os procedimentos adotados na análise.

4.1 O corpus

Baseando-se, então, no pressuposto de que a linguagem se realiza nos textos, partiu-se para a seleção, coleta, construção e, principalmente, para a busca de representatividade do *corpus*.

Retornando à discussão sobre a questão da representatividade de um *corpus* já mencionada anteriormente, Berber-Sardinha (2000a) explana que essa preocupação deve-

se a uma percepção de que o corpus precisaria ser o maior possível para que fosse representativo. Diferentemente dessa posição, destaca-se o pensamento do lingüista John Sinclair.

De acordo com Sinclair (2001, p. xi), há corpus de pequena e de grande dimensão. Um corpus de pequena dimensão, segundo o autor, precisa constituir um corpo de evidências relevante e confiável, e ser também pequeno o suficiente para ser analisado manualmente ou processado por computador com ferramentas específicas. Os chamados corpora de pequena dimensão são, dentro dessa perspectiva, projetados para intervenção humana inicial (EHI – *early human intervention*) e os corpora de grande dimensão projetados para intervenção humana tardia (DHI – *late or delayed human intervention*).

Nesses termos, corpora de pequena dimensão se distinguem dos corpora de grande dimensão não exatamente por uma questão de tamanho, mas dos objetivos e metodologia utilizados no processamento e análise dos dados. Em outras palavras, a diferença residiria na metodologia de estudo, no tipo de intervenção e no tempo necessário para o desenvolvimento da pesquisa.

Neste trabalho, como já foi assinalado, pretende-se fazer uma pesquisa de natureza lexical e seguir um roteiro que parte do estudo das colocações com a palavra-chave *sincretismo* num corpus constituído por textos de dois jornais e duas revistas de grande circulação coletados via Internet: a *Folha de São Paulo* (arquivo digital de 1998-2003) e *O Globo* (arquivo digital de 1998-2003), e as revistas *Veja* (arquivo digital de 1998-2003) e *Época* (arquivo digital de 1998-2003), respectivamente. Essa escolha decorre em primeiro lugar da tiragem e, em segundo, do prestígio e reconhecimento que esses veículos, no senso comum, possuem.

O passo inicial foi submeter os textos coletados nos jornais e nas revistas a uma triagem preliminar, pois, como parti da palavra sincretismo como palavra-chave, mantive apenas os textos em que este item lexical apareceu pelo menos uma vez. O conceito de palavra-chave aqui utilizado é o mesmo utilizado por Magalhães, C. M. (2004), de Williams (1976, p. 15), isto é, “palavras significativas, que ligam certas atividades a sua interpretação; palavras significativas e indicativas de certas formas de pensamento⁴⁵”.

Devido a essa restrição, o corpus não possui grande dimensão, pois foi construído especificamente para análise de discursos sobre o sincretismo e não com o objetivo de esgotamento de padrões lexicais da linguagem falada ou escrita, ou análises de palavras mais freqüentes com o intuito, por exemplo, de criação de um dicionário, estudo de processamento de linguagem natural, lexicografia, dentre outros (ver, para mais esclarecimentos, BERBER-SARDINHA, 2000a). Desse modo, coadunando com Sinclair (2001), trata-se de um corpus para intervenção humana inicial.

Em outras palavras, não se pretende, pois, esgotar um padrão lexical de ocorrência da palavra sincretismo por si só, e sim encontrar padrões de recorrência que demonstrem seu uso e suas conotações para que sirva de embasamento para a análise de discursos sobre o sincretismo como um aspecto da questão racial brasileira. E, nesse sentido, no caso desta pesquisa, poder-se-á, então, considerar o corpus como de pequena dimensão por duas razões: (1) se se tomarem como referências corpora de grandes dimensões como o *Brown Corpus* da *Brown University*, de 1 milhão de palavras, o *British National Corpus*, de 2 milhões de palavras, ou o *Bank of English*, de 320 milhões de palavras (ver BERBER-SARDINHA, 2000a, p. 330); e (2) se se verificar que ele foi construído para intervenção humana inicial.

⁴⁵ Minha tradução de: “they are significant, binding words in certain activities and their interpretation; they are significant, indicative words in certain forms of thought” (WILLIAMS, 1976, p. 15).

O corpus da presente tese possui 108.088 ocorrências (*tokens*). No caso dos subcorpora, *O Globo* possui 75.589 ocorrências, a *Folha de São Paulo* possui 20.942, a *Revista Veja*, 3.728 e a *Revista Época*, 8.137.

Quanto ao número de textos, o subcorpus d'*O Globo* possui 107 e a *Folha de São Paulo*, 30, totalizando juntos 137 textos. O subcorpus da *Revista Veja* possui 14, enquanto o da *Época* possui 12, totalizando juntos 26 textos. O corpus possui 163 textos.

Cabe esclarecer mais uma vez que este corpus vincula-se a um corpus maior (mais de 1 milhão de palavras) desenvolvido pelo NET – Núcleo de Estudos da Tradução – da Faculdade de Letras da UFMG, chamado CORDIALL – *Corpus discursivo para análises lingüísticas e literárias* –, o qual, conforme nos esclarecem Pagano, Magalhães & Alves (2004), foi compilado com o objetivo de se estudarem aspectos tanto discursivos quanto cognitivos da linguagem, partindo-se de uma abordagem interdisciplinar de estudos de corpora, estudos da tradução, estudos do discurso e estudos cognitivos.

4.2 Em busca de um método

Nesta etapa, é importante delinear o método a ser utilizado na análise dos dados que vão ancorar a pesquisa. Adotando, então, a posição de uma pesquisa engajada num projeto social, é importante que o referencial teórico seja compatível, razão pela qual a Análise Crítica do Discurso foi escolhida. Dessa maneira, a presente pesquisa calca-se em princípios teórico-metodológicos interdisciplinares.

Seguindo preceitos de um arcabouço teórico cujo foco é uma análise textual e social da linguagem – a Análise Crítica do Discurso – cuja base é a Lingüística Sistêmica de Halliday, pretende-se, a partir das ferramentas fornecidas pela Lingüística de Corpus,

analisar os discursos relacionados ao sincretismo numa relação com a questão racial no Brasil.

É importante esclarecer que essas teorias mantêm-se unidas, também, devido a uma outra fonte, os trabalhos de Firth, o que, de acordo com alguns autores, é chamado de posição neo-firthiana. Conforme esclarece Kenny (2001, p. 30), uma posição que se assume como neo-firthiana envolve:

a submissão à natureza social da linguagem e à centralidade do texto na indagação lingüística; um interesse em como os textos funcionam em seus contextos de situação e como a rotina lingüística mantém valores culturais. E a rejeição do tipo de dualismo lingüístico que separa o significado da forma e o sistema lingüístico do uso da linguagem⁴⁶.

Isso significa que esse posicionamento está de acordo com a sistêmica que traz no bojo de suas indagações a preocupação com a língua cumprindo um papel/função social, nascendo das necessidades que um falante possui de se comunicar. Esse posicionamento ainda corrobora o uso conjunto da Lingüística de Corpus. Esta, como exemplo de lingüística neo-firthiana, desafia muito da lingüística ortodoxa, negando a distinção pura e simples entre forma e significado/conteúdo (cf. KENNY, 2001, p. 33).

Nesses termos, a partir dos recursos fornecidos pela Lingüística de Corpus, será feita a análise do corpus seguindo os preceitos da Análise Crítica do Discurso midiático adaptados de Fairclough (1995) à proposta e ao corpus deste trabalho, quais sejam: (1) focalizar como as mudanças na sociedade e na cultura são manifestas nas práticas discursivas da mídia; (2) incluir uma atenção na linguagem e na textura; (3) incluir na análise do texto a análise de sua produção, distribuição e consumo; (4) mapear o contexto institucional, social e cultural, incluindo relações de poder e ideologia; (5) incluir análise

⁴⁶ Minha tradução de: “a commitment to the social nature of language and the centrality of text in linguistic inquiry; an interest in how texts function in their contexts of situation, and how linguistic routine maintains cultural values; and a rejection of the kind of linguistic dualism that separates meaning from form, and language system from language use” (Kenny, 2001, p. 30)

lingüística e intertextual em termos de discursos; (6) conceber-se dentro de uma análise multifuncional da linguagem; (7) envolver diferentes níveis como o micro-estrutural (léxico e coesão) e macro-estrutural (textual e discursivo); e (8) ver dialeticamente as relações entre texto, sociedade e cultura.

4.3 Lingüística de Corpus e a pesquisa discursiva textualmente orientada: um espaço de interface com a Análise Crítica do Discurso

Além dos vários trabalhos em Lexicografia e ecologia lingüística, conforme já explicitado, atualmente é crescente a produção de pesquisas textuais-discursivas que se utilizam da abordagem de corpus, como Hardt-Mautner (1995), Stubbs (1996, 1997, 2002), Krishnamurthy (1998), Mendes (2003), Magalhães, C. M. (2004), dentre outros.

Conforme já ventilado, a potencialidade do uso de corpora na pesquisa lingüística tem sido salientada por diversos autores (ver, para mais considerações, BERBER-SARDINHA, 1999a; 2004). As pesquisas desenvolvidas em Hardt-Mautner (1995), Stubbs (1996, 1997, 2001), Krishnamurthy (1998) e o próprio trabalho de Fairclough (2000a) constituem importantes referências de trabalhos para a pesquisa discursiva textualmente orientada que faz uso da Lingüística de Corpus como abordagem.

Stubbs (1996) traz uma possibilidade de aliar análise do discurso e Lingüística de Corpus para que seja possível obter subsídios para análises pautadas em *corpora* maiores. Para Stubbs (1996, p. 03), concentrar uma análise apenas em textos isolados não é uma estratégia considerada adequada para interpretação de um texto. Isso se deve ao fato de a análise textual envolver tarefas diferentes ligadas tanto a sua produção quanto a sua recepção. O pensamento do autor constitui, sobretudo, uma tentativa: (1) de explicitação

do processo de produção e recepção de um texto como constitutivo de uma tarefa social importante e (2) de contribuição teórica, devido à teoria lingüística dos últimos cinquenta anos ter sido baseada em frases isoladas, trazendo limitações às análises.

Stubbs (1996, p. 04) define texto como “uma instância da linguagem em uso falada ou escrita: uma parte do comportamento da linguagem ocorrida naturalmente, sem a intervenção do lingüista⁴⁷”. O autor coloca, então, como exemplos de instâncias reais da linguagem em uso a conversação, a conferência, o sermão, a propaganda, a receita, o artigo de jornal, o artigo de pesquisa científica, o conto, o livro-texto da escola, dentre outros.

Essa preocupação é advinda da necessidade de se conseguirem dados que possam revelar algo a respeito de textos em uso, representativos da linguagem usada no cotidiano em contraposição a exemplos criados para satisfazer necessidades teóricas e que, muitas vezes, não representam um padrão de uso lingüístico em curso.

Para tanto, Stubbs adota um ponto de vista calcado na tradição britânica neo-firthiana de lingüística, representada principalmente pelos lingüistas M. A. K. Halliday e John Sinclair. Esses autores são determinantes na produção da abordagem de Stubbs que propõe o uso da concordância para o estudo de padrões da linguagem em uso e métodos para o estudo das características das construções sintáticas mais frequentes e das colocações em que ocorrem. Concordâncias seriam as listagens das ocorrências de um determinado item, também chamado de nóculo ou palavra de busca, que pode ser formado por uma ou mais palavras, juntamente com o seu co-texto. A colocação, conforme será visto com mais detalhes posteriormente, *grosso modo*, seria a co-ocorrência de itens lexicais em um mesmo contexto.

⁴⁷ Minha tradução de: “By text, I mean an instance of language in use, either spoken or written: a piece of language behavior which has occurred naturally, without the intervention of the linguist” (STUBBS, 1996, p. 04)

Stubbs (1996, 1997, 2002) tem se preocupado em mostrar a Lingüística de Corpus como uma importante ferramenta teórico-metodológica para diversas áreas da análise lingüística, especialmente para a análise do discurso. Nesses trabalhos, de maneira geral, várias críticas são endereçadas a outros pesquisadores com relação não apenas a questões teóricas mas também e, principalmente, a questões metodológicas. É com esse pensamento que o autor procura apontar um caminho que seria apoiar as análises em categorias textuais mais claras aplicadas não a fragmentos, mas a corpora maiores. Dessa maneira, seria possível suplantando análises baseadas em crenças e retirar aspectos considerados impressionistas. É importante ressaltar, todavia, que esse é um ponto de crítica à ACD, mas trabalhos em ACD, como os de Hardt-Mautner (1995), Krishnamurthy (1998), Fairclough (2000a), Mendes (2003) e Magalhães C. M. (2004), já têm feito essa conciliação.

Nessa mesma perspectiva, Berber-Sardinha (2000b) explica que a análise textual e discursiva britânica é essencialmente empirista e a LC pode também pertencer a essa tradição, desde que a análise do discurso se beneficie dos métodos de corpora. Segundo o autor, a organização textual tem sido investigada a partir de modelos que buscam as regularidades que constituem o texto, tendo, como corpus, pequenos fragmentos e textos isolados. Isso significa que não se pensa, em primeira instância, na construção de um modelo de análise do discurso que seja produzido com aplicações computacionais em mente.

Hardt-Mautner (1995), por exemplo, é uma teórica afiliada à agenda da Análise Crítica do Discurso, abordagem teórico-metodológica tradicionalmente qualitativa, que entraria em conflito com a natureza de seus dados. A alternativa que se mostrou produtiva foi desenvolver um procedimento analítico que combinasse o uso de um programa concordanceador e o referencial desta abordagem que procura revelar como discursos

particulares em contextos socioculturais determinados seriam capazes de construir realidades, identidades e relações sociais (ver, por exemplo, FAIRCLOUGH, 1995, 2001).

Essa proposta mostra-se fecunda principalmente quando se analisam as críticas de Stubbs (1997) endereçadas à ACD. De acordo com este autor, a ACD possui um caráter impressionista, pois faltam comparações sistemáticas entre textos e normas lingüísticas que comprovem as análises feitas. Para Stubbs, o que a ACD propõe “parece correto”, mas faltam métodos comparativos e quantitativos para reforçar as análises e para servirem de argumentos, sem os quais se cria uma circularidade conceitual e analítica provocada principalmente pela fundamentação em fragmentos de texto.

Conforme Hardt-Mautner (1995, p. 02) explicita, “a abordagem discutida no artigo pretende complementar e não suplantam os métodos normalmente usados em ACD⁴⁸”. Seria uma forma de combinar técnicas qualitativas e quantitativas que não têm necessariamente que estar uma contra a outra. Dessa maneira, um exame quantitativo rigoroso traria benefícios e vantagens à ACD em seu comprometimento com a análise discursiva em todos os níveis lingüísticos.

Analisando o valor do concordanceador para a ACD, Hardt-Mautner afirma que seu emprego, embora relativamente recente em pesquisas dessa natureza, fornece novos caminhos de onde o analista pode partir. Isso significa que a concordância subsidia o analista na escolha do fio condutor da pesquisa. Em termos práticos, seria possível criar listagens que ajudariam na visualização e análise de como os atores são representados, o uso de determinadas palavras (pronomes, no caso), maneiras de contestar a semântica de determinadas palavras, traçando os perfis semânticos delas e comparando ao significado que normalmente a ela é atribuído.

⁴⁸ Minha tradução de: “The approach discussed in this paper is intended to supplement, not replace, the methods normally used in CDA” (HARDT-MAUTNER, 1995, p. 02).

Hardt-Mautner (1995, p. 23-24) sumariza as contribuições de um programa de concordância para uma análise qualitativa afirmando que: (1) ele permite que o pesquisador descreva propriedades sintáticas e semânticas de uma palavra-chave seletiva e exhaustivamente; (2) ele pode funcionar como uma ferramenta heurística, ajudando no levantamento de questões e no delineamento de fenômenos aos quais o analista se ateria posteriormente com a ajuda do aparato qualitativo; (3) ele produz “resultados” em seu próprio co-texto; e (4) ele é extremamente útil como ferramenta de busca, permitindo que o analista retenha dados e controle o corpus o mais firmemente possível.

É, também, nessa perspectiva de interface entre análise do discurso e Linguística de Corpus que Krishnamurthy (1998) desenvolve seu trabalho. O autor inicia seu artigo afirmando que “cada um de nós é exposto a uma ampla variedade de insumo lingüístico em nossa vida diária, alguns de nossa própria escolha e outros não⁴⁹” (p. 129). Esse insumo, por sua vez, ajudaria a modelar nosso conhecimento e também a entender tanto a linguagem em si quanto o seu usuário. Por isso ele reconhece que as atitudes e as opiniões expressas na linguagem podem também modelar nosso pensamento.

A análise em si aborda questões de etnicidade e é construída baseada em reportagens inglesas e verbetes de dicionários que são contrastados com um corpus de grande dimensão, tendo como núdulos *ethnic, racial e tribal*.

Dito de outra forma, o autor afirma que somos diariamente expostos a uma variedade bastante grande de insumo lingüístico, sendo que nem todo esse insumo podemos escolher. Para ele, a análise de como a língua nos chega, isto é, desse insumo, nos ajudaria a entender tanto a língua quanto seus usuários. Por isso, o autor frisa que as

⁴⁹ Minha tradução de: “Each one of us is exposed to a wide variety of language input in our daily lives, some of it of our own choosing and some not” (KRISHNAMURTHY, 1998, p. 129).

opiniões expressas podem tanto influenciar quanto determinar nossa maneira de pensar (cf. KRISHNAMURTHY, 1998, p. 129).

Para sustentar essa perspectiva, são produzidas três seções que refletem sobre as três fontes de insumo: a mídia, os dicionários e um corpus de grande dimensão. De acordo com Krishnamurthy (1998), há uma idéia de que a escrita seria mais persuasiva que a fala por ser a escrita pensada e reconstruída até que um produto seja dado como pronto, e este ainda poderia ser lido e relido quantas vezes se quisesse por leitores diferentes. Entretanto, o autor frisa que a mídia – representante da linguagem falada – atinge 20.000.000 ouvintes, enquanto o Jornal inglês – *The Sun* – alcança uma tiragem diária de 3,5 milhões de exemplares. Além disso, a mídia possuiria estratégias de repetição, como a produção de programas sobre um determinado assunto e outros a respeito deles, em diversos formatos, como entrevista e debates. Esse pensamento pode ser, inclusive, corroborado pelo conceito de tematização de Wolf (2003) já exposto anteriormente. Se se pretende tematizar algo, o que será tematizado deverá ser repetido inúmeras vezes. O trabalho de Fausto Neto (1999), embora não seja de LC, exemplifica e demonstra como a mídia construiu o fenômeno AIDS discursivamente, tentando esclarecer as estratégias de que a mídia dispôs.

Quanto aos dicionários, Krishnamurthy (1998) afirma que eles são produzidos de maneira arbitrária e estão sujeitos a escolhas e a posicionamentos de quem os constrói, sendo que muitos dos que constroem dicionários não estão aptos a essa tarefa. Ou seja, enfatiza-se o fato de os dicionários serem considerados arbitrários quanto ao uso lingüístico, estando sujeitos aos julgamentos do lexicógrafo que ditaria a política de inclusão de verbetes, quanto de espaço seria dado para cada entrada, qual seria a divisão dentro dos sentidos descritos, dentre outras. De acordo com o autor, os corpora de grande dimensão contribuíram para que se diminuísse a subjetividade na produção dos dicionários, mas não resolveram o problema. O exemplo ilustrativo dessa subjetividade dado pelo autor

foi o verbete *gay* no *Collins COBUILD English dictionary* que traz homossexual como primeira opção, mesmo o corpus tendo indicado outra acepção com maior uso. A justificativa do dicionário foi que se pretendia fugir do aspecto pejorativo que a palavra poderia assumir.

As definições dicionarizadas dos nódulos da pesquisa – *ethnic*, *racial* e *tribal* – demonstraram relações sociais importantes, relacionando-se a assuntos como preconceito, racismo, tribalismo e minorias. A análise mostrou também que determinados itens possuíam uso típico em determinados gêneros, ocorrendo com mais frequência em alguns deles. *A posteriori*, partindo das escolhas lexicais feitas pelos autores de dois pequenos artigos de jornais que tratavam de conflitos similares em lugares diferentes (Iugoslávia e Quênia), Krishnamurthy buscou traçar a orientação política do texto e mostrar a mensagem subjacente a essas escolhas.

A alternância entre *ethnic* e *tribal* levantava várias questões de ordem sociocultural e os dados do *corpus* puderam prover algumas respostas. Uma delas é que, mesmo quando o item *ethnic* era usado mais de uma vez no contexto da Inglaterra, o sentido não era o mesmo de contextos como o da Iugoslávia. Krishnamurthy (1998, p. 133) atribui essa diferença de sentido a uma questão de foco que poderia se concentrar em aspectos humanos, relações pessoais, lugares de encontro, cotação, dentre outros. Isso levou a duas perguntas: qual a razão escondida na troca de foco? É um problema do que os jornalistas e editores colocam como de interesse do público britânico?

Essas perguntas constituem um ponto-chave para se compreender por que diversos autores têm proposto um uso conjunto de LC e teorias discursivas nas análises. De acordo com Biber, Conrad & Reppen (1998), essa teoria tem sido utilizada largamente na Lexicografia, na Sociolinguística e na Estilística, mas trabalhos de linguistas como Michael Stubbs têm demonstrado que a LC é uma ferramenta importante na análise

discursiva textualmente orientada, fornecendo dados quantitativos que corroboram as análises dos diversos corpora em análise do discurso.

Segundo Berber-Sardinha (1999a), o emprego dos computadores quando da investigação da linguagem é benéfico porque traz consistência e permite maior abrangência na análise. Para Stubbs (1996, p. 232), ele possibilita a descoberta de fatos novos, a contestação de opiniões e crenças estabelecidas. E, para Hoey (1993)⁵⁰, citado em Berber-Sardinha (1999a), ele permite “uma oportunidade não somente de ampliar nosso conhecimento, mas de transformá-lo” (tradução do autor).

Nesse sentido, como explica Kennedy (1998, p. 09), a LC seria uma forma de descrever o funcionamento da linguagem, por isso se pode afirmar e ressaltar que ela entra em sintonia tanto com a perspectiva sistêmica hallidayana quanto com a perspectiva textual-discursiva que será adotada neste trabalho.

O programa a ser utilizado será o *WordSmith Tools*, desenvolvido por Michael Scott. Berber-Sardinha (1999a, 2004) e Scott (2001) trazem uma explicitação dos componentes e das ferramentas encontradas no pacote do programa. Resumidamente, as ferramentas são: (1) *WordList*, responsável pela produção de listas de palavras; (2) *Concord*, responsável principalmente pela produção de listas de concordâncias, colocados, agrupamentos lexicais e de gráficos de distribuição da palavra de busca; e (3) *KeyWords*, responsável pela produção de uma lista de palavras-chaves e de suas associações.

Berber-Sardinha (1999a) ressalta que o programa põe, à disposição do pesquisador, recursos que, quando bem utilizados, são úteis na análise de vários aspectos da linguagem, tais como a composição lexical, a temática de textos selecionados e a organização retórica e composicional de gêneros discursivos.

⁵⁰ HOEY, M. Introduction. In: HOEY, M. (Org.). *Data, description, discourse – papers on the English language in honour of John McH Sinclair on his sixtieth birthday*. London: HarperCollins, 1993.

Se por um lado a lista de palavras traz todas as palavras, a frequência e a localização delas no *corpus*, a concordância facilita a análise co-textual dos itens, colocando em evidência o nóculo (a palavra que está em análise) e seus arredores lingüísticos. As palavras-chave, por outro lado, põem em evidência o valor de um determinado item seja pela sua alta ou baixa frequência.

A *KeyWord* é considerada uma ferramenta inovadora. Como fruto da comparação entre duas listas, significando algo diferente de palavra importante, um item será uma palavra-chave se sua frequência for muito alta ou muito baixa em comparação com o corpus de referência – corpus utilizado com fins de contraste com um outro produzido para estudo/descrição (cf. BERBER-SARDINHA, 2001, p. 88-89).

Palavra-chave é, portanto, “uma palavra que ocorre com frequência incomum em um dado texto⁵¹” (SCOTT, 1997, p. 236) e, conforme observa Berber-Sardinha (2001, p. 90), palavras-chave já foram utilizadas em diversos trabalhos para se analisarem coesão lexical, colocações, diferenças internas em gêneros do discurso, dentre outros.

A idéia de palavra-chave está intimamente ligada ao estudo da padronização de uma língua, pois visa a obter padrões de ocorrência/co-ocorrência do item, bem como do contexto em que ocorre, como seria o caso dos estudos da colocação – “co-ocorrência habitual de duas (ou mais) palavras⁵²” (STUBBS, 1996, p. 176).

De acordo com Stubbs (1996, p. 176), pode-se ter um fenômeno colocacional (*collocational phenomenon*) – *prosódia semântica* – capaz de indicar diferentes conotações das palavras.

⁵¹ Minha tradução de: “A key word may be defined as a *word which occurs with unusual frequency in a given text*” (SCOTT, 1997, p. 236).

⁵² Minha tradução de: “Collocation means the habitual co-occurrence of two (or more) words” (STUBBS, 1996, p. 176).

Para Scott (1997, p. 233), “agrupamentos de palavras-chave associadas podem prover uma representação de conceitos socialmente importantes⁵³”, por isso o autor faz do texto a principal categoria de trabalho em perspectiva em LC.

Em Stubbs (1996), por exemplo, pode-se encontrar uma excelente revisão dos trabalhos de Firth sobre palavras focais ou pivôs e de Williams sobre palavras-chave com o intuito de mostrar que a análise de Williams em *Keywords: a vocabulary of culture and society* (1976) também poderia ter sido produzida com base lingüística lexical. O objetivo do autor é introduzir uma metodologia de trabalho capaz de colocar em pauta questões discursivas partindo do léxico e, especificamente, de uma *palavra-chave*.

Em termos operacionais, no WordSmith Tools, as funções são a *lematização* que permite o agrupamento de duas ou mais formas diferentes em um mesmo item; a *classificação* que permite a ordenação das listas e concordâncias tanto por ordem alfabética quanto por ordem freqüencial ou de posição; e, por fim, a *delimitação*, a qual possibilita a escolha de quais partes do corpus serão lidas pelo programa. A partir disso, o programa trabalha pelos princípios de ocorrência, recorrência e co-ocorrência dos itens selecionados pelo pesquisador (cf. BERBER-SARDINHA, 2004, p. 89-91).

Nas palavras de Stubbs (1996, p. 169), “o estudo de palavras recorrentes é, portanto, de central importância no estudo da linguagem e ideologia, e pode prover evidência empírica de como a cultura é expressa em padrões lexicais⁵⁴”.

Esse apanhado teórico é extremamente relevante na medida em que pretendo fazer uma interface entre os estudos textuais discursivos e os estudos de corpora para construir a análise do discurso aqui proposta, em conformidade com a afiliação teórica e metodológica

⁵³ Minha tradução de: “clusters of associated key words can provide a representation of socially important concepts” (SCOTT, 1997, p. 233).

⁵⁴ Minha tradução de: “The study of recurrent wordings is therefore of central importance in the study of language and ideology, and can provide empirical evidence of how the culture is expressed in lexical patterns” (STUBBS, 1996, p. 269).

do subprojeto *Coesão lexical em tradução e Análise Crítica do Discurso*, integrante do projeto CORDIALL, que me propiciou o contato com os teóricos nacionais e internacionais que compõem o corpo teórico desta pesquisa.

Utilizando as ferramentas computacionais, será possível não apenas isolar padrões de ocorrência, mas demonstrar em que medida esses padrões ajudam na produção, veiculação e cristalização de idéias, pensamentos, conceitos e preconceitos acerca de um assunto relativo à cultura brasileira, a partir de palavras associadas à palavra-chave ‘sincretismo⁵⁵’ no corpus desta pesquisa. Posteriormente, será feita a relação com a prática social a partir dos gêneros discursivos, como formas de ação e representação (cf. FAIRCLOUGH, 2003).

4.4 Procedimentos

4.4.1 Análise crítica do contexto de produção e consumo do corpus

Nessa etapa da análise, pretende-se analisar o corpus, detalhando-o de forma a esclarecer os dados coletados a respeito tanto do corpus como um todo, quanto de cada subcorpus que o constitui. Posteriormente, será feita a análise de cada subcorpus na tentativa de esclarecer de que forma cada um é visto de diferentes perspectivas, quais sejam, dentro da perspectiva das instituições que os produzem e dentro de outras perspectivas, frutos de trabalhos a seu respeito.

⁵⁵ Mais uma vez saliento que o conceito de palavra-chave aqui adotado é o de Williams (1976), ou seja, uma palavra culturalmente relevante e capaz de apontar questões sociais relevantes.

4.4.2 Análise (con)textual baseada em corpus

Este trabalho intenta partir dos colocados e das colocações com a palavra-chave *sincretismo* e chegar aos discursos sobre o sincretismo, usando ferramentas computadorizadas que auxiliarão na análise quantiquantitativa dos dados com base na perspectiva sistêmica do uso da linguagem. Para viabilizá-la, a metodologia está baseada na proposta de Berber-Sardinha (1999a, 2004), Hunston & Francis (2000), Huston (2002), Stubbs (2001, 2002), dentre outros, para estudos sobre padronização lexical, de onde se partirá para estâncias lingüísticas mais complexas (texto, gênero do discurso e discurso). Logo após, é feita a análise dos discursos mediados sobre o sincretismo dentro da perspectiva da Análise Crítica do Discurso. Dessa forma as etapas para execução deste trabalho são:

- (1) coleta do corpus nos arquivos digitais dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Veja* e *Época* – via internet – dos textos em que aparecer pelo menos uma vez a palavra sincretismo, no período compreendido entre 1998 e 2003;
- (2) confecção de tabela de frequência da palavra sincretismo, cujas palavras de mesma raiz não serão inclusas, para verificação estatística da palavra sincretismo com a finalidade de visualizar seu uso enquanto nóculo no corpus;
- (3) confecção de tabela de frequência da palavra sincretismo, cujas palavras de mesma raiz serão inclusas (função lematização no pacote *WordSmith Tools*), devido ao potencial coesivo das mesmas e à relação estabelecida como elemento de manutenção de um campo;

- (4) confecção da lista de concordâncias com a *palavra-chave* *sincretismo* para análise do co-texto típico de sua ocorrência, juntamente com a prosódia semântica⁵⁶ provinda dessas linhas;
- (5) confecção da listagem dos agrupamentos lexicais, a fim de se examinarem possíveis padrões dos quais a palavra *sincretismo* faça parte no corpus;
- (6) confecção de tabelas de colocados e padrões de colocados para que seja possível a observação dos padrões colocacionais da palavra *sincretismo* e ajuda na análise das prosódias semânticas evocadas, com o intuito de traçar o perfil semântico para o lexema em questão;
- (7) produção a partir das tabelas de colocados e padrões de colocados das principais relações lexicais e colocações, construídas com e/ou a partir da palavra *sincretismo*;
- (8) confecção de uma tabela com as palavras mais frequentes no corpus, para verificação da relação delas nos textos.

Para tanto, os instrumentos empregados dentro do pacote *WordSmith Tools* serão:

- (a) a lista de palavras (*WordList*);
- (b) as linhas de concordância (*Concord*);
- (c) a listagem de agrupamentos lexicais (*clusters*);
- (d) a lista de colocados (*colocates*);
- e (e) a tabela de padrões de colocados. Logo em seguida serão feitos:

- (9) busca das palavras mais frequentes;
- (10) busca das principais relações lexicais formadas com a palavra *sincretismo*;
- (11) verificação, a partir das linhas de concordância, dos campos a ela associados;

⁵⁶ Convencionaram-se os seguintes símbolos: sinal + para prosódia positiva, o sinal - para prosódia negativa e N para prosódia neutra.

- (12) análise do sincretismo como um aspecto discursivo da questão racial brasileira, partindo das relações lexicais e dos campos associados, seguindo os padrões da Análise Crítica do Discurso;
- (13) análise dos gêneros discursivos utilizados na veiculação do sincretismo;
- (14) contraste entre as análises feitas entre jornais e revistas de informação geral.

A partir das listagens e tabelas, busca-se, portanto, entender o valor da coesão por colocação com a palavra *sincretismo* na tessitura dos discursos sobre a questão racial brasileira, tendo um foco não apenas nas estruturas (re)produzidas nos textos, mas também nos diversos campos e vieses a que o sincretismo está vinculado: social, cultural, religioso, identitário, dentre outros. Conforme explica Stubbs (2001), palavras e frases contribuem para coesão textual e uma das formas de se trabalhar a coesão lexical seria enfatizar a análise das colocações que, de maneira geral, não têm sido abordadas pelos trabalhos sobre o assunto. Como afirma o autor, “um texto coeso é construído através do uso de variações de colocações típicas” e argumenta que “a coesão lexical não é apenas um reflexo de conteúdo, mas decorre também de uma seqüência amarrada (*stringing together*) e sobreposta de unidades do período⁵⁷” (STUBBS, 2001, p. 306-307).

Segundo Stubbs (2001, p. 308-309), há “propriedades colocacionais de uma palavra”, ou seja, existe um padrão de ocorrência para uma palavra que ajuda a delinear suas possibilidades conotativas, sejam elas positivas ou negativas. Para ele, cada padrão individual é probabilístico, mas, cumulativamente, as expectativas intertextuais são transmitidas na forma de prosódia discursiva através do texto.

⁵⁷ Minha tradução de: “a cohesive text is built up through the use of variations on typical collocations. (...) I will argue that lexical cohesion is not only a reflex of content, but that it is also due to the stringing together and overlapping of phrasal units” (STUBBS, 2001, p. 206-307).

Estou partindo do pressuposto de que a coesão lexical, em especial a coesão por *colocação*, pode ser responsável pela sustentabilidade dos discursos sobre o sincretismo. A partir de um procedimento de atribuição, intratextualmente, torna-se capaz o redirecionamento de itens lexicais e a constituição de relações entre esses itens que geram as possibilidades associativas e de *prosódia semântica* para a palavra *sincretismo*. E, de modo mais específico, a Lingüística de Corpus, em interface com os estudos sobre coesão dentro da perspectiva sistêmica, viabilizará o mapeamento, nos gêneros discursivos específicos desta pesquisa, das colocações da palavra-chave *sincretismo* e tornará possível a análise das relações lexicais construídas a partir destas, dando acesso ao entendimento de algumas perspectivas com que se tem representado esse hibridismo social, cultural e religioso chamado sincretismo, no interior da mídia.

Capítulo 5. Análise crítica das construções de sincretismo

5.1. Análise do contexto de produção e consumo do corpus

Nas seções que se seguem, será feita a análise da produção e consumo do corpus, baseada nas perspectivas diferenciadas a respeito de cada subcorpus para subsidiar a análise (con)textual baseada em corpus e, posteriormente, a análise dos gêneros discursivos.

5.1.1 Os jornais e revistas por eles mesmos e por outros: contextualização sociocultural

Como se verá, além das características inerentes a cada veículo, cada instituição afirma suas pretensões de suprir o leitor de informações de forma neutra e imparcial, o que, no senso comum, é aceito como prerrogativa do jornalismo. Pretende-se, após uma exposição sobre os veículos com base nas próprias informações dadas por eles mesmos, problematizar esse ponto de vista a partir de diferentes olhares, frutos de pesquisas a esse respeito.

De acordo com sua própria Agência, *O Globo*⁵⁸ é um jornal diário ligado a uma agência reconhecida nacional e internacionalmente tanto pela qualidade quanto pela credibilidade de seu conteúdo – a Agência *O Globo* – a qual é responsável pelo fornecimento de reportagens, fotos, colunas, suplementos e cadernos especiais para mais de cem veículos de comunicação, no Brasil e no exterior.

Lido no país inteiro, este jornal é líder de mercado, contando com cerca de 2 milhões de leitores, para os quais traz informações diárias do que acontece no Brasil e no mundo.

Segundo a própria agência, *O Globo* atinge 2.000.000 de leitores aos domingos. Destes, 61% pertencem às classes A e B; 69% têm curso superior; 74% possuem uma renda familiar acima de 30 salários mínimos. A faixa etária atingida gira dos 15 aos 65 anos. A tiragem dominical é de 660 mil exemplares.

A *Folha de São Paulo*⁵⁹, por sua vez, foi fundada em 1921 e tornou-se, na década de 80, o jornal brasileiro mais vendido no país (em 2003, por exemplo, a circulação média foi de 350 mil exemplares em dias úteis e 430 mil aos domingos). O crescimento do jornal deveu-se a estratégias baseadas nos princípios editoriais do *Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência*. Sua organização é feita em cadernos temáticos diários e suplementos de circulação nacional. Foi, também, o primeiro veículo de comunicação do Brasil a oferecer conteúdo on-line a seus leitores.

⁵⁸ Informações extraídas do site: <http://oglobo.globo.com/jornal/> e http://www.modulo.com.br/empresa/site/modulo_internacases_globo.jsp?pMenuPai=0&pLinkMenu=abre_menu

⁵⁹ Informações extraídas do site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>.

A publicação em 1995 de uma edição especial sobre preconceito racial sob o título de *Racismo cordial: a mais completa análise do preconceito racial* trouxe grande repercussão para o jornal.

Em 1997, o jornal publica a versão mais recente de seu projeto editorial, que propõe seleção criteriosa dos fatos a serem tratados jornalisticamente, abordagem aprofundada, crítica e pluralista, texto didático e interessante. Finalmente, em 2001, é lançada a quarta edição do novo Manual da Redação, versão revista e ampliada das edições anteriores (publicadas em 1984, 1987 e 1992).

A *Revista Veja*⁶⁰ nasce de uma outra – a *Revista Veja e Leia*, pertencente à Editora Abril. A primeira edição de *Veja* foi datada de 11 de setembro de 1968, com tiragem de 695.000 exemplares, distribuídos por todos os Estados brasileiros. Esse número caiu em seguida para aproximadamente 50.000 exemplares. Nas décadas seguintes, houve uma nova expansão e, na década de 90, chega a um milhão de exemplares. Hoje, a tiragem de *Veja* gira em torno de 1.250.000 exemplares.

Em termos de característica, *Veja* é uma revista semanal de informação, inspirada na revista americana *Time*, criada em 1922 por Henry Luce. É a primeira no gênero lançada no Brasil, onde imperavam no mercado editorial as revistas semanais ilustradas, com grandes fotos e textos curtos.

Em termos estatísticos, a tiragem semanal (média) é de 1.250.000 exemplares; com um total estimado de leitores de cerca de 5.000.000 (em média, 4 leitores por exemplar) e a carteira de assinantes é de 940.000, sendo que 52% dos leitores são mulheres; 68 % (3.415.000) dos leitores pertencem às classes consideradas A e B; 47% dos leitores têm

⁶⁰ Informações retiradas dos sites: www.veja.com.br e www.publiabril.com.br.

entre 20 e 39 anos; 55% dos leitores têm nível superior⁶¹; 80% dos leitores têm casa própria; 80% dos leitores têm automóvel no lar; 51% dos leitores têm TV a cabo; 28% dos leitores costumam correr ou andar⁶². Além disso, *Veja* é a quarta maior revista semanal de informação do mundo, sendo superada apenas pelas americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News and World Report*.

A revista semanal de informação *Época*⁶³, por seu turno, surgiu em 25 de maio de 1998 e ocupa um segundo lugar sólido no *ranking* da circulação das semanais, chegando a cerca de 500 mil exemplares por semana. A revista surgiu com um projeto gráfico inovador, inspirado na revista alemã “Focus”, com a qual mantém um contrato de direitos autorais.

A revista se propõe a ser informativa e isenta, procurando apresentar os fatos para permitir que o leitor julgue, interprete e decida. Pontos de vistas são enfocados em entrevistas, por columnistas e em artigos assinados.

Juntamente com a revista, foi criado o *site Época OnLine*, em maio de 1998, com acesso gratuito. *Época* está disponível desde o primeiro número. Entretanto, a partir da edição nº 162 de 25-07-2001, só estão disponíveis no *site* alguns destaques, sinalizados pelo símbolo @ (Conteúdo da revista impressa). A Editora Globo está seguindo o modelo da *Companion Magazine Web Sites*, o qual vem sendo adotado pelo mundo editorial. Um dos princípios é o *site* oferecer mais do que a revista impressa (acesso a documentos, fotos, áudios, interatividades, coberturas on-line, serviços, *links* de compra) e, da edição da semana, a íntegra apenas de algumas seções ou reportagens, notas e entrevistas. Mas, a

⁶¹ Base: leitores adultos/classe AB acima de 18 anos.

⁶² Obs.: números de outubro/2002 - Fontes: Estudos Marplan.

⁶³ Informações extraídas de www.epoca.com.br.

partir da edição 203 de 08-04-2002, as edições das semanas anteriores são abertas no *site* para pesquisas.

Matos (1991), analisando *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, observou os assuntos das primeiras páginas desses jornais no período do governo de Emílio G. Médici e concluiu que a linha editorial dos jornais refletia a tensão do envolvimento que cada jornal tinha com o regime e o compromisso com a sociedade.

Barros (1996, 1997) analisou a *Folha de São Paulo* com o objetivo de examinar como o jornal relacionou o processo de privatização no Brasil ao cenário internacional contemporâneo e verificou que, diferentemente do próprio projeto editorial do jornal, a partir do qual é proposta a realização de um jornalismo apartidário, pluralista, crítico e moderno, a privatização é ressaltada como uma necessidade histórica para o Brasil diante das tendências do mercado mundial e do cenário internacional. Segundo o autor, o jornal explorou a situação econômica brasileira nas duas décadas subseqüentes, estabelecendo uma relação direta entre desestatização e superação da crise econômica, colocando a privatização como uma necessidade premente do país.

Carmo (1993) faz uma análise de três editoriais do jornal *Folha de São Paulo* de maneira a tornar explícita a forma como o jornal avaliou o governo Itamar Franco em relação a questões sociais. Como o trabalho do autor mostra, a própria avaliação, seja positiva ou negativa, vai de encontro ao aspecto neutro ou imparcial dos jornais.

Mendes (2003), por sua vez, calcada no referencial da Análise Crítica do Discurso em interface com a Lingüística de Corpus, analisa a representação dos discursos no noticiário policial dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Dia*. A pesquisa apontou que existem maneiras diferentes de construir a subjetividade dos leitores dos jornais e concluiu que isto se deve a questões ideológicas. Concluiu-se também que o estudo das ordens do

discurso aponta tanto para relações de poder quanto para relações hegemônicas que norteiam a forma de representação dos fatos.

Com relação à *Revista Veja*, Pereira Jr. & Müller (1998) demonstram, após um estudo sobre as conotações ideológicas da expressão “acadêmico”, que os veículos de comunicação de massa ocupam um lugar central na construção da sociabilidade, frisando que as revistas semanais desempenham um papel extremamente importante na compreensão do mundo. Para os autores, as relações do homem com o mundo são cada vez mais construídas por esses veículos, pois são utilizados para fins informativos, para entretenimento e, inclusive, para organização da vida. Entretanto, os autores chamam a atenção para o fato de que, ao passarem informação, esses veículos estariam contribuindo para a visão de mundo que as pessoas têm da sociedade.

Com relação à *Revista Época*, não foi encontrado um estudo específico, todavia o que as bibliografias apontam é que não seria o caso, *a priori*, de se afirmar que este ou aquele veículo possuía esta ou aquela intenção ao dar uma notícia, mas que uma análise detida seria capaz de mostrar ideologias subjacentes, ajudando a construir visões de mundo particulares. Nesse sentido, este trabalho pretende constituir mais uma contribuição para o estudo das relações sociais construídas a partir de práticas discursivas mediadas pela imprensa.

Por fim, cabe observar que apenas *O Globo* e a *Revista Veja* possuem informações sistemáticas sobre quem os lê, mas nenhum dos veículos aqui apresentados dão informações sobre grupos étnicos e raciais que comporiam a comunidade de seus leitores, o que sugere um apagamento da questão como algo relevante.

5.2 Análise (con)textual baseada em corpus

Antes de partir para a análise propriamente dita da padronização da palavra sincretismo, é importante informar os dados gerais tanto do corpus quanto de cada subcorpus. Nesses termos, a tabela abaixo traz informações a respeito do corpus todo, das palavras (*types* – tipos, *tokens* – ocorrências) e da quantidade de textos. E também as mesmas informações sobre cada subcorpus:

Dados gerais sobre o corpus e os respectivos subcorpora	
Tokens/ocorrências	108.088
Types/tipos	16.152
Número de textos	163
Subcorpus d'O Globo	
Tokens/ocorrências	75.589
Types/ tipos	13.185
Número de textos	107
Subcorpus da Folha de São Paulo	
Tokens/ocorrências	20.942
Types/ tipos	5.016
Número de textos	30
Subcorpus da Revista Veja	
Tokens / Ocorrências	3.728
Types / tipos	1.247
Número de textos	14
Subcorpus da Revista Época	
Tokens/ocorrências	8.137
Types/ tipos	2.853
Número de textos	12

Tab. 1

Conforme mostra a tabela, o corpus todo possui 108.088 ocorrências de palavras, distribuídas em 16.152 tipos, num total de 163 textos. No caso d'O Globo, são 75.589 ocorrências, em 13.185 tipos, e 107 textos. O subcorpus da *Folha de São Paulo* possui 20.942 ocorrências, 5.016 tipos, em seus 30 textos. Nas revistas, a *Veja* traz 3.728 ocorrências de palavras, distribuídas em 1.247 tipos, em seus 14 textos, enquanto a *Época* possui 8.137 ocorrências, 2.853 tipos e 12 textos.

5.2.1. Considerações gerais sobre a padronização da palavra-chave **sincretismo no corpus**

No corpus como um todo, o nóculo da pesquisa ocorre 211 vezes, representando 0,19%⁶⁴ do corpus (cf. Tab. 2a)⁶⁵. Com a lematização, esse índice sobe para 223 ocorrências, equivalentes a 0,20% (cf. Tab. 2b).

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no corpus				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
14547	SINCRÉTICA	3		
14548	SINCRÉTICO	4		
14549	SINCRÉTICOS	1		
14550	SINCRETISMO	211	0,20	
14551	SINCRETISMOS	1		
14552	SINCRETISTAS	3		

Tab. 2a

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no corpus, com lematização				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
14547	SINCRÉTICA	0		
14548	SINCRÉTICO	0		
14549	SINCRÉTICOS	0		
14550	SINCRETISMO	223	0,21	Sincréticos (1), sincrético (4), sincrética (3), sincretismos (1), sincretistas (3)
14551	SINCRETISMOS	0		
14552	SINCRETISTAS	0		

Tab. 2b

A opção por separar em duas tabelas a palavra sincretismo – uma com sua estatística em separado e outra utilizando a função lematização – decorre em primeiro lugar da necessidade de se terem dados estatísticos do nóculo da pesquisa, uma vez que a análise parte dele e é ele que encabeça as outras possibilidades derivacionais. Em segundo, não se podia deixar de considerar as palavras de mesma raiz, pois podem levar a significados semelhantes e exercem entre si força coesiva.

⁶⁴ Essa porcentagem é dada em função do número de palavras que constitui o corpus.

⁶⁵ Optou-se por colocar determinadas tabelas referentes a este capítulo em anexo, para evitar problemas devido a algumas delas serem muito extensas e devido ao excessivo número delas que poderia, de alguma forma, dificultar a leitura do texto.

Em termos associativos, foram 23 tipos diferentes de agrupamentos lexicais em que a palavra sincretismo apareceu, totalizando 137 ocorrências (cf. Tab. 2c). Deles, o mais representativo numericamente foi formado com o adjetivo *religioso*, somando 97 dos 137 agrupamentos listados.

Com base nas tabelas de colocados (cf. Tab. 2d) e de padrões de colocados (cf. Tab. 2e), buscaram-se os colocados e também procurou-se construir um padrão de ocorrência baseado no fenômeno colocação. O colocado mais representativo foi *religioso* com 85 ocorrências, das quais 81 na posição imediatamente à direita, como modificador. Tirando-se os colocados gramaticais (preposições, pronomes etc.), os outros colocados foram *afro-brasileiro* com 10 ocorrências; *cultural* com 10; *Bahia* com 9; *tem* com 8; *cultura* com 7; *candomblé*, *diz*, *legenda*, *mistura*, *santos*, *religião* e *miscigenação* com 6; *Brasil*, *brasileira*, *mostra*, *umbanda* com 5 cada e *brasileiro* com 3.

Pode-se afirmar que as relações lexicais, formadas pelo fenômeno colocação com a palavra sincretismo, são construídas com os seguintes itens: *afro-brasileiro*, *religioso*, *religião*, *santos*, *Brasil*, *brasileiro(a)(s)*, *Bahia*, *mistura*, *miscigenação*, *candomblé*, *umbanda*, *cultura*, *cultural*.

Conforme será explicitado nas próximas seções, das 211 ocorrências exatas da palavra sincretismo, 130 ocorreram n’*O Globo*, 39 na *Folha de São Paulo*, 16 na *Revista Veja* e 26 na *Revista Época*. Com a função lematização, esse índice sobe para 134 n’*O Globo*, 42 na *Folha de São Paulo*, 31 na *Revista Época*, mantendo-se inalterado apenas na *Revista Veja*.

Nas próximas seções, será analisada a padronização da palavra sincretismo separadamente em cada subcorpus isoladamente (*O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Veja* e *Época*) para obtenção de elementos para posterior contraste entre os subcorpora de jornais e revistas de informação geral.

5.2.2 Padrões da palavra sincretismo nos jornais

5.2.2.1 Freqüência e padronização da palavra-chave sincretismo

Em termos de freqüência, a palavra-chave sincretismo ocorre no jornal *O Globo* 130 vezes, equivalendo a 0,17%⁶⁶ do subcorpus (cf. Tab. 3a). Considerando-se palavras de uma mesma raiz, a partir da função lematização, essa freqüência passa para 134 ocorrências, correspondendo a 0,17% (cf. Tab. 3b).

Dados sobre a freqüência da palavra-chave sincretismo no subcorpus O Globo				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
11884	SINCRÉTICA	1		
11885	SINCRÉTICO	2		
11886	SINCRETISMO	130	0,17	
11887	SINCRETISTAS	1		

Tab. 3a

Dados sobre a freqüência da palavra-chave sincretismo no Subcorpus O Globo, com lematização				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
11884	SINCRÉTICA	0		
11885	SINCRÉTICO	0		
11886	SINCRETISMO	134	0,17	Sincrético (2), sincrética (1), sincretistas (1)
11887	SINCRETISTAS	0		

Tab. 3b

Para produção das linhas de concordância, padronizou-se a utilização apenas da palavra exata (o nóculo da pesquisa), uma vez que as palavras de mesma raiz são consideradas devido ao potencial coesivo e, ao mesmo tempo, ao poder de ajudar na manutenção dos campos que necessitam de uma confluência que nem sempre é verificada, conforme será explicitado mais à frente. A partir das concordâncias (cf. Tab. 3c), pôde-se

⁶⁶ A porcentagem é dada em função do número de palavras constantes no subcorpus de *O Globo*.

visualizar o co-texto de suas ocorrências e analisar a prosódia semântica da palavra-chave sincretismo.

Em seguida, buscaram-se os agrupamentos lexicais (cf. Tab. 3d). Dos 14 padrões lexicais apontados, os mais expressivos foram “o sincretismo religioso” (18 ocorrências) e “do sincretismo religioso” (13 ocorrências). Os demais tiveram frequência igual ou inferior a 5 ocorrências, sendo que: (1) a palavra sincretismo ocorreu isolada de outros itens lexicais, ou (2) foi rearranjada com o colocado *religioso*: “sincretismo religioso e”, “ao sincretismo religioso”, “no sincretismo religioso”, “sincretismo religioso baiano”, “sincretismo religioso brasileiro”, “sincretismo religioso é” (22 vezes). Registraram-se também 5 ocorrências de “o sincretismo é”, 4 ocorrências de “símbolo do sincretismo”; e 3 de “curioso sincretismo” e de “sincretismo à americana”.

A produção de uma tabela de colocados (cf. Tab. 3e) e outra de padrões de colocados (cf. Tab. 3f) revelou que as palavras mais representativas num horizonte de 5 palavras para direita e cinco para esquerda eram *religioso*, com 59 ocorrências, *afro-brasileiro* com 7, *legenda* e *cultura* com 6 cada e *mistura* com 5, sendo que a proximidade e a frequência apontam *religioso* com 56 ocorrências imediatamente à direita e 3 à esquerda como o colocado mais representativo.

Na *Folha de São Paulo*, são 39 ocorrências da palavra-chave sincretismo, equivalendo a 0,19%⁶⁷ do subcorpus (cf. Tab. 4a), de onde se produziu a tabela de concordâncias e nela foram marcadas as prosódias semânticas do nóculo (cf. Tab. 3c). Somando-se as palavras de mesma raiz por meio da lematização, têm-se 42 ocorrências e 0,20% do subcorpus (cf. Tab. 4b).

⁶⁷ Porcentagem dada em função do número de palavras constantes no subcorpus *Folha de São Paulo*.

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no Subcorpus Folha de São Paulo				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
4418	SINCRÉTICA	2		
4419	SINCRÉTICO	1		
4420	SINCRETISMO	39	0,19	

Tab. 4a

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no Subcorpus Folha de São Paulo, com lematização				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
4418	SINCRÉTICA	0		
4419	SINCRÉTICO	0		
4420	SINCRETISMO	42	0,20	Sincretício (1), sincretícia (2)

Tab. 4b

A tabela 4d demonstra os agrupamentos lexicais que se limitam a 3: “o sincretismo religioso”, com 7 ocorrências, “do sincretismo religioso”, com 4 e “e o sincretismo”, com 3.

As tabelas de colocados (cf. Tab. 4e) e de padrões de colocados (cf. Tab. 4f) mostram que o único colocado semanticamente constituído da palavra *sincretismo* é *religioso* com 15 ocorrências à direita. A outra palavra indicada foi *que* (5 ocorrências).

Em conjunto, os jornais trazem 176 ocorrências da palavra *sincretismo*, o que representa 0,17% do subcorpus constituído pelos dois jornais juntos e, fazendo uso da lematização, passa-se a 183 ocorrências, equivalendo a 0,18% do subcorpus.

5.2.2.2 Relações lexicais, colocações com a palavra-chave **sincretismo** e sua prosódia semântica

Nesta seção, pretende-se analisar as relações lexicais formadas a partir do fenômeno colocacional com a palavra *sincretismo* e buscar sua prosódia semântica. Para tanto, partiu-se das tabelas de colocados e padrões de colocados (Tabelas 3e/3f e 4e/4f) e foram analisadas uma a uma as linhas de concordância (Tab. 3c e 4c), ampliando o

horizonte de análise o quanto foi necessário para determinação da conotação do nóculo em cada uma de suas ocorrências.

De modo geral, a colocação não demonstra a existência de muitas possibilidades de relações lexicais com itens variados. N' *O Globo*, é formada com os seguintes itens: *sincretismo*, *religioso*, *afro-brasileiro*, *legenda*, *cultura* e *mistura*. Esse resultado é dado num horizonte de 5 colunas à direita e cinco colunas à esquerda do nóculo (medida do programa *WordSmith Tools*), sendo que o item *legenda* não traz contribuição relacional por ser indicador apenas da existência de pequenos trechos que versam sobre fotos que, nos originais, acompanham o texto.

Do mesmo modo, na *Folha de São Paulo*, as relações são formadas, com o mesmo horizonte, apenas com *sincretismo* e *religioso*.

Essas relações e os próprios colocados não indicam qualquer conotação seja ela neutra, positiva ou negativa, contribuindo para a produção de um perfil semântico neutro para a palavra *sincretismo*. E indicam que, nos jornais pesquisados, sua relação se dá em primeiro lugar com o campo religião, o que pode ser corroborado pela representatividade do colocado *religioso* na produção de agrupamentos lexicais, colocados e padrões de colocados.

Como essas relações lexicais e os colocados não indicaram a prosódia semântica, optou-se por analisar manualmente cada ocorrência. Pôde-se verificar que a prosódia semântica da palavra *sincretismo* é predominantemente positiva e o termo é colocado inclusive como caracterizador do Brasil, como país que traz em seu bojo inúmeras etnias, religiões e culturas.

(1) A estátua é belíssima e sua imagem me fez lembrar do **sincretismo** religioso da cultura brasileira. (*O Globo*)

- (2) A umbanda é uma religião que nasceu no início deste século no Brasil, do **sincretismo** de elementos dos cultos afro-brasileiros (como o candomblé), do espiritismo, do catolicismo e do ocultismo. (*Folha de São Paulo*)
- (3) Não deixa de ser muito intrigante essa lacuna, sendo o Brasil até hoje embebido de religião, país católico onde se multiplicam seitas protestantes e onde o **sincretismo** religioso está em toda parte, como na umbanda carioca. (*Folha de São Paulo*)

Embora haja diferentes conceitos para sincretismo e divergências em torno dessas conceituações nos campos das Ciências Sociais, especialmente a Antropologia (ver capítulo 1), ele é representativo no uso corrente da mídia jornalística em co-texto com a palavra *mistura* e, quase sempre, com conotações positivas, que o associam à constituição híbrida do país, em termos culturais, religiosos, humanos, étnicos e artísticos (incluindo, nesse último caso, a música e o carnaval). No campo artístico, a idéia de mistura parece se fortalecer pela possibilidade de representação que lhe é inerente:

- (4) A arte e a vida decorrem da mistura: **sincretismo** e mestiçagem. (*Folha de São Paulo*)
- (5) "Religião brasileira, uma mistura de catolicismo e macumba." (*O Globo*)
- (6) As agremiações niteroienses desfilam terça-feira de carnaval e vão dar ares de terreiro ao Sambódromo, para onde levarão a fé, os costumes e as tradições africanas e o **sincretismo** religioso do brasileiro. (*O Globo*)
- (7) Com uma visão irreverente da miscigenação e do **sincretismo** no país, os carnavalescos Alaôr Júnior e Roberto Antônio vão misturar elementos de cultos europeus, africanos e indígenas no enredo "Andar com fé eu vou... Brasil tua alma barroca". (*O Globo*)
- (8) Na ala "**Sincretismo** em romaria", símbolos religiosos africanos e indígenas misturam-se às fantasias. No desfile também não haverá imagens de orixás, mas elementos de umbanda, que resultam de um **sincretismo** religioso. A pajelança dará lugar na Avenida ao culto dos astros. (*O Globo*)
- (9) O **sincretismo** se dá na África como no Brasil. Misturamos elementos da magia com os do islamismo. No Brasil, vocês misturam os elementos africanos com os do catolicismo. (*O Globo*)

Com relação às vezes em que a palavra sincretismo ocorre com prosódia semântica negativa, ela já está associada a palavras que podem ser interpretadas negativamente (escravidão, rebeldia, absorção, massacre, dor, extermínio, combate, choque, fascismo,

dentre outras) ou claramente negada na própria estrutura, como em “teve a coragem de dizer não ao sincretismo” (*O Globo*).

- (10)- Negar o **sincretismo** é prova da independência de uma religião. Você pode até ir à missa e ao candomblé, mas não mistura santo com orixá. O **sincretismo** é resquício da escravidão, o senhor queria que o negro fosse católico e ele, para agradar, dizia que era. (*O Globo*)

5.2.3 Padrões da palavra sincretismo nas revistas

5.2.3.1. Frequência e padronização da palavra-chave sincretismo

Na *Revista Veja*, a palavra-chave *sincretismo* ocorre 16 vezes, equivalendo a 0,43%⁶⁸ do subcorpus (cf. Tab.5a), sendo que não ocorreram palavras de mesma raiz para que fosse possível a lematização. Da mesma forma, não há frequência suficiente para que seja gerada no *WordSmith Tools* uma tabela que liste os agrupamentos lexicais.

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Veja				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
1093	SINCRETISMO	16	0,43	

Tab. 5a

A produção de uma tabela de concordância (cf. Tab. 5b) permitiu a análise contextual e da prosódia semântica que é positiva *in totum*, conforme será explicitado na próxima seção.

A tabela de colocados (cf. Tab. 5c) e a de padrões de colocados (cf. Tab. 5d) mostram apenas *religioso* em todas as ocorrências listadas como colocado para a palavra *sincretismo*.

⁶⁸ Porcentagem feita em função do número de palavras que constitui o subcorpus da *Revista Veja*.

Na *Revista Época*, por sua vez, são 26 ocorrências da palavra sincretismo o que equivale a 0,32%⁶⁹ do subcorpus (cf. Tab. 6a). Utilizando a lematização (cf. Tab. 6b), têm-se 31 ocorrências, o equivalente a 0,38% do subcorpus. Na tabela 6c, estão as concordâncias, juntamente com as prosódias semânticas.

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Época				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
2535	SINCRÉTICO	1	0,01	
2536	SINCRÉTICOS	1	0,01	
2537	SINCRETISMO	26	0,32	
2538	SINCRETISMOS	1	0,01	
2539	SINCRETISTAS	2	0,02	

Tab. 6a

Dados sobre a frequência da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Época, com lematização				
N	Word	Freq.	%	Lemmas
2535	SINCRÉTICO	0		
2536	SINCRÉTICOS	0		
2537	SINCRETISMO	31	0,38	Sincréticos (1), sincrético(1), sincretismos (1), sincretistas (2)
2538	SINCRETISMOS	0		
2539	SINCRETISTAS	0		

Tab. 6b

Baseando nas tabelas de colocados (cf. Tab. 6d) e padrões de colocados (cf. Tab. 6e), depreende-se que há no subcorpus apenas um colocado para a palavra sincretismo: *religioso* com 6 ocorrências, todas à direita e distribuídas no horizonte de cinco colunas à direita. O outro colocado indicado foi a palavra *que*.

Isso significa que, nas revistas, a palavra-chave sincretismo ocorre 42 vezes, equivalendo a 0,35%⁷⁰ do subcorpus. Utilizando a lematização, no programa *WordSmith Tools*, foram agregadas mais cinco ocorrências, elevando a 47 ocorrências e 0,40%.

⁶⁹ Porcentagem feita em função do número de palavras que constitui o subcorpus da *Revista Época*.

⁷⁰ Porcentagem feita em função do número de palavras que constitui o subcorpus das duas revistas juntas.

5.2.3.2 Relações lexicais, colocações com a palavra-chave sincretismo e sua prosódia semântica

Utilizando-se o mesmo procedimento para os jornais, pode-se afirmar que na *Revista Veja*, apenas o colocado *religioso* mostrou-se relevante, sendo que a conotação foi positiva em todos os casos.

No caso da *Revista Época*, o colocado *religioso* também é o mais expressivo, mas na maioria das vezes a conotação é negativa, sendo utilizada a palavra *sincretismo* com o prefixo “anti” (anti-sincretismo), ou com palavras como *combato*, *crítica*, *contra*, *revogação*, *desafia*, *opõe-se*, *abaixo*, *liberdade*, *colônia*. Das 26 ocorrências, apenas 8 foram positivas, e as outras 18 trouxeram prosódia semântica negativa.

Não houve frequência suficiente no subcorpus da *Revista Veja* para que o programa *WordSmith Tools* produzisse uma tabela de agrupamentos lexicais, entretanto, mostrou como único colocado o item *religioso*, inclusive como padrão. Dessa forma, não se pode falar em relações lexicais que se formam a partir do fenômeno colocacional, apontadas por uma ferramenta computacional. Através de uma análise manual, podem-se verificar relações construídas com os seguintes itens: *sincretismo*, *religioso*, *cultural*, *musical*, *brasileiro*.

De forma bastante parecida, no subcorpus da *Revista Época*, também não foi possível que o programa produzisse uma tabela de agrupamentos lexicais. Os colocados foram *religioso* e *que*, sendo que apenas *religioso* é semanticamente constituído, o que faz com que não seja possível construir relações variadas que se formem a partir do fenômeno colocação, com a palavra-chave *sincretismo*, verificadas via computador. Pela análise manual, pode-se dizer que as relações poderiam ser formadas apenas com os itens que se seguem: *sincretismo*, *religioso*, *cultural*.

Embora todas as ocorrências da palavra sincretismo tenham prosódia semântica positiva na *Revista Veja* por estar associada a eventos artísticos, especialmente shows musicais nos quais a naturalização da construção idealizada do sincretismo como mistura perfeita torna-se mais nítida, a *Revista Época* traz uma prosódia semântica predominantemente negativa, como se verifica nos exemplos abaixo:

- (11) Mãe Stella, mãe-de-santo do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, foi uma das primeiras a dar seu apoio ao anti-sincretismo. Ela afirma que o uso de imagens católicas no terreiro é profanação. "**Sincretismo é resquício da escravatura**", diz. "Não precisamos disso." (*Revista Época*)
- (12) Dito de outro modo, ao assumir plenamente a postura de escritor, pôde se lançar livremente à aventura de pensar e imaginar o Brasil. E o que emerge de sua obra é um país essencialmente mestiço. Um país que se fez de misturas genéticas e **sincretismos** culturais. De etnias em rotação sob o sol dos trópicos. De fusões, confusões e transfusões de genes e signos. (*Revista Época*)
- (13) O grupo, que foi uma das grandes revelações do Free Jazz Festival 2001, mostra esta noite o **sincretismo** cultural no palco do Lapa. O som é resultado de uma mistura de ritmos indígenas, batida percussiva dos negros, além do reisado, ritmo desenvolvido pelos agricultores do povoado de Caraíbas, e o candomblé. (*Revista Veja*)

Chama a atenção a inter-relação de itens no exemplo (12): *De fusões, confusões e transfusões de genes e signos* (*Revista Época*). Num primeiro momento, estes itens parecem ter sido utilizados para enfatizar a idéia de fusão, pois fusão indica mistura, aliança, associação, numa gradação que terminaria com a idéia de para além da fusão, por isso, transfusão. Poder-se-ia também verificar uma ambigüidade no item *confusão* ao analisá-lo como *fusão com e*, num outro viés, como uma mistura desordenada, o que remonta à própria ideologia de raça biológica.

No item *transfusão*, há também uma carga semântica provinda do discurso da medicina que imprime nele uma peculiaridade com relação aos outros itens – fusão e confusão – principalmente pela associação com os itens *genes* e *mestiço*. A palavra *signo*, por sua vez, remeteria talvez à constituição híbrida brasileira, numa visão inter-semiótica,

uma vez que ela traz consigo traços de culturas diferentes, o que faz com que sua conexão seja mais bem compreendida em relação aos itens *fusão, culturais e etnia*.

Os itens lexicais utilizados nesse exemplo podem, também, estar revelando a própria tensão entre os discursos que se engendram para a construção da noção de sincretismo e também indicando a relação com a questão racial. Os itens ligados a questões genéticas, de transfusão e de mestiçagem evocam misturas raciais, enquanto a idéia de etnia não, pois parece ser cunhada para suplantar aquela, trazendo a idéia de identidade para além da cor da pele e questões físicas e genéticas inerentes à noção de raça biológica.

5.2.4 Similaridades e diferenças da padronização e da prosódia semântica da palavra-chave sincretismo em jornais e revistas de informação geral: em busca de um perfil

Um aspecto relevante do estudo da padronização de uma palavra em veículos diferentes diz respeito à verificação das similaridades dessa padronização, uma vez que é possível haver diferenças tanto nos padrões e relações entre os itens lexicais a que se associa, quanto na prosódia semântica. Dessa maneira, na próxima subseção, buscar-se-á explicitar as possíveis similaridades e diferenças da padronização da palavra-chave sincretismo nos jornais e nas revistas de informação geral, com vistas à análise de seu perfil semântico.

5.2.4.1 Similaridades e diferenças da padronização da palavra sincretismo em jornais e revistas de informação geral

Comparando os dois subcorpora maiores (jornais e revistas de informação geral), percebe-se que a frequência da palavra-chave *sincretismo* varia de um subcorpus para o outro devido à própria periodicidade dos veículos de comunicação de massa, pois os jornais são diários e as revistas semanais.

O Globo usou a palavra *sincretismo* 137 vezes e a *Folha de São Paulo* a usou 39 vezes (176 vezes juntos). No caso das revistas, a *Veja* usou a palavra *sincretismo* 16 vezes e a *Época*, 26 vezes (42 vezes juntas).

Em termos percentuais, também há diferenças nos subcorpora que não se verificam de um mesmo veículo para outro (jornal para jornal ou revista para revista). As ocorrências da palavra *sincretismo* nos jornais equivalem a 0,17% do subcorpus e com a lematização chegam a 0,18%. Nas revistas, por outro lado, tem-se 0,35% e, fazendo uso da lematização, sobem para 0,40%. Esse percentual mostra um uso mais efetivo e frequente nas revistas.

5.2.4.2 Perfil semântico da palavra sincretismo em jornais e revistas de informação geral

Uma das possibilidades mais profícuas para traçar o perfil semântico de uma palavra é fazendo a análise dos colocados com o nóculo. Entretanto, de maneira contrária ao que os estudos antropológicos e das Ciências Sociais apontam – uma negatividade ou flutuação conceitual, conforme exposição feita no primeiro capítulo – nos jornais e revistas

de informação geral pesquisados, a palavra sincretismo possui perfil semântico positivo com uma frequência muito maior que o negativo (cf. Tab. 3c, 4c, 5b). Apenas na *Revista Época*, a prosódia semântica da palavra sincretismo é paradoxalmente negativa na maioria das ocorrências (cf. Tab. 6c).

Inicialmente (cf. metodologia), pensou-se que seriam produzidas relações lexicais com a palavra-chave sincretismo com numerosos itens. No entanto, via computador, os padrões de colocados e os colocados obtidos nos subcorpora dos jornais mostraram relações com poucos itens lexicais e, via análise manual, os subcorpora das revistas também corroboram essa afirmação. De forma igual, as relações lexicais traçam um perfil neutro para o nóculo na mídia estudada: (1) *sincretismo, religioso, afro-brasileiro, cultura, mistura (O Globo)*; (2) *sincretismo, religioso (Folha de São Paulo)*; (3) *sincretismo, religioso, cultural, musical, brasileiro (Revista Veja)*; e (4) *sincretismo, religioso, cultural (Revista Época)*.

Como se pode notar, os itens computados manualmente a partir das revistas mantiveram a maioria dos mesmos itens já computados pelo programa *WordSmith Tools* com relação aos jornais. É importante frisar que o número de itens pode variar, mas esses itens mantêm-se, em termos opcionais, quando verificados com relação ao corpus como um todo. Acrescentam-se apenas a separação das religiões chamadas afro-brasileiras – umbanda e candomblé – a indicação de lugares bastante representativos do fenômeno – Bahia/Brasil – e a indicação da relação existente entre sincretismo e miscigenação (*afro-brasileiro, religioso, religião, santo(s), Brasil, brasileiro(a)(s), Bahia, mistura, miscigenação, candomblé, umbanda, cultura, cultural*).

Apenas a análise focalizada das linhas de concordância, com expansão aos parágrafos e, às vezes, ao texto, foi capaz de trazer à tona as associações que criam diferentes conotações para a palavra sincretismo.

Os colocados do nódulo mostram em geral uma conotação mais positiva, tanto no jornal *O Globo*, quanto na *Folha de São Paulo* (cf. Tab. 3e, f; 4e, f), pois estabelecem relações com campos que mostram o sincretismo como um fenômeno valorizador do Brasil e de seu povo.

As revistas, por outro lado, demonstram a tensão entre positividade e negatividade, pois na *Veja* a conotação é positiva e na *Época* a conotação negativa é sugerida para além dos padrões de colocados. A negatividade é atribuída de forma clara no item *anti-sincretismo*. Ao se perceber o sincretismo como negativo, produziu-se uma visão contrária sinalizada na negação imposta pelo próprio prefixo *anti*, o qual marca não apenas o item lexical, mas uma nova forma de percepção do sincretismo. Isso pode ser visto neste trecho retirado da *Revista Época*, que traz uma manifestação de descendentes de africanos pertencentes à religião desta cultura contra a noção do sincretismo:

- (14) "Da nossa parte, o anti-**sincretismo** é também uma questão política", confirma Mestre Didi, sumo sacerdote do culto aos ancestrais no candomblé. / Mãe Stella, mãe-de-santo do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, foi uma das primeiras a dar seu apoio ao anti-**sincretismo**. Ela afirma que o uso de imagens católicas no terreiro é profanação. "**Sincretismo** é resquício da escravatura", diz. "Não precisamos disso."

No exemplo (14) acima, pode-se perceber os dois discursos que estão em tensão – o que pretende manter o sincretismo como um fenômeno capaz de apagar conflitos, fruto de naturalizações da ideologia do branqueamento, associada também à ideologia da democracia racial, pressuposto na negação e o que reage a ele, na voz de dois importantes membros do candomblé baiano – e, por isso, duas possibilidades de conotação deles provindas. O anti-sincretismo como reação ao sincretismo imprime uma prosódia semântica negativa para o sincretismo, como, juntamente com o item lexical *apoio*, cria uma prosódia positiva para o anti-sincretismo. Há de se ressaltar também que essa prosódia negativa para o sincretismo e a positiva para anti-sincretismo vêm da manifestação de

descendentes de africanos pertencentes a religiões destas culturas e, por isso, cientes do sincretismo no seu interior. O efeito que se produz quanto à negatividade da noção de sincretismo neste caso se fortalece, ganhando mais ênfase a partir das vozes que são reconhecidas por outros adeptos e por descendentes de africanos que podem tomar conhecimento dessa reação e aderir a esse discurso.

A padronização e o perfil semântico predominantemente positivo da palavra-chave sincretismo constituem dados importantes para o entendimento do hibridismo⁷¹ social, religioso e cultural do Brasil, pois o padrão de ocorrência da palavra é tão eclético do ponto de vista dos campos associados quanto à própria dificuldade de conceituar o que seja exatamente sincretismo, conforme discussão de teóricos no campo das Ciências Sociais e da Antropologia (ver capítulo I).

Como exemplos desse ecletismo de campos associados ao sincretismo podem ser tomados os seguintes trechos retirados do corpus: *“artes, literatura, filosofia, canto, música, sincretismo religioso, aromas e sabores”*; *“Nos discos que gravou e nos shows foi a cantora [Clementina de Jesus] que melhor traduziu o sincretismo musical brasileiro, passando por sambas de roda, pontos de candomblé e hinos católicos.”*; *“catequese e escravidão, rebeldia e sincretismo, absorção e massacre”*; *“visão das filosofias orientais, gerando um sincretismo estético instigante e explosivo”*; *“Sempre houve quem torcesse o nariz para um certo cheiro que emanava de seus romances [de Jorge Amado]: de mistura de raças, de miscigenação e sincretismo.”* (*O Globo*); *“ninguém, como ele [Agenor Miranda Rocha⁷²], é tão representativo do sincretismo, do ecumenismo e da tolerância”*;

⁷¹ O termo *hibridismo* está sendo utilizado neste trabalho segundo a ACD. Dessa forma, esta é uma maneira de trabalhar a idéia de *diversidade* em conformidade com parâmetros adotados pela Antropologia com relação a esse último termo, elegendo tanto um posicionamento frente ao que está sendo exposto quanto um lugar de análise e pesquisa dentro da Linguística Aplicada. De acordo com Fairclough (2000b), o hibridismo é um processo de construção de sentidos contemporâneo, definido pela alusão a limites tênues entre domínios que são tradicionalmente distintos que passam a compartilhar práticas discursivas semelhantes.

⁷² Professor e leitor do oráculo dos Búzios na Bahia.

“promover um sincretismo religioso e racial” (Folha de São Paulo); “Sincretismo musical marca festival” (Revista Veja); e “no sincretismo cultural e na miscigenação”; “O sincretismo da artista plástica Inés Zaragoza chega a Paris”; “sincretismo que remonta à época da colônia”; “Da nossa parte, o anti-sincretismo é também uma questão política”; “Sincretismo é resquício da escravatura” (Revista Época).

Sincretismo na mídia de jornais e revistas de informação geral é trabalhado como uma mistura positiva de diversos traços sociais, de cultura e de religiões, que evoca um dialogismo de campos que sugere um leque de possibilidades⁷³. Por isso, quando da análise do nóculo, pode-se verificar que ele ocorre sempre como núcleo de um grupo nominal⁷⁴, às vezes ajudando a constituir um sintagma preposicional. Dessa maneira, a posição semanticamente constituída é imediatamente à direita do nóculo e preenchida, quase sempre, por um qualificador (*sincretismo → cultural; cultural brasileiro; religioso; religioso e cultural; religioso baiano; religioso brasileiro; afro-brasileiro; religioso afro-brasileiro; sensorial; musical brasileiro; estético, instigante e explosivo; musical; cordial de santos e orixás; eleitoral; plástico, inaceitável; artístico; religioso e racial; cubano; baiano*) e, algumas vezes, por sintagmas adjetivais (*sincretismo → das religiões africanas; do Campo Grande; do culto africano; à americana; desta festa milenar*) ou poucas vezes por orações relativas (*sincretismo → em que tudo se equivale; que remonta à época da escravidão*). A posição de um qualificador à esquerda do nóculo não é comum, tendo ocorrido apenas com a palavra *aparente* uma vez (*ao abrigo de um aparente sincretismo – Folha de São Paulo*) e com a palavra *curioso* duas vezes (*o curioso sincretismo entre a Bahia e a Índia; O “curioso sincretismo” a que se refere Gil - O Globo*).

⁷³ Essa discussão será retomada na Análise Crítica do Discurso sobre o sincretismo nas próximas seções.

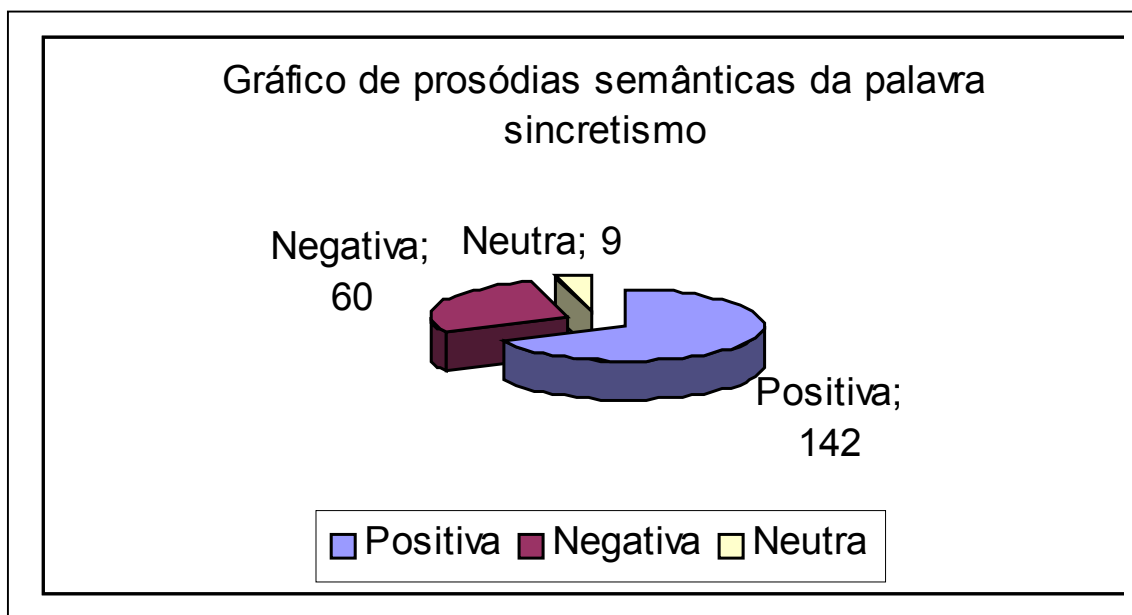
⁷⁴ Grupo nominal é aquele cujo núcleo é um nome/substantivo.

Dos qualificadores supracitados, apenas *inaceitável* (Tab. 3c, linha 94: “Com base nos fatos acima, inclusive no sincretismo inaceitável”) produz de uma prosódia negativa, contra todos os outros que, via de regra, ajudam na produção de um perfil semântico neutro ou positivo, como por exemplo, em: “*Omolu, orixá identificado com São Lázaro no sincretismo afro-brasileiro*”; “*a cantora que melhor traduziu o sincretismo musical brasileiro*”; “*Sincretismo cordial de santos e orixás*”; “*Carlos Drummond de Andrade defendia o sincretismo cultural*” (*O Globo*”).

Em outras palavras, o fenômeno colocação não influi na prosódia semântica da palavra-chave sincretismo, pois essa influência decorre das relações de campo. Como Droogers⁷⁵ – citado em Ferretti (1999, p. 119) – observa, o termo sincretismo se distingue de termos preconceituosos e não possui conotação valorativa, a não ser a que lhe é atribuída. Essa idéia ajuda a compreender por que a padronização sozinha indicou uma prosódia semântica neutra e, quando ocorreram os processos de associação de campo, foi possível computá-la. A palavra sincretismo mostra suas conotações quando é inserida em determinados contextos em que se torna possível reviver sua história sob certas perspectivas, sejam elas positivas ou negativas. Nesses momentos, adentra-se no universo de discursos e ideologias que subjazem seu uso e sua própria cunhagem para explicitar o hibridismo cultural brasileiro e as relações sociais e raciais no país.

Em termos quantitativos, das 211 prosódias analisadas, são 142 positivas, 60 negativas e 9 neutras, conforme mostra o gráfico abaixo:

⁷⁵ DROOGERS, A. Syncretism: the problem of definition, the definition of the problem. In: GORT, J.; VROOM, H; FERNHOUT, R.; WESSELS, A. (Ed.) *Dialogal and syncretism: an interdisciplinary approach*. Amsterdam: Willian B. Eerdmans Publishing Co. and Editions Rodopi; Grand Rapids, MI: William B. Eedmans, 1989. p. 07-25.



Gráf. 1

Numa dimensão comparativa dos veículos, comprova-se que, das 142 ocorrências positivas, 93 são d'*O Globo*, 25 da *Folha de São Paulo*, todas as dezesseis da *Revista Veja* e 8 da *Revista Época*. Das 60 prosódias negativas, 30 são do jornal *O Globo*, 12 da *Folha de São Paulo* e 18 da *Revista Época*. No caso da prosódia neutra, foram registradas 7 n'*O Globo* e 2 na *Folha de São Paulo*.

Desses dados, depreende-se que, majoritariamente, sincretismo possui uma conotação positiva na mídia estudada. A hipótese de neutralidade semântica é bastante reduzida, uma vez que só os jornais apontaram essa possibilidade, mas com pouca representatividade. A *Revista Veja* foi o único veículo a apresentar, em 100% das ocorrências, uma prosódia positiva. De forma parecida, *O Globo* também apresenta o sincretismo desta forma, pois possui um número muito expressivo de conotações positivas em comparação com o número de prosódias negativas e neutras. É interessante notar que o único veículo a apresentar o sincretismo de forma majoritariamente negativa foi a *Revista Época*, demonstrando uma perspectiva diferenciada dos demais veículos.

Quando a prosódia semântica é positiva (ver tabelas de concordâncias), os campos/assuntos associados são: conhecimento, religião (católica, umbanda e candomblé), identidade, crença, história, música/dança (samba, jongo, jazz, congada), origem, mistura, arte, literatura, filosofia, canto, aromas, sabores, fé, costumes, tradição, homenagem, Bahia, esoterismo, idéias originais, cartomancia, cristais, meditação, anjos, cultura, carnaval, futebol, prestígio, folia, romaria, festa, liberdade, negritude/sobrevivência da cultura negra, eventos, arquitetura, reconstrução, herança, símbolos, humanismo, mestiçagem, diálogo, personalidade, vinculação. Os trechos abaixo podem exemplificar essa análise:

- (15) Ninguém representa tão bem as religiões afro-brasileiras quanto o professor Agenor. E ninguém, como ele, é tão representativo do **sincretismo**, do ecumenismo e da tolerância religiosa que caracterizam essas crenças. Filho de Oxalá, ele se considera católico por ter sido batizado, acredita na reencarnação, como os kardecistas, e admira as religiões orientais. (*Folha de São Paulo*)
- (16) O Grupo Camaleão mostra em Aparecida o **sincretismo** cultural do povo brasileiro. (*Revista Veja*)
- (17) A devoção ao santo, aliada ao **sincretismo** religioso, aumentou o prestígio das peças. (*Revista Época*)

O uso da palavra *mestiçagem* neste contexto ecoa discursos ligados ao discurso de raça da biologia, demonstrando o quanto ele ainda é produtivo discursivamente. Ao mesmo tempo, é interessante frisar discursos ligados a assuntos exóticos como carnaval, aromas e sabores, posto que podem apagar ou obscurecer conflitos importantes por trás da semântica e da história da palavra sincretismo, devido ao próprio exotismo e à possibilidade de estereotipagem.

Os exemplos acima ainda demonstram a noção de sincretismo como benéfica. Esse ponto de vista positivo parece ancorar-se mais uma vez na ideologia do branqueamento e na ideologia da mistura perfeita que o originou, uma vez que a palavra *sincretismo* está associada a itens como *tolerância* e à idéia de que é a associação – ver item *aliada* – que aumentou o prestígio da peça. Dessa forma, quando se “apagam” os conflitos, ocorre uma

união que, conforme exposições feitas no decorrer deste trabalho, de fato não existe, consistindo apenas num mascaramento dos conflitos.

As associações que produzem a prosódia semântica negativa são feitas com os seguintes itens: problema, catequese, escravidão, rebeldia, absorção, massacre, competição/luta (ver, por exemplo, o uso da palavra adversário), liberdade de crença, associação, colonialismo, desafio, revogação, fidelidade, crítica, enfraquecimento religioso (do catolicismo e do candomblé), dor, modificação, miscigenação, profanação, animismo, macumba (em sentido pejorativo), separação, polêmica, oposição, rejeição, purismo, reação, racismo, fascismo, substituição, manifesto, aceitabilidade, necessidade de se esconder, credence, amalgamamento, mistura “comportada”, aparências, xifopagia, interpenetração, acusação, extermínio, imposição, tropeço, velório e choque. Isso agregado a palavras como *combate*, à negação clara (fruto de uma estrutura negativa ou uso do termo *anti-sincretismo*) ou ao uso de palavras como a preposição *contra*:

(18) Desde o primeiro momento no cargo ele [Dom Lucas Moreira Neves] combateu o **sincretismo** religioso. (*O Globo*)

(19) não querem mais saber de **sincretismo** com os católicos. (*Revista Época*)

(20) Ela [Mãe Stella] é contra o **sincretismo** religioso. (*Revista Época*)

A expressão *liberdade de crença* gera uma prosódia semântica negativa. Esse caso é interessante por mostrar que as religiões de origem africana nem sempre são reconhecidas como religiões, mas apenas como crenças ou seitas, pois precisam ser *associadas* ao catolicismo, pois a *fidelidade* deveria ser a este que é respeitado socialmente, para gerar a *aceitabilidade* das “crenças” originárias da África. Em outras palavras, a *interpenetração* é que gera essa aceitabilidade, mas sempre do catolicismo para as religiões de origem africana.

A análise da prosódia semântica é fundamental tanto para traçar o perfil semântico da palavra sincretismo quanto para analisar os campos a ela associados, pois, ao indicar processos valorativos que mostram as conotações para a palavra sincretismo, seja ela positiva, neutra ou negativa, também são revelados discursos num processo de tensão e conflito que, em grande parte das vezes, é mascarado na conotação positiva ou neutra, como mostram as tabelas de concordâncias.

Isso significa que, do ponto de vista lingüístico, a padronização da palavra sincretismo e suas possibilidades de relações advindas do fenômeno colocação nem sempre revelam os conflitos e tensões discursivas, pois predomina a conotação positiva do termo. As conotações para essa palavra também não são dadas de forma padronizada, mas via associações de campo que apontaram os conflitos e tensões discursivas. Nesses termos, o perfil semântico da palavra sincretismo na mídia pode ser considerado predominantemente positivo, embora uma análise mais detida mostre justamente a tensão e o sentido construído para a noção de sincretismo como um mascaramento, conforme continuará a ser exposto nas próximas seções.

Houve ainda relações bastante diferenciadas com o judaísmo/islamismo, com a Índia, prisão, muçulmanos ou erotismo. Essas relações chamam a atenção porque a palavra sincretismo é usada com palavras pouco comuns nos co-textos de seu uso (ver exemplo 9, sobre a relação com o islamismo) ou em contextos diferentes do esperado que seria, por exemplo, o religioso ou de mistura e miscigenação no Brasil:

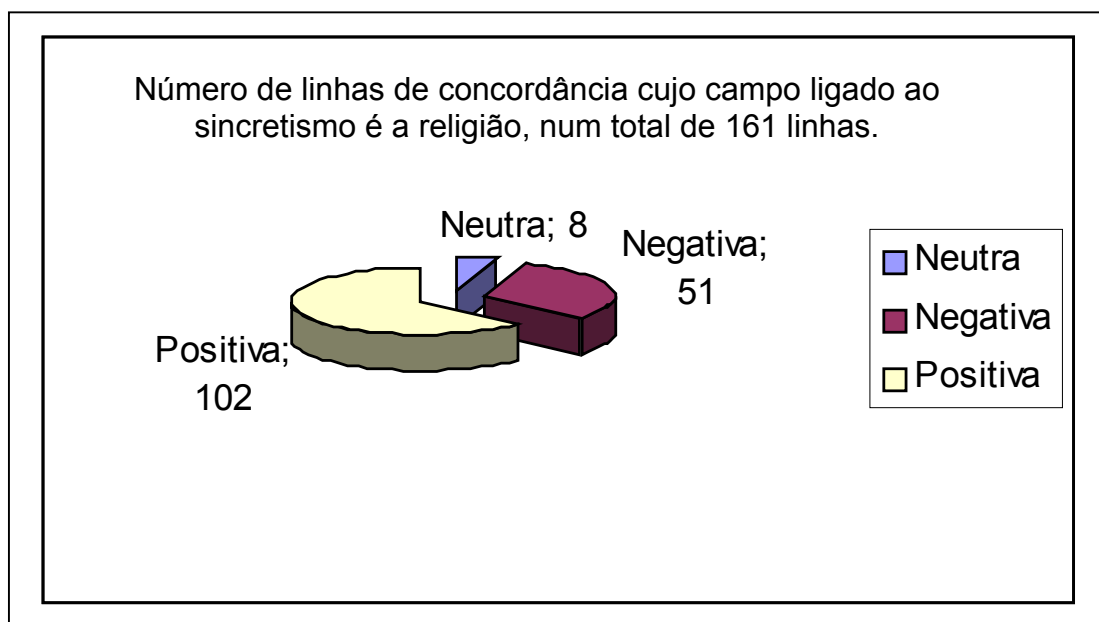
(21) Anna Bella acredita que o **sincretismo** e o local de origem comum ao cristianismo, judaísmo e islamismo deveriam ser suficientes para que as diferentes culturas se respeitassem e mantivessem a paz. (*O Globo*)

(22) GILBERTO GIL toca violão com músicos moradores da região de Udaipur, cidade onde o bloco Filhos de Gandhi desfilou: o documentário procura mostrar o curioso **sincretismo** entre a Bahia e a Índia. (*O Globo*)

- (23) A cenografia de Fábio Namatame faz um bonito **sincretismo** da prisão com o decadente hotel parisiense onde Wilde morreu, mas o figurino não é feliz, nem como caracterização de personalidade e nem como época (*O Globo*)
- (24) É possível tratar-se de alguma luz mística, tal a devoção do artista por emblemas do candomblé e, no final da vida, também por signos muçulmanos, outro tipo de **sincretismo** que penetrou na vida do povo baiano, visível pela herança das roupas brancas vestidas pelos crentes dos terreiros na sexta-feira e a sua original massificação nas praias do Rio no último dia do ano. (*O Globo*)
- (25) Martinho soube promover neste trabalho [CD “Coisas de Deus”] um **sincretismo** entre erotismo e religiosidade. Num tom bem familiar. (*O Globo*)

No caso do exemplo 25, há uma ambigüidade, pois se se pensar no contexto da religiosidade judaico-cristã, poderia causar estranhamento. Entretanto, no caso da religiosidade de herança africana, esse estranhamento poderia não acontecer, uma vez que os conceitos de moral, de certo e de errado relacionados a erotismo não são de antemão condenados. Pode-se corroborar isso nos mitos que descrevem a sensualidade dos orixás ou mesmo o envolvimento entre eles (cf. PRANDI, 2001), sem que esse erotismo seja condenável. Martinho da Vila canta samba e pagode, estilos musicais considerados sensuais, em cujas letras é comum a associação de palavras do campo da sexualidade e do campo religioso. Essa é talvez a razão pela qual seja comum serem estilos condenados, devido aos apelos sexuais e à relação estabelecida com a religião, inclusive na percussão, muitas vezes próxima do batuque das religiões de origem africana.

Chama ainda atenção o fato de o sincretismo ser majoritariamente relacionado ao campo religioso. Ou seja, de todos os campos, o mais produtivo e associado ao sincretismo é, sem dúvida, religião que suplanta até mesmo o aspecto tipicamente cultural talvez pela falta de especificidade. Das 211 linhas de concordância analisadas, 161 se relacionam à religião, sendo 97 das 130 ocorrências do jornal *O Globo*, 34 das 39 da *Folha de São Paulo*, 6 das 16 da *Revista Veja* e 24 das 26 da *Revista Época*. Dessas linhas relacionadas à religião, 102 possuem prosódia semântica positiva, 51 prosódia negativa e apenas 8 possuem prosódia neutra, conforme gráfico abaixo:



Gráf. 2

A produção de uma lista de palavras mais frequentes (cf. Tab. 7) também mostra essa relação. Como a lista gerada é extensa, optou-se aleatoriamente por criar um ponto de corte, convencionando trabalhar-se com as 200 primeiras palavras as quais alcançaram um percentual de ocorrência de 0,05% ou superior a essa marca no corpus todo. Delas, foi feita uma triagem que retirou todas as palavras excessivamente genéricas ou palavras gramaticais, pois o objetivo era ajudar a visualização do que é mais representativo lexicalmente no corpus constituído de textos que versam sobre o sincretismo.

Como se pode verificar na tabela, existe uma gama de palavras que remetem a lugares, especialmente ao Brasil (*Brasil, Rio, Bahia, país, brasileiro, brasileiros, brasileira, cidade, Salvador, nacional*).

Ainda com relação à seleção das palavras desta tabela, é importante esclarecer que o programa *WordSmith Tools* (versão 3.0) separa as palavras hifenizadas, por isso, gerou-se uma lista de concordâncias para análise da palavra afro, uma vez que ela se liga a várias das ocorrências de brasileiro e de suas variações. Das 74 ocorrências de afro, pôde-se

verificar que 46 são de afro-brasileiro(a)(s) e as outras 28 são de afro sozinha, com 17; afro-baiano(a)(s), com 5; afro-descendentes, luso-afro-brasileiro, com 2 ocorrências cada e afro-boiola, afro-tropical com uma ocorrência. O item *mundo* constitui-se com uma abrangência que não permite tecer comentários específicos a seu respeito.

As palavras que indicam etnia só se ligam, em termos de maior frequência, a descendentes de africanos (*negro, negros*), gerando, às vezes, uma mistura dos dois termos, pois as palavras *povo* e *gente* são muito abrangentes e versam sobre todas as possibilidades étnicas, numa possível tentativa de generalização. Da mesma forma, a palavra *social* ajuda a trazer o campo social à tona, mas sem especificidade. Nesse sentido, depreende-se a relação do sincretismo com “negros” devido à estratégia discursiva produzida por este grupo étnico como um primeiro mecanismo de resistência cultural. É interessante que a referência à questão cultural está presente em apenas duas palavras distintas – *cultura* e *cultural* –, talvez porque todos os outros campos possam relacionar-se a questões culturais.

Os itens relacionados a questões temporais – *tempo, história, século* –, por sua vez, são relevantes porque o sincretismo é uma marca na história do Brasil e, ao falar-se sobre esse assunto, é necessário retornar a questões históricas desde a sua constituição a sua atual linha de abordagem.

Por fim, como já havia sido mencionado, a religião é o campo mais evocado, como se percebe em diferentes itens lexicais que o trazem à tona: *igreja, católica, papa, candomblé, umbanda, santo, santa, santos, religioso, religião, orixás, mãe [-de-santo], dom, fê, Deus*⁷⁶. Dessa forma, justificam-se os discursos tanto do catolicismo, quanto do

⁷⁶ De suas 54 ocorrências, apenas uma não faz referência ao Ser considerado supremo em todas as religiões. Essa ocorrência única vem grafada com letra minúscula, estando ligada a um deus que se encarnou, logo, dentro dos preceitos das religiões de origem africana.

candomblé e umbanda, na produção do sincretismo e também a maior produtividade da relação entre sincretismo e religião.

5.3 Representação discursiva do sincretismo na mídia: interdiscursividade apontada nas relações lexicais

Conforme exposto no primeiro capítulo, o sincretismo remonta à época de constituição do Brasil colônia, presente como um discurso que tenta explicar e/ou apaziguar a natureza conflituosa inerente à sociedade brasileira, calcado nas ideologias do branqueamento, da mistura perfeita de traços religiosos e culturais diferentes e da democracia racial.

Para Valente (1976), o sincretismo como objeto de pesquisa já se encontrava saturado, mas, diferentemente desse ponto de vista, há razões que indicam um processo de transformação e possível mudança na ordem social vigente que o traz à tona como um assunto atual e carente de estudos.

Essa possível mudança surge no início da década de 80 do século passado, no momento em que o discurso sobre o sincretismo é desafiado pelo discurso anti-sincretista e pelo discurso da reafricanização, introduzido pelos descendentes de africanos e também pregado dentro da ordem do discurso religioso por importantes membros do Candomblé, uma das possíveis razões para que o campo mais evocado quando se menciona o sincretismo seja a religião.

Apesar disso, o que a presente análise tem indicado é ainda a reprodução do sincretismo como a mistura “perfeita” de raças, religiões e culturas idealizada, dadas as associações lexicais e de idéias verificadas. Analisando as colocações e associações

lexicais da palavra sincretismo, percebe-se que a produção dos textos e discursos que veiculam a noção de sincretismo mostram-se oscilando entre estar a favor ou negá-lo, mas não apenas na mídia de jornais, pois ganhou o espaço acadêmico como uma outra arena de discussões.

O nóculo dessa pesquisa – a palavra sincretismo – é, então, relevante para se levantarem os discursos que se articulam dialogicamente na representação desse fenômeno social, para se procurar compreender alguns aspectos da questão racial brasileira.

No corpus, as palavras *branco*, *brancos*, *branca* e *brancas* totalizam 97 ocorrências e, com um leque de derivações/flexões bem maior, *negro* totaliza 216 ocorrências (*negões*, *negra*, *negras*, *negreiro*, *negreiros*, *negrinho*, *negritude*, *negro*, *negros*, *neguinho*). Nessa relação, fica claro o quanto o fenômeno sincretismo diz mais respeito aos descendentes de africanos, uma vez que a frequência também pode indicar como a palavra *negro* é mais marcada nos textos.

Os discursos sobre o sincretismo remetem, nesse sentido, ao discurso de dominados e dominantes numa relação de embate, remontando principal e historicamente aos assuntos escravidão (97 ocorrências da palavra *escravo* e suas flexões ou derivações *escrava*, *escravas*, *escravatura*, *escravidão*, *escravismo*, *escravista*, *escravizadas*, *escravocrata*, *escravocratas*, *escravos*) e colonialismo (57 ocorrências da palavra *colônia* e de suas flexões ou derivações: *coloniais*, *colonial*, *colonialismo*, *colonialista*, *colonialistas*, *colônias*, *colonização*, *colonizador*, *colonizadores*, *colonos*). Por isso chama a atenção o fato de a associação a esses assuntos criar uma prosódia semântica negativa, como em “*O sincretismo é um resquício da escravidão*” (*O Globo*) ou nos trechos abaixo:

(26) Na apresentação Carlos Diegues, cineasta filho do etnólogo alagoano Manuel Diegues Júnior, se refere ao ponto de partida de investigação do autor: o negro perdura como negro no tempo brasileiro, não obstante a miscigenação no sangue e o **sincretismo** na alma. (*Revista Época*)

(27) A isso, acrescenta-se, conforme sabemos da sociologia do açúcar, que na cultura popular os rios de Portugais encontram-se nas águas do Capibaribe. Ou seja: o negro no Brasil é invenção do açúcar explorado pelo colonizador português latifundiário. (*Folha de São Paulo*)

No exemplo (26), há uma separação interessante entre o aspecto físico representado pela miscigenação e uma idéia de sincretismo que o transcende, evocando talvez os diversos problemas pelos quais os descendentes de africanos passam como resultado da exclusão de diversos tipos, possivelmente oriundos na constituição do país. Nele, pode-se inferir também uma idéia de negação da “pureza” que não se verifica no Brasil, principalmente hoje – *no tempo brasileiro*. Por isso, houve o uso do verbo *perdurar*, que pode indicar a permanência de uma idéia e o atraso com relação a uma mudança de pensamento da própria sociedade brasileira que, de uma forma ou de outra, ainda ajuda na manutenção da subalternidade do descendente de africano. A expressão *miscigenação no sangue* evoca mais uma vez o discurso de raça biológica, ao passo que a expressão *sincretismo na alma* evoca a possibilidade de transcendência e uma possível ligação da religião com o processo de branqueamento. Ou seja, parece haver uma constatação das ideologias que sustentam os processos de diferenciação e exclusão social dos descendentes de africanos.

O exemplo (27) traz à tona a história da colonização do Brasil e também uma percepção social e econômica como justificativa para a situação dos descendentes de africanos hoje. A dimensão ideológica sugerida na frase é de uma situação inferior, que se sustenta apenas no processo de exploração que se iniciou no passado. Ou seja, de formas diferentes, os dois exemplos procuram retratar a situação menos favorecida dos descendentes de africanos como um resultado da colonização que se originou em interesses econômicos, de poder e dominação e que teve como um dos resultados a escravidão que marcou os africanos no passado, e ainda ecoa na vida de seus descendentes atualmente.

Nesses termos, deve-se ressaltar que, permeando esses discursos, a análise sugere a existência de um discurso racista que funciona como um sustentáculo das diferenças que se refletem tanto no meio social, quanto econômico, religioso e identitário. Talvez, por isso, tenha havido 53 referências a questões raciais distribuídas entre a ocorrência exata da palavra *raça* e dos seguintes derivados ou flexões: *raças, raciais, racial, racialmente, racismo, racistas*. Com relação à *etnia* e seus derivados/flexões tem-se um número maior de variedades, mas um número próximo de ocorrências (46): *etnias, étnica, étnicas, étnico, étnicos, etnocêntricos, etnografia, etnográfica, etnográfico, etnógrafo, etnológicos, etnólogo, etnólogos, etnomusicologia*. Essa diferença pequena pode apontar a luta entre um discurso racista em que se sustentam os processos de diferenciação entre superiores/inferiores, dominantes/dominados na forma de exclusão em moldes biológicos e um discurso acadêmico contrário que afirma a diferenciação em termos identitários, com a possibilidade de escolha e negação do caráter físico.

A insatisfação com sua própria história e possibilidade de refletir sobre ela parece estar gerando modificações ou transformações no posicionamento dos descendentes de africanos com relação a sua própria condição social, cultural, econômica e religiosa. Por isso, o discurso anti-sincretista tem ganhado força, principalmente no campo religioso, imprimindo no termo conotações negativas (“*Crítica do sincretismo, Mãe Stella prega a fidelidade ao rito*”; “*Ela é contra o sincretismo religioso*”; “*O sincretismo enfraquece os dois lados*”; “*sincretismo que remonta à época da colônia*”; “*Da nossa parte, o anti-sincretismo é também uma questão política*”; “*O sincretismo não tem mais lugar*” - *Revista Época*).

Na medida em que se rearticulam os discursos representados nos textos do corpus principalmente pelas palavras “brancos” e “negros”, num processo associativo de dominantes e dominados, em relação à situação do descendente de africano, o anti-

sincretismo toma voz em reação ao sincretismo, por este último ser fruto das ideologias que sustentam as desigualdades sociais que subalternizam os descendentes de africanos, devido à permanência das ideologias do branqueamento, da mistura cultural, social e religiosa perfeita e da democracia racial.

Pensar em um discurso que nega o sincretismo só faz sentido quando se percebe, por exclusão, que existe um discurso que lhe é favorável. É importante averiguar as razões pelas quais existe um discurso midiático de sustentação de uma noção de sincretismo utilizada para a manutenção de um discurso hegemônico que representa a questão racial brasileira como fruto de uma democracia e as relações que ele pode ter com a manutenção do discurso dominante.

Ou seja, o sincretismo é um discurso hegemônico associado a uma democracia inexistente e o discurso anti-sincretista surge em reação a ele, em resposta a esse discurso hegemônico, lutando por inserção na sociedade e causando tensão discursiva.

O anti-sincretismo parece estar demonstrando a possibilidade de revalorização do descendente de africano e de sua herança cultural. Conforme aponta Figueiredo (2002, p. 104), nós já nascemos embraquecidos por causa da predominância dos aspectos da “cultura branca”, mas só enegrece ou se torna “negro” ao longo dos anos quem opta por incluir em sua vida aspectos que o identifiquem com a “cultura negra”, tornando-se curioso em conhecer seu passado e também sua história.

Nesse sentido, as relações lexicais formadas por colocação com a palavra-chave sincretismo, seus colocados e associações a campos diversificados podem ser vistos como aspectos da incorporação de discursos e de como eles se interpelam para criação e (re)formulação do pensamento brasileiro, pois, paralelamente ao *embranquecimento* iniciado no passado, parece estar ocorrendo, por outro lado, uma retomada dos elementos da herança cultural africana, como fruto de uma revalorização do descendente de africanos

e de sua cultura, o que explicaria o uso da expressão anti-sincretismo e os pontos de vista contrários ao fenômeno.

Esse dado ajudaria a explicar, também, as razões pelas quais há campos iguais tanto ajudando a criar uma prosódia semântica positiva quanto negativa para a palavra sincretismo e mesmo o porquê de a religião ser o campo mais expressivo no corpus. Foram totalizadas 349 ocorrências da palavra religião e de seus derivados e flexões (*religiões, religiosa, religiosas, religiosidade, religiosidades, religioso, religiosos*). Houve ainda duas ocorrências da palavra latina *religare* e duas da inglesa *religious*.

Em termos conceituais, *mistura* é o significado mais atribuído ao termo, pois são 91 ocorrências de palavras que ligam sincretismo a mistura: *misto, mistura, misturá-, misturada, misturadinho, misturado, misturados, misturam, misturamos, misturando, misturar, misturaram, misturas, misturavam, misturou*.

Nos exemplos abaixo, foram retirados os conceitos e formas de caracterização do sincretismo nos textos estudados e organizados de acordo com os veículos em que foram encontrados:

(28) O Globo

- (a) O *sincretismo* religioso **foi a saída encontrada pela agremiação para driblar a santa polêmica.**
- (b) O *sincretismo*, cheio de idéias originais, misturando sambalanço, pilantragem e black com muita acid-MPB.
- (c) Uma fé não anula a outra. O que talvez explique o que chamamos de *sincretismo*. Misturar crenças, dogmas, seitas, altares, santos e até deuses seria assim uma forma de proteção total, de cercar pelos sete lados os fluídos que vêm não sabe de onde.
- (d) - O brasileiro tem devoção a tudo. A essência do enredo é falar dessa religiosidade e do *sincretismo* provocado pela mistura de raças - explica Sérgio Murilo.
- (e) RELIGIÃO: Mart'nália assume seu *sincretismo*: "Religião brasileira, uma mistura de catolicismo e macumba."
- (f) - O *sincretismo* se dá na África como no Brasil. Misturamos elementos da magia com os do islamismo. No Brasil, vocês misturam os elementos africanos com os do catolicismo. (Kourouma – escritor africano).
- (g) - Negar o *sincretismo* é prova da independência de uma religião. Você pode até ir à missa e ao candomblé, mas não mistura santo com orixá. O *sincretismo* é resquício da escravidão, o senhor queria que o negro fosse católico e ele, para agradar, dizia que era. Mas agora somos livres mesmo, não precisamos disso. (Mãe Stella)

- (h) Identificado com a ala conservadora da Igreja, desde o primeiro momento no cargo, ele [Dom Lucas Moreira Neves] combateu o *sincretismo* religioso, uma marca da cultura baiana, que associa o catolicismo ao candomblé, chegando a proibir a lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim.
- (i) ... Mãe Stella responde hoje com a aproximação entre as religiões. Mas desde os anos 70 lidera com energia um polêmico movimento contra o *sincretismo*, que no Brasil tradicionalmente superpôs santos e orixás, Igreja e terreiro.
- (j) “*sincretismo* religioso é uma das características mais enriquecedoras das culturas” (Anna Bella).
- (k) Negar nosso *sincretismo* religioso é uma loucura tão preconceituosa como negar o vigor da nossa cultura mulata. É essa mestiçagem que faz a originalidade da cultura brasileira e oferece a nossa contribuição de tolerância para o resto do mundo.
- (l) Dona Canô fala da confluência dos hinos católicos com os pontos de candomblé do *sincretismo* religioso baiano.
- (m) Mas queremos que o povo saiba que no Brasil, um país com grande *sincretismo* religioso, a única coisa que se promove é a paz.
- (n) Ela [Mãe Stella] sente-se no dever de afirmar que o *sincretismo* é danoso quando compromete a verdade do rito cristão e a expressão da Fé, em detrimento de uma autêntica evangelização”.
- (o) Num dos trechos mais aplaudidos de seu discurso, dom Geraldo defendeu o *sincretismo* religioso baiano como forma de expressão da fé e condenou a escravidão dos negros africanos...
- (p) O *sincretismo* religioso é uma das características mais enriquecedoras das culturas - analisa ela [Anna Bella, artista plástica], que tem origem judaica.

(29) Folha de São Paulo

- (a) Informado, como tinha de estar, pelas teorias da época, Arthur Ramos apostou pesado na idéia do *sincretismo* – da mistura "comportada" de credos e em uma espécie de processo evolutivo que faria com que as formas religiosas mais acabadas absorvessem as demais...
- (b) Os estudiosos designam a mistura de crenças e religiões pelo termo *sincretismo*. Ou seja: amalgamamos crenças heterogêneas.
- (c) Além disso, como os orixás foram "assimilados" aos santos católicos, "ao abrigo de um aparente *sincretismo*, as antigas tradições mantiveram-se através do tempo". "Todo mundo ficava contente: o governo, ao dividir para melhor reinar e garantir a paz do Estado; os escravos, por cantar e dançar; as divindades africanas, por receber as louvações; e os senhores por ver sentimentos tão católicos em seus cativos". (Pierre Verger – Antropólogo e Babalaô)
- (d) Após um balanço teórico cuidadoso, a autora [Maria Isaura Pereira de Queiroz] **define** o "*sincretismo*" religioso como um processo não de fusão, mas de justaposição de partes (o que já havia sido notado por Nina Rodrigues), que permitiria ao negro resistir e preservar algo da "África no Brasil”.
- (e) A obra do *sincretismo* não conhece mais limitações. A macumba invadiu todas as esferas." Nessa osmose psicocultural o jovem cientista chamava a atenção para o fato de que isso tinha funções importantíssimas na produção da realidade nacional, ou seja, não era só reflexo mágico-emocional na superestrutura ideológica. (Roberto Felisberto Vasconcelos, acerca de Arthur Ramos)
- (f) Não é fácil aos 31 anos escrever um tratado original, de acordo com o padrão da mais rigorosa pesquisa universitária, acerca do *sincretismo* religioso na sociedade brasileira, isto é, a simbiose de santos católicos, de orixás africanos e de mitologia ameríndia. (Roberto Felisberto Vasconcelos, acerca de Arthur Ramos)

(30) Revista Veja

- (a) O grupo [Camaleão], que foi uma das grandes revelações do Free Jazz Festival 2001, mostra esta noite o *sincretismo* cultural no palco do Lapa. O som é resultado de uma mistura de ritmos

indígenas, batida percussiva dos negros, além de reisado, ritmo desenvolvido pelos agricultores do povoado de Caraibas, e o candomblé.

(b) No enredo está o *sincretismo* de religiões, um dos traços mais marcantes da cultura baiana.

(31) Revista *Época*

(a) Ela [Mãe Stella] é contra o *sincretismo* religioso - associação entre santos católicos e santos do candomblé.

(b) Dom Gílio é militante de longa data das pastorais de negros. Cumpriu dois mandatos como presidente do Instituto Mariama, instituição que reúne padres, bispos e diáconos negros e se dedica a estudar a espiritualidade afro-brasileira. Para ele, o *sincretismo* é um assunto que deve ser estudado e tolerado pela Igreja Católica. “Existe profunda identidade entre a fê católica e o candomblé”, afirma o bispo.

(c) Na Bahia, o *sincretismo* religioso sempre foi um assunto delicado para as autoridades eclesiásticas. É uma herança antiga, ainda do tempo da escravidão. (Cíntia Campos)

(d) “*Sincretismo* é resquício da escravatura.” (Mãe Stella)

(e) Os mitos da criação do mundo da Nação Nagô são muito semelhantes aos do livro do Gênese, na Bíblia. Por isso, o *sincretismo* é uma realidade que desafia a ação pastoral.

Esses trechos ajudam a corroborar a idéia de *mistura* como sendo o significado mais atribuído ao termo sincretismo, uma vez que ocorrem em 10 definições e trechos que procuram caracterizar esse fenômeno social, cultural e religioso (28 a, b, c, d, e, f, g; 29 a, b; 30 a, b). Também é relevante frisar o campo religião como mais produtivo e associado ao sincretismo dentro dos conceitos e processos de caracterização do fenômeno. Apenas dois trechos não dizem respeito a questões religiosas, abordando o campo musical (28 b; 30a), mesmo assim, no exemplo 30a, ainda há a referência ao Candomblé.

Em termos conotativos, há uma equiparação entre uma percepção positiva e outra negativa do fenômeno, uma vez que há 15 conotações positivas⁷⁷ e 14 negativas⁷⁸. O maior contraste ocorre com relação às revistas, pois a *Veja* traz o sincretismo como positivo e a *Época* como negativo em todos os trechos, pois de fato traz a idéia da diferença dentro dos textos. Dessa forma, deve-se destacar o aspecto valorativo tanto dos conceitos quanto das características, uma vez que nem um dos trechos possui conotação neutra.

⁷⁷ A conotação é positiva nos trechos 28 b, c, d, e, f, j, k, l, m, o, p; 29 d; 30 a, b.

⁷⁸ A conotação é negativa nos trechos 28 a, g, h, i, n; 29 a, b, c, e, f; 31 a, b, c, d, e.

As idéias de *miscigenação* (28 a), *confluência* (28 l) e *justaposição* (29 d) constroem uma conotação positiva para o fenômeno quando se procura conceituar o termo. No primeiro caso, pela idéia de mistura e nos outros dois casos pela possibilidade de junção e equiparação, inerentes aos vocábulos.

As palavras *associação* (28 h; 31 a), *superposição* (28 i), *assimilação* (29 c), *osmose psicossocial* (29 e) e *simbiose* (29 f), por sua vez, constroem uma conotação negativa. Nesse específico caso, a negatividade ocorre porque a semântica das palavras – à exceção do item *associação* – apontam um processo associativo em que fica previsto algum tipo de prejuízo a uma das partes e, nesse sentido, historicamente, os descendentes de africanos têm constituído o grupo prejudicado.

Em termos lingüísticos, é possível delinear – quando não ocorre um caso de explicitação longa do termo para ligá-lo à idéia de mistura – um padrão utilizado na produção do conceito de sincretismo a ser veiculado e também das formas para sua caracterização. A forma mais recorrente é a de uso de um processo relacional – em negrito nos trechos – seguido de um identificador (28 k; 29 d; 31 b, c, e) ou atributo⁷⁹ (28 a, g, j, n, p; 31 d) – grifados nos trechos. Ainda é possível perceber as formas apositivas (28 h; 30 b; 31 a) e estruturas de ratificação com o uso das locuções *ou seja* ou *isto é* (29 b, f).

Com relação ao uso do conceito de *sincretismo* como *mistura* nos textos, é então importante observar que, por essa razão, apenas uma única ocorrência da palavra *sincretismo* parece tornar capaz de camuflar e aparentemente resolver os conflitos expressos na tensão entre os discursos construtores do hibridismo brasileiro, em termos religiosos, culturais, econômicos, identitários e sociais, o que está sendo desafiado pelo discurso anti-sincretista, o qual traz junto consigo o discurso da (re)africanização. Silva

⁷⁹ Essa classificação segue os padrões de Halliday (1985a) e Thompson (1996). Embora haja algumas controvérsias quanto à classificação de alguns termos em atributivos ou identificadores, não constitui aqui um objetivo entrar no mérito da questão.

(1999) denomina ainda outros como o da *descatolização*, *desbantualização* e *iorubanização*, mas todos eles ligados aos anteriores.

As palavras de mesma raiz, por sua vez, do ponto de vista lingüístico em termos da constituição dos textos, parecem ajudar na manutenção desse processo de mascaramento, criando coesão na tessitura do texto e ajudando a manter a atenuação e/ou o apaziguamento dos conflitos entre os campos e discursos que se apresentam na arena midiática.

Em outras palavras, a repetição dessa palavra e a ocorrência de palavras de mesma raiz parecem ser extremamente importantes na construção textual, pois constituem um mecanismo de coesão e indicam a possibilidade de agir como mecanismos de manutenção de campo e como redirecionador dos discursos que, embora originalmente conflituosos, passam a confluir, mesmo quando o choque e a tensão são colocados de forma clara nos textos, como se pode ver nos trechos abaixo:

- (32) “O que Jorge etnógrafo encontrou na Bahia, foi um mundo complicado de ser afirmado, mas fácil de ser reconhecido. Uma certa brasilidade que se não pode ser entendida de forma absoluta, ajuda a pensar que há uma determinada especificidade na nossa convivência racial e mesmo no tipo de preconceito aqui existente. Convivência não quer dizer ausência de conflito; mistura não é sinônimo de falta de hierarquia. Ao contrário, esse universo complexo está todo lá: a pobreza, os coronéis e seus jagunços, a boemia, a religião que mistura santos católicos com orixás africanos.” (*Folha de São Paulo*)
- (33)- Tiraremos a ordem dos desfiles pela temática dos trabalhos. Há muitas alusões à Guerra do Golfo e à guerra urbana com **sincretismo** religioso. Um trabalho apresenta conflitos e Nossa Senhora pedindo paz - explica. (*Folha de São Paulo*)
- (34) Samba para acabar com o conflito / Enredo da Mangueira sobre saga dos judeus e os Dez Mandamentos homenageia islamismo. (*O Globo*)
- (35) Não é que Freyre tenha passado a distância das cruzeiras do escravismo colonial. Ele fala da violência contra os índios. Do sadismo que presidiu às relações entre senhor e escravo. Da opressão sobre os negros trazidos da África. Mas a verdade é que os conflitos, as dores e os antagonismos da vida brasileira ficaram diluídos em seu painel. Nesse sentido, o que temos, na obra de Freyre, é uma idealização senhorial de nosso passado, que acabou repercutindo em nosso presente. (*Revista Época*)

Como se pode notar, o sincretismo é visto como um discurso “pacifista”, capaz de acabar com conflitos e gerar confluência como se evidencia no exemplo abaixo:

- (36) Dona Canô fala da confluência dos hinos católicos com os pontos de candomblé do **sincretismo** religioso baiano. Tom Zé teoriza que a letra da cantiga de roda "O cravo e a rosa" descreve o defloramento de uma virgem. O pesquisador Antônio Risério afirma que a malícia do Recôncavo é perceptível na voz de João Gilberto, que é de Juazeiro, em "A falsa baiana". E o músico Roberto Mendes avisa: ouvir Caymmi fora da Bahia, nem pensar. (*O Globo*)

Por outro lado, o exemplo (35) acima é um questionamento da questão do sincretismo no livro *Casa grande & Senzala* de Gilberto Freyre, indicando a constante possibilidade de questionamento e de desafio de pontos de vista.

Por isso, como o sincretismo é uma realidade ligada à própria constituição híbrida do Brasil, essa palavra é uma das palavras-chave para o entendimento da diversidade brasileira, em termos discursivos. Como item lexical, parece ser não apenas organizador das relações lexicais e nódulo causador das confluências dos campos associados, mas o elemento que permite a coesão textual, por redirecionar diferentes discursos e campos, muitas vezes conflituosos, e ligá-los de forma “pacífica” em torno de si enquanto cabeça das possibilidades relacionais e direcionador de campos e discursos.

Do ponto de vista antropológico e social, o sincretismo nem sempre é visto como positivo, contrariamente à mídia que o traz majoritariamente como uma mistura positiva de traços de culturas diferentes; muito embora a *Revista Época* já aponte a tensão entre a positividade e a negatividade, pendendo para esta última.

Como fenômeno discursivo, o sincretismo parece ser um rearticulador de discursos conflituosos que têm sua tensão diminuída na produção do texto e construção do hibridismo que caracteriza o Brasil.

Talvez por isso, em todo texto em que a palavra sincretismo ocorre, parece ser ela que (re)arranja as outras palavras e/ou expressões de forma que não sejam tidas como discrepantes ou conflituosas no lugar em que ocorrem. Dessa maneira, palavras indicadoras de discursos diferentes (do candomblé, da umbanda, do catolicismo, do

islamismo etc. ou de campos diferentes como religião, música, teatro, shows etc.) são utilizadas no mesmo texto sem causar estranheza. Nesses termos, juntamente com palavras de mesma raiz, ela parece trazer coesão ao texto como um todo e ajudar na manutenção dos campos e apaziguamento/atenuação da tensão entre os diversos discursos chamados ao diálogo nos textos, como se pode ver no artigo abaixo, retirado da *Folha de São Paulo* como exemplo⁸⁰.

A fé do povo ou no povo?

Dois filmes, atualmente em cartaz no país, são documentários brasileiros sobre **religião**: "Fé" e "Santo Forte". A **religião** talvez seja a coisa mais importante que existe na sociedade. Religião vem de "religare", aquilo que liga a **comunidade**, a **tribo**, o **país**.

O cimento **espiritual** da cultura é a **religião**, de modo que pode ser tanto o ópio do povo quanto a vitamina para o fraco. Depende de como funciona a **fé** em uma determinada sociedade.

No caso do **Brasil**, os melhores **cientistas** e **artistas** são pessoas que se dedicam a refletir sobre a particularidade do nosso **sentimento religioso**.

Somos o país da **figa** e da **cruz**, do **Omolu** e do **Padre Eterno**, de **Ogum** e de **São Jorge**, de **Exu** e **São Judas Tadeu**.

Misturamos santos católicos e **orixás africanos** com **reminiscências indígenas**. Cruzamos **divindades de origem diversa**. É comum ver **preto macumbeiro** exigindo **exéquias católicas** na hora da morte, assim como é freqüente assistirmos a pai de família **igrejeiro** pedindo ao **candomblé** um bom casamento para a filha.

O fato é que corre muita superstição nas veias do povo brasileiro. Herdamos esse patrimônio de Portugal.

O **número 13** dá **azar**. Não convém passar por debaixo da escada. Titica de galinha cura espinha. Acredita-se que **simpatia** dá jeito no câncer. Cão uivando é **mau agouro**.

Os estudiosos designam a mistura de crendices e religiões pelo termo **SINCRETISMO**. Ou seja: amalgamamos **crenças heterogêneas**. Somos **crédulos**. **Padre Antônio Vieira** dizia que o medo é **crédulo**. Nosso medo primário é morrermos sem sepultura. Sem sepultura surge o espectro do morto vivo. **Alma penada**. **Zumbi**.

Nossa tendência é **acreditar** em tudo: tanto na eficácia do **despacho** ou do **ebó** quanto no **mistério da Santíssima Trindade**. É difícil estabelecer com precisão em que o povo brasileiro não acredita. Temos uma feijoada dentro da nossa **alma mística**.

⁸⁰ Nele, optou-se por negritar palavras que possam indicar vieses ou discursos diferentes, para que seja possível visualizar a diversidade discursiva e a confluência que a idéia de **sincretismo** traz. No anexo 1, encontram-se os outros textos que serviram de base para produção desta análise.

Há quem diga que o **sentimento religioso** no Brasil é unificado pelo **símbolo da cruz**. **Cristo** na **cruz** e fora da **cruz**. Em Minas Gerais é comum ouvir a oblação a **São Cristinho**, o diminutivo do convívio íntimo.

Engano supor que a indústria ou a **culinária do McDonald's** faça desaparecer o **sentimento tumultuário da religiosidade** entre nós.

Muda-se a forma, mas não o conteúdo.

Basta observar o que está acontecendo com a incorporação da **parafernália acústica** pop pela **renovação carismática**, na qual o ouvido do **fiel** é o ouvido discoteca, aglutinando-se em torno de um "**Xoumissa**", espécie de performance catártica que mistura **samba, futebol e Carnaval**.

Ao que tudo indica, é pela **gestuália do barulho** que se ouve a **voz da divindade**.

Até mesmo **ateus** convictos se garantem diante da ameaça assombrosa: quem não acredita em **Deus** no **Brasil** morre louco.

Gilberto Vasconcellos é professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG) e autor de "O Príncipe da Moeda" (ed. Espaço e Tempo), entre outros.

Como se pode ver no texto, existe uma profusão de itens lexicais de campos diferentes, como religião, ciência, artes, música e esporte (*religião, cientistas, artistas, culinária do McDonald's, samba, futebol, carnaval*). Os itens relacionados ao campo religioso mostram o discurso do cristianismo, o da religiosidade de herança africana e também o das credices populares (*religião, fé, Santo Forte, figa, cruz, Omolu, Padre Eterno, Ogum, São Jorge, Exu, São Judas Tadeu, São Cristinho, Renovação carismática, fiel, voz da divindade, Deus, Despacho, ebó, mistério da Santíssima Trindade, alma penada, número 13, azar, simpatia, mau agouro, alma mística*).

Ao mesmo tempo, itens como *comunidade, tribo, país*, podem indicar as etnias formadoras do Brasil, como as comunidades africana e europeia, e as tribos indígenas. Por isso, Gilberto Vasconcellos frisa a palavra SINCRETISMO em letras maiúsculas e afirma que "*misturamos santos católicos e orixás africanos com reminiscências indígenas. Cruzamos divindades de origem diversa.*" E faz a relação entre o *preto macumbeiro* que exige *exéquias católicas* no momento da morte e o *pai de família igrejeiro* que pede ao *candomblé* um bom casamento para a filha. Essa também pode ser a razão pela qual o

autor utiliza a expressão *sentimento tumultuário da religiosidade*. Nesses termos, pode-se perceber que o uso da palavra *sincretismo* pode desfazer possíveis estranhamentos quanto à utilização de itens e campos diferentes num mesmo texto, caracterizadores de uma *feijoada*, conforme item utilizado por Gilberto Vasconcellos.

Todavia, quando o sincretismo foi desafiado pelo discurso anti-sincretista e pelo da reafrikanização, novas possibilidades de interpretação e até mesmo de questionamento e revogação do sincretismo vieram à tona. Nesses termos, é possível que esses recursos lingüísticos constituam, sobretudo quando trazem neutralidade e positividade para o fenômeno, tecnologias discursivas utilizadas na e para a manutenção do discurso dominante e da ideologia do branqueamento.

As tensões discursivas apontadas parecem indicar a possibilidade de uma mudança na ordem discursiva vigente e a possibilidade de se chegar a uma sociedade em que as pessoas se respeitem um pouco mais, isto é, com reconhecimento e respeito às diferenças de modo a possibilitar uma reconstrução positiva das identidades e, conforme propõe Gates Jr. (2001) em entrevista dada a Eduardo Salgado da *Revista Veja*, as “indenizar” pelos prejuízos históricos, permitindo a inclusão na sociedade.

É possível apontar também a relação mídia e discurso na reprodução de assimetrias antigas ligadas a relações raciais no Brasil, uma vez que a mídia possui o papel de mediadora das esferas sociais portando e mediando os discursos engendrados na sociedade.

A análise micro-estrutural feita sugere que ainda há necessidade de um espaço para os discursos dos e sobre os descendentes de africanos na mídia, que permita visibilidade na diferença, que se projete em diferentes esferas da sociedade, de forma mais positiva e menos estereotipada.

Como a linguagem é um construto social dialógico, permeado por ideologias e valores sociais sujeitos a mudanças, mas também capazes de levar a mudanças ou

reproduzi-las no tecido social, indicando os movimentos pelos quais determinado pensamento passa, o item lexical sincretismo pode ser considerado um dos elementos-chave para uma percepção da questão racial brasileira, ainda com fortes laços nas ideologias que geram desigualdades sociais e processos de exclusão.

A próxima seção pretende, então, fazer um estudo que separe as vozes que trazem os pontos de vistas materializados nos textos do corpus, ou seja, que mostre quem fala e em nome de que(m), e como o veículo apresenta os discursos e se posiciona frente a eles, o que se tornará possível com a conexão entre a análise (con)textual baseada em corpus produzida até então e os gêneros discursivos, buscando esclarecer pontos referentes às variáveis de registro (campo, relações e modo).

A análise dos gêneros do discurso pode ajudar no reconhecimento do que está sendo feito através da linguagem, revelando alguns aspectos de como o evento lingüístico está sendo organizado para que as idéias veiculadas acerca do sincretismo sejam transmitidas.

Com a conexão com a variável campo, pretende-se observar quem está representando o sincretismo e de que maneira ele está sendo representado, ou seja, pretende-se analisar o tópico em termos de como os participantes do evento representam sua experiência a respeito dele no texto; com a variável relações, torna-se possível analisar as identidades e as relações interpessoais/intergrupais no texto, entretanto, devido à dificuldade de se trabalhar com as diferentes comunidades de prática da mídia (ver SCOLLON, 1998) essa variável ficará, para futuras pesquisas; e, com a variável modo, pretende-se relacionar as categorias de base para a análise aqui proposta – colocados, colocação, coesão lexical – à organização textual. A análise dessas variáveis partirá, portanto, da própria categoria do gênero discursivo como mecanismo de ação.

5.4 A linguagem como ação: os gêneros discursivos e o sincretismo em sua conexão com o contexto de situação e com o contexto de cultura

Segundo Halliday & Hasan (1993), todo texto estaria ligado a um contexto de situação o qual poderia ser interpretado em termos de três componentes abstratos: o campo, as relações e o modo. Esses componentes, por sua vez, estariam ligados a três funções da linguagem, respectivamente: ideacional, interpessoal e textual. O objetivo maior desse mecanismo de interpretação textual é mostrar que existe correlação entre as categorias da situação e o próprio sistema semântico dentro do qual um texto é produzido, ou seja, o campo seria capaz de refletir o significado experiencial/ideacional do texto; as relações, o significado interpessoal, assim como o modo seria capaz de mostrar o significado textual.

Todavia, embora as principais categorias de acesso aos diferentes significados não sejam o gênero discursivo em si, pretende-se, a partir dos gêneros e de determinadas características formais, adentrar no contexto de situação da produção dos textos sobre o sincretismo e conectá-lo ao contexto de cultura.

Ao todo, têm-se 163 textos⁸¹, dos quais 161 foram classificados dentro dos seguintes gêneros discursivos: reportagem, artigo, carta, propaganda, crônica, entrevista e chamada. Um texto é uma prova de vestibular descontextualizada devido à pesquisa ter sido feita no arquivo eletrônico e outro, um discurso do atual presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, reproduzido na íntegra. Nesses dois últimos casos, não foi possível afirmá-los ou classificá-los categoricamente como gêneros. Dessa forma, optou-se por colocá-los na tabela para efeitos de clareza em separado, sendo que o discurso do então

⁸¹ Os textos constitutivos do corpus foram separados de acordo com os veículos midiáticos que os divulgaram, analisados e classificados quanto ao gênero discursivo.

presidente será classificado sob o rótulo de pronunciamento para evitar confusão terminológica e por este rótulo ser socialmente reconhecido.

A classificação dos gêneros pode ser visualizada de forma mais sistemática na tabela abaixo:

Distribuição dos textos em gêneros discursivos					
Gênero discursivo	<i>O Globo</i>	<i>Folha de São Paulo</i>	<i>Revista Veja</i>	<i>Revista Época</i>	Total
Reportagem	78	13	-	3	94
Propaganda	13	6	14	2	35
Artigo	7	8	-	6	21
Carta	4	-	-	-	4
Chamada	3	-	-	-	3
Entrevista	-	3	-	-	3
Crônica	-	-	-	1	1
	105	30	14	12	161
Outros					
Pronunciamento	1	-	-	-	1
Prova de vestibular	1	-	-	-	1
	107	30	14	12	163

Tab. 8

Como se pode ver, o gênero em que mais aparece o sincretismo figurando como assunto de forma central ou periférica é a reportagem (94). Posteriormente, têm-se a propaganda (35) e o artigo (21). Os gêneros carta (4), chamada (3), entrevista (3) e crônica (1) não figuram como gêneros em que o assunto é tratado com frequência.

No caso do Jornal *O Globo*, o sincretismo só aparece nos gêneros reportagem, propaganda, artigo, carta e chamada. Também apareceu no pronunciamento do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e em uma das questões da prova de vestibular. Em termos quantitativos, o número de reportagens é extremamente maior (78) que os outros, o que pode dever-se aos objetivos de provimento de informação de forma rápida, sem o comprometimento com os múltiplos aspectos que envolvem discussões e polêmicas sobre

o sincretismo. Isso pode ser corroborado pelo baixo índice de artigos sobre o assunto (7), pois este gênero pressupõe o tratamento de forma mais aprofundada e a assinatura do texto por uma autoridade no assunto. As propagandas (13), as cartas (4) e as chamadas (3) possuíam em comum o discurso publicitário, desempenhando um papel de texto de divulgação de eventos o que os isenta de um tratamento mais aprofundado do sincretismo.

A *Folha de São Paulo* apresenta também um número de reportagens (13) superior ao dos outros gêneros, mas um possível engajamento maior com questões ligadas ao sincretismo, uma vez que apresenta um número de artigos elevado em termos proporcionais (8) e poucos textos de divulgação, como a propaganda (6). A *Folha* também é o único hipergênero a trazer três entrevistas sobre o assunto, o que permite aos interlocutores tratarem de várias questões que perpassam o sincretismo.

No hipergênero revista, ocorre uma diferença acentuada quanto à escolha dos gêneros que divulgam questões relativas ao sincretismo. Dos 14 textos da *Revista Veja* em que aparece o sincretismo, todos são de divulgação, pertencendo ao gênero propaganda. No caso da *Revista Época*, apenas dois são propagandas. O gênero mais utilizado para tratar do sincretismo foi o artigo (6), o que parece revelar um engajamento maior da revista com relação à complexidade do sincretismo como um viés das relações sociais e étnicas no Brasil. Houve também três reportagens e apenas uma crônica. É importante destacar que a *Época* foi também o único veículo a trazer mais prosódias negativas, o que parece demonstrar uma perspectiva diferenciada dos outros.

A análise dos gêneros discursivos sugere que a escolha do gênero pode apontar questões relativas ao engajamento de um veículo midiático quanto ao assunto tratado. A relativa complexidade e profundidade com que um artigo em tese deveria ser escrito mostra que ele seria o gênero talvez mais indicado para tratar questões e assuntos polêmicos, ligados a muitos vieses como é o caso do sincretismo. Da mesma forma,

justifica-se o maior número de reportagens contendo o assunto porque facilita para os jornais e revistas manterem a aparente imparcialidade escamoteada no caráter objetivo e informativo do gênero, pois, de início, não precisa nem mesmo ser assinado como no caso do artigo, ficando sob a responsabilidade da instituição e pouco sujeita a problemas judiciais.

A análise anterior pode também ajudar a compreender os textos de divulgação (propaganda, chamada) que ficam em segundo lugar numericamente (38), pois, nas artes, campo mais divulgado, de maneira geral, o sincretismo não demonstra ser colocado como um assunto polêmico, mas, sobretudo, como um elemento positivo capaz de caracterizar algo (música, escultura etc.) como nacional.

Chamam também à atenção as três entrevistas, pois se abre espaço para que haja interação entre a instituição (na figura do entrevistador) e o entrevistado, o que, pelo menos, garante a possibilidade de se abordar o assunto de duas formas diferentes num embate previsto pelas características do próprio gênero.

A única crônica, conforme características do próprio gênero, nasce de uma polêmica que no momento tornou-se relevante. Entretanto, como foi apenas um exemplar, não há dados suficientes que comprovem que o assunto não foi abordado por acaso, uma vez que o próprio gênero é fugaz, pela sua dependência temporal.

Nesses termos, é possível perceber um engajamento maior com as questões relativas ao sincretismo na *Revista Época* e, num segundo momento, na *Folha de São Paulo*, e menor na *Revista Veja* e n' *O Globo*.

Partindo dessa análise dos gêneros discursivos, poder-se-ia mostrar a relevância do gênero para o contexto de situação, pois as principais categorias de análise do campo são os processos e os participantes que indicariam a manipulação de objetos bem como a responsabilidade pelo que o processo expressa e as relações lexicais que remetem ao

processo de expressão por meio da linguagem e a discursos e instituições que os produzem e/ou constroem.

Via de regra, o gênero artigo (21 textos) é atribuído a um responsável já que possui como característica ser assinado por uma autoridade da área. Nessa perspectiva, o autor assume a responsabilidade pelo conteúdo da texto, praticamente isentando o veículo devido a possíveis controvérsias e demandas judiciais geradas por assuntos polêmicos. Esse é parcialmente o caso da crônica que também vem assinada, mas sem as pretensões de profundidade e reflexividade do gênero anterior.

No caso dos outros gêneros, não há necessidade de se assinarem os textos, nem a prerrogativa de prover uma discussão ou reflexão profunda sobre o assunto, embora no caso da reportagem seja possível a interpretação de fatos ligados aos assuntos tratados.

Como se pode notar, a abordagem da variável campo por meio dos gêneros discursivos é capaz de fornecer subsídios que podem esclarecer alguns pontos ligados ao significado experiencial do texto.

Da mesma maneira, seria possível adentrar no componente relações, uma vez que parece ser justamente a relação entre o veículo – enquanto mediador – e do leitor – enquanto consumidor – que faz com que, no caso de assunto tão adverso e polêmico como o sincretismo, haja uma opção por gêneros que ocultem questionamentos importantes como os relacionados ao sincretismo, notadamente os processos de exclusão e discriminação, a pseudo-democracia racial e a ideologia do branqueamento ainda verificável, subjacente à forma de agir e pensar as relações sociais e étnicas no Brasil, conforme apontado neste trabalho.

Como todo texto precisa de um tecido verbal, nascido nas escolhas léxico-gramaticais feitas por seus produtores, a análise da padronização da palavra sincretismo, de seus colocados e dos campos evocados quando de sua utilização mostra os aspectos

pragmáticos utilizados na produção textual. Ou seja, os padrões do léxico como escolhas de palavras, repetição de palavras e colocação numa rede construtora de um texto coerente fazem a ligação com o componente textual, imprescindível a qualquer gênero, já que este, sobretudo, é um texto. Esse texto, por sua vez, terá conexões tanto com o contexto de situação quanto com o contexto de cultura (ver, para mais detalhamento, EGGINS, 1994).

Em resumo, o registro é, conforme Halliday & Hasan (1993), um conceito semântico, definido como uma configuração de significados associados com uma configuração particular das variáveis campo, relações e modo. Nesses termos, essa análise constitui uma forma particular de chegar parcialmente às variáveis do registro por meio dos gêneros discursivos, para procurar esclarecer alguns elementos do contexto de situação de um texto.

Entretanto, além do contexto de situação (imediato), existe um contexto de cultura (concebido pelo grupo). É através desse contexto de cultura que as pessoas “fazem coisas” em ocasiões específicas, vinculando significados e valores ao que é feito e dito. Na relação texto e contexto é que ocorrem os diálogos discursivos que produzem novos textos e novas formas de pensar e agir. E, nesse momento, pode-se falar da interdiscursividade que traz a voz dos diversos discursos engendrados na produção de novas formas de ver o sincretismo.

Conforme explicita Magalhães (no prelo):

no contexto da cultura, há uma gama de escolhas prováveis de serem feitas para o uso da linguagem em contextos de situação específicos no interior das instituições. Há, ainda, instituições com seu poder e ideologias. Em cada contexto de situação específico relacionado a determinado evento discursivo de determinada instituição, os participantes do evento lançam mão de escolhas, de acordo com o campo, as relações e o modo desse contexto específico, produzindo textos que se vinculam aos gêneros dos discursos os quais, por sua vez, reproduzem e/ou constroem relações de poder e ideologias nas instituições.

Como todo texto pode ser considerado um contexto em si, ou seja, é um tecido verbal coerente, capaz de causar expectativas internas devido a sua complexa estrutura

metafuncional, é lícito afirmar que nele estará presente todo o pano de fundo institucional e ideológico capaz de atribuir valores ao texto e também gerar restrições àquilo que será dito.

A análise produzida até então mostra não apenas uma pressão sociocultural exercida pela hegemonia de uma elite ainda influenciada por um padrão eurocêntrico historicamente construído, que leva os descendentes de africanos a, muitas vezes, negarem sua condição e identidade, com uma promessa de integração, mas também mostra uma tensão entre os diversos discursos envolvidos com as questões sociais e étnicas brasileiras.

Do ponto de vista racial, verifica-se que o conceito de raça não se sustenta, embora ainda ecoe, uma vez que está presente nos textos, trazendo à tona uma idéia de racialização reveladora de uma transformação do racismo. Este deixou de ser violento e passou a ser pressuposto nas representações cotidianas ancoradas na idéia de que o racismo não existe, de que há uma democracia racial.

Para Hofbauer (2003, p. 59), as concepções de “branco” e “negro” foram desenvolvidas como um discurso ideológico independente da idéia de “raça”, oriundo na ideologia do branquemaneto, que ainda tem sido o suporte das relações de poder patrimonial. E é essa ideologia que, segundo o autor, se transformou num argumento importante do discurso da elite brasileira (políticos e cientistas) que queria mudanças econômicas, mas ainda permanecia preocupada com possíveis mudanças nas relações de poder já estabelecidas.

Nesse sentido, o uso da palavra *etnia* e de suas variáveis reforça uma nova maneira de interpretar traços socioculturais sem a necessidade de um discurso científico de base biológica, conforme existente na percepção da raça. Em outros termos, o uso conjunto das palavras *raça* e *etnia*, por constituírem categorias usadas na análise das representações e relações sociais, traz um embate discursivo, uma vez que a raça possui base biológica e a

etnia presume compartilhamento de uma herança sociocultural. Ou seja, na própria escolha lexical, percebe-se o embate entre um discurso científico de base biológica e outro calcado na cultura e no elemento social, razão pela qual as Ciências Sociais (notadamente a Antropologia) têm influenciado vários grupos de descendentes de africanos e estes se engajado em movimentos de revalorização e reorganização da religiosidade e da cultura africanas⁸².

Retornar a essa discussão é relevante, pois a discriminação é a manifestação comportamental do preconceito, sustentado por ideologias antigas (democracia racial, embranquecimento) que insistem em permanecer e manter estereótipos desfavoráveis aos descendentes de africanos. Essa é uma necessidade premente para derrubada do racismo, visto aqui como uma prática institucionalizada de discriminação e, mais do que isso, como uma construção teórica e ideológica. Dessa maneira, o racismo pode ser considerado uma prática social, pois opera por meio de práticas discriminatórias.

Talvez, a única forma de acabar com os problemas relacionados ao racismo e às ideologias que o sustentam sejam os movimentos de descendentes de africanos negando aquilo que apaga sua identidade étnica, com outros discursos como o do anti-sincretismo ou da reafrikanização. Nesses momentos, está-se advogando uma possibilidade de criar novas representações, uma vez que o preconceito, uma representação negativa ou estereótipo são construções que não se originam no próprio indivíduo. Antes, são atribuídas por outrem a ele. Em outras palavras, uma representação não é inerente a ninguém ou a nenhum grupo, mas projetada por alguém ou por outro grupo consciente ou inconscientemente. E uma mudança ou reação só pode ser alcançada se todos, sem distinção, se empenharem na construção de um Brasil verdadeiramente democrático,

⁸² Como não é um objetivo da presente pesquisa aprofundar a discussão sobre identidades étnicas, raciais e sociais, podem ser consultados Guimarães (1994; 2002) e Munanga (2004), para mais esclarecimentos e para o conhecimento dos diferentes pontos de vista e debates a esse respeito.

nascido da reconstrução das representações estereotipadas e negativas que ainda “assombram” o imaginário brasileiro.

Nas palavras de Gonçalves (2003, 15), “no jogo das representações sociais, são tecidas categorias mentais que nos classificam, por vezes nos engessam, mas também nos constroem e reconstroem”. Isso significa que é possível a reação, a rearticulação e a reconstrução.

Segundo Farr (2003, p. 41), “a linguagem não apenas é uma característica distintiva do ser humano, como também, nas sociedades modernas, provavelmente, quase a única importante fonte de representações coletivas”. Que nós sejamos, então, reconstrutores de nossos discursos e representações e, acima de tudo, de uma sociedade plural que reconheça e respeite a diferença, abrindo espaço para a inclusão socioeconômica de grupos marginalizados pelo racismo cordial, como o de descendentes de africanos.

Considerações finais

Esta pesquisa se origina em questionamentos acerca da palavra sincretismo, quais sejam, a existência ou não de um padrão de ocorrência para a palavra-chave *sincretismo*, com quais palavras ela se associa, qual a sua prosódia semântica; como ligar suas associações lexicais e prosódias semânticas ao contexto de situação e como ligá-las ao contexto de cultura e, portanto, associá-las à questão racial brasileira conforme representada na mídia de dois jornais (*O Globo* e *Folha de São Paulo*) e duas revistas de informação geral (*Veja* e *Época*).

A partir desses questionamentos, pretendeu-se trabalhar a idéia de sincretismo, a partir da padronização desta palavra na mídia de jornais e revistas de informação geral, e verificar sua possível relação com a questão racial brasileira e contribuir tanto para as pesquisas da linha de pesquisa *Estudos sobre linguagem, identidade e representação*, mais especificamente aquelas vinculadas ao projeto CORDIALL, quanto para o campo de estudos da Análise Crítica do Discurso, em sua interface com estudos de corpus de pequena dimensão.

Por isso, foram analisadas as colocações da palavra *sincretismo* em um corpus computadorizado de pequena dimensão de textos da mídia (jornais e revistas de

informação geral), as prosódias semânticas dessas colocações de forma a verificar quais conotações possuem e quais conceitos norteiam seu uso efetivo e as relações lexicais construídas com a palavra-chave *sincretismo* numa interface da função experiencial com a função textual, segundo concepção de Eggins (1994). Também foram feitas as associações entre estas relações, o contexto de situação e o contexto de cultura, a partir dos gêneros discursivos como formas de ação e representação no domínio das práticas sociais.

A análise da padronização da palavra *sincretismo* na mídia de jornais e revistas de informação geral mostra que existe uma forma prototípica de ocorrência para a palavra-chave *sincretismo*, devido aos colocados que não se mostram numerosos, mas recorrentes. A prosódia semântica dessa palavra é predominantemente positiva. As ocorrências de prosódia semântica negativa foram importantes para que se chegasse às ideologias subjacentes a essa padronização – branqueamento e democracia racial – e aos novos discursos produzidos como forma de reação a elas – anti-*sincretismo* e reafricanização.

Os campos evocados quando da utilização da palavra *sincretismo* são variados, posto que seu significado associado à palavra *mistura* parece, a despeito das posições em contrário na Antropologia, ser o mais utilizado e produtivo.

A colocação em si não ajuda a construir um perfil semântico para o nóculo da pesquisa. Entretanto, é inegável o seu valor na tessitura dos textos, ou seja, a colocação gera coesão e confluência dos campos, já que traz à tona uma variedade de assuntos, mas redireciona-os em torno do significado de *sincretismo* como mistura de culturas e religiões diferentes.

Em adição, os gêneros mais utilizados na veiculação de idéias acerca do *sincretismo* – a reportagem e a propaganda – apontam mais os discursos informativo e promocional, pois o único gênero que apresenta essa questão com a profundidade e a discussão exigidas pelas inúmeras variáveis a ele relacionadas é o gênero artigo,

numericamente menor em quase todos os veículos e inexistente na *Revista Veja*, marcando inclusive o grau de engajamento desses veículos quanto ao fenômeno e à sua complexidade.

Foi, então, possível analisar as colocações da palavra *sincretismo* no corpus e as prosódias semânticas dessas colocações de forma a verificar, juntamente com os campos associados, quais conotações possuem e quais discursos norteiam seu uso.

Ao mesmo tempo em que jornais e revistas de informação geral trazem um perfil semântico mais positivo para o termo, contraditoriamente, as tensões mostram que há um mascaramento de um problema grave ligado ao desrespeito às diferenças e à intolerância, como se pode verificar nas 60 linhas de concordância que marcaram uma conotação negativa para a palavra *sincretismo* (cf. tabelas de concordâncias em anexo) e pela própria tensão discursiva, cujos debates de conferências sobre os descendentes de africanos e o próprio discurso acadêmico veiculado na mídia ajudaram a produzir.

A análise das relações lexicais construídas com a palavra-chave *sincretismo* revela o processo de naturalização, oriundo em visões de mundo diferentes acerca da constituição do Brasil em termos sociais, étnicos e religiosos, e, por sua vez, capazes de manter idéias sobre o *sincretismo* e sobre a questão racial brasileira. Todas as relações são neutras e mostram uma produtividade maior em relação ao campo religioso e, em segundo, ao campo da cultura, devido ao caráter genérico desta.

A tensão verificada entre os discursos que reproduzem o *sincretismo* como mistura harmônica e os discursos que os desafiam – anti-*sincretista* e de *reafricanização* – revela, sobretudo, que ele talvez tenha nascido e continue a serviço da ideologia do branqueamento, conectando-se a formas de exclusão e desigualdade social, um racismo velado. E aponta para a possibilidade de um processo de transformação da ordem social e religiosa vigente, principalmente, para a possibilidade de uma mudança efetiva que

valorize a herança africana na formação da cultura brasileira, sem a necessidade de discursos tangenciais que a apaguem ou escondam como é o caso do discurso sobre o sincretismo.

Trabalhar a relação entre mídia, linguagem e cultura é também trabalhar nos meandros do discurso e da ideologia, pois existe uma relação intrínseca entre discurso, linguagem, representação e ideologia. Essa conexão provém das relações de poder veiculadas nos textos enquanto produtos sociais e culturais em determinado contexto sócio-histórico.

O fenômeno sincretismo pode ser considerado ideológico em sua própria constituição, o que parece se justificar nas linhas de concordância em que a prosódia semântica da palavra é negativa, num contra-senso com a predominância das prosódias positivas e neutras. O que chama a atenção é que, onde a prosódia semântica é negativa e junto aparece o discurso anti-sincretista, gera-se uma conotação positiva para os grupos de descendentes de africanos na sociedade brasileira, por representar a possibilidade de valorização da herança cultural africana e a derrubada da ideologia do branqueamento.

A análise dos pressupostos ideológicos presentes no fenômeno mostra um retorno a um passado brasileiro que cunhou, devido à escravidão e ao processo de colonização, diversas formas de diferenciação e exclusão, bem como as desigualdades raciais e sociais verificadas até hoje. Permeando a sustentabilidade do fenômeno, está a ideologia do branqueamento que gerou um discurso acerca do sincretismo, ligado a um racismo cordial.

Cabe esclarecer que o fenômeno interpretado como uma tentativa de apaziguar conflitos, num plano de idéias, reprimiu o contexto de hibridismo caracterizador do Brasil, mostrando uma unidade e democracia racial inexistentes. Ou seja, ele mascarou a natureza conflituosa do país, onde é, também, inegável que ainda existe racismo subjacente, que

tenta impor a necessidade de clarear, impelindo os grupos de descendentes de africanos a uma situação de marginalidade.

Embora a mídia não seja o único veículo de ideologias, ela possui a capacidade de alargar seu campo de ação dentro das sociedades. Mas, no caso do sincretismo, além da mídia, observou-se que a academia também tem cumprido esse papel de difusão das idéias acerca desse fenômeno, conforme visto nos textos de referência dentro das Ciências Sociais, sobretudo, na Antropologia. Deve-se destacar também a mídia divulgando a academia, quando publica artigos de renomados pesquisadores do sincretismo ou sobre eles.

Com relação específica aos veículos midiáticos aqui estudados, parece haver razões ideológicas para que a prosódia semântica da palavra sincretismo seja majoritariamente positiva, pois sugere o apagamento da tensão entre discursos contraditórios e conflituosos, ligados a campos e pontos de vista muitas vezes causadores de polêmicas, como o racismo e as desigualdades étnicas e sociais. Por outro lado, a revista *Época* revelou-se como veículo que, contrariando a análise dos outros (*O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Veja*), traz expressivamente uma prosódia mais negativa, demonstrando um grau de envolvimento maior com as questões sociais dos descendentes de africanos, uma vez que acaba por construir o fenômeno sem o mascaramento que apaga a contribuição da herança africana, como fruto dos processos ideológicos ligados à escravidão, dentro de artigos que, como foi dito, constituem textos com uma profundidade maior, em cujo interior estão discussões de especialistas de áreas diferentes (notadamente Religião, Sociologia e Antropologia).

Folha de São Paulo é o único veículo que possui uma publicação específica sobre o racismo, na qual procura engajar-se com questões ligadas à cultura dos descendentes de africanos. Entretanto, a análise das prosódias e dos gêneros parece apenas parcialmente

corroborar esse posicionamento, posto que há um número reduzido de artigos que proveriam a discussão e um número maior de textos cujo propósito é informativo ou promocional.

Nesse sentido, a LSF foi relevante no estudo da léxico-gramática, entretanto, a ACD, devido à expansão para o nível das práticas discursivas e sociais pôde trazer à tona, ao abarcar outros elementos de análise como o gênero discursivo e as projeções dele como forma de ação no domínio das práticas sociais, o grau de engajamento do veículo frente aos problemas ligados ao sincretismo e a sua ligação à questão racial no Brasil.

Essa diferença deve-se também a uma cobertura maior da *II Conferência Mundial da Tradição Orixá e Cultura*, ocorrida em Salvador em 1983, o que resultou numa construção de anti-sincretismo na *Revista Época*, discurso que desafiou o sincretismo principalmente na ordem do discurso religioso.

O impacto da produção acadêmica a esse respeito parece também ter causado uma desarticulação do fenômeno e uma tomada de consciência por parte de alguns líderes religiosos, conforme pode ser visto nos textos publicados a esse respeito, normalmente pertencentes ao gênero discursivo artigo.

Como se pode ver, a mídia tem a função de mediar discursos e, por essa razão, recontextualiza os posicionamentos que se engendram na sociedade e se tornam noticiáveis, gerando, pois, uma complexidade maior com relação a seu alcance. As duas instituições – mídia e academia – expandiram o raio de difusão de discursos a favor do sincretismo, mas também e sobretudo do discurso anti-sincretista. Nessa arena, os embates discursivos parecem mostrar transformações no pensamento acerca do sincretismo e a possibilidade de uma mudança que ainda não é visível.

Esses movimentos discursivos revelam que diferentes segmentos da sociedade estão reivindicando mais autonomia e participação social e que as identidades desses segmentos estão em rearticulação devido à tensão e à interação dentro dos processos socioculturais dos quais participam. Verifica-se uma história que ainda vive de estereótipos e protótipos muitas vezes negativos, calcados em juízos de valor, mas com a possibilidade de reconstrução.

Foi possível constatar que, embora não seja o caso de afirmar que os veículos midiáticos tenham o objetivo de defender quaisquer tendências, esta análise contraria a primazia da imparcialidade e/ou neutralidade da notícia e isenção do veículo, ao mesmo tempo em que aponta para a arena discursiva que é criada na sociedade e materializada nos textos da mídia.

O referencial teórico utilizado mostrou-se como uma possibilidade profícua na análise de textos da mídia, possibilitando um diálogo com teorias sociais relevantes para a análise de um fenômeno sociocultural, composto por diversos discursos e vieses, numa perspectiva multifuncional.

O item lexical sincretismo pode ser colocado como um item que faz parte da construção e da representação da cultura brasileira. Por isso, sincretismo é uma palavra-chave para se compreenderem as relações sociais e os discursos construídos sobre a questão racial brasileira, como um dos vieses das identidades culturais brasileiras que revela ideologias arraigadas que ainda sustentam ou apontam para a supremacia de uma cultura eurocêntrica, tida como superior, em detrimento da herança cultural africana, tida como inferior, amparando um ponto de vista racista.

Nesses termos, o racismo e o preconceito se inter-relacionam alimentando-se mutuamente, e sustentam as ideologias construtoras do sincretismo, desafiado

primeiramente dentro da ordem do discurso religioso do candomblé. É relevante ressaltar que, conforme visto nos veículos midiáticos estudados, esse desafio mostra-se, sobretudo, capaz de ganhar repercussão nacional e solidificar um anseio antigo de reconhecimento e de respeito pela diferença.

Deve-se, contudo, lembrar que talvez não seja possível acabar com o preconceito, com a discriminação e com os processos de exclusão sem uma socialização verdadeira dos direitos, sem uma distribuição igualitária deles que corresponda a uma derrubada dos processos de injustiça que causam a discriminação e a exclusão. Nesse sentido, seria profícuo que a imprensa em geral atentasse um pouco mais para o seu alcance social, uma vez que um texto publicado, mesmo quando construído de forma aparentemente neutra, continua a existir e expandir idéias. Se essas idéias perpetuadas não forem de preconceito, discriminação, repressão ou supressão de direitos de qualquer segmento da sociedade, a despeito de este trabalho versar especificamente sobre as relações raciais, ele terá cumprido também um objetivo social ao requerer para todos o direito à voz e à justiça, o direito a que cada movimento tenha seus problemas expressos e seus anseios acolhidos.

De forma mais específica, como aponta Hofbauer (2003, p. 66), os vários termos raciais e de cores usados cotidianamente são produtos de uma história de discriminação, e o racismo não é apenas discriminação e humilhação, mas um fenômeno social complexo e um discurso sobre os processos de inclusão e exclusão. Nesses termos, segundo o autor, “‘raças’ e/ou ‘cores’ não têm uma existência própria, não têm um significado que independa do ‘mundo dos valores’ e dos ‘ideais culturais’”.

Como se pode perceber nos trabalhos de Gomes & Pereira (1995), Moita Lopes (2002) e Gomes (2002), o que está em jogo é a própria identidade dos grupos envolvidos num imbricado jogo de construção de relações sociais diversas e ideologicamente pré-

construídas devido a questões de hegemonia e poder, mas que podem ser desafiadas. E, nesse sentido, é importante que se estudem esses processos de relação em sociedade que recaem sobre as formas de identificação dos indivíduos para que se alcance o respeito entre os grupos que a constituem. Por isso, esses autores voltaram-se para o estudo das identidades no contexto educacional, mostrando que é possível a reação na construção e reconstrução das identidades que gerem o respeito à diversidade, principalmente partindo de uma formação que compreenda e respeite as diferenças.

Por isso, quando da análise de um evento discursivo, é importante atentar para a relação entre três contextos que permitem a análise do texto como prática social, quais sejam, o de cultura, para análise institucional e ideológica, o intertextual para análise das relações entre os textos e os gêneros discursivos – inclusive para acessar os diferentes discursos na análise interdiscursiva – e o intratextual, para se adentrar no universo do próprio texto como um tecido verbal, e verificar sua coerência, incluindo as relações semânticas internas, a coesão e seus elementos microlingüísticos.

Em síntese e em conformidade com a proposta inicial da pesquisa, é possível afirmar então que existe um padrão de ocorrência para a palavra-chave *sincretismo*, que não possui variação relacional variada. A prosódia semântica é predominantemente positiva ou neutra no corpus e verificável nas relações de campo e não nas relações lexicais, como se pensou. A análise dos gêneros do discurso como uma instância superior ao nível léxico-gramatical, numa relação de integração, conforme apontado por Eggins (1994), mostrou-se produtiva no processo de associações lexicais e prosódias semânticas ao contexto de situação e também ao contexto de cultura, com o subsídio da análise dos gêneros discursivos. Dessa forma, tornou-se possível adentrar em algumas questões

ideológicas subjacentes ao sincretismo, que, por sua vez, o conectaram à questão racial brasileira, ainda orientada pelas ideologias do branqueamento e da democracia racial.

Em conformidade com a metodologia de análise crítica do discurso da mídia proposta por Fairclough (1995, p. 32-33), pretendeu-se, de forma sistemática, focalizar como as mudanças na sociedade e na cultura se manifestaram nas práticas discursivas da mídia quando o assunto é sincretismo. Para tanto, procurou-se incluir uma atenção na linguagem e na textura partindo-se da padronização do nóculo em textos coletados via Internet em que apareceu pelo menos uma vez a palavra sincretismo e posteriormente relacionar seu uso à coesão textual. Procurou-se também analisar os textos em termos de sua produção, distribuição e consumo, a partir do mapeamento das características dos veículos estudados (jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* e as revistas *Veja* e *Época*), atentando para o contexto institucional, social e cultural da mídia, incluindo relações de poder e ideologia presentes nos discursos evocados sobre o assunto tratado. A análise lingüística e interdiscursiva foi feita em termos de gêneros discursivos e discursos, dentro de uma visão multifuncional da linguagem, envolvendo tanto o nível léxico-gramatical quanto as instâncias dos gêneros discursivos como formas de ação e representação, vendo, sobretudo, dialeticamente as relações entre texto, sociedade e cultura.

Acredito, por fim, que os objetivos da pesquisa tenham sido alcançados, pois, ao trabalhar o sincretismo, a partir da padronização desta palavra na mídia de jornais e revistas de informação geral, pôde-se constatar sua relação com a questão racial brasileira. A pesquisa pode, então, ser considerada mais uma contribuição para as pesquisas em Lingüística Aplicada e também para o campo de estudos da Análise Crítica do Discurso, em sua interface com estudos de corpus de pequena dimensão. Todavia, pesquisas com corpora de grande dimensão podem ser feitas com o intuito de corroborar o que pesquisas

de corpora de pequena dimensão e estudos de caso apontam, bem como para expandir o horizonte de análise.

Faltam mais estudos sobre a relação entre padrões lingüísticos em jornais e revistas, principalmente numa perspectiva comparativa desses dois tipos de veículo; e também sobre conflitos ideológicos neles engendrados de forma a inter-relacionar texto e contexto de produção da e na mídia, bem como de seu impacto no âmbito social. Para futuras pesquisas, é relevante focalizar a relação mídia e academia, principalmente como no caso visto nesta pesquisa: a mídia divulgando a academia.

Referências bibliográficas

1. AJZENBERG, B. A imprensa e o racismo. In: RAMOS, S. (Org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 30-35.
2. ARAÚJO, J. Z. Estratégias e políticas de combate ao racismo na mídia. In: MUNANGA, K. (Org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996. p. 243-251.
3. ARAÚJO, J. Z. Identidade racial e estereótipos sobre o negro na TV brasileira. In: GUIMARÃES, A. S. A.; HUNTLEY, L. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 77-95.
4. BARROS, A. T. Cenário internacional e o discurso da Folha de São Paulo sobre a privatização no Brasil. *Tuiuti: ciência e cultura*, Curitiba: s.n, v. 5, n. 1, p. 24-32, mar. 1996.
5. BARROS, A T. Estado versus mercado no discurso da Folha de São Paulo sobre a privatização no Brasil. *Ciências e Letras*, Porto Alegre: s.n, n. 20, p. 55-70, nov. 1997.
6. BARROS, D. L. P. Prefácio. In: ZAPPAROLI, Z. M.; CAMLONG, A. *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: FAPESP, 2002. p. 15-16.
7. BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2002.

8. BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1971a.
9. BASTIDE, R. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1971b.
10. BERBER-SARDINHA, T. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. *DIRECT Paper* 40. ISSN 1413-442x. Published by LAEL, Catholic University of São Paulo, Brazil, and AELSU, University of Liverpool, United Kingdom, 1999a. Disponível em: <http://lael.pucsp.br/DirectPapers40.pdf>.
11. BERBER-SARDINHA, T. Estudo baseado em corpus da padronização lexical no português brasileiro colocações e perfis semânticos. In *PROPOR'99. IV Encontro para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa Escrita e Falada*, Évora, 1999b, 269-287 Évora, Portugal.
12. BERBER-SARDINHA, T. Lingüística de Corpus: histórico e problemática. *Delta*, São Paulo, vol 16, nº 2, p. 323-367, 2000a.
13. BERBER-SARDINHA, T. Investigating discourse organization in corpora. *DIRECT Paper* 43. ISSN 1413-442x. Published by LAEL, Catholic University of São Paulo, Brazil, and AELSU, University of Liverpool, United Kingdom. 2000b.
14. BERBER-SARDINHA, T. Prosódia semântica na tradução do português e inglês: Um estudo baseado em corpus. In *PROPOR 2000, V PROPOR - Encontro para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa Falada e Escrita*, Atibaia, São Paulo, 2000c, 93-104. São Carlos, SP: ICMC/USP.
15. BERBER-SARDINHA, T. Comparing corpora with Wordsmith keywords. *The ESPecialist*, São Paulo, v. 22, nº 1, p. 87-99. 2001.
16. BERBER SARDINHA, T. *Lingüística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
17. BIBER, D; CONRAD, S; REPPEN, R. *Corpus linguistic: investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

18. BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22.
19. BIRMAN, P. *O que é umbanda*. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.
20. BONINI, A. Gênero textual como signo lingüístico: os reflexos da tese da arbitrariedade. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 1, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>
21. BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>
22. CARMO, S. I. S. Luz e sombra nos editoriais da Folha de São Paulo. *Perspectivas*, São Paulo: s.n, v. 16, p. 255-263, 1993.
23. CARMO, C. M. *Aspectos híbridos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na mídia televisiva: entre a religião e o marketing*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. (Dissertação de mestrado).
24. CARMO, C. M. Marcas de interatividade no gênero Entrevista Televisiva. *Vertentes*, São João del-Rei, pp. 56-64, Jun.-Dez. 2004.
25. CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
26. CONSORTE, J. G. Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Org.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 1999. p. 71-91.

27. CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
28. CUNHA, D. A. C. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 166-179.
29. CUPERTINO, F. *As muitas religiões do brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
30. DROGUETT, J. Vertigem pendular – cultura dos meios de comunicação. In: BALOGH, A. M. et. al. (Org.). *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2002. p. 23-29.
31. EGGINS, S. *An introduction to systemic functional linguistics*. London: Pinter, 1994.
32. FAIRCLOUGH, N. *Media discourse*. London: Longman, 1995.
33. FAIRCLOUGH, N. Political discourse in the media: an analytical framework. In: GARRET, P.; BELL, A. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1998. p. 142-162.
34. FAIRCLOUGH, N. *New labor, new language?* London: Routledge, 2000a.
35. FAIRCLOUGH, N. Dialogue in the public sphere. In: SARANGI, S.; COULTHARD, M. (Ed.). *Discourse and social life*. Harlow, Longman, 2000b. p. 170-184.
36. FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.
37. FAIRCLOUGH, N. Semiotic aspects of social transformation and learning. In: ROGERS, R. (Ed.) *New directions in critical discourse analysis: semiotic aspects of social transformation and learning*. Erlbaum: 2003. Disponível em: <http://www.ling.lancs.ac.uk/staff/norman/2003e.doc>.

38. FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 31-59.
39. FAUSTO NETO, A. *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre aids*. São Paulo: Hackers Editores, 1999.
40. FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difel, 1972.
41. FERREIRA, A. As redes de TV e os senhores da aldeia global. In: NOVAES, A. (Org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p. 155-169.
42. FERRETTI, S. F. *Repensando o sincretismo*. São Luís: FAPEMA, 1995.
43. FERRETTI, S. F. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Org.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 1999. p. 113-130.
44. FERRETTI, S. F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil – modelos, limitações, possibilidades. *Tempo*, Rio de Janeiro, nº 11, 2001. pp. 13-26.
45. FIGUEIREDO, A. *Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador*. São Paulo: Annablume / Sociedade Brasileira de Instrução / Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.
46. FIRTH, J. R. *Papers on linguistics, 1934-1945*. Oxford: Oxford University Press, 1957.
47. FOLHA DE SÃO PAULO/DATAFOLHA. *Racismo cordial: a mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.
48. FOWLER, R. et al. *Language and control*. London, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul, 1979.

49. FOWLER, R. *Language in the news: discourse and ideology in the press*. London and New York: Routledge, 1991.
50. FRANÇA, J. L. et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
51. FRANCISCO, D. *Negro, afirmação política e hegemonia burguesa no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 1992. (Dissertação de Mestrado)
52. FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1961.
53. GARRET, P.; BELL, A. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1998.
54. GATES JR., H. L. A indenização é justa: Professor de Harvard defende políticas que beneficiem a comunidade negra para reparar injustiças da escravidão. *Veja*, 5 setembro, 2001. Seção entrevista.
55. GLEDHILL, C. *Collocation and the rhetoric of scientific ideas: corpus linguistic as a methodology for genre analysis*. Disponível em: <http://helmer.aksis.uib.no/allc/gledhill.pdf>. Acesso em 08/04/2004.
56. GOMES, N. L.; PEREIRA, R. V. Formação de professores na perspectiva da diversidade étnico-cultural. *Revista Pedagógica*, Belo Horizonte: s.n, n. 75, p. 22-23, maio/jun. 1995.
57. GOMES, N. L. Educação e identidade negra. *Aletria*, Belo Horizonte: s.n, n. 9, p. 38-47, dez. 2002.
58. GONÇALVES, L. A. O. De preto a afro-descendente: da cor da pele à categoria científica. In: BARBOSA, L. M. A. et al. (Org.) *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2003. p. 15-24.

59. GOUVEIA, C. Análise crítica do discurso: enquadramento histórico. In: MATEUS, M. H.; CORREIA, C. N. (Ed.). *Saberes no tempo: homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri, 2002. p. 335-351. Também disponível em: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/downloads/HCC.pdf>
60. GUIMARÃES, A. S. A. Brasil-Estados Unidos: um diálogo que forja nossa identidade racial. *Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro: s.n, n. 26, p. 141-147, set. 1994.
61. GUIMARÃES, A. S. A. Como trabalhar com "raça" em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo: s.n, v. 28, n. 1, p. 93-93, jan./jun. 2002.
62. HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
63. HABERMAS, J. Três modelos normativos de democracia. *Cadernos da Escola do Legislativo*, n 3: 107-121. 1995.
64. HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985a.
65. HALLIDAY, M. A. K. Dimensions of discourse analysis: grammar. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Handbook of discourse analysis: dimensions of discourse*. V. 2. London: Academic Press, 1985b. p. 29-56.
66. HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
67. HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Geelong, Victoria, Australia: Deaking University Press, 1993.
68. HARDT-MAUTNER, G. 'Only connect.' Critical discourse analysis and corpus linguistics. 1995. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/computin/research/ucrel/papers/teachpaper/vol16.pdf>.

69. HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
70. HOEY, M. P. *On surface of discourse*. London, Boston, Sydney: George Allen & Unwin: 1983.
71. HOEY, M. P. *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press: 1991.
72. HOFBAUER, A. Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”. In: BARBOSA, L. M. A. et al. (Org.) *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2003. p.51-68.
73. HUMBLÉ, P. O uso de corpora no ensino de línguas: alguns exemplos do português e do espanhol. In: CABRAL, L. G. et al. (Org.) *Linguística e ensino: novas tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2001. p. 157-180.
74. HUNSTON, S.; FRANCIS, G. *Pattern grammar: a corpus-driven approach to the lexical grammar of English*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.
75. HUNSTON, S. *Corpora in applied linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002
76. HUSBAND, C. News media, language and race relations: a case study in identity maintenance. In: GILES, H. *Language, ethnicity and intergroup relations*. London and San Francisco: Academic Press/European Association of Experimental Social Psychology, 1977. p. 211-240.
77. IANNI, O. *Escravidão e racismo*. São Paulo: Hucitec, 1988.
78. JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

79. JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 63-85. (Psicologia Social)
80. JUBRAN, C. C. A. S. Metadiscorso em entrevista televisiva: um enfoque interacional. *Scripta*, Belo Horizonte, v.4, n.7, p.96-109, 2000.
81. KAUFMANN, S. Cohesion and collocation: using context vectors in text segmentation. Disponível em: <http://acl.ldc.upenn.edu/P/P99/P99-1077.pdf>. Acesso em 11/06/2003.
82. KENNEDY, G. *An introduction to corpus linguistics*. New York: Longman, 1998.
83. KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Manchester, St. Jerome, 2001.
84. KRISHNAMURTHY, R. Ethnic, racial and tribal: the language of racism? In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Ed.). *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*. London and New York: Routledge, 1998. p. 129-149.
85. LEITÃO, M. A imprensa e o racismo. In: RAMOS, S. (Org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 42-50.
86. LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
87. MAGALHÃES, C. M. A Análise Crítica do Discurso enquanto teoria e método de estudo. In: MAGALHÃES, C. M. (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. v. 2. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 15-30. (Estudos Lingüísticos)

88. MAGALHÃES, C.M. Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. especial, 2004. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>.
89. MAGALHÃES, C. Introdução. In: PAGANO, A.; BARBARA, L.; MAGALHÃES, C.; VIAN JR, O. *Linguística Sistêmico-Funcional em Português: abordagens discursivas e interfaces*. Mercado de Letras (no prelo).
90. MAGALHÃES, I. Teoria crítica do discurso e texto. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. especial, 2004. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>
91. MALINOWSKI, B. On phatic communion. In: JAWORSKY, A.; COUPLAND, N. (Ed.). *The discourse reader*. London & New York: Routledge, 1999. p. 302-305.
92. MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 19-36.
93. MARTIN, J.R. *English Text: system and structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1992.
94. MARTIN, J. R. Cohesion and texture. In: SHIFFRIN, D., TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (Ed.) *The handbook of discourse analysis*. Oxford, UK/Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 35-53.
95. MARTINS, A. R. N. *A polêmica construída: racismo e discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros*. Brasília, DF: UnB, 2004. (Tese de Doutorado)
96. MATTHIESSEN, C.; HALLIDAY, M.A.K. *Systemic functional grammar: a first step into the theory*. 1997. Disponível em: http://lael.pucsp.br/~tony/cursos/sfl/SFG_Halliday_Matth.htm.

97. MATOS, H. Legitimação do autoritarismo no Governo Médici: análise das primeiras páginas dos jornais o Estado de São Paulo e o Globo. *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, São Paulo: s.n, v. 12, n. 27, p. 61-79, jan. 1991.
98. MENDES, I. S. M. *Um caso de polícia: a representação dos discursos no noticiário policial de dois jornais impressos brasileiros, abordada à luz da Lingüística de Corpus e da Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. (Dissertação de Mestrado)
99. MENEZES, M. E. *Reflexos negros: a imagem social do negro através das metáforas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1998. (Dissertação de Mestrado).
100. MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).
101. MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
102. MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção cultura e Identidade Brasileira).
103. NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
104. OLIVEIRA, E. H. P. A imprensa e o racismo. In: RAMOS, S. (Org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p. 36-41.
105. PAGANO, A. S. Gêneros híbridos. In: MAGALHÃES, Célia M. (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 83-120. (Estudos Lingüísticos)

106. PAGANO, A., MAGALHÃES, C.; ALVES, F. Towards the construction of a multilingual, multifunctional corpus: factors in the design and applications of CORDIAL. *Revista TRADTERM*, São Paulo: v.10, n.0, p.143 - 151, 2004.
107. PARTINGTON, S. *Patterns and meanings: using corpora for English language research and teaching*. Amsterdam/Filadelphia: John Benjamins, 1998.
108. PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: PEDRO, E. R. (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1997. p. 19-46.
109. PEIXOTO, N. B. As imagens de TV têm tempo? In: NOVAES, A. (Org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p. 73-84.
110. PEREIRA JR, A. E. V.; MÜLLER, K. M. Conotações ideológicas da expressão “acadêmico” na revista *Veja*. *Áquila*, Rio de Janeiro. V. 2, n. 3, p. 41-59. Jan./jun.1998.
111. PEREIRA, E. A.; GOMES, N. P. M. *Ardis da imagem: exclusão étnica e violência nos discursos da cultura brasileira*. Belo Horizonte: Maza Edições/PUC-Minas, 2001.
112. PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros textuais*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 259-290.
113. PINTO, M. J. *Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos*. São Paulo: Hackers Editores, 1999.
114. PIZA, E. Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu... In: GUIMARÃES, A. S. A.; HUNTLEY, L. (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 97-125.

115. PRANDI, R. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Org.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAO, 1999. p. 93-111.
116. PRANDI, R. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, São Paulo, nº 46, jun.-ago., 2000a. p. 52-65.
117. PRANDI, R. Hipertrofia ritual das religiões afro-brasileiras. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 56, p. 77-88, 2000b. Também disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/hipertro.rtf>
118. PRANDI, R. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
119. PRETI, D. A linguagem da TV: o impasse entre o falado e o escrito. In: NOVAES, A. (Org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1991. p. 232-256.
120. ROCHA, M. O uso de corpora computadorizados no ensino de língua portuguesa: metodologia e avaliação. In: CABRAL, L. G. et al. (Org.) *Linguística e ensino: novas tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2001. p. 137-155.
121. ROJO, L. M. A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre “racismo”. In: IÑIGUEZ, L. (Coord.) *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 206-257.
122. RODRIGUES, A. D. *O campo dos media*. Vega, Lisboa, S/d.
123. RODRIGUES, A. D. *Estratégias de comunicação*. Lisboa: Editora Presença, 1988.
124. SANTOS, H. Uma avaliação do combate às desigualdades raciais no Brasil. In: GUIMARÃES, A. S. A.; HUNTLEY, L. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 53-74.

125. SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/USP, 1969.
126. SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
127. SCOLLON, R. *Mediated discourse as social interaction: a study of news discourse*. London & New York: Longman, 1998.
128. SCOTT, M. PC analysis of key words – and key key words. *System*, Great Britain, vol. 25, nº 2, 1997. p. 233-245.
129. SCOTT, M. Comparing corpora and identifying key words, collocations, frequency distributions through the WordSmith Tools suite of computer programs. In: GHADESSY, M.; ROSEBERRY, A. H. R. L. *Small corpus studies and ELT: theory and practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p 47-67.
130. SILVA, V. G. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.
131. SILVA, V. G. Reafricanização e sincretismo: interpretações acadêmicas e experiências religiosas. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Org.). *Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Rio Janeiro: Pallas; Salvador, BA: CEAQ, 1999. p. 149-157.
132. SILVA, N, V. Extensão e natureza das desigualdades raciais no Brasil. In: GUIMARÃES, A. S. A.; HUNTLEY, L. *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 33-51.
133. SILVA, M. E. B. Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 117-123.

134. SILVA, S. Reconhecimento de termos e produção de definições no direito administrativo: um estudo sob a ótica da lingüística do texto especializado e da lingüística de corpus. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, ano 2, n. 3. 2004. Disponível em: <http://www.revelhp.cjb.net>.
135. SINCLAIR, J. M. *Corpus, concordance, and collocation*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1991.
136. SINCLAIR, J. M. Preface. In: GHADESSSY, M.; ROSEBERRY, A. H. R. L. *Small corpus studies and ELT: theory and practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p. VII-XV.
137. SODRÉ, M. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.
138. STUBBS, M. Collocations and semantic profiles: on the cause of the trouble with quantitative studies. *Functions of Language*, 1995. 2, 1: 23-55.
139. STUBBS, M. *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
140. STUBBS, M. Whorf's children: critical comments on critical discourse analysis (CDA). In: RYAN, A.; WRAY, A. (Eds). *Evolving models of language*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997. Também disponível em: <http://www.uni-trier.de/uni/fb2/anglistik/Projekte/stubbs/whorf.htm>.
141. STUBBS, M. Using very large text collection to study semantic schemas: a research note. In: HEFFER, C.; SAUNSTON, H. (Ed.) *Words in context: a tribute to John Sinclair on his retirement*. English Language Research Discourse Analysis Monograph 18. University of Birmingham, 2000. [CD-Rom]. Também disponível em: <http://www.uni-trier.de/uni/fb2/anglistik/Personal/stubbs.htm>.

142. STUBBS, M. Computer-assisted text and corpus analysis: lexical cohesion and communicative competence. In: SCHIFFRIN D., TANNEN, D.; HAMILTON. H. E. (Ed.). *The handbook of discourse analysis*. Blackwell Publishers, 2001. p. 304-320.
143. STUBBS, M. *Words and phrases: corpus studies of lexical semantics*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 2002.
144. TACCA, F. Imagens do sagrado. In: BALOGH, A. M. et. al. (Org.). *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2002. p. 207-216.
145. TAVARES, J. C. S. Tópicos acerca do multiculturalismo e do campo dos mídias. *Revista Comunicarte*, Campinas, v. 10, nº 18, p. 41-57, 1993.
146. THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
147. THOMPSON, G. *Introducing functional grammar*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
148. THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
149. TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
150. VALENTE, V. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
151. VAN DIJK, T. A. Opinions and ideologies in the press. In: GARRET, P.; BELL, A. (Ed.). *Approaches to media discourse*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1998. p. 21-63.
152. VIAN JR., O. Sobre o conceito de gêneros do discurso: diálogos entre Bakhtin e a Linguística Sistêmico-funcional. In: BRAIT, B. *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes, 2001. p. 147-161.

153. WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. London: Fontana, 1976.
154. WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 4, n. especial, 2004.
Disponível em:
<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/revista/revista.htm>
155. WOLF, M. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXOS

Anexo 1 – Textos utilizados na análise da força coesiva da palavra **sincretismo**

Na umbanda de bombachas, oferenda é costela

Cultos africanos ganham cada vez mais adeptos no Rio Grande do Sul, que já tem mais **umbandistas** que a Bahia

Legenda da foto: **PEDRO DE OXUM Docô**, do **Ilê Oxum Docô**: um dos mais famosos **pais-de-santo** gaúchos já foi **coroinha**

> Inclui quadro: Os mais **umbandistas**

RIO E PORTO ALEGRE. O **acarajé** e a **farofa** cederam lugar ao **churrasco** como **oferenda**. As bombachas substituíram as túnicas. Dados do Censo 2000 revelam que o Rio Grande do Sul é o estado que proporcionalmente concentra o maior número de adeptos da **umbanda** e do **candomblé** no país. Lá, 1,63% da população declarou que cultua a **religião dos orixás**. Famosa por seus **terreiros** e **mães-de-santo**, a Bahia, surpreendentemente, está em nono lugar: apenas 0,09% dos **baianos** disse ser **umbandista**.

O Rio de Janeiro está em segundo lugar no ranking dos estados com mais adeptos do **candomblé** e da **umbanda**, com 1,32% de **adeptos**. O estado perdeu o posto de líder para o Rio Grande do Sul na última década. De 1991 para 2000, houve uma queda de 1,97% para 1,32% no número de seguidores fluminenses. No mesmo período, o índice subiu de 1,23% para 1,63% no Rio Grande do Sul. Mas os **católicos** são maioria entre os gaúchos (73,74%), seguidos dos **evangélicos** (13,06%) e dos sem **religião** (4,4%). Os **espíritas** também superaram os **umbandistas** naquele estado, com 2,14% de seguidores.

"Um fenômeno de causas desconhecidas"

Para os técnicos do IBGE, mais surpreendente que a desmistificação da Bahia como símbolo da **religião afro-brasileira** é o crescimento da presença do **candomblé** e da **umbanda** no Rio Grande do Sul. - É um fenômeno muito interessante e sobre o qual ainda não se conhecem as causas, já que não foi detectado por nenhum estudioso nem pela sociedade - afirma a pesquisadora do IBGE Nilza de Oliveira Martins, responsável pelos dados sobre **religião** do Censo.

O aumento no número de gaúchos **umbandistas** faz com que a Região Sul, de **colonização européia**, perca apenas para o Sudeste no ranking por região. Do total de **umbandistas** brasileiros, 57,4% estão no Sudeste e 30,4% no Sul. O Nordeste contribui com 8%.

O crescimento da **umbanda** no Rio Grande do Sul fez surgir um novo perfil de **pai-de-santo**, moldado pelos costumes gaúchos. Eles oferecem **churrasco de costela** aos **orixás** e usam **bombachas brancas**, como **Pedro de Oxum Docô**, de 41 anos, um dos mais populares no estado. Sua mulher, formada em pedagogia, é a **mãe-de-santo Viviane de Iansã**.

- As bombachas são pelo frio no inverno. Já o churrasco é o gosto do praticante que impõe mesmo - diz Pedro.

Filho de pais **católicos**, **ex-coroinha** e ex-freqüentador assíduo de **missa aos domingos**, Pedro trocou o **catolicismo** pela **umbanda** aos 22 anos. Acredita ter sido curado de uma doença depois de ser **benzido** por uma **mãe-de-santo**.

Segundo levantamento da seção gaúcha da **Associação de Cultos Afro-brasileiros (Afrobras)**, existem cerca de 50 mil estabelecimentos voltados para a prática de **religiões afro-brasileiras** no estado.

Os grupos mais organizados no Rio Grande do Sul, como o **Ilê Oxum Docô**, usam até a internet para popularizar os **cultos africanos**. Pela internet, a **casa de Docô** presta **consultas** e **joga búzios**, além de disponibilizar **cartas de tarô** e outros serviços. Segundo o **pai-de-santo**, sua página na internet é visitada por nove mil internautas mensalmente. Ele diz ter 17 mil clientes cadastrados.

Na Bahia, uma das razões que pode explicar o número baixo de seguidores da **umbanda** e do **candomblé**, segundo os técnicos do IBGE, é o **SINCRETISMO religioso**. No estado onde até **Mãe Menininha do Gantois** declarou ser **católica**, não é raro ver **católicos** freqüentando **terreiros** e vice-versa.

A ligeira queda (de 0,11% em 91 para 0,09% em 2000) na proporção de adeptos da **religião africana** na Bahia na última década, de 1991 para 2000, foi inexpressiva, ressalta Nilza:

- A **religião africana** na Bahia é muito tradicional, é passada de pai para filho, o que faz com que os números não variem muito nem para mais nem para menos. (Reportagem - O Globo)

Religiosidade e arte no carnaval da Sossego

Escola falará sobre **barroco brasileiro**, fazendo referências veladas a **símbolos cristãos, africanos e indígenas**

Legenda da foto: **BÚZIOS, FIGAS** e laços decoram as fantasias que vão mostrar o **sincretismo** da **religiosidade brasileira**

Legenda da foto: ADERECISTAS CONFECCIONAM as roupas dos 1.500 componentes

A **religiosidade**, a irreverência e o colorido do brasileiro ganharão volumes exagerados no carnaval da Acadêmicos do Sossego. O enredo "Andar com **fê** eu vou... Brasil tua **alma barroca**", de Sérgio Murilo e Roberto Antônio, é uma viagem aos primórdios da História do país para desvendar a influência deste estilo artístico na **personalidade do brasileiro**. Com base nos conhecimentos sobre o assunto do escritor Affonso Romano de Sant'Anna, que acompanha os preparativos, a escola revelará a personalidade de um povo que não dispensa a **proteção de um santo** e a alegria do carnaval.

- O brasileiro tem **devoção** a tudo. A essência do enredo é falar dessa **religiosidade** e do **sincretismo** provocado pela **mistura de raças** - explica Sérgio Murilo.

Carro da primeira missa exibirá uma cruz

O tema é espinhoso, já provocou muita polêmica na Avenida, mas os carnavalescos dizem que não querem briga com a **Igreja Católica**. Em praticamente todas as fantasias há referências à **religião**, mas feitas de forma velada. A mais direta será a **cruz** na reprodução da primeira **missa** numa das alegorias. A roupa das baianas tem o mesmo tom de azul-marinho do manto de **Nossa Senhora Aparecida**.

Na ala "**SINCRETISMO** em **romaria**", **símbolos religiosos africanos e indígenas** **misturam-se** às fantasias. No desfile também não haverá **imagens de orixás**, mas elementos de **umbanda**, que resultam de um **sincretismo religioso**. A **pajelança** dará lugar na Avenida ao **culto dos astros**.

A Sossego abrirá o desfile do Grupo de Acesso B, desfilando sexta-feira às 20h. Serão 1.500 componentes fazendo evoluções ao som do samba tocado por 200 ritmistas, com um reforço da Unidos do Viradouro. Mestre Ciça, também da vermelho-e-branco de Niterói, colabora nos ensaios dominicais ao lado de mestre Luiz Fernando.

O FIO DA MEADA

Controvérsias em torno de imagens

Não é de hoje que a **mistura de sagrado e profano** no carnaval causa discórdia entre a **Igreja Católica** e as **escolas de samba**. Uma das primeiras polêmicas foi provocada por Joãozinho Trinta, em 1989, no desfile da Beija-Flor de Nilópolis. Ele pretendia usar uma réplica do **Cristo Redentor** no enredo "Ratos e urubus,

larguem minha fantasia", idealizado por ele para a azul-e-branco. Como protesto pela proibição, ele cobriu a escultura com um plástico preto pouco antes de a escola entrar na Marquês de Sapucaí.

No ano seguinte, foi a vez da Unidos de Vila Isabel enfrentar os protestos da Arquidiocese do Rio de Janeiro. A agremiação teve que excluir a **imagem** de **Nossa Senhora** de sua exibição na Avenida.

Experiente, o carnavalesco Milton Cunha usou recursos artísticos para driblar a objeção da **arquidiocese**. Em 1998, a União da Ilha substituiu as flechas no corpo de **São Sebastião** por marcas de chibatadas.

Dois anos depois, a Unidos da Tijuca retirou de seu desfile um painel de **Nossa Senhora da Boa Esperança** e uma **crúz**, que foram apreendidos pela polícia no barracão da escola a pedido da **arquidiocese**. O carnavalesco Chico Spinoza chegou a ser levado à 4ª DP (Praça da República) e acabou desistindo de apresentar os **símbolos religiosos**.

Os mesmos problemas ocorrem em campanhas publicitárias. Empresas como Pepsi, Cemusa e Adshel já enfrentaram processos por utilizarem o **Cristo Redentor** em propagandas. (Reportagem - O Globo).

Por um mundo mais tolerante

O brilho da árvore de **Natal** se confunde com o das **velas** do Chanuká - a **Festa das Luzes** do **calendário judaico** - na visão de Anna Bella Geiger. Para a artista plástica, a coincidência das datas e dos **símbolos** não é mero acaso.

- As **religiões** são influenciadas por diferentes situações. O **SINCRETISMO religioso** é uma das características mais enriquecedoras das **culturas** - analisa ela, que tem origem **judaica**.

Anna Bella acredita que o **SINCRETISMO** e o local de origem comum ao **cristianismo**, **judaísmo** e **islamismo** deveriam ser suficientes para que as diferentes **culturas** se respeitassem e mantivessem a paz.

- Os conflitos no **Oriente Médio** são realmente preocupantes. Mas acho que todos nós temos esperança de que as coisas vão se acertar - diz.

Como exemplo de **tolerância multirracial**, Anna Bella aponta o **Brasil**:

- É um país com uma **diversidade cultural** imensa e, apesar dos **problemas sociais**, pessoas de **diferentes origens** convivem em paz.

O desejo de que as regiões em conflito possam vivenciar a **tolerância** do **Brasil** foi expressa na obra "Utopia".

- Desde a década de 70 uso em meus trabalhos essa forma do mapa do Brasil. Além de ser uma marca minha e ressaltar a **identidade** do local, acho que essa tolerância brasileira deve ser copiada - diz Anna Bella, que passará o **Natal** com os filhos.

LIBERDADE PARA EXPLORAR O TEMA

"Eu me baseei no meu próprio trabalho usando rolos. O pergaminho era o livro antigo. Então, minha obra é um relato com dois trechos. São paisagens do local onde **Jesus** nasceu e onde quase todas as **religiões** começaram. O **deserto** e as **pirâmides** são referências ao **Egito** e à região de **Israel**, lugares onde hoje impera o conflito. Nesse livro ainda há espaço para outros trechos. Ainda há uma parte a ser contada. E temos esperança de que sejam coisas boas."

ANNA BELLA GEIGER "Utopia"

Legenda da foto: ANNA BELLA Geiger trabalha sobre o rolo em que conta histórias. (Reportagem - O Globo)

O que permanece

Ao ler a **Sagrada Escritura**, ao tomar conhecimento de atitudes de **Jesus** diante de falhas cometidas, somos influenciados por uma mentalidade moderna, que deforma a interpretação correta. Assim, selecionamos as palavras e postura do **Salvador**. Ficamos com o que é suave e esquecemos tudo o que exige sacrifícios. Se alguém toma posição firme, decorrente da **fé** autêntica, logo é condenado, pois **Cristo** veio ao mundo pregar o "**perdão e a misericórdia, e não sacrifício**" (Mt 9,13). Daí o surgimento de **doutrinas, práticas religiosas** adocicadas, um tanto indefinidas, onde todos se sentem bem e acomodados. Ora, isso ocorre por ignorância, até mesmo em boa-fé, ou por interesse em seguir uma **religião** fácil, pouco exigente.

Sem dúvida, nos manda o **Senhor perdoar** "setenta vezes sete" (**Mt 18,22**), mas igualmente cumprir, até com sacrifício da vida, a integral observância dos **Mandamentos da Lei de Deus** e prestar adesão da nossa inteligência ao ensinamento de **Cristo**. O **caminho de Deus** nem sempre é o nosso caminho. Devemos buscar o que é certo e não o que está de acordo com nossa visão da realidade, ou nossas aspirações terrenas. As placas indicativas do rumo correto independem do desejo do homem, mas precisam corresponder às determinações de **Deus**.

O mundo moderno foge do sacrifício e exalta o gozo. Em conseqüência, foi elaborado um código de **princípios, crenças e práticas religiosas** agradáveis, mas que não nos conduz a uma eternidade feliz. Deu-se-lhe o nome de "**New Age**", "**Nova Era**". Ela é fruto do progresso material sobre a **religião** e a **vida espiritual** da criatura. Inclui elementos **sincretistas, ecológicos** e outros, bastante atraentes. São muitos os seguidores, em várias partes do orbe, ora de maneira clara, ora mesmo de forma inconsciente. Adapta-se, com facilidade, às **aspirações religiosas**, tranqüiliza consciências, mas não nos leva a **Cristo**. E não significa ser **católico** aquele que as aceita. **Religião é obra de Deus**, e não produto das elucubrações humanas.

A "**New Age**" é um **misto** de **religião**, de **filosofia**, contém parcela de **esoterismo, cristianismo...** O movimento nasceu na Califórnia, em 1948, do livro de Alice Anne Bailey (1880-1949): "**O retorno a Cristo**", e se espalhou por todo o universo. Não tem propriamente um fundador, uma sede social, um líder, nem **dogmas**. Uma espécie de **espiritualidade**, fruto da mentalidade dos tempos atuais. São milhões de adeptos, também entre pessoas de posição social elevada. Hoje, muitos movimentos têm sua origem nela, com variantes diversas. Ora predominam as **religiões orientais**, ora a **astrologia**, o **culto à Natureza, ensinamentos secretos, forças ocultas...** enfim, um **sincretismo** com características **religiosas**. O que é bom para nós, eis o sinal de ser verdadeiro, serve de indicador.

Uma das características é a exclusão da **Igreja hierárquica**, para dar lugar a uma outra, guiada pelo **Mestre interior**, numa direção diversa da ensinada por **Cristo**. Trata-se de uma fusão de crenças que satisfaz as variadas aspirações do homem moderno. Cabe a este a escolha do que atenderá a seu paladar. Ele se torna o criador de sua **religião**, que surge de uma diversidade de componentes. Falta um **código de normas e dogmas**. Isso vem corresponder aos anseios da livre escolha da **doutrina**, da **moral** e das **manifestações de culto**.

No início do **cristianismo**, o **Império Romano** foi invadido pelas mais diferentes **doutrinas**, vindas do **Oriente**. Inteiramente diversa das mesmas era a **Boa Nova** ensinada por **Cristo** à sua **Igreja**: um **corpo doutrinário**, uma **moral** bem diversa da reinante. Um **culto** definido, uma autoridade, uma hierarquia emergia desde o início. Seu exercício podia ser diferente do que agora existe, mas não no essencial. Os **Livros Sagrados** repetidas vezes fazem a isto referência. O que nesse momento constitui a **Igreja** é apenas um desdobramento do que já havia nos primórdios.

Cabe uma outra consideração: no decorrer de séculos, como na mais remota antigüidade, essas ocorrências têm se sucedido, transformam-se em outras ou, simplesmente, desaparecem. Pareciam duradouras, fizeram sucesso, mas não sobreviveram ou perderam a **identidade** primitiva.

Hoje, quando vemos um homem idoso e enfermo catalisar as atenções do mundo, atrair dois milhões e meio de jovens - como ocorreu há poucas semanas, em **Roma** - vê-se que há algo diferente. Podem discordar, mas ele se mantém absolutamente na mesma rota e isso é fator da própria sobrevivência da **Igreja**. A verdade é uma só e não o fruto da "mídia" ou de pessoas, por mais influentes que sejam.

Estas ponderações nos levam à tranqüilidade diante dos ataques à disciplina, proporcionados pela fraqueza de alguns dos **filhos da Igreja**. O desaparecimento da instituição muitas vezes já foi anunciado. Ela foi

sepultada, chegou a desaparecer inteiramente em certas regiões, pela perseguição tenaz. E ei-la, viva, estuante de vitalidade!

Hoje são muitas as **denominações religiosas** que surgem. De maneira muito particular, as denominadas "**seitas**". Esse fato revela a **sede do sagrado** que angustia o coração do homem moderno. Como são novidades e, por vezes, exóticas, ou simplesmente atacam a **Igreja Católica**, merecem destaque na "mídia". Isso tem o poder de impressionar. Assistimos ao seu nascimento; outros verão o seu declínio e silencioso desaparecimento. Os que a combatem, elogiando as benemerências do casamento de seus ministros, contra o **celibato**, a favor da **ordenação de mulheres**, a repetição de sombras do passado, exumando cadáveres de falhas de séculos anteriores, como a **Inquisição** e outras ocorrências ao longo da vida de dois mil anos, esquecem-se do êxito, em nossos dias, do **Grande Jubileu**. Esses arautos morrerão e a **Igreja** continuará até ao final dos tempos!

D. EUGENIO DE ARAUJO SALES é cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. (Artigo - O Globo)

AUTO DE NATAL: Mistura no palco

"Uma rede para **Iemanjá**", **auto de Natal** com texto de Antonio Callado, estréia amanhã no Espaço III, no Teatro Villa-Lobos, dirigida por Tessa Callado. Tony Tornado é o protagonista da peça, encenada em um ato, que **mistura música, comédia e sincretismo religioso**. O cenário tem a assinatura de Ziraldo. O espetáculo é encenado de quinta a sábado, às 21h, e aos domingos, às 20h. (Chamada - O Globo)

'Reis Negros' busca raiz africana do Brasil

Ao **som** de um **batuque ritmado**, o cortejo se prepara para sair. Paramentados com **saias rodadas, cetros dourados e mantos brilhantes**, dançando em louvor a **Deus** e a **Nossa Senhora**, a **procissão** tem seu auge na **coroação do rei** e da **rainha do Congo**. Chamadas de **congadas**, essas festas populares ainda são celebradas em diversas cidades brasileiras, especialmente na região Sudeste. Sua origem remonta aos primórdios da **escravidão**, quando os primeiros **africanos** chegaram ao país.

Determinada a recuperar a história das relações entre a **África** e o **Brasil**, a professora da USP Marina de Mello e Souza se voltou para o passado do **Congo**.

O resultado é o recém-lançado "**Reis Negros no Brasil Escravista**", livro que se insere num novo modo de estudar a **herança africana no Brasil**, modo no qual tal herança é entendida na sua relação com a **história da África**.

Usando elementos que **misturam** o **catolicismo** e a **cultura africana**, as coroações dos **reis do Congo** sempre foram vistas como uma vitória da **influência portuguesa**. Para Mello e Souza, isso não é totalmente verdade: são também uma vitória da influência da **cultura trazida da África**.

Ao aportarem no **Congo** no final do século 15, os **portugueses** encontraram uma **sociedade** que acreditava que os **homens brancos** vindos do mar eram **mensageiros dos deuses**. A conversão ao catolicismo aconteceu naturalmente, sendo que o **rei do Congo** foi um dos primeiros a ser convertido, seguido por sua corte.

"Ser **católico** era um **símbolo de poder**", diz a pesquisadora. "Mas é preciso notar que o catolicismo seguido pelos **africanos** era especial." Conduzido à moda **congolesa**, os **ritos e dogmas católicos** foram adaptados à realidade africana. De um lado os portugueses acreditavam ter **convertido** todo o **reino do Congo**. De outro, os **congoleses misturavam práticas pagãs com símbolos católicos**.

"Por muito tempo acreditou-se que os povos não letrados não possuíam história", diz Mello e Souza. "Nesse sentido é surpreendente se deparar com uma **sociedade** tão bem estruturada quanto o **Reino do Congo** no século 15."

Era **organização social complexa**, com **rei, nobreza e Estados** que coletavam impostos e planejavam a **produção agrícola**. E a **vida religiosa** regia o **casamento** (a **poligamia** era regra) e usava **elementos simbólicos no culto aos deuses**.

Embora o **Reino do Congo** fosse o mais organizado, não havia uma espécie de união **africana**. O continente era marcado pela **diversidade cultural**, com **muitas línguas** e também **muitas tribos em constantes guerras**.

"Ao serem arrancados de suas **aldeias** e transportados pelo continente africano rumo às feiras regionais e aos portos costeiros, os **escravos de diferentes etnias misturaram-se**", diz Mello e Souza. "Eles tiveram de aprender a se comunicar, superando as barreiras regionais. Criavam novos **laços de sociabilidade** que se consolidaram durante a travessia atlântica."

No Brasil, esses laços "se institucionalizaram na **sociedade escravista colonial**, à qual foram inseridos à força, acabando por encontrar formas de **integração**".

Produtos do **encontro das culturas africana e ibérica**, a **feita de coração dos Reis do Congo** na América adquiriu novo significado. Mais do que elementos de **resistência**, como a **capoeira** e a **umbanda**, as congadas atestam para o **SINCRETISMO religioso e cultural**. (Reportagem – Folha de São Paulo)

Todo dia é de festa em Salvador

Todo dia é de festa nos **terreiros de Salvador**, já que cada dia da semana é dedicado a um **orixá**.

Segunda-feira é dia de **Exu**, que cuida das **encruzilhadas** e da comunicação entre **humanos e orixás**, e também de **Omolu (são Lázaro, no SINCRETISMO religioso)**. **Omolu** tem o rosto coberto por uma **máscara de palha** porque teve varíola. **Orixá da saúde e da enfermidade** e responsável por abrir os caminhos na vida das pessoas, ele recebe **pipocas** como **oferenda**, já que, na **cultura do candomblé**, esse alimento abre caminhos. Às segundas, na **igreja de São Lázaro**, as **oferendas na missa** também são feitas com **pipoca**.

Terça é dia de **Ogum**, o **orixá da guerra e do ferro**. As **oferendas** a ele são feitas em **estradas**, onde ele passou a viver em punição por ter cometido incesto com a mãe. As oferendas a **Ogum** têm, normalmente, **axoxô**, comida feita com **milho amarelo cozido com coco**.

Iansã e Xangô são festejados às **quartas**. **Xangô** é o **orixá do trovão e Iansã, da tempestade**, além de ser dona dos **eguns, espíritos antepassados**. Ambos foram casados. Quinta é dedicado a **Oxóssi**, que cuida da **selva**, das **matas** e das **florestas**. Nas oferendas a ele, encontram-se **galinhas-d'angola** e **feijão-fradinho torrado**.

Sexta os **terreiros de Salvador** ficam em silêncio, pois é dia de **Oxalá (Senhor do Bomfim, no SINCRETISMO religioso)**. Em respeito a ele, que é o **maior dos orixás**, não se **bate em terreiro** às sextas. As pessoas se vestem de **branco**, a **cor de Oxalá**, e, em algumas casas, comem-se só **comidas brancas**.

Oxum e Iemanjá são **celebrados** aos sábados. Mas o maior **festejo a Iemanjá** é mesmo em 2 de fevereiro, quando, na **praia** do Rio Vermelho, seus devotos se reúnem para saudá-la, **oferecendo**, em **barquinhos** deixados no **mar**, **perfumes, flores** e **espelhos**.

Domingo é dia de **Orunmilá** ou **Ifá, orixá dos búzios**.

Boa Morte em agosto

A cidade de Cachoeira, a 121 km de **Salvador**, é considerada o centro do **candomblé** no Brasil. No mês de agosto, fiéis se reúnem na cidade para a **festa da Boa Morte**, que acontece na primeira quinzena do mês, em homenagem a **Nossa Senhora da Boa Morte**.

A festa é uma boa oportunidade para conhecer melhor a **cultura negra** e presenciar os **rituais do candomblé**. (Reportagem – Folha de São Paulo)

Filho de Oxalá, católico, e com fé na reencarnação

Ele é o **adivinho de Ifá**, um **Oluô, o intérprete do oráculo** que traduz os **desígnios dos orixás** por meio dos **búzios**. O professor Agenor Miranda Rocha, 92, é venerado nos mais tradicionais **terreiros de candomblé de Salvador, do Rio e de São Paulo**. Iniciado na **religião** em 1912, é um dos maiores conhecedores das **raízes iorubás** trazidas da **África** pelos **escravos da Costa Ocidental**.

Ninguém representa tão bem as **religiões afro-brasileiras** quanto o professor Agenor. E ninguém, como ele, é tão representativo do **SINCRETISMO**, do **ecumenismo** e da **tolerância religiosa** que caracterizam essas **crenças**. Filho de **Oxalá**, ele se considera **católico** por ter sido **batizado**, acredita na **reencarnação**, como os **kardecistas**, e admira as **religiões orientais**.

Ele tem críticas ao **candomblé** praticado hoje. Acha que existe mais **vaidade**, **comércio** e **luxo** do que no tempo em que seus **adeptos** eram **perseguidos** pela **polícia**.

O professor Agenor nasceu em **Luanda** quando **Angola** era **colônia** de **Portugal**. Seu pai era um **diplomata português**, e sua mãe, **cantora lírica**. Os **orixás** o rondaram desde antes de nascer, primeiro em **Luanda** e depois em **Salvador**, para onde o seu pai foi transferido em 1912.

Doente, **desenganado** por **médicos baianos**, ele foi **iniciado** e **salvo** por **Mãe Aninha**, fundadora dos **terreiros de candomblé Axé Opô Afonjá de Salvador e do Rio**.

Agenor Miranda Rocha é professor de língua e literatura portuguesas. Aposentou-se em 66. Pouco **frequenta** os **terreiros** hoje, embora ainda tenha um dos **cargos** mais importantes no **candomblé**: é o responsável que **consulta** aos **búzios** para definir a sucessão em duas das mais tradicionais casas de **Salvador**, a do **Axé Opô Afonjá** e a da **Casa Branca do Engenho**.

*

Folha - Por que o sr. optou pelo **candomblé**?

Agenor Miranda Rocha - Eu acredito no **candomblé** porque tenho razões. Meus pais eram **católicos fervorosos**, não tinham nada a ver com o **candomblé**. Eu nasci em **Luanda**. Um **africano** um dia encontrou minha mãe numa feira e disse que ela estava grávida. Ela nem sabia. Ele disse que ela teria um filho que nasceria com uma mancha na cabeça e que queria dar um banho na criança. Minha mãe não acreditou, mas, para se ver livre dele, consentiu. Realmente, eu nasci, e o homem estava lá para o tal do banho.

Depois, meu pai pediu transferência para o **Brasil**. Tinha uma vaga, mas para onde o mandaram? Para **Salvador** (ri). Chegando lá, com 5 anos, eu fiquei muito **mal**, com uma **febre** que o **médico desenganou**. Uma vizinha foi à casa de **Aninha** (Ana Eugênia dos Santos, nascida em 1869), fundadora do **Axé Opô Afonjá**. Quando ela **jogou** (os **búzios**), disse: "Este menino não tem nada. Foi o modo que o **santo** achou para ele **ser feito**". Como estava **desenganado** e ia **morrer** mesmo, meus pais deixaram. Dizem que, quando ela começou a mexer com as **folhas**, eu comecei a despertar.

Folha - Quando foi sua opção consciente pelo **candomblé**?

Agenor - Com 5 anos eu não poderia ter idéias tão determinadas. Mas sempre achei que, se os **orixás** me deram a vida, eu tinha de segui-los. E segui.

Folha - O sr. é considerado o mais importante **guardião** da **tradição** do **candomblé**. E mesmo assim se diz **católico**.

Agenor - Eu sou de **candomblé** e sou **católico**. Fui **batizado**. Não sou praticante, mas **acredito** nos **santos**. Se eu não **acreditar** nas outras **religiões**, como vão acreditar na minha? Todas são boas. Quem estraga são os **adeptos**.

Folha - O **SINCRETISMO** foi importante para o **candomblé**?

Agenor - Foi. Garantiu a **conservação** do **candomblé** pelos **escravos**, que **adoravam** os **santos** da **Igreja** como se fossem os **orixás**. E o **feitor** pensava que **rezavam** para os **santos católicos**.

Folha - E o sr. **acredita** em **vida depois da morte**?

Agenor - **Acredito** piamente em **reencarnação**. Como os **kardecistas** (seguidores de **Allan Kardec**).

Folha - O sr. tem um pouco de **católico**, de **oriental**, de **kardecista** e ainda assim é considerado o grande **sábio** do **candomblé**. Como o sr. explica isso?

Agenor - (Ri muito.) Não sei, só **Deus** poderia explicar.

Folha - Mas o sr. vai à **missa**, participa de **mesas espíritas**?

Agenor - Não, não. **Rituais**, só os do **candomblé**.

Folha - O sr. nunca teve dúvidas? Ao pensar, por exemplo, como as outras **religiões** são **socialmente mais bem aceitas**?

Agenor - Eu gosto, por exemplo, das **religiões orientais**. O **Dalai Lama** veio me visitar e achou que eu era mais **budista** do que muitos que se dizem **budistas**. Mas eu me sinto muito bem no **candomblé**. Não nesse **candomblé** moderno. O meu é o **antigo**.

Folha - Qual a **diferença**?

Agenor - Há muita **diferença**. A principal, a **vaidade**. Enquanto eu fiz (a **cerimônia de iniciação religiosa**) com **morim** (tecido), os **iniciados** hoje fazem com **lamê**. Quando **tia Polquéria**, que era do **terreiro** de **Gantois** nessa época, levou uma fazenda melhor, minha **mãe Aninha** disse: "Eu vou consultar, porque o

Oxalá deste menino só quer **morim**". Quando perguntaram, **Oxalá** disse que queria **morim** para me dar coisa melhor depois. Se ele recebesse uma **coisa muito rica** naquela hora, o que ele ia me dar depois?
(...) (Entrevista – Folha de São Paulo)

DANÇA

Aparecida trata de SINCRETISMO cultural

O **Camaleão Grupo de Dança** sobe ao **palco** do Grande Teatro do PA, esta noite, pela **Campanha de Popularização do Teatro e da Dança**. Com **coreografia** de Luis Arrieta, o **espetáculo Aparecida** retrata a **constituição cultural e étnica do brasileiro**.

O que é bom dura pouco. No caso do **espetáculo de dança Aparecida**, dura pouquíssimo, já que o **grupo Camaleão** faz **única apresentação**, esta noite, no **Palácio das Artes**.

No **palco**, a coreografia retrata, ao **som** de **Bach** e **cantos religiosos e africanos**, a **formação do povo brasileiro, mistura das culturas indígena, negra e branca européia**.

Grande Teatro do Palácio das Artes. Avenida Afonso Pena, 1.537, Centro. Nesta terça. Às 21h. R\$ 5,00 (postos da Belotur). (Propaganda – Veja)

Missa sem tambor

Afastamento de bispo negro em Salvador acirra a **polêmica** sobre o SINCRETISMO na **Bahia**

Cíntia Campos

Na **Bahia**, o SINCRETISMO religioso sempre foi um **assunto delicado** para as **autoridades eclesiásticas**. É uma **herança antiga**, ainda do tempo da **escravidão**. Proibidos pelos **senhores de engenho** de **praticar o candomblé**, os **escravos** desenvolveram uma forma de **religiosidade** na qual os **símbolos e rituais afros se misturaram** aos **católicos**, e vice-versa. Como resultado, hoje é comum encontrar nos **terreiros de candomblé** **imagens de santos** com nomes de **orixás**, da mesma forma que o **atabaque** e o **berimbau** se incorporaram às **festividades católicas**. Com grau maior ou menor de **tolerância**, durante séculos a **hierarquia católica conviveu** com essa **mistura**. Nas últimas semanas, porém, a questão ganhou contornos de **crise**. O motivo foi a decisão do **cardeal-arcebispo** de **Salvador**, **dom Lucas Moreira Neves**, de transferir para uma regional distante da **capital baiana** o primeiro **bispo negro** a ocupar um cargo importante na **Igreja Católica local**. **Dom Gílio Felício**, 48 anos, gaúcho de Lajeado, fora nomeado pelo **Vaticano** **bispo-auxiliar** da **arquidiocese** no início do ano. Antes mesmo de esquentar a cadeira foi transferido para a **cidade de Cruz das Almas**, a 160 quilômetros de **Salvador**. A **comunidade negra** ficou **ofendida** porque **dom Gílio**, além de **negro**, vê com **naturalidade** o SINCRETISMO. **Dom Lucas**, ao contrário, opõe-se a ele.

“Para entender a **Bahia** é preciso entender a **dualidade religiosa**”, reclama **Albérico Paiva Pereira**, mestre de **noviços** da **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos**, fundada por **escravos e negros libertos** no início do século XVIII. “As pessoas aqui **acreditam** sinceramente, e com a mesma força, em **Jesus**, nos **santos católicos** e nos **orixás**.” **Pereira** é, ele próprio, um bom **exemplo** dessa **dualidade**. Membro de uma **irmandade católica**, em seu peito convivem, sob uma camiseta com a estampa de **Zumbi dos Palmares**, uma **guia de Xangô** (**colar de contas** que, no **candomblé**, **invoca a proteção dos orixás**) e um **crucifixo**. **Dom Lucas**, por seu lado, **detesta** esse tipo de **combinação**. “Vou continuar **combatendo o sincretismo**”, tem afirmado em entrevistas recentes. “Quando as **religiões afro-brasileiras** eram **perseguidas e proscritas**, ainda havia sentido. Agora, com a **liberdade total de crença** no **Brasil**, cada um tem de seguir sua **fé**, sem **misturas**.”

Curioso é que existem líderes do **candomblé** que concordam com o **cardeal**. “Não podemos mais **esconder** nossa **fé** sob os **altares dos brancos**. O SINCRETISMO não tem mais lugar”, diz o **antropólogo Jaime Sodré**, **ogã**, do **terreiro Ilê Axé Opô Afonjá**, um dos mais **tradicionais** de **Salvador**. Ele reconhece, no entanto, que hoje a **realidade religiosa** de **Salvador** é mais **complexa** do que a simples **veneração** a **Santa Bárbara** como **fachada** para o **culto a Iansã**, ou a **reverência** ao **Senhor do Bonfim** como **disfarce** ao **culto a Oxalá**. “Realmente, boa parte dos **baianos** tem **fé** nas **entidades** das duas **religiões**”, diz. Uma prova de que a **mistura** entre **ritos afros** e **catolicismo** talvez já não possa ser desfêta está no censo do IBGE. Embora **Salvador** seja uma cidade que se veste de **branco** às sextas-feiras, em **reverência** a **Oxalá**, onde a

cada esquina se tropeça num **ebó** (oferenda) e quase todos sabem qual é seu “**santo de cabeça**” (**orixá protetor**), no último censo apenas 0,1% dos **baianos** se declararam **adeptos** do **candomblé**. A porcentagem é menor do que na maioria dos outros Estados e só se iguala à do Paraná e à de Sergipe. No Rio de Janeiro, quase 2% da população diz seguir o **candomblé**. Na **Bahia**, ao contrário, a imensa maioria da população se declara **católica**. Até **Mãe Menininha do Gantois**, a mais famosa **mãe-de-santo baiana**, dizia ser **católica**.

Dom Gilio é **militante** de longa data das **pastorais de negros**. Cumpriu dois mandatos como presidente do Instituto Mariama, instituição que reúne **padres, bispos e diáconos negros** e se dedica a estudar a **espiritualidade afro-brasileira**. Para ele, o **SINCRETISMO** é um assunto que deve ser estudado e **tolerado** pela **Igreja Católica**. “Existe profunda **identidade** entre a **fé católica** e o **candomblé**”, afirma o **bispo**. “O **culto** aos **antepassados**, feito no **candomblé**, é similar à **crença** na **vida eterna** dos **cristãos**. Os **mitos** da **criação do mundo** da **Nação Nagô** são muito semelhantes aos do livro do **Gênesis**, na **Bíblia**. Por isso, o **SINCRETISMO** é uma **realidade** que **desafia** a **ação pastoral**. Nunca o **ódio**, a **intolerância** e a **exclusão** podem estar presentes nas relações da **Igreja** com o **culto africano**.”

Festa afro — **Dom Lucas** vai numa direção oposta. Desde que chegou a **Salvador**, em 1987, o cardeal, que também é presidente da **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB**, tenta pôr ordem na casa afastando os elementos do **candomblé** que se incorporaram ao **ritual católico**. Por ordem dele, a **lavagem da Igreja do Bonfim**, uma festa carregada de **simbologia afro**, passou a ser feita apenas nas escadarias. O **adro** da **igreja** foi fechado às **baianas** com seus **jarros de água de cheiro**. Em 1993, ele proibiu a **missa** comemorativa dos vinte anos do **bloco Ilê Aiyê** porque os **cânticos** seriam acompanhados por **instrumentos de percussão africanos**. Em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, a tradicional **Irmandade da Boa Morte**, fundada por **mulheres negras** há 200 anos, deixou de ser **tolerada** por **padres leais** ao **arcebispo**.

Nesse clima, é compreensível que a reação ao afastamento de **dom Gilio** tenha sido grande, dentro e fora da própria **Igreja**. “Não posso afirmar que **dom Gilio** foi afastado por suas idéias a respeito do **SINCRETISMO**, mas acho estranho o fato de ele ser o único **bispo** auxiliar que atuará fora do centro político-decisório da **arquidiocese**”, reclama Alfredo Dórea, **pároco** da **igreja do Rosário dos Pretos**. Enquanto a **polêmica** aumenta, os dois principais envolvidos evitam comentá-la. Publicamente, **dom Gilio** não reclamou da transferência para a regional de **Cruz das Almas**. Suas declarações, ao contrário, foram bastante cuidadosas até agora. “Ouvei as **especulações** e creio que os **afrodescendentes** estão frustrados”, afirma o **bispo**. “Há o entusiasmo do **povo negro** pelo **irmão de raça** numa posição de destaque. Afinal, os **negros católicos** são muitos, mas são poucos os **bispos negros**, embora haja muitos **padres negros** com qualificação para ser **bispos**.”

"**Combato o sincretismo**. Com a **liberdade** de **crença** que existe **no** Brasil, cada um tem de seguir sua **fé**, sem **misturas**" - Dom Lucas

"O **ódio**, a **intolerância** e a **exclusão** não podem estar presentes nas **relações** da **Igreja** com o **culto africano**" - Dom Gilio. (Artigo – Época)

Anexo 2 – Tabelas das seções do Capítulo V

Corpus todo

Dados sobre os agrupamentos lexicais da palavra-chave <u>sincretismo</u> no corpus		
N	Cluster	Freq.
1	o <u>sincretismo</u> religioso	28
2	do <u>sincretismo</u> religioso	21
3	ao <u>sincretismo</u> religioso	9
4	<u>sincretismo</u> religioso e	8
5	e o <u>sincretismo</u>	6
6	no <u>sincretismo</u> religioso	5
7	o <u>sincretismo</u> é	5
8	<u>sincretismo</u> religioso brasileiro	5
9	de um <u>sincretismo</u>	4
10	o <u>sincretismo</u> cultural	4
11	<u>sincretismo</u> religioso na	4
12	<u>sincretismo</u> religioso é	4
13	símbolo do <u>sincretismo</u>	4
14	contra o <u>sincretismo</u>	3
15	e ao <u>sincretismo</u>	3
16	o curioso <u>sincretismo</u>	3
17	para o <u>sincretismo</u>	3
18	que o <u>sincretismo</u>	3
19	<u>sincretismo</u> entre a	3
20	<u>sincretismo</u> religioso baiano	3
21	<u>sincretismo</u> religioso que	3
22	<u>sincretismo</u> à americana	3
23	um <u>sincretismo</u> religioso	3

Tab. 2c

Dados sobre os colocados da palavra-chave <u>sincretismo</u> no corpus															
N	WORD	TOTAL	LEFT	RIGHT	L5	L4	L3	L2	L1	*	R1	R2	R3	R4	R5
1	<u>SINCRETISMO</u>	217	1	7	0	0	1	0	0	209	6	0	1	0	0
2	RELIGIOSO	85	3	82	1	0	1	1	0	0	81	1	0	0	0
3	QUE	40	13	27	3	5	1	4	0	0	5	5	6	5	6
4	UMA	24	10	14	3	4	3	0	0	0	0	5	2	3	4
5	COM	23	13	10	2	3	2	4	2	0	3	1	1	3	2
6	PARA	14	9	5	2	2	1	4	0	0	1	1	2	1	0
7	BRASILEIRO	13	0	13	0	0	0	0	0	0	0	10	2	1	0
8	NÃO	11	3	8	1	0	1	1	0	0	3	2	1	1	1
9	AFRO	10	4	6	3	1	0	0	0	0	3	1	1	0	1
10	CULTURAL	10	1	9	0	0	0	1	0	0	7	0	2	0	0
11	DAS	10	7	3	2	2	3	0	0	0	1	0	0	1	1
12	BAHIA	9	4	5	1	0	2	1	0	0	0	1	3	1	0
13	ELE	8	5	3	1	1	2	1	0	0	0	1	0	1	1
14	ENTRE	8	2	6	0	1	0	0	1	0	5	0	0	1	0
15	TEM	8	0	8	0	0	0	0	0	0	0	2	5	1	0
16	COMO	7	1	6	0	1	0	0	0	0	0	3	2	0	1
17	CULTURA	7	2	5	1	0	1	0	0	0	0	0	2	1	2
18	FOI	7	3	4	1	0	2	0	0	0	1	1	1	0	1
19	SÃO	7	6	1	2	1	3	0	0	0	0	1	0	0	0
20	SEU	7	7	0	0	2	1	0	4	0	0	0	0	0	0
21	CANDOMBLÉ	6	4	2	0	1	0	3	0	0	0	0	0	0	2

30							religião			num
31						das			Brasil	
32								miscigenação	ele	afro
33						para	ele			candomblé
34							são			
35						que			das	
36						com	uma			

Tab. 2e

Subcorpus O Globo

Concordâncias da palavra-chave sincretismo no subcorpus O Globo com as prosódias semânticas		
N	Concordâncias	PS
1	o recuperar a estrutura Principal símbolo do sincretismo religioso baiano, sagrada para católicos	+
2	olíticos e intelectuais. A despedida foi marcada pelo sincretismo religioso, tantas vezes descrito nas obr	+
3	que Cupido. Segundo a historiadora Carla Miucci, o sincretismo religioso propiciava a crença nesses rit	-
4	stória do personagem que aderiu à religião dele, um sincretismo afro-brasileiro. Destino misterioso	+
5	o os maiores; os afro-brasileiros, bons exemplos do sincretismo religioso; o dentro de um ovo de avestr	+
6	baseado em ritmos afro-brasileiros. O roteiro inclui " Sincretismo ", "Oluô" e "Gongá". Os assinantes tê	+
7	ma Legenda da foto: UM ALTAR na sala revela o sincretismo religioso da equipe: há imagens de S	+
8	ador, a praia amanhecendo. Depois vêm, num belo sincretismo sensorial, misturando tudo, os sons de	+
9	que tem origem judaica. Anna Bella acredita que o sincretismo e o local de origem comum ao cristia	+
10	agens de Nossa Senhora Aparecida e São Jorge. O sincretismo religioso foi a saída encontrada pela a	-
11	ção cultural: artes, literatura, filosofia, canto, música, sincretismo religioso, aromas e sabores, festas po	+
12	anas assim as festividades católicas. Negar nosso sincretismo religioso é uma loucura tão preconceit	+
13	arão a fê, os costumes e as tradições africanas e o sincretismo religioso do brasileiro. Com uma pre	+
14	râmica, são uma homenagem à mulher cubana e ao sincretismo religioso. Já foram expostas na Espan	+
15	Messias batizando-o nas águas do Rio Jordão. No sincretismo com a umbanda e o candomblé, foi mi	+
16	va Oxum, a orixá das águas doces, num símbolo do sincretismo que rege a fê dos baianos. Marilene P	+
17	a malícia gingada da Bahia e, principalmente, o seu sincretismo religioso. Era a vida do povo baiano	+
18	s de sambas e sambistas, ao bailado do jongo e ao sincretismo religioso. A história de sua vida leva	+
19	spo de Salvador lidar muito bem com o problema do sincretismo religioso. Dom Carlos Alberto Navarr	-
20	rioca (Rua Jardim Botânico 728, loja 118). Sincretismo eleitoral Lula se reúne com evang	+
21	ue o povo saiba que no Brasil, um país com grande sincretismo religioso, a única coisa que se promo	+
22	a tendência das bandas brasileiras é muito clara. O sincretismo , cheio de idéias originais, misturando	+
23	vou e nos shows foi a cantora que melhor traduziu o sincretismo musical brasileiro, passando por sam	+
24	eslumbramento, catequese e escravidão, rebeldia e sincretismo , absorção e massacre - serão estes os	-
25	e cada orixá - conta ela. Chica é a encarnação do sincretismo religioso brasileiro. Quando reza - e i	+
26	andomblé em diálogo com a cultura Adversária do sincretismo , Mãe Stella de Oxóssi, líder do terrei	-
27	a do Cristo Redentor e com alusões ao carnaval, ao sincretismo religioso e ao futebol, foi aberto onte	+
28	uma interjeição de surfista: "Confie! Iça!" Isso sim é sincretismo religioso. Sincretismo à am	+
29	os em Benin. - Ao contrário da umbanda, fruto do sincretismo das religiões africanas com a cultura	-
30	ada aos orixás que teve a coragem de dizer não ao sincretismo - diz ela, lembrando que sua posição	-
31	çados). Papa coroa hoje santa-símbolo do sincretismo Missa será em Santiago de Cuba, p	+
32	bossa nova e jazz, e "Cuba", que faz referência ao sincretismo religioso e tem a participação especial	+
33	TIERRA DE CHANGO: Cubano, de Mário Rivas. O sincretismo religioso na terra de Fidel. DESDE	+
34	m analogia a Cosme e Damião, uma das provas do sincretismo Legenda da foto: CAIXA DE esmo	+
35	es brasileiras, através das tradições, das festas, do sincretismo religioso, da flora e da fauna. A entra	+
36	ma ampla visão das filosofias orientais, gerando um sincretismo estético instigante e explosivo. Porta	N
37	nto. Desde então, a festa de um dos símbolos do sincretismo religioso brasileiro nunca deixou de se	+
38	ntos em orixás Escola de Nilópolis apelará para o sincretismo religioso como forma de garantir uso d	-
39	o canal compre sua idéia de fazer uma série sobre sincretismo . - Acho que, nestes tempos de guerr	+

40	aior concentração de afro-descendentes do estado. Sincretismo cordial de santos e orixás. Parabéns, a	+
41	romances: de mistura de raças, de miscigenação e sincretismo . Num autor de mais de 30 romances	+
42	dos paradigmas científicos de Thomas S. Kuhn. O sincretismo dessas influências, que hoje constitui a	-
43	a, com católicos e mães-de-santo, foi marcada pelo sincretismo , tantas vezes descrito na obra do escrit	+
44	unanimidade nem mesmo dentro do Axé. - Negar o sincretismo é prova da independência de uma relig	-
45	andhi e fizemos um desfile que simboliza o curioso sincretismo entre a Bahia e a Índia. O "curioso s	+
46	Fé católica. Ela sente-se no dever de afirmar que o sincretismo é danoso quando compromete a verda	-
47	s e partir dele. Diretor ficou impressionado com o sincretismo religioso Nos dois meses vividos e	+
48	laudidos de seu discurso, dom Geraldo defendeu o sincretismo religioso baiano como forma de expre	+
49	vro, embora eu seja católico - diz. Se os sinais do sincretismo religioso fossem mais evidentes nas ig	N
50	si, orixá guerreiro - costuma dizer ela, devota de um sincretismo religioso próprio. No palco, assim co	+
51	i desfilou: o documentário procura mostrar o curioso sincretismo entre a Bahia e a Índia. A intenção clã	+
52	e outros orixás de duplo sentido. Esse negócio de sincretismo religioso dói muito. AGAMENON	-
53	aponto perfeito entre o profano e o religioso. É esse " sincretismo " em que tudo se equivale - Jesus, Gret	+
54	nhora da Conceição, e para santas apropriadas pelo sincretismo religioso, como Santa Bárbara (Iansã).	N
55	us cânticos, suas velas e as preciosas tradições do sincretismo afro-brasileiro. Este ano - ao que li pel	+
56	so sincretismo entre a Bahia e a Índia. O "curioso sincretismo " a que se refere Gil está na origem do	+
57	s alusões à Guerra do Golfo e à guerra urbana com sincretismo religioso. Um trabalho apresenta conf	-
58	essoas onde a Timbalada ensaia, há um recanto do sincretismo : imagens de Nossa Senhora da Concei	+
59	polis. Os carnavalescos da escola vão apelar para o sincretismo religioso para driblar o pedido da Arq	-
60	vro digno de freqüentar sua estante. Para o autor de " Sincretismo ", um estudo sobre a poesia da geraçã	+
61	a outra. O que talvez explique o que chamamos de sincretismo . Misturar crenças, dogmas, seitas, alt	+
62	"Negar o sincretismo é prova da independência. O sincretismo é um resquício da escravidão" Mari	-
63	da Justiça, que rege 2003 e é São Judas Tadeu no sincretismo religioso, ou desejo de paixão no nov	N
64	citar Gilberto Freyre, falam em hibridismo cultural e sincretismo religioso. E a evidência da mistura ra	+
65	essência do enredo é falar dessa religiosidade e do sincretismo provocado pela mistura de raças - ex	+
66	AS e laços decoram as fantasias que vão mostrar o sincretismo da religiosidade brasileira Legenda d	+
67	il. Todo mundo faz. Até eu falo. Principalmente. Sincretismo FH tem participado, quando está e	+
68	. A cenografia de Fábio Namatame faz um bonito sincretismo da prisão com o decadente hotel pari	+
69	em livro Legenda da foto: MÃE STELLA: "Negar o sincretismo é prova da independência. O sincreti	-
70	da da foto: CONCEIÇÃO MENINA: serena Sincretismo para se ouvir e degustar Festival d	+
71	ominou de "poesia da geração 60" (recenseou-a em " Sincretismo - Poesia da geração 60", Topbooks,	+
72	maluco geral." RELIGIÃO: Mart'nália assume seu sincretismo : "Religião brasileira, uma mistura de	+
73	xista e homossexual (e autointitulado católico, num sincretismo tipicamente latino) Pier Paolo Pasoli	-
74	gem a Omolu, orixá identificado com São Lázaro no sincretismo afro-brasileiro. E até o samba, rel	N
75	státua é belíssima e sua imagem me fez lembrar do sincretismo religioso da cultura brasileira. Os ar	+
76	ligiões são influenciadas por diferentes situações. O sincretismo religioso é uma das características	+
77	essa história de intolerância religiosa, dei adeus ao sincretismo do Campo Grande e voltei para casa	-
78	ja. Com uma visão irreverente da miscigenação e do sincretismo no país, os carnavalescos Alaôr Jún	+
79	procediam do Museu de Kabul, hoje em ruínas. O sincretismo cultural é testemunhado logo na pri	+
80	a fora da África, se fala uma só língua e se pratica o sincretismo religioso. Na visita ao Congresso,	+
81	o candomblé, mas não mistura santo com orixá. O sincretismo é resquício da escravidão, o senho	-
82	agens barrocas negras, dramáticas, vigorosas. É o sincretismo plástico!... NÃO É PATRIOTAD	+
83	esde o primeiro momento no cargo, ele combateu o sincretismo religioso, uma marca da cultura bai	-
84	lo Mega, mas no aparelho alugado para projeção. Sincretismo O grupo Afoxé Estrela de Oya la	+
85	desde o primeiro momento no cargo ele combateu o sincretismo religioso, uma marca da cultura bai	-
86	o do manto de Nossa Senhora Aparecida. Na ala " Sincretismo em romaria", símbolos religiosos af	+
87	ntes também neste núcleo fluminense. Por força do sincretismo e da miscigenação, produzimos i	+
88	ue se sente e é brasileira. Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram dando uma contri	-
89	os hinos católicos com os pontos de candomblé do sincretismo religioso baiano. Tom Zé teoriza	+
90	pobreza Ao tomar posse, dom Geraldo defende o sincretismo religioso O novo arcebispo de S	+
91	alidades de imigrantes que ajudaram a formar esse sincretismo cultural - diz ele. - Num outro sent	+
92	cenada em um ato, que mistura música, comédia e sincretismo religioso. O cenário tem a assinatu	+
93	iro", de Guel Arraes, que estréia no 2º semestre. Sincretismo A Igreja Universal está anuncian	+
94	ço é módico, entre R\$ 5 e R\$ 10 Legenda da foto: SINCRETISMO Os oratórios afro-brasileiros era	+
95	to por Regina Raymundo Mostra na Veiga retrata sincretismo religioso e folclore Legenda da	+

96	instituições religiosas, promovendo uma espécie de sincretismo à americana. - A separação radi	+
97	realidade do mundo religioso, com seu pluralismo e sincretismo . Como metropolita, retomando	+
98	lack tie. Alguns foram a rigor, outros não. Até nisto, sincretismo . Em todo o evento era possível v	+
99	os usados por eles, são amuletos. Fazem parte do sincretismo religioso. Quem tem de verdade	+
100	a estrela colorida brilhante" se insere através de um sincretismo . Transcreva um verso que revele	+
101	ensinamentos secretos, forças ocultas... enfim, um sincretismo com características religiosas. O	+
102	-feiras, dia de devoção ao Senhor do Bonfim, que no sincretismo religioso é equivalente a Oxalá.	N
103	folclóricas como o jongo-da-serra, a religiosidade e o sincretismo religioso da região onde nasceu	+
104	chamado por seus moradores), num movimento de sincretismo artístico. Vai ter de tudo: encont	+
105	vida, também por signos muçulmanos, outro tipo de sincretismo que penetrou na vida do povo bai	+
106	nfie! Iça!" Isso sim é sincretismo religioso. Sincretismo à americana Grupos que unem	+
107	isso, ricos em simbolismos. Marca da influência do sincretismo religioso na cultura colonial L	+
108	Pelourinho ao fundo, entre alguns elementos do sincretismo religioso e da cultura baiana: fe	+
109	sado. Com base nos fatos acima, inclusive no sincretismo inaceitável e na falta de licença	-
110	i escrever uma minissérie sobre a Bahia moderna, o sincretismo , os projetos sociais que rolam na	+
111	trada". Martinho soube promover neste trabalho um sincretismo entre erotismo e religiosidade.	+
112	presentada como uma negra. Sua obra trata de um sincretismo que só pode chocar alguns etno	+
113	Jorge Amado Como em suas obras, velório refletiu o sincretismo religioso ao reunir representant	+
114	a achei que também acreditar em acupuntura fosse sincretismo religioso. Faço acupuntura d	-
115	e do candomblé, segundo os técnicos do IBGE, é o sincretismo religioso. No estado onde até	-
116	m Brasília, e praticamente todas as religiões. O seu sincretismo religioso leva-o a acreditar na	+
117	mo são matéria-prima de todos os seus livros. - O sincretismo se dá na África como no Brasil	+
118	da Caridade do Cobre; para todos, é o símbolo do sincretismo cubano, uma mistura de crenç	+
119	ila acertou em cheio ao traçar uma linha tênue entre sincretismo religioso e erotismo. Nesta te	+
120	a todo instante esbarra e tropeça no pluralismo e no sincretismo religioso. Uma Igreja aparente	-
121	neas ou musicais. Um auto de Natal com sincretismo , música e humor Legenda da f	+
122	lidera com energia um polêmico movimento contra o sincretismo , que no Brasil tradicionalmente	-
123	Dores e Nazaré, faz uma crítica bem-humorada ao sincretismo religioso de muitos brasileiros:	-
124	e a Festa de Iemanjá, uma das mais tradicionais do sincretismo baiano. Panfletos acusando o C	N
125	ltura, tendo assim uma pitada de candomblé: "Esse sincretismo faz parte da nossa personalida	+
126	, mas elementos de umbanda, que resultam de um sincretismo religioso. A pajelança dará lugar	-
127	enhora dos Mares. Esta última pode ter inspirado o sincretismo religioso que vincula a santa a Ie	+
128	rães... ----- VAIVÉM Coluna SINCRETISMO - Pelas fotos de Cristina Para	+
129	iros do Rio que pode ser visto como uma síntese do sincretismo religioso brasileiro: "Cosme e Da	+
130	nte" e "Fausto", de Walter Goldfarb, mexem com o sincretismo religioso; já em "Lembrança da pr	-

Tab. 3c

Dados sobre os agrupamentos lexicais da palavra-chave sincretismo no Subcorpus O Globo		
N	Cluster	Freq.
1	o sincretismo religioso	18
2	do sincretismo religioso	13
3	ao sincretismo religioso	5
4	o sincretismo é	5
5	sincretismo religioso e	5
6	de um sincretismo	4
7	símbolo do sincretismo	4
8	e o sincretismo	3
9	no sincretismo religioso	3
10	o curioso sincretismo	3
11	sincretismo religioso baiano	3
12	sincretismo religioso brasileiro	3
13	sincretismo religioso é	3
14	sincretismo à americana	3

Tab. 3d

Dados sobre os colocados da palavra-chave sincretismo no Subcorpus O Globo															
N	WORD	TOTAL	LEFT	RIGHT	L5	L4	L3	L2	L1	*	R1	R2	R3	R4	R5
1	SINCRETISMO	145	9	6	2	2	3	2	0	130	5	0	1	0	0
2	RELIGIOSO	59	3	56	1	0	1	1	0	0	56	0	0	0	0
3	QUE	27	12	15	3	5	1	3	0	0	3	2	3	2	5
4	UMA	18	8	10	3	2	3	0	0	0	0	4	2	2	2
5	COM	17	11	6	2	3	1	3	2	0	2	0	1	2	1
6	BRASILEIRO	8	0	8	0	0	0	0	0	0	0	7	1	0	0
7	PARA	8	5	3	0	2	0	3	0	0	1	1	0	1	0
8	AFRO	7	3	4	2	1	0	0	0	0	3	0	1	0	0
9	DAS	7	5	2	2	1	2	0	0	0	1	0	0	1	0
10	COMO	6	1	5	0	1	0	0	0	0	0	3	1	0	1
11	CULTURA	6	1	5	0	0	1	0	0	0	0	0	2	1	2
12	LEGENDA	6	1	5	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	2
13	NUM	6	4	2	0	0	2	1	1	0	0	1	0	0	1
14	MISTURA	5	2	3	1	1	0	0	0	0	0	0	2	0	1

Tab. 3e

Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no Subcorpus O Globo											
N	L5	L4	L3	L2	L1	R1	R2	R3	R4	R5	
1	uma	que	uma	Para	com	sincretismo		brasileiro	que	leger	
2	que	com	Sincretismo	Com	num			uma	cultura	uma	
3	afro	para	num	Que				como		com	
4	das	uma	das	sincretismo			que	que	uma	que	
5	sincretismo	sincretismo	cultura	Religioso						cultu	
6	com	como	legenda	Num							
7	mistura	mistura	religioso			afro	para				
8	religioso	afro	com			religioso	brasileiro	cultura			
9		das	que				como	mistura	com	com	
10						para			legenda	mistu	
11						das	legenda	afro			
12											
13						com	num	sincretismo	das	num	
14						que	uma	com	para		

Tab. 3f

Subcorpus Folha de São Paulo

Concordâncias da palavra-chave sincretismo no Subcorpus Folha de São Paulo com as prosódias semânticas		
N	Concordance	PS
1	Lançamento: Natasha Quanto: R\$ 18 (o CD, em média) Sincretismo nas telas. A escolha da temática afr	+
2	tido com Arthur Ramos sobre a substituição do conceito de sincretismo por xifopagia no entendimento da	-
3	Agnelo, 66, defendeu o diálogo entre a Igreja Católica e o sincretismo religioso (na Bahia, formado princi	+
4	similados" aos santos católicos, "ao abrigo de um aparente sincretismo , as antigas tradições mantiveram-se	-
5	orias da época, Arthur Ramos apostou pesado na idéia do sincretismo da mistura "comportada" de credo	-
6	omo a capoeira e a umbanda, as congadas atestam para o sincretismo religioso e cultural. REIS NEGRO	+
7	10, outra dissidência da Casa Branca. Mas adaptações ao sincretismo não impediram que os cultos e seus	-
8	vidão, o vínculo do negro com a construção do Brasil e o sincretismo religioso são lidos sob uma ótica	+
9	os designam a mistura de credices e religiões pelo sincretismo . Ou seja: amalgamamos crenças he	-

10	e. Após um balanço teórico cuidadoso, a autora define o " sincretismo " religioso como um processo não d	+
11	mentais e da imprensa, sobre os cultos negros e acerca do sincretismo religioso afro-brasileiro. O segundo,	+
12	começou curando no bairro da Água Vermelha. Abraçou o sincretismo unindo as miçangas da umbanda c	+
13	erada a mãe dos orixás. Apesar de muitos serem contra o sincretismo , ele também existe nesta festa, afin	+
14	re humanos e orixás, e também de Omolu (são Lázaro, no sincretismo religioso). Omolu tem o rosto cober	+
15	ma religião que nasceu no início deste século no Brasil, do sincretismo de elementos dos cultos afro-brasil	+
16	católicas freqüentadas por adeptos do candomblé, em que o sincretismo predomina. Mas na festa de Ieman	-
17	assados africanos. Dança e música escondem alegrias, o sincretismo religioso que não é percebido	N
18	tuguesa, influenciaram a cultura e a religião brasileiras. Do sincretismo entre a religião iorubá conhecida	+
19	ssor Agenor. E ninguém, como ele, é tão representativo do sincretismo , do ecumenismo e da tolerância re	+
20	ram origem aos oceanos. Mas isso foi há muito tempo. No sincretismo , Iemanjá é relacionada a Nossa S	+
21	nçarinos e cantores, o Balé Folclórico da Bahia expressa o sincretismo cultural brasileiro. "Na Bahia temo	+
22	r castigos mostrados em fotos, gravuras e aquarelas. O sincretismo religioso é representado em retratos	+
23	a Bahia em 1996. Orixás Os iorubas cultuam os orixás. O sincretismo do culto africano, trazido pelos esc	+
24	po brasileiro, não obstante a miscigenação no sangue e o sincretismo na alma. A isso, acrescente-se, con	-
25	do candomblé organizaram uma programação com muito sincretismo religioso. Além de uma missa em u	+
26	eraba. "Hoje, há macumba para todos os efeitos. A obra do sincretismo não conhece mais limitações. A m	-
27	o fim dos anos 60 e separa os candomblés das práticas de sincretismo que adotaram para não serem esma	-
28	religiosos. Folha - Os estudos antropológicos clássicos do sincretismo religioso, da umbanda e do candom	+
29	em silêncio, pois é dia de Oxalá (Senhor do Bonfim, no sincretismo religioso). Em respeito a ele, que é o	+
30	o leitor na trama, o transportam para o polêmico terreno do sincretismo religioso, que o autor tanto advoga	N
31	ões tropicais, multirraciais, propensas à miscigenação e ao sincretismo sem abrir mão da base lusitana, res	-
32	a há gente no candomblé que quer reagir contra séculos de sincretismo , tirar os santos de altar, restaurar a	+
33	só os nomes dos líderes religiosos já encerram um grande sincretismo . Exemplos: Hugo Watemala de I	+
34	o padrão da mais rigorosa pesquisa universitária, acerca do sincretismo religioso na sociedade brasileira, is	-
35	rigem afro-brasileira, a arquitetura rústica das casas e um sincretismo entre o catolicismo e a umbanda.	+
36	Todas são boas. Quem estraga são os adeptos. Folha - O sincretismo foi importante para o candomblé? A	+
37	católico onde se multiplicam seitas protestantes - sincretismo religioso está em toda parte, como na umba	-N
38	casam perfeitamente com os temas. Ele diz promover um sincretismo religioso e racial, a "globalização d	+
39	osa herança, tesouro inexaurível. Embora transformado em sincretismo , no cadinho do tempo, por injunç	-

Tab. 4c

Dados sobre os agrupamentos lexicais da palavra-chave sincretismo no Subcorpus Folha de São Paulo		
N	Cluster	Freq.
1	o sincretismo religioso	7
2	do sincretismo religioso	4
3	e o sincretismo	3

Tab. 4d

Dados sobre os colocados da palavra-chave sincretismo no Subcorpus Folha de São Paulo															
N	WORD	TOTAL	LEFT	RIGHT	L5	L4	L3	L2	L1	*	R1	R2	R3	R4	R5
1	SINCRETISMO	40	0	1	0	0	0	0	0	39	1	0	0	0	0
2	RELIGIOSO	15	0	15	0	0	0	0	0	0	14	1	0	0	0
3	QUE	5	1	4	0	0	0	1	0	0	1	2	1	0	0

Tab. 4e

Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no Subcorpus Folha de São Paulo										
N	L5	L4	L3	L2	L1	R1	R2	R3	R4	R5
1				que		sincretismo	religioso	que		
2						religioso				
3						que	que			

Tab. 4f

Revista Veja

Concordâncias da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Veja com as prosódias semânticas		
N	Concordance	PS
1	es revelações do Free Jazz Festival 2001, mostra esta noite o sincretismo cultural no palco do Lapa. O	+
2	rar um pouco da sonzeira de 18 anos de carreira. Abordando o sincretismo religioso ao som do batuq	+
3	do um dos destaques no calendário de festas relacionadas ao sincretismo religioso brasileiro. Integr	+
4	do um dos destaques no calendário de festas relacionadas ao sincretismo religioso brasileiro. O enc	+
5	por pescadores O Grupo Camaleão mostra em Aparecida o sincretismo cultural do povo brasileiro.	+
6	nto manguê beat, a tradição da cultura negra chega repleta de sincretismo . O repertório, apresentado	+
7	11. Entrada franca. Destaque de hoje SOM NOS TRILHOS Sincretismo musical marca festival F	+
8	de brasilidade, de volta às origens, e uma síntese colorida do sincretismo religioso e cultural do país.	+
9	ume ao material e ao esmerado entalhe. Chamam a atenção o sincretismo e a liberdade com as feiçõe	+
10	ma das revelações do Free Jazz Festival de 2001, mostra seu sincretismo musical no palco do Lapa	+
11	TOGRÁFICA Exposição Caminhos da Fé mostra o Brasil do sincretismo religioso, no Conjunto Nac	+
12	ça teatral homônima do baiano Dias Gomes. No enredo está o sincretismo de religiões, um dos traços	+
13	18h. Grátis. Até 10 de março. DANÇA Aparecida trata de sincretismo cultural O Camaleão Grupo	+
14	do pela feira neste ano. A idéia é mostrar aos gaúchos todo o sincretismo desta festa milenar que cultu	+
15	o pela feira neste ano. A idéia era mostrar aos gaúchos todo o sincretismo desta festa milenar que cul	+
16	seu trabalho em três livros, com os temas Folias, Romarias e Sincretismo . Conjunto Nacional – Praça	+

Tab. 5b

Dados sobre os colocados da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Veja															
N	WORD	TOTAL	LEFT	RIGHT	L5	L4	L3	L2	L1	*	R1	R2	R3	R4	R5
1	SINCRETISMO	16	0	0	0	0	0	0	0	16	0	0	0	0	0
2	RELIGIOSO	5	0	5	0	0	0	0	0	0	5	0	0	0	0

Tab. 5c.

Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Veja										
N	L5	L4	L3	L2	L1	R1	R2	R3	R4	R5
1										
2						religioso				

Tab. 5d

Revista Época

Concordâncias da palavra-chave sincretismo no Subcorpus da Revista Época com as prosódias semânticas		
N	Concordance	PS
1	ento de bispo negro em Salvador acirra a polêmica sobre o sincretismo na Bahia Cíntia Campos	-
2	dedica a estudar a espiritualidade afro-brasileira. Para ele, o sincretismo é um assunto que deve ser es	-
3	va paixão nacional no país de todas as crenças. Na pátria do sincretismo religioso, não é estranho que	+
4	- ensino médio 3 A tenda de Mestre Bitá é um templo de sincretismo . O terecô, no passado reperi	+
5	obre o sincretismo na Bahia Cíntia Campos Na Bahia, o sincretismo religioso sempre foi um ass	-
6	testa esse tipo de combinação. "Vou continuar combatendo o sincretismo ", tem afirmado em entrevis	-
7	xé Opô Afonjá, foi uma das primeiras a dar seu apoio ao anti- sincretismo . Ela afirma que o uso de im	-
8	r ao lado da festejada editora de moda Carine Rothfield. O sincretismo da artista plástica Inés Z	+
9	maior nação católica do mundo. Desde então, em meio ao sincretismo religioso que nos caracteriza,	+
10	até os 40 centímetros atuais. A devoção ao santo, aliada ao sincretismo religioso, aumentou o prestígio	+
11	ixás e de Nossa Senhora do Rosário, numa demonstração do sincretismo religioso. Pernambuco tem	+
12	ssociação entre santos católicos e santos do candomblé. "O sincretismo enfraquece os dois lados", adv	-
13	ista Época CANDOMBLÉ A filha de Oxóssi Crítica do sincretismo , Mãe Stella prega a fidei	-
14	terreiros famosos da Bahia, como o Gantois. Ela é contra o sincretismo religioso - associação entre as	-

15	rma que o uso de imagens católicas no terreiro é profanação. “ Sincretismo é resquício da escravatura	-
16	s baianos, como Mãe Stella e Mestre Didi. A revogação do sincretismo , acreditam eles, reforçará a	-
17	to semelhantes aos do livro do Gênese, na Bíblia. Por isso, o sincretismo é uma realidade que desafia	-
18	poentes do candomblé baiano não querem mais saber de sincretismo com os católicos Baixou o	-
19	dida porque dom Gílio, além de negro, vê com naturalidade o sincretismo . Dom Lucas, ao contrário, o	+
20	emos mais esconder nossa fé sob os altares dos brancos. O sincretismo não tem mais lugar”, diz o na	-
21	dres negros com qualificação para ser bispos.” “Combato o sincretismo . Com a liberdade de crença	-
22	siste em dissolver as diferenças de raça no convívio diário, no sincretismo cultural e na miscigenação,	+
23	Referências publicadas em papel Religião Sincretismo Abaixo os santos Exponentes do cando	-
24	que os orixás deixem de ser associados a santos católicos, sincretismo que remonta à época da colôni	-
25	irmar que dom Gílio foi afastado por suas idéias a respeito do sincretismo , mas acho estranho o fato d	-
26	s hoje só é permitida nas escadarias. “Da nossa parte, o anti- sincretismo é também uma questão polít	-

Tab. 6c

Dados sobre os colocados da palavra-chave sincretismo na Revista Época

N	WORD	TOTAL	LEFT	RIGHT	L5	L4	L3	L2	L1	*	R1	R2	R3	R4	R5
1	SINCRETISMO	27	0	1	0	0	0	0	0	26	1	0	0	0	0
2	QUE	6	0	6	0	0	0	0	0	0	1	1	0	3	1
3	RELIGIOSO	6	0	6	0	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0

Tab. 6d

Dados sobre os padrões de colocados da palavra-chave sincretismo na Revista Época

N	L5	L4	L3	L2	L1	R1	R2	R3	R4	R5
1						sincretismo				Que
2						religioso			que	
3						que	que			

Tab. 6e

Palavras mais freqüentes no corpus

N	Word	Freq.	%
1	BRASIL	281	0,25
2	SINCRETISMO	218	0,19
3	RIO	215	0,19
4	IGREJA	183	0,16
5	CANDOMBLÉ	161	0,14
6	CULTURA	135	0,12
7	PAÍS	130	0,11
8	MUNDO	124	0,11
9	LEGENDA	122	0,11
10	RELIGIOSO	121	0,11
11	VIDA	120	0,11
12	SANTO	118	0,1
13	BRASILEIRO	117	0,1
14	BAHIA	116	0,1
15	SALVADOR	115	0,1

16	DOM	112	0,1
17	FESTA	107	0,09
18	HISTÓRIA	106	0,09
19	CIDADE	105	0,09
20	BRASILEIRA	104	0,09
21	MÃE	95	0,08
22	LIVRO	94	0,08
23	PESSOAS	94	0,08
24	NEGRO	88	0,08
25	RELIGIÃO	84	0,07
26	CULTURAL	83	0,07
27	SANTOS	78	0,07
28	NACIONAL	77	0,07
29	AFRO	74	0,07
30	NOITE	73	0,06
31	OBRA	72	0,06
32	ÁFRICA	71	0,06
33	MÚSICA	70	0,06
34	TEMPO	68	0,06
35	ORIXÁS	67	0,06
36	NEGROS	66	0,06
37	SAMBA	65	0,06
38	UMBANDA	65	0,06
39	CATÓLICA	62	0,05
40	SÉCULO	62	0,05
41	BRASILEIROS	61	0,05
42	PAPA	61	0,05
43	POVO	61	0,05
44	FÉ	59	0,05
45	GENTE	57	0,05
46	ESTADO	56	0,05
47	SOCIAL	56	0,05
48	SANTA	55	0,05
49	DEUS	54	0,05
50	RELIGIÕES	54	0,05
51	CARNAVAL	53	0,05

Tab. 7